

O

VERME ROEDOR

DAS

SOCIEDADES MODERNAS,

OU

O PAGANISMO NA EDUCAÇÃO,

POR

MGR. J. GAUME.

TRADUÇÃO DE

J. S. DA SILVA FERRAZ.

*Infandorum enim idolorum cultura,
omnis mali causa est, et initium et finis.*

SAP. XIV, 27.

3.^a EDIÇÃO, CORRECTA.

PORTO.

LIVRARIA — CRUZ COUTINHO — EDITORA.

1886.



Bibliothèque Saint Libère

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.

O VERME ROEDOR.

PORTO.

TYPOGRAPHIA = CRUZ COUTINHO =

28 — Rua dos Caldeireiros — 30

AO LEITOR.

Se dos *Exercicios espirituaes* de Santo Ignacio, disse S. Francisco de Salles que elles tinham salvado tantas almas, quantas eram as letras de que se compunham, de Mg.^r Gaume, que só tem vivido e escripto para o bem da Egreja, se pôde tambem dizer que cada uma das suas obras tem sido um glorioso triumpho para a religião catholica. E na verdade, se compulsarmos bem os numerosos volumes que correm mundo com o seu nome, e por meio dos quaes elle espalha as luzes da fé, dá a esperança e ensina a caridade aos homens, veremos que o espirito que sempre tem animado o nosso auctor, é o bem da sociedade e a gloria da religião. Mg.^r Gaume nada tem esquecido do que pôde ser proveitoso á sociedade e glorioso para a religião.

O livro que hoje publicamos traduzido levantou na França e na Italia calorosas discussões entre os jornaes e en-

tre os prelados mais eminentes em virtude e em sciencia. Tractava-se de substituir, na educação, o paganismo pelo catholicismo, de dar á mocidade das escólas uma instrucção mais proveitosa, mais util, e mais em harmonia com as exigencias da sociedade em geral e da familia em particular.

O pensamento era grande. Fôra o dos mais sabios padres da Igreja grega e latina. E na verdade que mais digno de filhos da religião de Jesus Christo, do que uma instrucção que desde a infancia nos grave no coração as mais preciosas e sublimes verdades do catholicismo? Que mais consolador para a Igreja do que vêr os auctores profanos, Cicerro, Tito Livio, Virgilio e Horacio, Demosthenes, Tucidades, Pindaro e Homero, substituidos pelos Actos dos Martyres, o Pentateucho, os Prophetas, o Novo Testamento, os SS. Padres, isto é, pelos melhores e mais sublimes historiadores, poetas, e oradores?

Comparae o fructo que tiraes da leitura dos primeiros com o que podereis colher dos segundos. Aqui, a humildade, além, a vangloria; aqui, o amor do proximo, acolá, o amor das batalhas; aqui, a temperança, a virtude, a castidade, além, o desenfreamento, a impudencia e o vicio.

E quaes os resultados d'essas leituras e d'essas virtudes, ensinadas e aprendidas na adolescencia? Comparae-os tambem, e vereis tambem d'um lado a virtude e a justiça, do outro, o vicio e a venalidade, d'aqui uma vida pura e feliz, d'além um viver corrupto.

O livro de Mg.^r Gaume tem por fim applicar um balsa-mo á chaga que corroe a sociedade. O seu intento é puramente catholico, e os fructos que da realisação do seu pro-

gramma resultassem não poderiam deixar de exercer uma salutar influencia na sociedade, e d'ahi resultaria que os homens seriam mais unidos, as affeições mais santas e sinceras, as virtudes mais geraes, e a vida mais suave e esperançosa. Oppunha-se um dique á desmoralisação e offerecia-se um appoio á virtude.

Este livro é, pois, d'um grande alcance religioso e social, e por isso o aconselhamos a todos e principalmente á mocidade estudiosa.

CARTA DE SUA EMINENCIA

O CARDEAL GOUSSET, ARCEBISPO DE REIMS,

A

MGR. J. GAUME. (*)

Snr. Vigario geral,

Li o livro que vos propozestes publicar com o titulo de: O Verme roedor das sociedades modernas, ou o Paganismo na educação. Foi vivo o interesse que tomei na leitura d'esta obra, pelo modo como n'ella são tractadas questões da mais alta importancia. Parece-me que demonstrastes perfeitamente, que, o uso quasi exclusivo dos auctores pagãos, ha alguns seculos, nas escolas secundarias, tem exercido uma funesta influencia sobre a educação da mocidade e o espirito das sociedades modernas. D'ora em diante os amigos da religião e da ordem social, comprehenderão facilmente, como vós o comprehendestes, a necessidade de modificar, nos estabelecimentos de instrucção publica,

(*) Então Vigario geral do Bispo de Nevers. (N. E.)

a direcção dos estudos, pelo que respeita á escolha dos auctores classicos, de modo que façam predominar os auctores christãos, gregos e latinos, cujos escriptos são tão proprios para inspirar aos jovens a pratica das virtudes evangelicas, e para dar todo o seu vigor aos principios constitutivos da sociedade. Esta ideia pôde encontrar ainda quem a contradiga; mas eu espero que a vossa obra dará cedo ou tarde felizes resultados, e eu não posso deixar de felicitar=vos sinceramente por esta publicação.

Paris, 20 de Junho de 1851.

E. Cardeal Gousset,

Arcebispo de Reims.

PREFACIO.

Que fará um medico em presença d'um infeliz; victima de fatal doença que ameaça a cada momento precipital-o no tumulto? Se não fôr cego, ou criminoso, lançará logo mão, não dos palliativos, ou dos remedios usuaes, mas sim dos recursos extremos da arte para operar uma crise salutar; se preciso fôr empregará o ferro e o fogo, sem attender ás resistencias e gritos do doente.

A sociedade está enferma, muito enferma. Symptomas cada vez mais assustadores não deixam duvidar da gravidade do mal. Para combater uma morte inevitavel serão bastantes os palliativos? Não. Tal é a vossa opinião, tal é tambem a minha. É, pois, preciso um remedio energico. É necessario produzir uma revolução profunda, completa; mas é preciso que se faça já; o tempo urge; cada hora de tardança pôde ser fatal.

Mas onde está o mal? Hoje mais que nunca está nas almas. As almas curam-se não com leis, mas com costumes. Os costumes formam-se com a educação. A educação

toca, não a idade madura, mas a infancia. Remedio lento, dizeis vós, remedio hoje impotente. É certo, nós escrevemos ao ruir da tempestadè. Segundo todas as apparencias, o raio estalará antes que o para-raios tenha descarregado a nuvem. Mas a tempestade passará e convem, que, sobre o sólo revolvido, a infancia ache patente a fonte pura da verdade, para que depois d'este não venha outro vendaval. Admittido, como vós o pensaes, que se não possa conservar o edificio todo, dê-se ao fogo a sua parte; morram os que têm de morrer. Sobre este ponto se deve concentrar toda a energia de nossos esforços; é aqui que se deve operar a unica revolução que póde salvar da morte o enfermo.

Esta revolução, muitos fallam d'ellá e poucos a entendem; muitos a tentaram; nenhum a levou a cabo: procurarei dizer por que, dizendo o que ella deve ser.

N'estes ultimos tempos tem-se tratado muito da liberdade da instrucção; têm-na reclamado com energia, com perseverança, já como uma necessidade, já como um direito. Honra á coragem, honra ao talento que se consagraram ao successo d'esta grande causa! Comtudo, comquanto seja grave a questão da liberdade, outra ainda mais grave a domina. A liberdade não é fim, é meio. O ponto capital não é fazer o ensino livre, é fazel-o christão. De outro modo a liberdade só servirá para abrir novas fontes envenenadas onde a mocidade virá beber a morte.

Fazer o ensino christão eis o intento da lucta; eis a empreza que é preciso tentar, e que é preciso realisar. Isto quer dizer:

É preciso substituir o christianismo ao paganismo na educação.

É preciso reatar o fio do ensino catholico, manifesta, sacrilega e infelizmente quebrado na Europa, ha quatro seculos.

É preciso pôr ao pé do berço das gerações nascentes

a fonte pura da verdade, em vez das cisternas impuras do erro; o espiritalismo em vez do sensualismo; a ordem em vez da desordem; a vida em vez da morte.

É preciso introduzir de novo o principio catholico nas sciencias, nas lettras, nas artes, nos costumes, nas instituições, para as curar das vergonhosas molestias que as devoram, e para as subtrahir á dura escravidão em que gemem.

É preciso salvar assim a sociedade, se ella ainda pôde ser salva, ou ao menos impedir que não pereça toda a carne no cataclysmo que nos ameaça.

É preciso ajudar assim os designios manifestos da Providencia, já temperando, como o aço, aquelles que devem supportar o embate da lucta, para que avancamos rapidamente; já conservando á religião um pequeno numero de fieis destinados a serem o germen d'um reino glorioso de paz e justiça, ou a perpetuarem até ao fim, por meio de gloriosas provações a visibilidade da Egreja.

Tal é a revolução de que se tracta. Esta revolução é gigantesca e o homem nada é. Esta revolução achará resistencias de mais d'um genero; suscitará talvez opposições apaixonadas; comtudo esta revolução é possivel; mais possivel hoje que outr'ora. Ides vê-lo.

O author de *Catholicismo na educação* foi o primeiro, ha 16 annos, que assignalou o verme roedor da Europa moderna. Com o fim claro de destruir o imperio usurpado do paganismo sobre a educação dos povos christãos, elle prégou guerra santa. Sem ser propheta, não lhe foi difficil vaticinar á sociedade a sua proxima ruina, se não mudasse de systema. Mas, por um lado, atacar o paganismo classico era então uma blasphemia; por outro lado, a sociedade inebriada de sensualismo só prestava ouvidos ás Sereias cujos cantos pèrfidos a attrahiam ao abysmo. Por isto teve pouco ecco a sua voz; e, menos feliz que o Eremita da edade média, elle apenas achou alguns cavalleiros dispostos ao combate. Iso-

lado sob o fogo crusado dos inimigos e até dos amigos, forçoso lhe foi deixar o combate. Tinha tido razão cedo demais: retirou-se esperando que fosse tempo de a ter.

Esse tempo chegou agora, ou nunca terá de chegar; porque a sociedade definha, e porque mudaram muito as circumstancias. Ao canto das Sereias succedeu o ruido do trovão; com o desabar das catastrophes dissipou-se a embriaguez da prosperidade; não se perderam para todos os solemnes avisos da Providencia. Por medo uns, por convicção outros, todos querem reagir contra o paganismo da sociedade. Applaudem os esforços feitos n'este sentido. Evidentemente, a reacção do catholicismo sobre a educação, sem a qual nada são as outras reacções e restaurações, não podia continuar a ser vista como cousa indifferente.

Com effeito, sob a influencia d'essas e d'outras causas, a revolução progrediu: hoje conta ella numerosos e illustres sustentaculos (1). Reproduzidos por elles, os argumentos contra o paganismo classico já não cahem, como ha dezeseis annos, debaixo d'uma chuva de sophismas e injurias. Uns applaudem, outros temem; mas ninguem, excepto os deuses Termos, faz d'elles objecto de desprezo.

As palavras succederam as acções. Tornando a entrar triumphante no dominio da architectura religiosa, o catholicismo desenvolveu o seu movimento e começa a introduzir-se na educação, vestibulo da omnipotencia. Já em differentes pontos da Europa, a historia, a philosophia, a litteratura lhe abrem os seus santuarios, de ha tanto fechados. N'um *certo numero de estabelecimentos*, o estudo das linguas antigas *faz-se, em parte* ao menos, pelos classicos christãos, e o monopolio ficou abalado. Decididamente está aberta

(1) Refere-se o meu pensamento n'este instante á notavel carta de Monsenhor o bispo de Langres, da qual terei occasião de citar algumas passagens.

a brecha, e basta alargal-a para a revolução victoriosa entrar na praça. Reconheçamos aqui, bendizendo-a, a obra da Providencia. Ora a Providencia não procede levianamente, logo a revolução é possível, e hoje mais que nunca.

Que ella é necessaria, que d'ella ha uma necessidade *actual e soberana*, é objecto d'este livro o demonstral-o, indicando além d'isso os caracteres d'esta revolução, e os meios de lhe assegurar o successo.

O VERME ROEDOR

DAS

SOCIEDADES MODERNAS.

CAPITULO I.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.

Para tornar palpavel a verdade da minha proposição, ponho de parte todos os raciocinios abstractos, todas as theorias metaphisicas: contento-me com invocar um pequeno numero de factos de incontestavel significação.

Primeiro factó. — Excepto alguns actos de desobediencia inevitaveis, mesmo em filhos bem nascidos, vê-se durante toda a edade média a Europa mostrar-se toda cheia de respeito e submissão á Egreja. Christã na fé, nos costumes, nas instituições, nas sciencias, nas artes, nas leis e na linguagem, a sociedade desenvolvia tranquillamente essas bellas e fortes proporções que mais e mais a approximavam da medida do Christo, typo divino da summa perfeição.

Segundo factó. — Com o seculo XV. enfraquece-se o imperio soberano do catholicismo. É abalada a antiga união da religião e da sociedade. Tão venerada até alli, a voz paternal dos pontifices romanos torna-se suspeita; a magestade do seu poder some-se como uma grande sombra; diminue a

submissão filial dos reis e dos povos; a sociedade sente nascer no coração um funesto desejo de independencia: tudo annuncia um rompimento.

Terceiro factó. — Mal tem começado o seculo XVI que da cella d'um monge allemão se ergue uma voz, órgão poderoso dos pensamentos culpaveis que fermentam nas almas; essa voz diz: «Nações, separae-vos da Egreja catholica; fugi de Babylonia; povos, quebrae as andadeiras de vossa longa infancia; já sois bastante fortes e illustrados para vos governardes.» A voz é escutada com um fervor que ainda hoje espanta. Na maior parte da Europa, vê-se a sociedade accusar sua mãe de superstição e barbaria, abjurar as suas doutrinas, desprezar os seus maiores homens, queimar tudo o que tinha a marca da sua mão sagrada, e derrubar e mutilar como monumentos de ignorancia, escravidão e idolatria, os templos e edificios onde os seculos precedentes tinham abrigado a sua fé, immortalisado a sua sciencia e o seu genio.

Quarto factó. — Este incrivel rompimento não foi um accesso passageiro de vertigem: dura ainda. Angustias, humilhações, despresos, catastrophes, nada pôde trazer outra vez o filho prodigo ao regaço materno. Longe d'isso, o seu afastamento da Egreja augmentou; tornou-se em odio sempre crescente, sempre activo e de tal maneira que a Europa, ha tres seculos, parece que só sabe fazer tres cousas, mas fal-as com desesperadora perfeição: espoliar a Egreja, prender a Egreja, injuriar a Egreja. Chegada hoje ao paroxismo da paixão, a antiga filha do catholicismo não tem outro grito de áleria senão estas palavras terriveis, repetidas em todos os tons, do Adriatico ao Oceano, e do Mediterraneo ao Baltico: *O christianismo peza-nos, não queremos que elle reine sobre nós; tirem-no de diante de nós que até a sua vista nos é insupportavel.*

Quinto factó. — Desde que dura este desvario, a Egreja

não tem mudado. Antes, como depois ella tem sido a mesma: boa, sábia, dedicada. Deante das dôres da sociedade nunca ficou ociosa nem muda.

Nunca, talvez, a sua ternura maternal foi mais sollicita e zelosa. Do seu seio sempre fecundo, sahiram no seculo XV *trinta e cinco* ordens religiosas; no XVI *cincoenta e duas*; no XVII, *noventa*. Todos estes grandes corpos, manobrando como um só homem, actuavam sem cessar sobre a familia e sobre a sociedade, do norte ao meio-dia da Europa. Desde S. Vicente Ferrer até S. Vicente de Paula, numerosos santos espantaram o mundo com o heroismo das suas virtudes e mostraram aos mais cegos que a Igreja romana nunca deixou de ser a incorruptivel esposa do Santo dos santos, a mãe de todos os homens verdadeiramente dignos do nome de grandes. *Alma parens, alma virùm.*

Os seus admiraveis doutores mostraram tambem ser ella sempre a fonte da luz e do saber. Continuado em toda a magestade da sua força pelos soberanos pontifices e pelos concilios, o ensino catholico pulverizou o principio do protestantismo, os motivos vãos, que serviram de pretexto para o rompimento, e todos os que, depois téem sido inventados para o sustentar. Ora, nem as demonstrações, nem as advertencias, nem os beneficios, nem as supplicas, nem as lagrimas, nem os esforços de toda a especie, puderam commover a sociedade europêa, ou renovar a antiga alliança que unia a filha á mãe.

D'estes factos, que ninguem contestará, resulta evidentemente a conclusão seguinte:

«Ha quatro seculos que ha na Europa um elemento novo, um elemento de mais ou um elemento de menos que na idade média; e este elemento fórma um muro de separação sempre de pé entre o christianismo e a sociedade.»

Que elemento é este? onde está?

É o que vamos vêr.

CAPITULO II.

ESTUDO DO PROBLEMA.

A investigação a que vamos proceder é da maior importancia. Para nos não perdermos, comecemos por balisar o nosso caminho, assentando alguns principios de evidencia incontestavel.

Primeiro principio. — Todo o effeito tem uma causa; e todo o effeito permanente, tem uma causa permanente.

Segundo principio. — Toda a palavra, toda a acção humana, publica ou particular, é o effeito do livre arbitrio ou ou d'uma vontade da alma. As vontades, ou como diz a philosophia, as *volições da alma*, presuppõem a ideia ou a noção da cousa querida, visto que é impossivel querer o que se não conhece, e de que se não tem idea: *Ignoti nulla cupido; nihil volitum, nisi præcognitum.*

Terceiro principio. — Innatas ou não, as idéas vem do ensino, que as desperta ou as dá. Logo o ensino faz, o homem.

Quarto principio. — O ensino que faz o homem, que fórma para a vida o seu espirito e o seu coração, effectua-se no periodo que separa o berço da adolescencia, segundo estas palavras que já eram proverbias ha tres mil annos: *O homem segundo o caminho que tomou sendo mancebo, d'elle se não apartará, ainda quando fór velho* (1).

Quinto principio. — A vida do homem divide-se em duas épocas perfeitamente distinctas: a de *receber* e a de *transmittir*. A primeira comprehende o tempo do desenvolvimento ou do ensino; a segunda, o resto da existencia até á morte. Não tendo o sêr de si mesmo, o homem tudo recebe; e isto, tanto na ordem intellectual e moral, como na ordem physica. Depois de ter recebido elle transmittit, e não pôde transmittir senão o que recebeu. Transmittindo o que recebeu, elle faz a familia e por conseguinte a sociedade á sua imagem. A verdade ou a mentira, o bem ou o mal, a ordem ou a desordem nos factos exteriores da familia e da sociedade são o reflexo ou producto da verdade ou da mentira, do bem ou do mal, da ordem ou da desordem que reinam na sua alma.

Sexto principio. — Para o bem, como para o mal, a influencia vem de cima e não de baixo. As opiniões e costumes dos paes formam as dos filhos. As opiniões das classes illustradas formam as das que o não são.

Setimo principio. — As opiniões e costumes das classes illustradas vêm principalmente da sua educação litteraria. Esta educação é feita, em grande parte, pelos livros que se põem nas mãos da mocidade durante os sete ou oito annos que unem a infancia á adolescencia. Isto por tres razões: Primeira, porque estes annos são os decisivos da vida. Segunda, porque estes livros são o sustento quotidiano da mo-

(1) Proverbium est: Adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit non recedet ab ea (Prov. XXII, 6.)

cidade e o seu sustento obrigatorio porque ella tem de os estudar com cuidado, aprendel-os de còr, e penetrar-se d'elles no fundo e na fórma. Terceira, porque este estudo assíduo é acompanhado de explicações e commentarios, com o fim de fazer comprehender bem o sentido d'estes livros, admirar o seu estylo, os seus pensamentos, e as suas bellezas de todo o genero; de exaltar as acções, os feitos, as palavras, as instituições dos homens e dos povos de cuja historia tratam; emfim, de apresentar á admiração da mocidade os auctores d'estas obras, como reis, sem rivaes, do talento e do genio.

Logo, de direito, tudo vem da educação.

Logo, de facto, é a educação das classes superiores que faz a educação das classes inferiores, a opinião, os costumes, a sociedade.

Esta conclusão não é menos inatacavel do que os principios que acabamos de lembrar, e dos quaes ella sabe tão necessariamente como o rio da sua nascente. Téem-na proclamado os sabios de todos os tempos. *Para nós, dizem elles, o unico meio de reformar o genero humano é a educação da mocidade. A educação é a unica alavanca com que se pode levantar o mundo. A educação é o imperio, porque a educação é o homem e o homem é a sociedade.*

Ainda que os sabios não tivessem sido unanimes em render homenagem a esta verdade que assignalamos, bastaria, para se não duvidar d'ella, olhar para a obstinação com que em todos os tempos e logares, os dois poderes do bem e do mal disputam o imperio da educação. Debaixo da questão, na apparencia muito secundaria, de saber quem se approximarà do menino para lhe ensinar a lêr, escrever, contar, e fallar as diversas linguas, occulta-se, em ultima analyse, uma questão soberana: *A férula do mestre é o sceptro do mundo.*

De tudo isto, que concluir, relativamente ao problema

que nos occupa? A resposta não é duvidosa: é a educação que nós somos devedores da causa primaria e sempre persistente do rompimento quatro vezes secular que assignalamos. Em qualquer outra parte, parece-me que não achareis senão causas occasionaes, indirectas e passageiras; mas estas causas exteriores e accidentaes, que conseguiram apressar e affirmar o rompimento, são tanto o principio do mal como os affluentes d'um rio são a sua nascente. Qual é agora, na educação da Europa, essa causa ou esse elemento de mais ou de menos, que ha quatro seculos cava entre a sociedade e o christianismo um abysmo que nada tem podido encher e que cada dia mais se vae alargando? Para aqui é que eu reclamo toda a sagacidade do philosopho e a mais alta imparcialidade do juiz.

Muito tempo antes do rompimento, eu vejo em toda a Europa a educação publica baseada n'esta organização: Universidades e gymnasios ou collegios. Depois do rompimento vejo a mesma organização. Na França, subsistiu ella na sua integra até ao fim do seculo passado; e em todas as outras partes da Europa subsiste ainda geralmente. N'este ponto nada de novo; e, quanto ao fundo, nada de mais, nem de menos.

Antes do rompimento, vejo que nas Universidades e gymnasios se ensina latim, grego, linguas vivas e orientaes, grammatica, philosophia, rhetorica, sciencias phisicas e mathematicas. Depois do rompimento vejo que se ensinam as mesmas disciplinas. N'este segundo ponto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada de mais, nem de menos.

Antes do rompimento, vejo que se ensinam com um cuidado particular, as verdades da religião; que os mestres e discipulos, com poucas excepções, cumprem os deveres d'ella. Depois do rompimento, vejo que se não ensina menos fielmente a religião; que os mestres e discipulos, em geral, continuam até ao seculo passado a cumprir exacta-

mente os seus preceitos. N'este terceiro ponto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada de mais, nem de menos.

Antes do rompimento, vejo o ensino nas mãos do clero e das ordens religiosoas. Depois do rompimento vejo que succede o mesmo em todos os paizes catholicos, e até em França até aos meados do seculo passado. N'este quarto ponto nada de novo; e, quanto ao fundo, nada de mais, nem de menos.

Antes do rompimento, vejo sentados nas cadeiras dos gymnasios e universidades, mestres irreprehensiveis, pios e zelosos, doutores illustres em todas as sciencias. Depois do rompimento vejo a mesma cousa. N'este quinto ponto nada de novo; e, quanto ao fundo, nada de mais, nem de menos.

Antes do rompimento, vejo o ensino perfeitamente livre; ainda não estava inventado o monopolio. Depois do rompimento, vejo durante tres seculos a mesma liberdade: o dogma pagão do monopolio nasceu nos nossos dias. N'este sexto ponto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada de mais, nem de menos.

Taes são, salvo o erro, os pontos de comparação mais salientes que apresenta a educação publica nas duas épocas. Ora, antes e depois do rompimento, estes pontos de comparação parecem-se de tal modo que provam a identidade da instituição: a mesma organização, o mesmo ensino, os mesmos homens, o mesmo espirito, o mesmo fim e a mesma liberdade. D'onde vem que os resultados se parecem tão pouco? D'onde vem que na mesma nascente bebem umas gerações a vida catholica em todo o seu vigor, e outras um mortal veneno? D'onde vem que a mesma educação, cuja acção omnipotente deu á sociedade da idade média essa força de cohesão contra a qual se vieram quebrar os accommetimentos da heresia, do sensualismo e do despotismo, se achou de repente sem força para a proteger contra

as mesmas tentativas; a ponto de bastar á heresia, ao sensualismo e ao despotismo o apresentarem-se para entrarem em triumpho na Europa e estabelecerem-se n'ella como soberanos senhores, que ninguem tem podido desthronar?

Dir-se-ha que este resultado se deve attribuir ás circumstancias exteriores, em que se effectuou a educação depois do seculo XV? Primeiro perguntarei eu como foi que essas circumstancias exteriores puderam nascer e adquirir tanta influencia fóra e a despeito da educação? Depois direi que estas circumstancias exteriores, ou este meio novo, é, antes de tudo, o protestantismo. Ora o protestantismo não é outra cousa mais do que o principio de revolta contra a Igreja. Este principio não nasceu no seculo XVI; existiu sempre no mundo: o primeiro protestante foi Lucifer. Desde a revolta do paraiso terrestre, e em mais d'uma época da Igreja, houve órgãos não menos poderosos que Luthero, agentes não menos formidaveis que Henrique VIII. A questão é saber como foi que a educação, que, durante mil annos, podéra neutralisal-o, se achou sem forças para o combater; e isto não só nos logares onde elle foi estabelecido violentamente como tambem nos paizes onde nunca foi officialmente recebido; como o mostra o enfraquecimento da fé em toda a Europa.

É, pois, na educação que é preciso procurar a causa geral e permanente do mal: ora n'isso é que está a difficuldade, porque nós vimos que antes e depois do rompimento a educação apresenta os mesmos caracteres. Portanto, onde achar a mudança? Qual é o cancro desconhecido, que, ha quatro seculos, corroe a raiz á arvore, viciando-lhe a seiva? Qual é finalmente o elemento novo, cujo formidavel poder, inutilizando as duras lições recebidas pela sociedade e as ternas prevenções da Igreja, condemna a mãe ás lagrimas e a filha á morte? Para evitarmos toda a exprobração de exaggero, declaramos, antes de respondermos, que não ten-

cionamos dar ás nossas palavras um sentido *exclusivo*. De boamente reconheceremos no movimento anti-christão que arrasta a Europa, causas extranhas á que vamos mostrar. Mas, com todos os homens reflectidos que estudaram seriamente a questão, nós julgamo-nos com fundamento para olhar esta causa como a mais influente: não é preciso mais nada para justificar o rigor *moral* da nossa affirmação; de mais, protestamos contra toda a interpretação de nossas palavras, pessoalmente hostile a quem quer que seja: não atacamos nem queremos atacar ninguem: nem o clero secular, nem a Universidade, nem as ordens religiosas dedicadas á instrucção. Atacamos unicamente o paganismo. Posto isto, segue a resposta.

CAPITULO III.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA.

Em tempos, havia em Florença um fundidor que adquirira grande fama pelas maravilhas que operava com a sua arte, e cujo segredo estava principalmente na maneira como elle fazia os moldes em que depois fundia o ouro, a prata ou o bronze.

Chegando ao conhecimento do municipio e do Arcebispo de Florença a habilidade d'este artista, encommendaram-lhe, o primeiro, a estatua d'um dos grandes homens da republica, e o segundo, um baixo relevo para uma capella do celebre *Duomo*.

A gloria da patria e o amor da religião communicam ao artista novo ardor: com esta dupla e poderosa inspiração a sua imaginação genial concebe uma obra-prima, mas, por desgraça, não havia n'aquella occasião na sua officina senão o molde d'um cavallo.

— Pouco importa, diz elle comsigo, combinarei tão bem os metaes que repararei este inconveniente.

Effectivamente, depois de sabiamente calcular as proporções dos metaes, lança-os ao molde. Todos esperam um heroe de fórmias correctas, antigas: o artista quebra a fórmula e tira d'ella... um cavallo!

— *Quanto sbaglio!* exclama elle; mas já sei; o erro está em não ter empregado os metaes nas proporções convenientes.

Prepara-se de novo para a obra; combina uma nova liga; faz uma fórmula semelhante á primeira, e poucos dias depois procede a nova fundição. D'esta vez é no baixo-relevo encommendado pelo Arcebispo que o artista trabalha. Derrete-se o metal, lança-se á fórmula, quebra-se esta e tira-se d'ella... outra vez um cavallo!

— É incrível! exclama o artista encolerizado; como pude eu esquecer que o verdadeiro metal do fundidor não é o ouro ou a prata, mas sim o bronze! Com elle não errarei eu, pois que eu e elle já somos amigos velhos.

.E, com toda a sollicitude, prepara o bronze, repara a fórmula, sem a corrigir, e estuda cuidadosamente as condições do problema. Accendem-se os fornos; derrete-se o metal da mais bella côr que, em jactos scintillantes é lançado á fórmula. Quebrada esta, sahe um soberbo cavallo de bronze! Sempre um cavallo!

Então o infeliz artista desespera-se, accusa a todos, menos a si, e morre sem comprehender que para se mudar uma figura é necessario mudar-se de fórmula.

Povos da Europa, sois o fundidor de Florença.

Desde o seculo XV, que fundis os vossos filhos no molde pagão, e admiraes-vos de que não vos saiam filhos christãos! Escutae a vossa historia!

Durante toda a edade media, a educação foi exclusivamente christã. Nunca os livros pagãos eram postos como

classicos nas mãos da mocidade, e esta só lhes tocava na idade em que o espirito, o coração, a alma enfim, tinha tomado a sua fôrma absoluta no molde christão, e na qual, por isso, o paganismo não podia influir senão secundariamente. Então o christianismo era para a educação o que são nos nossos banquetes as iguarias substanciaes que saciam a fome dos convivas; e o paganismo o que são as bagatellas servidas á sobremeza.

Que resultava d'ahi? O que ha de resultar sempre da educação; quer dizer, que, desde o berço, as jovens gerações nutridas de christianismo, creadas no conhecimento, no amor, na admiração do christianismo, no enthusiasmo pelas suas glorias e pelas suas obras, transmittiam á sociedade o que haviam recebido. E a sociedade era christã, profundamente christã. E esta sociedade christã creou uma Europa vigorosa e heroica, e cobriu-a de monumentos prodigiosos, cujas inimitaveis bellezas formam apenas a menor parte da sua gloria.

Pelos fins do seculo XV, vós quebrastes o molde christão e substituísteis-o por um pagão. As novas gerações foram vasadas n'elle, e esta cêra molle tomou a figura do molde, e d'ahi resultou o que devia necessariamente resultar: as novas gerações nutridas de paganismo e educadas na admiração d'elle, começaram a mostrar-se pagãs e a transmittir á sociedade o que tinham recebido. Se, logo á primeira fundição, ellas não ficaram inteiramente pagãs, attribuí-o á acção do christianismo, que, dominador ainda na familia e na sociedade, impediu que a transformação fosse completa e repentina.

Comtudo, foi tal a influencia d'esta tentativa que se viram, coisa profundamente digna de reparo! todos os chefes da grande revolta do seculo XVI, serem dos mais ardentes discipulos do paganismo classico, gloriarem-se de ter sido lançados no molde pagão, convidando todos a vasa-

rem-se n'elle, e fazendo da sua nova fórma uma arma contra a Egreja, que elles começaram a accusar de barbara na lingua, nas sciencias e nas artes.

O perigo tornava-se sério: decididamente a religião e a sociedade perdiam terreno. Lançou-se mãos á obra e tratou-se de formar uma geração nova, que, profundamente *christã*, contrabalançasse a acção desastrosa da que deixava de o ser ou já não o era: começou então a grande reacção catholica do seculo XVI. Chamados a ajudal-a, os doutores mais illustres e as ordens mais sabias redobraram de actividade. A mais habil d'estas grandes corporações, a COMPANHIA DE JESUS, pareceu creada de proposito para soccorrer a sociedade e a Egreja na educação. A isso se dedicou ella sem reserva, adoptando ainda o molde pagão, como os seus companheiros de armas, pois que assim o pedia a opinião publica, que já não conhecia outra fórma do bello.

Ninguem ignora, de feito, que o seculo XVI foi a *idade de ouro* da renascença, a época por excellencia do culto do antigo em litteratura, em poesia; a época dos artistas, dos hellenistas, dos humanistas pagãos que formigavam em todas as partes da Europa, cujos eccos não cessavam de repetir os seus dithyrambos em honra dos Gregos e dos Romanos. Depressa os collegios da immortal Companhia cobriram o solo da Europa. Uma juventude numerosa, pertencente principalmente ás classes superiores, se agglomerou em volta das cathedras dos illustres religiosos. A sciencia, a virtude, a benignidade dos mestres, a orthodoxia das suas doutrinas, o esplendor das ceremonias religiosas, effectuadas em suas casas, tudo parecia ter-se reunido para fazer reviver e para perpetuar na sociedade em geral, e principalmente nas classes elevadas, a vigorosa fé da idade media.

Numerosas ordens religiosas rivalisavam com os padres jesuitas em sciencia e zêlo, emtanto que as Universidades,

ricas de professores não menos distinctos pelo saber, que pela virtude, concorriam para a restauração universal, coroando com as suas doudas lições, o edificio na apparencia tão bem concebido do ensino catholico.

Qual foi o resultado final d'esta acção tão generosa e tão bem combinada? O mesmo que obtivera o fundidor de Florença. As gerações que tinham sido vasadas no molde do paganismo, sahiram pagãs. Seguindo a grande lei que preside á vida humana, estas gerações não tardaram a transmittir o que tinham recebido, e o paganismo alastrou-se pela Europa. Sim, a historia, a triste historia o diz: em lugar de se reanimar, o espirito christão foi-se enfraquecendo, e principalménte nas classes letradas, nas quaes elle antes deveria renascer com mais vigor, graças ao zêlo de tantos e tão excellentes mestres. Foi então, nos fins do seculo XVII e principios do XVIII, que ninguem na Europa era menos christão em costumes e crenças, do que os homens que mais larga parte tinham tomado no ensino publico.

Que estes fructos amargos foram produzidos, na sua maxima parte, pela arvore pagã replantada no seio da Europa e cultivada com tanto cuidado para sustento da juventude, vem-o confirmar uma observação de outra ordem. D'um lado, as mulheres, em cuja educação entra pouco, ou nada, o elemento pagão, mostraram-se constantemente muito mais christãs que os homens; de outro lado, as classes populares, livres do mesmo flagello, permaneceram fieis á fé antiga e só se tornaram hostís á religião sob a influencia duas vezes secular, dos neo-gregos e romanos.

Fundidor de Florença, nem a tua arte, nem a tua imaginação poderosa podem mudar a natureza das coisas; emquanto vasares metaes na fôrma d'um cavallo, terás sempre um cavallo.

Povos da Europa, emquanto vasardes á mocidade no

molde do paganismo, tereis gerações pagãs, e isto apesar das leis mais liberaes sobre o ensino, apesar do talento dos vossos professores, apesar das vossas intenções. Pensar o contrario, é erro; erro que vós commettestes, que ha tres seculos commetteis todos os dias: é este o verme que vos corroe.

Tal é a solução do problema.

Pelas tremendas consequencias com que ameaça hoje o mundo europeu, a aberração que vimos de descrever, acabou por tornar-se tão evidente, que os homens menos suspeitos de parcialidade, não podem deixar de a proclamar bem alto. Sob pena d'uma catastrophe inevtavel e talvez fatal, elles conjuram a sociedade que mude de systema. Baste relembrar as palavras tão cheias de bom senso d'um membro da Assembleia nacional, por occasião da ultima lei sobre o ensino:

«Desde que principiou este debate, disse elle, a Universidade e o clero téem-se accusado mutuamente. Vós perverteis a mocidade com o vosso racionalismo philosophico, diz o clero. Vós a embruteceis com o vosso dogmatismo religioso, responde a Universidade. Sobrevéem os conciliadores que dizem: A religião e a philosophia são irmãs. Fundamos o livre exame e a auctoridade. Universidade, clero, vós tendes tido alternadamente o monopolio; partilhae-o e acabe isso.

«Nós ouvimos o veneravel bispo de Langres apostrophar assim a Universidade: «Fostes vós quem nos déstes a geração socialista de 1848!»

«E M. Crémieux retorquiu logo á apostrophe n'estes termos: «Fostes vós quem educastes a geração revolucionaria de 1793.»

«Se ha verdade n'estas allegações, que se deve concluir d'ahi? Que os dois ensinos foram funestos, não pelo que os differença, mas pelo que lhes é commum. É minha, con-

vicção: ha entre estes dois ensinos um ponto commum, é o *abuso dos estudos classicos*, e é com elle que ambos perverteram o juizo e a moralidade do paiz. Elles differem, em que um faz predominar o elemento religioso, outro o elemento philosophico; mas estes elementos, longe de terem feito este mal, como dizem, attenuaram-n'o. A elles devemos nós o não sermos tão barbaros como os Barbaros sempre propostos *pelo latinismo* á nossa imitação.

«Permitta-se-me uma supposição um pouco forçada, mas que fará comprehender o meu pensamento. Supponhamos que existe em qualquer parte, nos antipodas, por exemplo, uma nação que, odiando e aborrecendo o trabalho, tenha feito consistir no roubo successivo de todos os povos visinhos e na escravidão todos os seus meios de existencia. Esta nação creou para si uma politica, uma moral, uma religião, uma opinião publica conformes com o principio brutal que a conserva e desenvolve. Ora succede que tendo a França dado ao clero o monopolio da educação, este não acha coisa melhor a fazer, do que mandar toda a mocidade franceza para esse povo, viver a sua vida, inspirar-se dos seus sentimentos, e respirar as suas idéas como o ar, tomando apenas a precaução de mandar cada estudante munido d'um volumesinho chamado *Evangelho*. As gerações assim educadas voltam para a patria: rebenta uma revolução: imagine-se o papel que ellas representam n'ella.

«Vendo isto, o Estado tira ao clero o monopolio do ensino e entrega-o á Universidade. Esta, fiel ás tradições, manda tambem a mocidade para essa nação roubadora e possuidora de escravos, depois de a ter munido, comtudo, d'um volumesinho intitulado: *Philosophia*. Cinco ou seis gerações assim educadas voltam ao solo da patria, quando rebenta nova revolução. Formadas na mesma escola que suas antecessoras, mostram-se suas dignas émulas. Então declara-se a guerra entre os monopolisadores. Foi o vosso

livrinho que fez todo o mal, diz o clero: Foi o vosso, responde a Universidade.

«Ó senhores, não foram os vossos livrinhos que fizeram nada d'isto! O que fez o mal foi a idéa extravagante, concebida e executada por vós ambos, de mandar a mocidade franceza, destinada á liberdade, ao trabalho, á paz, saturar-se dos sentimentos d'um povo de bandidos e d'escravos.

Affirmo que as doutrinas subversivas a que se tem dado o nome de *socialismo* e *communismo* são fructo do ensino classico, quer elle seja distribuido pelo clero, quer pela Universidade. E accrescento que o bacharelado imporá por força o ensino classico mesmo a essas escólas, pretendidas livres, que hão de, como se diz, surgir da lei (1).»

Mas eu ouço que me gritam e dizem: 1.º Vós sois muito absoluto: a mudança de molde para empregar a vossa expressão, não foi tão completa como o dizeis; 2.º quando assim fosse, vós attribuíis a uma simples fórma uma influencia exaggerada: ora o paganismo classico ou a renascença não é mais do que uma nova fórma dada ao pensamento; 3.º admittindo esta influencia, haveis de reconhecer que ella era, senão absolutamente necessaria, ao menos utilissima para tirar a Europa da barbaria.

(1) Baccalauréat et Socialisme, par M. F. Bastiat. IV, 12.

CAPITULO IV.

RESPOSTA Á PRIMEIRA OBJECÇÃO. — HISTORIA DOS LIVROS CLASSICOS: PRIMEIRA ÉPOCHA.

Em primeiro logar, dizeis vós que eu sou muito absoluto, e que a mudança de molde não foi tão completa como eu avanço. Para responder, obrigaes-me a traçar rapidamente a historia dos livros classicos desde o estabelecimento do christianismo até nossos dias: isso vou emprender.

Esta historia divide-se naturalmente em tres épochas bem distinctas.

A *primeira* estende-se da prègação dos apóstolos até ao fim do seculo V.

A *segunda* começa no seculo VI e acaba com o XV; comprehende a edade media propriamente dita (1).

A *terceira* vem do seculo XVI até nós.

(1) I tempi di mezzo, come è noto, si estendono d'all' anno cinquecento dell' era nostra volgare fino all' anno mille cinquecento per il corso intero di anni mille. (Battini, *Apol. dei secoli barb.* p. IX).

Distinguindo com cuidado a infancia da adolescencia, nós dizemos: Durante a primeira época, os livros classicos da infancia são *exclusivamente* christãos. Todos sabem que as linguas chamadas hoje classicas ou mortas, eram então as linguas vivas de Roma e Athenas, assim como de todos os povos civilisados. Aprendiam-nas os meninos, não nas escólas, mas no lar domestico; não de mestres, mas de seus paes e mães; não por regras, mas pelo uso, como nós hoje aprendemos a lingua materna. Ora, esta infancia prolongava-se muito tempo. Não era necessario applicar tão cedo a mocidade ao estudo da grammatica e retel-a n'elle, como hoje se faz, por tantos annos.

Resta saber que narrativas ouviam de continuo as creanças christãs, no seio da familia; que livros tinham elles exclusivamente nas suas mãos innocentes; que cantos repetiam em commum. A resposta não é duvidosa: todos sabem o cuidado extremo dos primeiros christãos em se nutrirem exclusivamente a si e a seus filhos com a leitura dos *Livros Sagrados*, dos *actos dos martyres* e das *cartas dos soberanos pontifices*; de cantarem em familia os *Psalmos de David*, de se instruirem a fundo nos dogmas, preceitos e usos da religião, para que estes jovens athletas tivessem na occasião necessaria a coragem de confessar a fé no meio dos supplicios e a capacidade precisa para a vingarem dos sophismas e calumnias dos pagãos (1).

(1) Christiani parentes enim pueros suos a teneres unguiculis SS. martyrum acta et summorum pontificum epistolas perlegere, sacras scripturas memoriae mandare, psalmos canere, omniaque religionis mysteria, doctrinas, leges, instituta diligentissime ediscere jubebant; ut deinde, data occasione, adolescentes possint Christi fidem, non solum inter tormenta carnificum magno animo profiteri; verum etiam contra ethnicorum calumnias et sophistarum cavillationes libero et diserto ore defendere. (*De opp. SS. PP. in litter. juven. instit. adhib.* Romæ 1841; Mamachi, *Origin. et antiq. christ.* lib. III, c. 8, etc.)

Este genero de instrucção não era novo. Encontra-se entre os Judeus desde a mais remota antiguidade com exclusão de qualquer outro. Affastar de seus filhos quaesquer livros que não fossem os annaes sagrados da nação, não lhes fazer aprender e cantar senão os hymnos de Moysés e dos prophetas; todos sabem ter sido este o uso invariavel dos descendentes de Abrahão. Judeus de origem, herdeiros da antiga Igreja, os Apostolos formaram a educação dos fieis sobre o typo da educação usada na santa nação.

Muitas são as provas d'esta asserção. A exclusão dos auctores profanos é recommendada formalmente pelas Constituições apostolicas. N'este monumento, que Santo Athanasio chama a *doutrina dos apostolos recolhida por S. Clemente*, e Santo Epiphaneo, o *resumo sem corrupção, das regras da conducta*, lê-se: «Abstende-vos de todos os livros dos gentios. Que tendes vós com essas doutrinas, com essas leis extranhas, com esses falsos prophetas? Essas leituras fizeram perder a fé a alguns homens levianos. Que vos falta na lei de Deus para recorrerdes a essas fabulas? Se quereis lêr historia, tendes os Livros dos Reis; se vos convem philosophia ou poesia, achal-as-heis nos Prophetas, em Job, no auctor dos Proverbios, e com mais perfeição e elevação que em qualquer outra obra d'esses sophistas e poetas, porque só a palavra de Deus é sábia. Quereis lyricas? lêde os Psalmos; antigas origens? lêde o Genesis; leis, preceitos de moral? tomae o codigo divino do Senhor. Abstende-vos, pois, absolutamente de todas essas obras profanas e diabolicas (1).»

(1) *Const. apost. lib. 1, c. 6.* Sabemos muito bem que a authenticidade das constituições apostolicas está muito longe de ser certa; mas sabemos tambem que a antiguidade tem venerado esta obra como fiel testemunha do espirito e da tradição primitiva: quando Santo Athanasio a cita, chamá-lhe *Doctrinam apostolorum clementinam*. «Agnovit, ajunta

Quanto á assidua leitura da Escripura Sagrada pelos meninos, penetremos no interior de algumas d'essas familias do Oriente e Occidente, cujo exemplo, testemunha o espirito geral, e veremos que o Livro Sagrado era o primeiro livro da infancia.

«Apenas Origenes, diz Eusebio, sahiu do berço, seu pae Leonidas, imprimiu em seu espirito as divinas lettras. Não se contentava com dedicar a este estudo alguns momentos roubados ao ensino cyclico; pozera-o em primeiro lugar. Todos os dias fazia lêr ao menino *passagens das Escripuras*, que deleitavam mais ao joven Origenes que os auctores gregos (1).»

Na familia tão christã e tão illustrada dos Gregorios, a educação fazia-se do mesmo modo. A Escripura Sagrada era insinuada no espirito dos meninos com os seus primeiros pensamentos para de algum modo, tomar n'elle o primeiro lugar. Assim foram educados S. Basilio, e S. Gregorio de Nyssa, seus irmãos e irmãs, Gregorio de Nazianza, Cesario. Macrina, uma de suas irmãs, vindo a ser mestra, excedeu ainda seus paes e mestres. Tendo feito voto de virgindade, teve por seu irmão mais novo, toda a ternura maternal que a natureza põe no coração de todas as mulheres. Ella o tomou á sua conta desde o berço e quiz educal-o, segundo as suas idéas. Ora estas idéas não podiam ser senão as que elle recebera na sua educação. Escutemos agora seu illustre irmão, S. Gregorio de Nyssa, fazendo-nos conhecer a educação dada a Macrina:

«Macrina, apenas sahiu da infancia, diz elle, mostrou a

Baronius, ann. t. II, an. 102, n. ix, cas S. Epiphanius; usi sunt iisdem, qui his antiquiores atque recentiores in Ecclesia claruerunt celebres scriptores ecclesiastici... Omnis enim, continua S. Epiphanio, regularis ordo in ipsa (constit. apost.) habetur, et *nihil a fide adulteratum*, neque a confessione, neque ab ecclesiastica gubernatione et regula.» (*Id., id.*)

(1) Hist., lib. IV, c. 3.

maior facilidade em aprender. Quizera sua mãe ser a sua propria mestra; ella mesma estudava para se instruir. Mas não quiz ensinar-lhe as *ficções dos poetas*, de que costumam encher os espiritos juvenis. Parecia-lhe pouco decente e até perigoso representar á imaginação de sua filha esses quadros, esses movimentos apaixonados que pintam os poetas tragicos, e ainda mais as fraquezas, que se attribuem ás mulheres nas comedias! Era isto, no seu pensar, corromper uma alma bem nascida.

«Por isso gostou ella mais de fazer uma escolha dos lances mais edificantes, das maximas mais salientes dos nossos Livros Sagrados para a sua filhinha aprender. O livro da Sabedoria fornecera-lhe uma multidão de sentenças e reflexões proprias para formar o coração e illustrar o espirito, para toda a conducta da vida. Esta boa mãe tinha extrahido dos Psalmos certas invocações que ella accommodava a todos os exercicios, de modo que sua filha ao levantar, ao vestir, ou ao comer, tinha sempre algum versiculo d'um psalmo apropriado á circumstancia, que ella cantava como uma agradavel canção. Emilia ao mesmo tempo que cultivava assim o espirito de sua filha, exercitava-lhe as mãos em trabalhos proprios do seu sexo, ensinando-lhe a manejar habilmente a lã e o fuso.»

Tal foi a educação de Macrina, e tal foi a de seu joven irmão Pedro de quem ella se encarregou. O estudo das letras profanas foi absolutamente banido da sua instrucção. A sua meiga instructora soube empregar-lhe e distribuir-lhe o tempo, de tal maneira que não lhe sobejou nenhum para as vãs sciencias.

Esta educação era a mesma por toda a parte. S. Jero-nymo, escrevendo a Gaudencia e a Leta, sobre a educação de seus filhos, quer que a joven Pacatula, logo aos sete annos, ainda antes de ter os dentes bem fortes para se utilisarem de alimentos solidos, comece a entregar á memoria

as inspirações do rei-propheta, e que até aos quatorze annos ella faça dos livros de Salomão, do Evangelho, dos Apóstolos e prophetas, o thesouro do seu coração (1).

«É pela propria *Escriptura*, diz elle a Leta, que vossa filha aprenderá a lêr, escrever e fallar. Aprenda a sua bocca a repetir os doces canticos do rei-propheta. Não lhe seja permittido formar grupos de palavras tomadas ao acaso; escolham-se-lhe essas palavras nas *sagradas lettras*, e as primeiras que ella souber pronunciar serão os nomes dos Apóstolos, patriarchas e prophetas. O primeiro livro que ella aprenderá será o Psalterio, cujos cantos divinos repetirá ao despertar. Nos proverbios de Salomão aprenderá ella a viver com sabedoria; no Ecclesiastes, a desprezar vaidades do mundo; em Job, a virtude da paciencia e coragem. Passará depois ao Evangelho, para não mais o deixar; identificar-se-ha com os Actos e Epistolas dos Apóstolos, de que vos recitará cada dia uma passagem que será como um ramo de flores escolhidas nas *Escripturas*. . . . Guardae-a de todas essas leituras que introduzem uma linguagem pagã no seio do christianismo. Que pôde haver de commum entre os cantos profanos do paganismo e os castos accentos da lyra dos prophetas? Como alliar Horacio com David? Virgilio com o Evangelho? Ainda que queiramos salvar-nos pela intenção, é sempre um escandalo vêr uma alma christã n'um templo de idolos.»

Não se diga que se trata aqui da educação de meninas. Nós já vimos que a *Escriptura* era o livro classico das creanças de ambos os sexos. Se não basta isto, escutemos ainda os Padres, reguladores e historiadores da familia primitiva.

(1) Quum autem virgunculam rudem et edentulam, septimus ætatis annus receperit. . . discat memoriter Psalterium, et usque ad annos pubertatis, libros Salomonis, Evangelia, apostolos et prophetas sui cordis thesaurum faciat. (*Ep. ad Gaud.* cxviii, p. 798, opp. t. IV.)

«Guardae-vos, accrescenta S. Chrysostomo, de julgar superfluo o estudo dos Livros Sagrados. É a Escripura que ensinará vossos filhos a honrar o seu pae e a sua mãe: vós lucrareis tanto com isso como elles. E não digaes que isto só serve para os que vivem retirados do mundo. Decerto que não pretendo fazer ermitões; e ainda que vosso filho o fosse não perdia nada com isso; mas não, basta que elle seja christão. Elle está destinado a viver no meio do mundo; é nos nossos Livros Sagrados que elle aprenderá a regra do seu comportamento. Mas para isso *convem que elle se penetre d'elles desde os primeiros annos*».

Quando a communidade foi substituida á familia para a educação da mocidade, S. Basilio escrevia: «O estudo das lettras deve ser accommodado ao espirito da educação dos meninos, *as Sagradas Escripuras lhes servirão de vocabulario*. Em vez de fabulas, lhes serão contadas as admiraveis historias da Sagrada Biblia; aprenderão de cór as maximas do livro dos Proverbios (1)».

Mas ha um facto que dispensa todos os testemunhos. Cada discurso dos antigos Padres da Igreja, cada pagina da historia d'esses tempos heroicos offerece a prova evidente de que a Escripura era o livro classico de todas as familias no Oriente e no Occidente. Origenes, Santo Athanasio, S. Basilio, S. Chrysostomo, Santo Agostinho, e tantos outros não tinham de certo menos zelo e tacto, do que saber e eloquencia. Como tractariam, pois, estes grandes homens as mais altas questões de theologia e da Escripura deante dos fieis, se não soubessem que os seus ouvintes, instruidos n'essas cousas desde a infancia, estavam em estado de os comprehenderem (2)?

(1) XV, Reg. 1.

(2) *Familiares Patres habuerunt, ut allegoricos tropologicosque sensus indagarent; inque numeris includi legique magna mysteria existima-*

Não se sabe que n'uma citação do Evangelho, bastava uma palavra trocada para pôr em rumor uma assembleia inteira? Não se sabe que Santo Agostinho não deixava lêr na igreja a versão de S. Jeronymo, ainda que perfeitamente orthodoxa, receiando scandalisar os povos habituados a outra traducção? Não se sabe, emfim, que o proprio S. Jeronymo, encarregado, pelo Papa S. Dámaso, da correcção dos Livros Sagrados, hesitou emprehendel-a, prevendo as reclamações que se iam levantar por parte dos fieis?

«Qual será, diz elle, o sabio ou o ignorante, que, pegando na minha traducção e vendo differir o que lê do que, por assim dizer bebeu com o leite, não exclame que sou um falsario e sacrilego, por ter ousado augmentar, mudar ou corrigir alguma cousa nos antigos exemplares (1)?»

A Escriptura era, pois, o livro classico da infancia, nos seculos mais chegados ao berço do christianismo. Aos Livros Sagrados juntavam-se os Actos dos Martyres, dos quaes alguns foram contemporaneos dos apóstolos. Não era só nas assembleias publicas e nas igrejas que elles eram lidos: eram o livro da familia. Os maiores santos não cessavam de recommendar o seu estudo, e era tal a veneração e o amor de nossos paes por estes monumentos sagrados, que muitos os traziam comsigo, não podendo separar-se d'elles nem nas suas viagens. D'ahi vem que elles não poupavam despezas, não fugiam a perigos para os obterem.

O mesmo acontecia com as cartas dos soberanos ponti-

rent, quæ populis suis putabant candide detegenda. Et hinc sane colligi potest, multa, quæ nobis quamdam obscuritatis caliginem obtendunt. anti- quis illis temporibus aperta, etiam populo extitisse, utpote talibus audien- dis assuefacto (Præf. in S. Ambr. opp.)

(1) Quis doctus pariter vel indoctus, cum in manus volumen assum- pserit, et a saliva quam semel imbibit, viderit discrepare quod lectitat, non statim erumpat in vocem me falsarium, me clamitans esse sacrilegum, qui audeam aliquid in veteribus libris addere, mutare, corrigere? (*Præf. in quatuor Evang.*)

fices. Lidas nas Synaxes, relidas e commentadas no lar domestico, tornavam-se para paes e filhos uma regra viva de conducta e de fé, e uma fonte de consolações. Accresceram depois as obras dos primeiros santos e defensores da religião (1). Assim, durante os cinco primeiros seculos, classicos exclusivamente christãos para a *infancia christã*, e a infancia mais tempo que hoje no lar domestico: tal é o duplo facto que resalta dos monumentos primitivos do Oriente e do Occidente.

A frequentação das escólas pagãs, a leitura das obras pagãs só começavam n'uma idade mais avançada, depois de estar o menino munido dos melhores preservativos. N'este ponto os detalhes que precedem, e a historia dos mais illustres Padres da Egreja, não deixam dúvida alguma. S. Bazilio e S. Chrysostomo eram adolescentes quando tomaram as lições do rhetorico Libanio; S. Gregorio de Nazianza não era mais novo quando foi mandado primeiro a Cesaréa, depois a Alexandria, e emfim a Athenas; S. Jeronymo, tinha dezoito annos quando veio para Roma estudar grammatica com Donato. Para os adolescentes, mas só para elles eram os classicos pagãos, as escólas pagãs. Não havia outro remedio. O christianismo, privado, á nascença, de toda a litteratura humana, achou a sociedade pagã de posse da litteratura e da sciencia. Aos mestres pagãos pertencia o direito exclusivo de ensinar nas cadeiras publicas. Se alguns christãos queriam ensinar, eram obrigados a servir-se dos auctores pagãos. Com effeito, estes auctores, eram considerados por todos como modelos acabados da eloquencia, da poesia e das lettras humanas. Se os mestres

(1) Cypriani opuscula semper in manu teneat. Athanasii epistolas et Hilarii libros inoffenso decurrat pede. Illorum tractatibus, illorum delectetur ingeniis, in quorum libris pietas fidei non vacillet. Cæteros sic legat, ut magis judicet quam sequatur. (S. Hier. ad Læt. Ep. LVII, t. IV p. 596.)

christãos prohibissem aos seus discipulos o estudo d'estas obras, se elles mesmos as tivessem banido das suas escolas, qual o meio de iniciar os jovens christãos nas sciencias humanas? Que pretexto especioso não teriam tido os pagãos para calumniar a religião? Não a accusariam de barbaria e obscurantismo, como se não pejaram de o fazer os pagãos d'estes ultimos tempos? Os epithetos injuriosos de *bando-de idiotas*, de *seita inimiga das luzes* que lhe prodigalisaram sem fundamento, com apparencia de razão não teriam sido applicados, se ella fechasse aos seus discipulos as unicas fontes então sabidas da sciencia, da eloquencia e da philosophia (¹)? Uma tal opinião arruinaria as escolas christãs, e obrigaria a mocidade *ingenua* a dirigir-se exclusivamente aos doutores pagãos.

É preciso confessar, que era bem triste esta condição dos jovens christãos. Comtudo ella era isenta tanto de perigo como de culpa. De perigo, porque só depois de premunidos perfeitamente contra o veneno das obras pagãs, é que elles faziam uso d'ellas. Tertuliano, testemunha ocular d'esta sábia conducta, usa dos termos seguintes: «Os nossos jovens estão tão seguros como aquelle, que, conhecendo o veneno, apresentado por quem não o conhece, o recebe e não bebe. Desculpa-os a necessidade porque não têm outro meio de se instruirem (²)». De culpa porque era só a necessidade que os determinava a lêr e ouvir obras e mestres do paganismo. S. Jeronymo falla d'esta necessidade, quando condemnando os christãos e sobretudo os ecclesiasticos que liam os auctores pagãos unicamente por prazer,

(¹) Hebetes, stolidi, obtusi, rudes, idiotæ, insensati, indocti, impoliti, inepti, agrestes. (Lucian., *De morte Peregrin.*, p. 338. Latebrosa, et lucifuga natio. Min. Felix. *Octav.*, p. 8.)

(²) (Adolescens) erit tam tutus, quam qui sciens venenum ab ignaro accipit, nec bibit; huic necessitas ad excusationem deputatur, quia aliter discere non potest. (*De anim. vers. fin.*)

desculpa os jovens obrigados a fazel-o: «O que é, diz elle, uma necessidade para a mocidade, elles o mudam em crime, fazendo-o por vontade propria (¹)».

Mas qual era, pois, essa necessidade? Bastante admira que ella seja essencialmente differente do motivo que desde a renascença serve de pretexto para o estudo dos auctores pagãos. Dizem que é para aprendermos a pensar e a sentir bem, que nos fazem estudar Virgilio e Cicero, Homero e Demosthenes. No seu todo, um tal intento seria olhado por nossos paes como um ultrage á religião, e uma especie de apostasia. «Que pôde haver de commum, exclama S. Jeronymo, entre a luz e as trévas? entre Jesus Christo e Belial? Que relação entre David e Horacio? entre o Evangelho e Virgilio? entre S. Paulo e Cicero? Não será um escandalo para vosso irmão o vêr-vos no templo dos idolos? É-nos prohibido o bebermos ao mesmo tempo no calix de Jesus Christo e no calix dos demonios (²)».

Era, como se pratica, ha tres seculos, para fazer admirar aos jovens christãos as riquezas da philosophia pagã e fazer-lhes adoptar algum dos seus systemas? Mas elles chamavam aos philosophos animaes de gloria, aos patriarchas hereticos, e áquelle a quem nós não receiamos chamar *divino*, o auctor de todos os erros que assolavam a Egreja. Iam até mais longe; compunham obras de proposito para

(¹) Absit, ut de ore christiano sonet: *Jupiter omnipotens et me Hercule, et me Castor, et cæteaa magis portenta quam numina. At nunc etiam sacerdotes Dei, omissis evangeliis et prophetis, videmus... tenere Virgilium; et id quod in pueris necessitatis est, crimen in se facere voluptatis, alias voluntatis.* (Epist. ad Damas., *De duob filiis.* Opp., t. IV, p. 153.)

(²) Quæ communicatio lucis ad tenebras? Quis concursus Christo cum Belial? Quid facit cum Psalterio Horatius, cum Evangeliis Maro, cum Apostolo Cicero? Nonne scandalizatur frater, si te viderit in idolio recunbentem? Simul bibere non debemus calicem Christi et calicem dæmoniorum. (*Epist. ad Eustoch.*)

os expõem aelles e aos seus systemas á irrisão publica. Uma tal linguagem na bocca dos Padres provará a intenção de fazer dos jovens christãos, discipulos dos philosophos (1)?

Era, ao menos, como nol-o recommendam hoje, para copiarem os seus oradores, se apropriaram das fôrmas da sua eloquencia, e das qualidades da sua linguagem? Ninguem negará que os antigos Padres da Egreja aprenderam nos livros pagãos as expressões e o estylo, ou porque, antes de elles mesmos terem composto obras sobre as cousas humanas, não existissem modelos; ou porque a maior parte haviam nascido pagãos e só se converteram em idade mais avançada. É para admirar que, filhos de pagãos e pagãos elles mesmos durante uma parte da sua vida, elles aprendessem a linguagem pagã e mesmo a rhetorica pagã que, muitos d'elles ensinaram com distincção? Quanto á eloquencia que faz ainda a sua gloria, não foi, de nenhum modo, nos auctores pagãos que elles beberam o fundo, nem mesmo a fôrma; foi nos Livros Sagrados e principalmente nos prophetas, com os quaes, segundo a energica expressão de S. Jeronymo, uma contínua meditação os havia identificado (2).

A prova maior é que entre a eloquencia dos Padres e a dos oradores pagãos ha, se pôde dizer, a distancia que separa o céu da terra. Quanto a ultima, se faz notar pela arte do rhetorico, a escolha dos termos e a elegancia das phrases, tanto a primeira se distingue pela espontaneidade das expressões, solidez dos pensamentos, energia dos sentimentos, magnificencia das imagens, força e abundancia das provas. Por isso, os *membros espalhados de Cicero, disjecta Tullii membra*, que é facil reconhecer em Quintilliano, por exemplo, em vão

(1) Gloriæ animal et popularis auræ atque rumorum venale mancipium. S. Hier. *Ad Pammach.* ep. LV. Op., t. IV, p. 585. — Patriarchæ hæreticorum. *Id.*, ad *Ctesiphont.* Doleo Platonem fuisse omnium hæreseon condimentarium. S. Iren. *De hæresib.* Hermias, *Irrisio philosophor.*

(2) Quos meditatione diuturna quasi in naturam verterant.

os procurareis em Santo Ambrosio, em S. Maximo, em Santo Agostinho, em S. Cypriano, em S. Leão, em Pedro Chrysologo, e em S. Gregorio. De Isocrates ou Demosthenes tambem nada se acha nos immortaes discursos de Santo Athanasio, S. Basilio, S. Chrysostomo, S. Gregorio de Nazianza, e S. Cyrillo de Alexandria; tudo n'elles está longe da imitação do paganismo, tudo é primitivo, *archetypo* e inspirado pela intensidade da fé e pelo zelo ardente da salvação do mundo.

O que acabo de dizer da eloquencia, applica-se a todos os generos de estylo: historico, epistolar e philosophico. A phrase de Eusebio, Sulpicio Severo, Julio Africano, S. Cypriano, S. Paulino, S. Justino, Origenes e outros escriptores do christianismo, em nada se assimilha ao dizer de Xenophonte, Suetonio, Cicero, Plinio e Seneca. Se, como se pretende, os Padres liam e mandavam lêr os auctores pagãos, para os imitarem, é força confessar que foram bem infelizes. Comtudo, não lhes faltava estudo, saber, nem genio. Que digo eu? Imitavam-nos muito bem quando queriam. Santo Agostinho cita um exemplo d'isso tirado de S. Cypriano, e depois accrescenta: «No numero, na elegancia, na abundancia, esta phrase é admiravel; mas a sua propria riqueza é impropria da gravidade christã. Os que gostam d'esta maneira de escrever, accusam os que a não empregam, de a não poderem empregar: não sabem que é a razão e o bom gosto que os manda abster d'essa linguagem. S. Cypriano mostrou bem que se quizesse lhe seria facil empregar-a, mas não o fez».

S. Jeronymo, não menos excellente juiz n'esta materia do que Santo Agostinho, diz tambem que Lactancio imitou perfeitamente a Cicero, e Santo Hilario a Quintiliano (1).

(1) Lactantius de ira et opificio Dei duo volumina condidit, quos si legere volueris, Dialogorum Ciceronis in eis epitomem reperies... Hilarius meorum confessor temporum et episcopus, duodecim Quintiliani libros et stylo imitatus est et numero. (*Epist. ad Magnum*, op., t. IV, p. 656.)

Esta imitação era uma gloria? De modo nenhum; S. Jeronymo diz: «O que vós admiraes, aborrece-mol-o nós (¹)». Os Padres gregos pensam como os Padres latinos. Se os jovens christãos precisassem de estudar os auctores profanos, para terem estylo e gosto, como nos repetem ha tres seculos, achar-se-ia infallivelmente este preceito em S. Basilio, que compôz uma obra especial a favor da mocidade, para lhe servir de guia no estudo dos auctores pagãos. Ora, o grande doutor, não diz sobre isso, nem uma só palavra! Conheceis cousa mais eloquente que tal silencio?

Mas, emfim, dizeis vós, qual era, pois, o fim que se queria attingir, permittindo-se aos jovens christãos a leitura de obras, e a frequencia de aulas pagãs? Que vantagem se queria d'ahi tirar? Vós haveis de convir que, aos olhos de homens sisudos e religiosos, como nossos paes, o fim havia de ser serio e a vantagem tal, que compensasse os gravissimos perigos que de tal estudo podiam sobrevir, apesar de todas as precauções. Sem uma necessidade imperiosa, um pae não entrega um filho querido aos perigos d'um mar revolto. É mais uma prova de que para elles se tractava de outra cousa, que não a pueril vantagem de crear rhetoricos ou academicos.

Tractava-se para seus filhos: 1.º, de conhecerem a historia do seu paiz, e dos outros povos, cujos archivros, escriptos por mãos pagãs, pertenciam aos pagãos; 2.º, de se iniciarem nas artes, nas sciencias physicas, naturaes e medicas, cujo monopolio pertencia tambem aos pagãos; 3.º, de darem ao christianismo, herdeiro de tudo, as verdades que o paganismo, audaz usurpador, se tinha apropriado, e que, depositario infiel das tradições primitivas, tinha desfigurado; 4.º, de se servirem, como S. Paulo, de maximas, exemplos

(¹) Hoc quod vos miramini, jam contempsimus. (*Epist. ad Pammach.*)

e auctoridade dos poetas, dos sabios e dos philosophos pagãos, ou para se animarem na practica de alguma virtude, ou para tornarem mais accessiveis á razão, as verdades e os preceitos da fé, ou, como diz Santo Agostinho, para que os seus vasos de ouro e prata, tirados aos egypcios e dados aos Israelitas, servissem para ornamento do tabernaculo; 5.º, de conhecerem bem os erros e systemas dos pagãos, para os refutarem, porque, qual o meio de se vencer um inimigo cuja tactica que se não conhece?

Tal era o grande, o unico interesse dos christão illustrados. Postos, desde o berço, em face dos infatigaveis inimigos da sua religião, não se viam obrigados a combatel-os noite e dia? Ora, para attingirem este fim, ou antes para cumprirem este dever, precisavam de saber a sciencia e a lingua dos pagãos, e fallal-a com certa pureza para não serem taxados de barbaros, e para conseguirem que lhes prestassem alguma attenção.

Sobre os motivos de fazer estudar á mocidade os auctores pagãos nos primeiros seculos da Egreja, acabaes de ouvir S. Basilio, Santo Agostinho, S. Justino, Taciano, Clemente de Alexandria, Hermias, S. Jeronymo, e com elles, todos os guias mais illustrados dos jovens christãos (1). Do

(1) S. Basilio, *De legendis gentilium libris*, t. II, p. 2, p. 243, onde diz: *Hæc quidem etsi perfectius in nostris libris condiscimus, at certe quantum adumbrandæ nunc virtuti satis est, tantum ex documentis externis ruidius delibamus.* S. Aug., *De doct. christ.*; S. Just., *Dialog. cum Thrypho.*; Tatian.; *Contra gentes*; Clem. Alexand., *Strom. 1*, onde se exprime assim: *Quæ est ex fide veritas, necessaria est ad vivendum. Quæ autem præcedit disciplina (profana eruditio) est obsonio similis et bellariis: desinente cœna, suavis est placentula.* Hermias. *Irris. philosoph.*; S. Hier., *Epist. ad Magnum*, opp., t. IV, p. 64, em a qual se acha a seguinte notavel passagem: *Quæris cur in opusculis nostris, sæcularium litterarum interdum sociamus exemplo, et candorem Ecclesiæ ethnicorum sordibus polluamus? Breviter responsum habeto. Quis enim nesciat et in Moyse et in prophetarum voluminibus quædam assumpta de gentilium libris?...* Sed et Paulus apostolus Epimenidis poetæ abusus versiculo et scribens ad

seu unanime ensinamento, resulta esta conclusão inatacavel: que os primeiros christãos estudavam o paganismo nas lettras e nas sciencias, não para o imitarem, isto é, para o perpetuarem, quanto ao fundo ou quanto á fórma, mas para tomarem d'elle, o que era util á gloria ou defeza da religião. Assim, se a Egreja estudou o paganismo na arte foi só para se apoderar d'elle e fazel-o servir de elemento á arte christã; e se estudou tambem os seus systemas religiosos e philosophicos, foi para os reduzir a pó.

Titum: *Cretences, semper mendaces, malæ bestiae, ventres pigri...* Et apud Athenienses in Martis curia disputans, Aratum testem vocat: *Ipsius enim et genus sumus*. Ac ne parum hoc esset, ductor christiani exercitus et orator invictus pro Christo causam agens, etiam inscriptionem fortuitam, arte torquet ad argumentum fidei. Didicerat enim a vero David, extorquere de manibus hostium gladium, et Goliæ superbissimi caput proprio mucrone truncare. *Ad Pammach.*, opp., t. IV, p. 585, onde se exprime assim: Christum scimus sapientiam. Hic thesaurus in agro Scripturarum nascitur... Sin autem adamaveris mulierem captivam, in est, sapientiam sæcularem, et ejus pulchritudine captus fueris, decalva eam, et illecebris crinium atque ornamento verborum cum emortuis unguibus seca. Lava eam prophetali nitro, et tunc requiescens cum illa dicito: *Sinistra ejus sub capite meo, et dextera illius amplexabitur me, et multos tibi fœtus captiva dabit, ac de Moabitide efficietur Israelitis.*

CAPITULO V.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Serios motivos tiveram, pois, os Padres, para fazerem estudar á adolescencia christã os auctores do paganismo, e permittirem-lhe frequentar as suas escólas. Comtudo, cousa digna da mais séria attenção: os proprios Padres, não concordam entre si. Conforme o espirito das constituições apostolicas, o maior numero pronunciou-se formalmente contra esta instrucção, pelo perigo que fazia correr á fé e aos costumes. Outros pensam que os adolescentes se podem entregar a ella, mas, com reserva e grandes precauções.

Em nome dos que a auctorisam, escutemos Tertuliano, S. Gregorio de Nazianza e S. Basilio; depois ouviremos os que a prohibem.

«Quando um menino, diz Tertuliano, creado na fé, vem á escóla (d'um mestre pagão) deve estar *prevenido contra o erro*. Preservar-se-ha; aprenderá a *lettra* que lhe é util, e desprezará a doutrina impia e mentirosa.»

«É sentimento commum de todos os homens de bom

senso, diz tambem S. Gregorio de Nazianza, que a instrucção é dos melhores bens que o homem pôde receber. E eu não fallo só d'esses conhecimentos n'uma ordem de cousas sobrenatural, que podem ser extranhos a todos os ornatos de linguagem... Tenho tambem em vista essa instrucção fóra da fé, e dos seus dogmas, esses conhecimentos que a *maior parte* dos christãos consideram *vãos e illusorios, cheios de perigos*, servindo só para desviar as almas de Deus; e que, por isso, elles *desprezam e aborrecem.*»

O desaccordo que mostramos vae diminuindo á medida que o christianismo estende o seu imperio e se multiplicam os seus livros, e por conseguinte á medida que vão perdendo valor os motivos de estudar o paganismo e de aproveitar alguma cousa d'elle. Assim, nós vemos o proprio S. Gregorio de Nazianza, que se mostrára tão favoravel ao estudo das letras pagãs, modificar a sua opinião, e no fim da vida escrever estas palavras a um amigo seu, Adamancio, que lhe pedia livros de litteratura: «Os livros que tu, tornando a menino, para aprender rhetorica, me pedes, pul-os eu de parte, depois que, *obedecendo á inspiração divina*, lancei os olhos ao céu. Era preciso que tivessem fim todos os brincos da infancia; era preciso cessar de balbuciar, para aspirar, enfim, á verdadeira sciencia e sacrificar ao *Verbo* todos esses discursos frivolos, como tudo o que então me encantava. Mas tu, visto que nada te poderá dissuadir do teu intento, visto que resolveste dar a preferencia ao que deve ter segundo logar, ahí tens os meus livros. Mando-te os que escaparam aos vermes e ao fumo, porque os pendurei por cima da lareira, como o piloto, que se retirou do mar, suspende o leme. Aconselho-te, comtudo, que estudes os sophistas amplamente. Adquire todos os conhecimentos necessarios e reparte-os com a mocidade, com tanto que o temor de Deus domine *todas estas vaidades.*»

Mas eis do mesmo padre cousa mais grave. No elogio

de Santo Athanasio, Gregorio, levado d'uma justa admiração pelo generoso defensor da fé, louva-o sem restricção por ter abandonado cedo a cultura das lettras e sciencias humanas. «Foi educado, diz elle, nos bons costumes, e iniciado nas lettras e sciencias; mas, logo que soube bastante para não parecer *inteiramente inculto* e ignorante n'esta ordem de cousas, dedicou-se todo á meditação dos Livros Sagrados.» Que differença entre esta linguagem do Santo Doutor e a de algumas passagens das suas cartas!

O seu amigo Basilio soffreu a mesma influencia. Depois do Baptismo, peza-lhe o tempo que gastou em estudos litterarios e philosophicos: «Eu despertei, diz elle, como de profundo somno; e, apenas o Evangelho me illuminou, conheci a vaidade da sabedoria humana. . . . «Depois que me entretenho com Moysés e Elias, escreve elle a Libanius, e que recebo da sua lingua barbara as lições que devo transmittir a meus irmãos, esqueci completamente o que em vossas escolas aprendi.» Pela influencia de taes homens na Egreja, pôde-se julgar da disposição geral dos espiritos antes do fim do seculo IV.

Começado o seculo V, estabeleceu-se o accordo sobre esta grande questão. Tinha-se, emfim, visto os perigos do ensino profano, e o bom fundamento da repugnancia da maior parte dos christãos, como diz S. Gregorio. Comprehendia-se, que se não podia esperar o triumpho completo do christianismo sobre a idolatria e a depravação dos costumes gregos e romanos, em quanto a mocidade das escolas, alimentasse a sua imaginação, e tomasse a regra dos seus juizos no estudo das obras da antiguidade. Nova moral, novas leis, um novo mundo, emfim, não podiam sahir, pela educação, senão d'uma nova litteratura. «Como era possivel, diz um philosopho moderno, alliar o christianismo com a herança dos antigos povos? As velhas tradições, a lembrança das grandes acções e dos grandes homens que tinham passado, tudo at-

trahia os *espiritos n'um sentido*, e o christianismo com as suas promessas *n'um outro*.»

Suscitou Deus tres grandes athletas, os Santos Chrysostomo, Jeronymo e Agostinho, para fecharem os debates, acabando com a escola pagã e abrindo uma nova era. Todos tres atacam o paganismo classico, exactamente pelos pontos que o téem feito estimar tanto desde a renascença. Inutil como philosophia, vão como litteratura, perigoso como moral.

«Que mal, exclama o primeiro, nos virá, se ignorarmos as bellas lettras (isto é a litteratura profana)? Não é só entre nós, que nos rimos d'esta vã sabedoria, que ás *lettras* se não dá apreço. Philosophos que nos não pertencem não fazem caso d'isso..... O que não impediu que adquirissem uma justa celebridade.... Quão dignos de censura não seriamos nós, pois, se allumiados pela fê, fizéssemos tanto caso d'um talento desprezado por aquelles que só se nutrem de vento! Os apostolos, e outros que não estudaram esta litteratura, converteram o mundo, em quanto que dos philosophos, nenhum chegou ainda a converter um tyranno....» Depois de expôr todos os perigos d'este estudo, accrescenta: «Não seria uma crueldade lançar no meio de tantos inimigos, pobres creanças, incapazes de se defenderem de si proprias (1)?»

O segundo parece ter escripto o seu admiravel tractado *De doctrina christiana*, para fazer com que os jovens christãos odiassem o paganismo classico. «Com effeito, diz M. Lallanne, no meio dos excellentes conselhos que o santo doutor dá sobre a eloquencia, admira sua reserva em não citar nenhum escriptor profano.... Em vez de aconselhar, como ainda fazem os nossos rhetoricos, as obras de Cicero e Demosthenes, passa-as inteiramente em silencio, e accrescenta: «Não nos faltam escriptores ecclesiasticos, independentemente d'aquelles que o Espirito Santo inspirou, de cujas obras um

(1) *Adv. oppugn. vit. monast.*, lib. III, n. 12, 13, opp. t. I, p. 118-121.

homem capaz saberá tirar sem esforço, modelos de eloquencia, e só terá de se exercer em escrever e dictar, e em falar, finalmente, como a piedade lh'o inspirar (1)»

Quanto a S. Jeronymo, foi, como se sabe, o Origenes do seu tempo, o sabio em que, de algum modo, se resumia toda a sciencia ecclesiastica dos tempos passados. Tivera excellentes estudos com mestres pagãos, e já era muito instruido quando se dedicou ao serviço da religião. Na força da idade, e no meio dos mais serios trabalhos litterarios, escreveu ao papa Damaso, a proposito d'um versiculo da parabola do filho prodigo, onde se diz que este mancebo desejava, para matar a fome, as cascas que se deitavam aos porcos: «Póde-se entender, pelo sustento dos porcos, a poesia, a falsa philosophia do mundo, a vã eloquencia dos oradores. A sua agradavel cadencia e harmonia, afagando o ouvido, apoderam-se do espirito e encantam o coração; mas, depois de se terem lido com applicação as obras d'este genero, sente-se só uma especie de atordoamento. E não nos illudamos, dizendo que não crêmos nas fabulas de que vem cheios esses livros. Esta razão não nos justifica, porque sempre escandalisamos os outros que julgam crêmos nós no que lêmos (2).»

Resumindo esta discussão sobre o paganismo classico nos primeiros seculos, diremos com o sabio auctor já citado: «Depois d'esta grande e miraculosa revolução, operada por homens taes que se póde dizer: *Infirma mundi elegit Deus ut confundat fortia*, o christianismo apresenta-se na pessoa dos seus propagadores com todo o prestigio que o paganismo admirava nas lettras e sciencias. Era o vencedor que se revestia das armas de seu inimigo vencido; precisou d'ellas um instsnte, para defeza e ataque; serviu-se d'ellas e exhortou os seus a manejarem-nas. Mas, em breve, sentin-

(1) De Doctr. christ., lib. IV, n. 4-7.

(2) Ep. 146 ad Damas., De Duo. filiis. Lalanne, pag. 102.

doque era armadura extranha, que lhe ia mal e o feria, despiu-a peça por peça, não fazendo mais caso d'ella. Em presença do colosso da barbaria, entrou na liça com os seus trajes mais simples, com a cruz por unica arma, como o joven pastor que ia com uma funda derribar um gigante: ambos tinham posto a sua confiança em Deus (¹).

A partir do seculo VI até meio do XV, geralmente fallando, não se fez uso, ou só de modo muito secundario, dos auctores pagãos na educação da mocidade. «Ao entrarmos no seculo V, encontramos deante de nós tres grandes homens, discipulos do seculo IV, herdeiros de toda a sua sciencia philosophica e litteraria, dignos de fecharem essa brilhante legião de intelligencias escolhidas, que tanto tinham illustrado a Esreja. Nós vimol-os dar, de algum modo, á posteridade o signal d'essa grande deserção dos templos litterarios da Grecia, do Portico, da Academia de Athenas e do Museu, assim como de Corintho e Paphos, e, com mão animosa, precipitarem o mundo em noite momentanea, para lhe fazer perder de vista os falsos clarões que o enganavam (²).»

A Providencia favorecia a sua acção com os grandes acontecimentos que então se deram. O imperio romano, com seus monumentos, as suas artes, a sua litteratura cahia aos golpes dos barbaros. Ao mesmo tempo um grande pontifice creava uma nova litteratura, expressão perfeitamente pura da sociedade christã, unica que ficára de pé entre as ruinas. Este pontifice foi S. Gregorio, de que teremos muitas vezes occasião de fallar.

(¹) Id., pag. 108.

(²) Id., ib.

CAPITULO VI.

SEGUNDA ÉPOCHA.

Acabamos de vêr qual foi o systema de instrucção litteraria seguido pelos christãos durante a primeira época, isto é, durante os cinco primeiros seculos da Egreja. Vamos estudal-o na segunda época que comprehende toda a edade média.

Interrogando com cuidado os monumentos que nos restam, vêmos que se segue o mesmo methodo, a não ser que os auctores pagãos são menos ou nada lidos. Com effeito já não tem o mesmo valor a razão de os estudar.

O paganismo greco-romano é vencido, nos seus tyrannos e nos seus philosophos, nas ideias e nos factos. Desappareceu o motivo christão de lêr os seus auctores: ainda se não inventou o pretexto mundano de os estudar. Senhora do campo de batalha, a Egreja, póde cumprir, em toda a sua plenitude, a grande missão que lhe foi dada, de renovar a face da terra. Ao redor d'ella apinham-se os robustos filhos

do Norte, vencedores semi-selvagens do mundo antigo. Este duro granito, é preciso polil-o; estes feros Sicambros, é preciso civilisal-os; este é o seu unico cuidado; esta será a sua gloria.

Ora, ella sabe que a civilisação não é senão o christianismo applicado ás sociedades; sabe que esta applicação, para ser real e duradoira deve primeiro dirigir-se á infancia; sabe que a infancia é formada pela educação; sabe que a educação depende do molde em que se vasam as gerações; sabe, emfim, que o rude elemento que tem de ageitar, só o pôde ser pela acção exclusiva, forte e constante do christianismo.

O pensamento dominante d'estes grandes seculos, acha-se todo nas palavras notaveis d'um santo, que exerceu alta influencia sobre a orientação dos espiritos: dir-se-hia uma nova promulgação das constituições apostolicas. Na Vida de Santo Eloy, seu collega no episcopado, Santo Ouen, bispo de Ruão, exprime-se assim: «Que proveito tiramos nós da leitura dos diversos grammaticos, que mais parecem derrubar que er-guer? De que nos servem, em philosophia, Pythagoras, So-crates, Platão e Aristoteles? De que utilidade são para os leitores os tristes cantos de poetas criminosos, como Homero, Virgilio e Menandro? Que podem dar á familia christã esses fazedores de historias pagãs, Sallustio, Herodoto e Livio? Que arte oratoria de Lysias, Graccho, Demosthenes ou Tul-lio, pôde comparar-se com as puras e bellas doutrinas do Christo? De que nos serve a habilidade de Flacco, Varrão, Democrito, Plauto, Cicero e outros que acho escusado enu-merar aqui?» Vit. B. Elig. Prol.

Durante esta segunda época todos os classicos são chris-tãos. Pensa-se tão pouco em negar este facto importante, qua elle tem servido de texto eterno ás muitas exprobações que se lançam, ha tres seculos, a nossos avós. Depois se examinará este texto: continuemos.

A lingua latina, permaneceu muito tempo como lingua

vulgar dos antigos Europeus (1); no seculo IX parece que o grego era ainda geralmente conhecido (2). Graças a esta feliz circumstancia, a infancia podia estar mais tempo que hoje á sombra do tecto paterno. Alli, como nos primeiros seculos, era ella fortemente alimentada com a *leitura dos Livros Sagrados, dos Actos dos Martyres, das obras dos Padres*, das legendas dos santos, das narrativas tão singelas e ao mesmo tempo tão épicas dos grandes feitos de cavalleiros, cruzados, peregrinos e illustres fundadores de ordens religiosas, cujo nome era tão popular como sublimes tinham sido as suas obras. Isto provam-no os monumentos contemporaneos e prova-o o cunho tão profundamente religioso da linguagem e dos habitos mais simples da gente do campo e da cidade, d'então.

Nem só no lar domestico lia a infancia estes classicos admiraveis. Achava-os escriptos com brilhantes caracteres nas vidraças das Egrejas e nas pinturas das suas paredes. Como n'aquelle tempo tudo ia á Egreja, e a miude, essa leitura era verdadeiramente a leitura classica popularisada. D'ahi, o uso consagrado ainda hoje em muitas familias, de ensinar a lêr os meninos na Biblia com imagens. D'ahi, tambem, esse outro uso, conservado em certas partes da Europa, de lêr, ás noites, principalmente de inverno, os Actos dos Martyres, deante da familia.

Deixando a familia, a mocidade destinada á cleresia entrava nas escólas publicas. Sabe-se, com effeito, que n'essa época, chamada barbara, o sólo da Europa estava coberto de

(1) Il latino idioma era in gran parte vivente, e s'intedeve e parlava generalmente per tutta l'Europa, ed in esso scrivevansi le carte pubbliche, le leggi, e i libri privati, del qual commune latino linguaggio dei saggi fino ai di nostri ne restano in Germania, in Ungheria, in Polonia. (Battini, t. I, c. XIII, p. 166.)

(2) Em Poitiers assignavam-se autos em grego no seculo IX. Mém. de la Soc. des antiq. de l'Ouest, 3º vol.

escólas estabelecidas, ou em presbyterios de campo, ou em mosteiros, ou em cathedraes, ou nas casas episcopaes (1). Alli, reunia-se a infancia das differentes classes da sociedade; todos alli recebiam uma educação commum, qualquer que fosse a carreira que intentassem abraçar. Quereis saber que livros se lhes punham nas mãos? -Lêde as bellas cartas de S. Jeronymo a Leta, e a Eustochio: eram o directorio dos estudos, e vereis com que admiravel fidelidade a idade média conservava as regras pedagogicas dos primeiros seculos da Igreja.

Começava-se, ou antes, continuava-se a educação começada no lar domestico, pela litteratura ecclesiastica, isto é, pela historia e doutrina da religião. Os principaes classicos eram os Actos dos Martyres, ou, como então se dizia, *o livro das paixões, Liber passionum*; livro mais capaz que nenhum outro, de desenvolver com energia na alma dos meninos, todos os nobres sentimentos de fé, generosidade e coragem, que fazem os grandes caracteres e os grande povos. D'ahi vem que este livro de ouro, era posto no logar de honra das melhores bibliothecas. Este testemunho de respeito era mais uma conformidade com o uso dos primeiros christãos, que não recuavam deante de despeza alguma, deante de perigo algum, para obterem os Actos dos Martyres, que liam com assiduidade.

Uma das glorias da Gran-Bretanha, Acca, successor do illustre Wilfrid, arcebispo de Cantorbery, tornou-se celebre pela grande bibliotheca que reuniu. Sabeis qual é o primeiro livro mencionado por seu immortal historiador? Os Actos dos Martyres (2).

(1) Thomass., De la discipl., etc., des écoles, pag. 240 e seg.

(2) Sed et historias passionum una cum cæteris ecclesiasticis voluminibus summa industria congregans. amplissimam sibi et nobilissimam bibliothecam fecit. Beda, lib. V, c. xxi; dom Ruinart., *Act. martyr.*, Præf., p. 2 e 3.

Ao Livro das Paixões, juntava-sà a Sagrada Escripura e os Psalmos principalmente, que se aprendiam de còr, como hoje as fabulas de Phedro ou a *Arte poetica* de Horacio. A historia detalhada de algumas *educações* não deixa dúvida sobre a universalidade do systema.

Limitemo-nos a alguns exemplos, tomados ao acaso nos differentes povos da Europa. S. Bonifacio, escrevendo a vida de S. Livino, conta assim a maneira como elle foi educado: «Este menino, dotado de excellentes disposições, escolheu a vida contemplativa e viveu com S. Benigno, padre escóssez, homem de distincto nascimento. Procurando ser instruido por este padre na *melodia dos Psalmos*, na *doce leitura* dos Santos Evangelhos, e outros divinos exercicios, passou a infancia como desejava, de modo que, como se estivesse n'um immenso jardim de belleza toda celeste, crescia todos os dias, passando por todos os graus da virtude. Ajudado por sua subtil intelligencia e pela graça, nenhuma difficuldade achava no estudo de tantas cousas divinas, nem na *practica dos exemplos dos justos* (1)».

Conta-se de S. Patrick, que a mãe do joven Lananus, lhe trouxera o filho para o instruir nas letras, e o menino, confiado pelo santo homem, ao bemaventurado Cassano, aprendeu *em pouco tempo todo o Psalterio*, e foi depois homem de vida exemplar (2).

Fallando do joven Leobard, de illustre familia, S. Gregorio de Tours, diz que, sendo tempo, foi mandado para a escóla, onde aprendeu *de còr todo o Psalterio* (3). O mesmo

(1) Vit. B. Livin., p. 258.

(2) Ages de Foi, p. 225.

(3) Quid tempore debito ad scolam cum reliquis pueris missus quempiam de psalmis memoriae commendavit, et nesciens se clericum esse futuro, jam ad dominicum parabatur innocens ministerium. *Vit. Patr.*, c. 20.

se diz de S. Nizier, bispo de Leão, que prestou o mesmo serviço a outros meninos (1).

No estudo dos Livros Sagrados, tinha-se essa prudencia recommendada por S. Jeronymo a Leta. Penetrada de respeito pela infancia, a Egreja affastava d'ella, até nos Livros Sagrados, tudo o que podésse intimidar-lhe a innocencia, ou fatigar-lhe a imaginação, e as obras dos Padres serviam ao mesmo tempo de modelos de eloquencia e commentarios dos Livros Sagrados. Aqui, ainda a mesma marcha, que nos primeiros seculos da Egreja (2).

Os tractados das sciencias e artes, explicavam-se depois. Mas, segundo o grande principio de ordem e de luz, que a religião é no mundo o que é o sol no firmamento, o centro em volta do qual tudo gravita, as sciencias e artes eram estudadas, não como fim mas como meio; como meio, não de bem-estar, mas de aperfeiçoamento espiritual e temporal, e de utilidade para a religião. Assim, vemos que, nas sábias es-

(1) Id., *ibid.* — Só conhecemos uma excepção a este methodo: é a educação de S. Fulgencio; explica-se pelas intenções de seus paes sobre o futuro de seu filho e pelas circumstancias particulares da sua infancia. Thomass. «*supra.*»

(2) *Discat primo Psalterium, his se canticis avocet; et in Proverbiis Salomonis erudiat ad vitam. In Ecclesiaste consuescat. quæ mundi sunt calcare. In Job virtutis et patientiæ exempla sectetur. Ad Evangelia transeat, nunquam ea positura de manibus. Apostolorum Acta et Epistolas, tota cordis imbibat voluntate. Quumque pectoris sui cellarium his opibus locupletaverit, mandet memoriæ Prophetas, Heptateuchum, et Regum, et Paralipomenon libros, Ezræ quoque et Esther volumina. Ad ultimum sine periculo discat. Canticum canticorum, ne si in exordio legerit, sub carnalibus verbis, spiritualium nuptiarum epithalamium non intelligens vulneretur. Caveat omnia apcrypha. Hier. Ep. ad Læt. opp., t. IV, p. 596. — Merito isti libri, prohibiti sunt legere carnalibus, hoc est, Heptateucum et Canticorum: ne dum eos spiritualiter nesciunt, libidinis ac votuptatum incitamento solvantur. S. Bened. Regul., c. vi, 7. — Indubitanter ascendamus ad divinam Scripturam per expositiones probabiles Patrum. Cassiod. ap. Sur., 28 nov. Baron., an. 562, n. 13.*

cólas de Inglaterra, fundadas pelo illustre Theodoro, a geometria, a astronomia e as mathematicas em geral, eram ensinadas, debaixo do ponto de vista religioso, com tal rigor, que se chamavam geometria, astronomia e mathematicas *ecclesiasticas*. O mesmo se dava com a pintura, a esculptura, a architectura e a poesia; porque todas foram inventadas para gloria de seu auctor (¹)

Ensinavam-se, tambem, as linguas estrangeiras, ou para se aproveitarem os thesouros de sciencia religiosa dos differentes povos, ou para se poder prègar o Evangelho no Oriente e no Occidente: e por este duplo motivo eram ellas objecto de particular cuidado. Muitos as fallavam como a sua lingua materna. A historia consignou este facto: que o rei Gontram foi recebido em Orleans por uma multidão de mancebos que, cantavam os seus louvores, uns, em syriaco, outros, em latim, e outros, em hebraico (²). O latim fallava-se principalmente em Roma, no palacio de S. Gregorio, com admiravel perfeição (³).

(¹) Et quia litteris simul ecclesiasticis et sæcularibus abundanter ambo (Theodorus et Adrianus) erant instructi, congregata discipulorum caterva, scientiæ salutaris quotidie flumina in rigandis eorum cordibus emanabant; ita ut etiam metricæ artis, astronomiæ et arithmeticiæ ecclesiasticæ disciplinam, inter sacrorum apicum volumina suis auditoribus contradarent. Beda, lib. IV, e 1-2.

(²) Processit ei obviam immensa turba cum signis atque vexillis, canentes laudes, et hinc lingua siryaca, hinc Latinorum, hinc etiam ipsorum Judæorum in diversis laudibus varie concrepabat. S. Greg. Turon., *Hist.*, lib. VIII. c. 1.

(³) Videbantur passim cum eruditissimis clericis adhærere pontifici (S. Gregorio magno) religiosissimi monachi. . . Tunc rerum sapientia Romæ sibi templum visibiliter quodammodo fabricarat, et septemplicibus artibus veluti columnis nobilissimorum totidem lapidum, apostolicæ Sedis atrium fulciebat. Nullus pontifici famulantium barbarum quodlibet in sermone vel trabeata latinitas suum latium in ipso Latiali palatio singulariter obtinebat. Refloruerunt ibi diversarum artium studia. Joan. diacon. in *Vit. S. Greg.*, lib. I, c. 12-13.

Depois veremos o concilio de Vienna ordenar a erecção de cadeiras de todas as linguas orientaes nas differentes universidades da Europa. Nada digo das sciencias moraes, e principalmente da philosophia, porque é evidente que eram olhadas todas como servas da theologia: assim lhes chama S. Thomaz, cujas obras, como as dos doutores da idade média, são a magnifica prova d'esta magnifica definição.

Eis aqui, emfim, o programma dos estudos, n'esses seculos chamados barbaros. Traçado por Marcianus Cepella, rhetorico africano do seculo V, e vindo da mais remota antiguidade, este programma permaneceu invariavel durante doze seculos. «Aos dez annos começavam os estudos em regra; dividiam-se em dois periodos, de cinco annos cada um. Durante o primeiro, percorria-se o *trivium*, que comprehendia a grammatica, a dialectica e a rhetorica: por muito tempo estes estudos, não foram depreciados, por se chamarem modestamente *triviaes*. A grammatica, pertencia o estudo das linguas. Cultivam-se por toda a França, todas as linguas sábias, sem se exceptuarem as linguas orientaes. A dialectica, precedia sábiamente a rhetorica, que não era então o que depois se tornou, uma arte de dizer ideias, que só mais tarde se terão.

«Segundo a aptidão e os progressos dos discipulos, ao *trivium* succedia o *quadrivium*, que os iniciava na arithmetica, na geometria, na astronomia e na musica. Todos estes elementos dispersos se uniam syntheticamente. Segundo os antigos, a educação do homem, como a formação do mundo, reduzia-se a duas cousas: a palavra e o numero, e a dois grandes fins, eloquencia e sabedoria.

«Tres caminhos levavam á eloquencia «arte de fallar correctamente, de pensar recto, e de dizer bem; ou, a palavra elaborada pela grammatica, afiada pela dialectica, expressa e embellezada pela rhetorica: o verbo na sua pureza, na sua força e na sua belleza; tal era a eloquencia.

«Era preciso um caminho mais longo e mais arduo, para chegar á sabedoria ou á sciencia, cousas identicas. Tudo, porém, se resumia ao numero; mas havia o numero transformando-se em combinações infinitas, a arithmetica, representada pela unidade; havia o numero abstracto, absoluto, immutavel na extensão ideal, ou a geometria, que tinha por emblema o binario; havia o numero movendo-se atravez dos espaços creados, e arrebatando os corpos celestes; a astronomia, que tinha por symbolo uma esphera. Emfim, ás sete cordas da lyra, faltava ainda uma. Quando, pois, todos estes accentos resoavam juntos, a harmonia despertava na alma, a musica apparecia, como esses concertos que Pythagoras ouvia nos mundos longinquos e no fundo da sua alma. Era esse o complemento do homem, a consummação da sabedoria. Assim se formava essa escada do desenvolvimento humano, cujos signaes eram a palavra e a sabedoria, e cujos degraus eram essas artes liberaes que constituíam o homem elevado ao seu verdadeiro valor, o sabio eloquente: *Vir bonus dicendi peritus* (¹).»

(¹) D: Pitra, Vida de S. Leger, pag. 63. Greg. Tur., Hist. franç., lib. IX, 19. Galland Bibl. pp., t. XI, p. 161. — O mesmo plano d'estudo se encontra com novos desenvolvimentos, na *educação* das letras divinas, de Cassiodoro. Este illustre senador romano, consul, prefeito do pretorio, depois de 50 annos de trabalho no governo do reino d'Italia, abraçou a vida monastica aos 70 annos, e ainda trabalhou perto de 30, para legar aos seculos futuros os thesouros da antiguidade litteraria. No seu plano de estudo, ou antes no seu programma d'uma universidade catholica, é dominante a sciencia de Deus e das cousas divinas. Todas as sciencias humanas servem para conduzir áquelle ponto e merecem por isso ser cultivadas.

Primeiro que tudo vem a Escriptura com os principaes commentarios dos Padres da Egreja. Seguem-se, apoz a Escriptura e os Santos Padres, as actas de quatro concilios geraes: de Nicea, de Constantinopla, d'Epheso e de Chalcedonia. N'este logar aconselha Cassiodoro a leitura das diversas historias que téem relação com a Religião, taes como as *Antiguidades Judaicas*, por Josepho; a *Historia Ecclesiastica*, d'Euzebio, a de Sozomeno, de Theodoreto, d'Orose; os *Catalogos dos homens illustres*, de S. Jeronymo, e principalmente as *Vidas dos padres e os Actos dos Martyres*. A

O que são, na profundidade e harmonia, os modernos systemas de instrução, ao pé d'este? Comtudo, era este o molde commum, onde se vasavam todas as intelligencias. Vinham depois os conhecimentos especiaes a cada situação da vida: eram dados nas universidades.

Emfim, até a litteratura pagã, segundo as regras de prudencia dos Padres da Egreja, era estudada na idade conveniente, para que os despojos do Egypto servissem para ornamento do santuario. Assim, por um lado, só a adolescencia, e nunca a infancia, tocava n'esse vaso de bello exterior, mas cheio de veneno; por outro lado, a adolescencia e os proprios mestres só o tocavam com grandes precauções (¹).

Se, em algum logar, se deixava de seguir estas regras, cuja muita prudencia é attestada pelos males que hoje sofremos, logo as reclamações e os gritos de alarma se faziam ouvir. Era advertido o Summo pontifice, o grande sentinella de Israel; tudo tornava a entrar na ordem, e a Europa continuava a procurar o bello, na mesma fonte que lhe dava o verdadeiro, o bom e o justo (²).

Cosmographia e a Geographia, visto que podem ser uteis á Religião, são por isso recommendadas por Cassiodoro, bem como o estudo dos melho- res geographos. Elle aconselha o estudo das letras profanas, mas moderadamente e *com o fim de tirar d'ellas soccorros para a intelligencia dos livros sagrados.*

Para completar o seu trabalho da *educação das letras divinas*, Cassiodoro ajuntou o *Tractado das sete artes liberaes* com o fim d'aperfeiçoar o homem e de o elevar até Deus. (Vide *Histoir Uuniv. de l'Égl.*, t. IX, 178-189.)

(¹) Eis aqui o que diz S. Gregorio de Tours, ácerca de S. Outrille, destinado a viver na cõrte do Rei Gontram: *Cum in pueritia sacris litteris fuisset institutus, in obsequio regis deputatur a patre. Vit. Patr., lib. IV, c. 46.* E do filho d'um senador: *De operibus Virgilii, legis Theodosianæ libris arteque calculi adprime eruditus est, id. — Gentilium libros vel hæreticorum volumina monachus legere caveat. Melius est enim eorum pernicioso dogmata penitus ignorare, quam per experientiam in aliquem laqueum erroris incurrere. S. Bened. Reg., c. IX. — Omnes omnino pontifices a lectione librorum gentilium Gregorius inhibebat. Joan. diac. in Vit., lib. III, c. 33.*

(²) Gravissimo dolore permotus, escreve o illustre Cassiodoro, quod

Terminemos por algumas particularidades uteis de se saber, principalmente hoje. Os ecclesiasticos, os bons monges, geralmente votados á educação da mocidade, faziam-no com uma abnegação com a qual nada se parece a conducta dos homens de profissão, que especulam com a instrucção official.

ABNEGAÇÃO EM INSTRUIREM-SE. A vida do ecclesiastico, ou religioso, destinado ao ensino, era vida de estudos. Nenhum cuidado da existencia, nenhuma preocupação das necessidades da vida lhe vinham ao pensamento: toda a sua vida era rezar e instruir-se, para santificar e instruir seus irmãos. Os santos canones, as regras dos mosteiros ordenavam-lh'o como um dever de consciencia. Á falta de outras provas, isto só bastaria para demonstrar a superioridade do seu ensino (1).

Scripturis divinis magistri publici deessent, dum majori laude humanæ litteræ edocerentur... nisus sum cum beato Agapito urbis Romæ ut sicut apud Alexandriam... et in Nisibi civitate... collatis expensis in urbe Romana professos doctores scholæ potius acciperet christianæ. unde anima susciperet aeternam salutem et casto atque purissimo eloquio fidelium lingua comeretur. — Elle não prohibe inteiramente as letras profanas, mas quer que ellas occupem um logar secundario e que se continue como até então a alimentar a infancia com a Escriptura e os Padres: Per quos et Scripturarum series, et *Sæcularium litterarum compendiosa notitia* panderetur. Sur. 28 nov. — Nós veremos mais adeante toda a carta de S. Gregorio ao bispo Didier, por a qual elle o prohibe de fazer das obras pagãs os classicos da mocidade. O que se segue é um extracto d'ella: Pervenit ad nos fraternitatem tuam, grammaticam quibusdam exponere. Quam rem ita moleste suscepimus, ac sumus vehementius aspernati, ut ea quæ prius dicta fuerunt, in gemitum et tristitiam verteremus: quia in uno se ore cum Jovis laudibus Christi laudes non capiunt. Et quam grave nefandumque sit episcopis canere, quod nec laico religioso conveniat, ipse considera. Lib. IX, epist. 49.

(1) Nulli liceat episcoporum diaconum aut presbyterum ordinare, litteras ignorantem; sed si qui ordinati fuerint cogantur discere. Conc. Narb., an. 589, can. 11. — Ad sacra mysteria tractanda solus is accedat, quem morum innocentia et litterarum splendor reddunt illustrem. Conc. Tolet. viii, can. 8 — Lectio tibi sit assidua, jugisque oratio. Dividantur tibi tem-

ABNEGAÇÃO EM CONSERVAREM A INNOCENCIA DE SEUS DISCIPULOS. Aqui, ainda, que differença entre a conducta dos religiosos de então, e a dos professores de agora! Hoje toda a educação é abandonada á influencia dos professores. Outr'ora os mestres não sahiam d'ao pé dos seus discipulos, dia nem noite. Não sei de cousa mais tocante e instructiva que as prescrições seguintes dos concilios de Tours e Toledo:

«Os religiosos e clerigos, dizem elles, a quem se confiar a educação da mocidade, cuidarão em pôr juntos os jovens, de quinze annos para cima, n'uma sala commum, onde dormirão sob a vigilancia constante do seu director ou do mestre. Durante a noite haverá uma leitura, a fim de que as mesmas precauções tomadas para a pureza de seu corpo, sirvam tambem para allumiar as suas almas» (1).

ABNEGAÇÃO EM ALLIVIAREM AS SUAS NECESSIDADES. Hoje, não se pôde entrar nos estabelecimentos de instrucção, se não a peso de dinheiro. Nos seculos *barbaros* da idade média, a sciencia nada custava. Era dada, e esses monges tão *avidos*, ainda davam ás creanças pobres, livros e sustento corporal, para que podessem continuar os seus estudos (2).

pura et officia ut postquam legeris ores; postquam oraveris, legas. S. Isid. Hispal. Regul., c. vi-vii.—Ante omnia sane deputentur unus aut duo seniores, qui circumeant monasterium horis quibus vacant fratres lectioni; et videant ne forte inveniatur frater acediosus, qui vacat otio, aut fabulis, et non est intentus lectioni. S. Bened. Reg., c. 48.

(1) Ab hoc constituendum oportuit, ut si qui puberes aut adolescentes existunt, omnes in uno conclavi atrii commorentur, ut lubricæ ætatis annos non in luxuria, sed in disciplinis ecclesiasticis agant, deputati probatissimo seniori, quem et magistrum disciplinæ et testem vitæ habeant. Conc. Tolet. 11. can. 43.—Sed schola labore communi construatur, ubi omnes jaceant, aut abbate aut præposito gubernante, ut dum duo, vel tres vicissim legant et excubent, alii consolentur; ut non solum sit custodia corporum, sed et surgat pro lectione assidua profectus animarum. Conc. Turon. 11, can 14.

(2) Multi nobilium, simul et mediocrium de gente Anglorum, vel divinæ lectionis, vel continentioris vitæ gratia illò secesserant. Et quidam

Sahindo das escólas estabelecidas nos presbyterios, nos mosteiros, nas cathedraes, nas residencias dos bispos, a mocidade ia para as universidades. N'esses grandes centros de luzes, com que a religião dotára a Europa antiga, o espirito da instrucção era o mesmo que no lar domestico, e nas escólas elementares: homens e livros, tudo lá era christão.

Só Aristoteles teve, por assim dizer, o direito de livre pratica, e obteve o privilegio de uma grande popularidade. Mas nem este philosopho era posto em mãos de creanças, nem era estudado pelo fundo das suas idéas, ou pela fórmula do seu estylo; era-o unicamente pelo seu methodo dialectico. O interesse da religião inspirava os nossos paes, e ninguem deixará de reconhecer que foram bem inspirados.

Talvez que com isto vos escandalise, mas confesso-vos que a dialectica me deve particular afeição. 1.º Pelo mal que d'ella disseram os hereticos e innovadores, e que não foi pouco. 2.º Pelos grandes serviços que ella prestou ao espirito humano e á verdade. O espirito humano deve-lhe essa marcha firme e essa força de deducção que não o deixa perder-se no vago, e que communica ás nossas linguas modernas uma precisão que nunca tiveram as linguas antigas. E finalmente forneceu armas seguras para desmascarar o erro e enredal-o em seus proprios laços, reduzindo as suas divagações e todo o seu palavriado á fórmula simples e inexoravel d'um syllogismo.

Comtudo, as obras de Aristoteles não foram completamente innocentes; deram logar a differentes erros justamente condemnados pelo bispo de Paris, Estevão Tempier,

mox se monasticæ conversationi manciparunt: alii magis circumeundo per cellas magistrorum, lectioni operam dare gaudebant. Quos omnes Scotti libentissime susipientis, victum eis quotidianum sine pretio, libros quoque ad legendum, et magisterium gratuitum præbere curabant. Bedæ, lib. iii c. 27.

em 1277: «Veio ao nosso conhecimento, diz elle, que alguns estudantes em artes (*philosophia*), sahindo dos limites da sua faculdade, ousam sustentar erros manifestos, ou, antes, chimeras extravagantes. Encontram estas proposições nos livros dos pagãos, e parecem-lhes tão demonstrativas que não sabem responder-lhes: Querendo pallial-as, cahem n'outro escôlho, porque dizem que são verdadeiras segundo o *philosopho*, (quer dizer, segundo Aristoteles), mas não segundo a fé catholica. Como se pudesse haver duas verdades contradictorias!» (1)

Resumamos o que precede.

D'esta rapida exposição, resulta o facto que nós queriamos estabelecer—a saber: que, durante o periodo da idade media, os livros classicos foram exclusivamente christãos. Desde o principio da Igreja até ao seculo XVI, a opinião invariavel dos Padres e dos sabios, foi que a litteratura pagã não convinha nem ao espirito nem ao genio da religião christã; que, por isso, era necessario estudar aquella que nascia naturalmente do christianismo, que era a sua expressão e respirava o seu espirito. «A nossa verdadeira latinidade, diz S. Prospero, é, se me não engano, aquella que, retendo só a propriedade dos termos da antiga latinidade, exprime as cousas breve e simplesmente, e não aquella que se faz notar pela belleza da fórma» (2). A gloria eterna de S. Gregorio o Grande, é o ter fixado com os

(1) Praesertim cum errores praedictos gentilium inveniunt, quos, proh dolor! ad suam imperitiam asserunt. Sic cogentes ut eis nesciant respondere... dicunt enim ea esse nota et vera secundum philosophum, sed non secundum fidem catholicam, quasi sint duae veritates contrariae, et quasi contra veritatem sacrae Scripturae sit veritas in dictis gentilium. Biblioth. Patr., an. 1277.

(2) Est ea, ni fallor, judicata latinitas quae breviter et aperte, observata dumtaxat verborum proprietate, res intelligendas enuntiat: non quae vernantis eloquii venustate luxuriat.

seus escriptos essa lingua latina christã, cujos fundamentos tinham sido lançados pelos Padres; lingua tão admiravel de lucidez, riqueza, simplicidade, unccção, elegancia, e tão differente da lingua latina pagã, como o dia é differente da noite, ou o christianismo do paganismo.

O illustre pontifice não parou aqui; unindo os seus esforços aos de Santo Isidoro de Sevilha, fez com que a mocidade só aprendesse o latim nos auctores christãos, e para prova basta esta simples observação: nós, na edade madura conservamos sempre, mais ou menos, o estylo, os pensamentos, a elocução dos auctores que estudamos na infancia; o vaso retém muito tempo o cheiro do primeiro liquido que conteve: *quo semel est imbuta recens servabit odorem testa diu*. D'ahi vem que S. Jeronymo e Santo Agostinho, comquanto condemnassem ambos energicamente os classicos pagãos, deixam vêr no seu estylo alguma coisa das expressões e da maneira dos auctores pagãos com que se tinham familiarizado na infancia; pelo contrario, desde S. Gregorio até S. Bernardino de Sienna, Santo Antonio de Florença, e S. Lourenço Justiniano, escriptores do seculo XV, celebres, tanto por sua eloquencia como pela gravidade das suas obras, nenhum auctor christão apresenta nos seus escriptos cousa que se pareça com o estylo ou a elegancia dos auctores profanos. É a prova mais evidente de que todos tinham na infancia aprendido o latim, não nos auctores profanos, mas nos christãos. D'ahi vinha esse gosto, esse amor ardente pela sagrada Escripura e pelos antigos Padres, que elles conservavam toda a sua vida, e que se acha não só nos ecclesiasticos, mas até nos leigos e nas mulheres. Quanto ás obras pagãs, davam-lhes pouca importancia, e só as liam na edade madura, e se isso faziam, não era para estudarem o estylo, mas para, á imitação dos primeiros christãos, buscarem n'ellas o que servisse de confirmar e ornar a verdade christã.

Tal foi a economia dos estudos, desde o principio da Igreja até ao fim do seculo XV.

Por consequencia, a philosophia, a litteratura, as sciencias, animadas do mesmo espirito que a theologia, caminhavam juntas na mesma estrada da verdade christã, e a prosecução de seu desenvolvimento era realisada por meios exclusivamente christãos. De feito, vêmos que todos os livros d'esta época, e principalmente os publicados pelos *Trecentistas*, (excepto Boccacio) têm por objecto historias christãs ou assumptos christãos e nacionaes: estes ultimos tambem são christãos, porque amar a patria é um dever do christianismo.

As artes apresentam-nos o mesmo espectáculo. Não sei d'um pintor, d'um esculptor. d'essa época que tratasse um assumpto mythologico, pagão, obsceno ou mesmo exclusivamente profano. O viajante attento que passa por Veneza, pôde, ainda hoje, adquirir, com os seus proprios olhos, a certeza do que affirmo. Pôde considerar-se esta cidade como o mais vasto museu da arte christã. O bronze, o marmore, os magnificos quadros que recordam os grandes feitos dos venezianos contra os turcos, bastam, por si sós, para provarem que estes heroicos feitos de armas foram praticados por cidadãos d'uma republica christã.

Assim, os moderadores e os guias d'esta época, tão indignamente calumniada, sabiam, como os Padres da Igreja, que o unico meio de ter gerações christãs, era vassal-as no molde christão. Não era porque esses homens, chamados barbaros, não podessem ou não soubessem servir-se de auctores profanos. Possuiam-n'os porque nol-os conservaram; liam-n'os, porque os transcreveram milhares de vezes; ora, se os liam e transcreveram, é porque os entendiam.

Além d'isso, sabiam apreciar-os. Para os conservarem impunham-se sacrificios, deante dos quaes talvez nós re-

cuassemos. Assim, no seculo VIII, um pobre monge, Loup, abbade de Ferrières, escreve para todas as partes da Europa, a pedir manuscriptos, para os mandar copiar, e corrigir os que possuia, accrescentando que todas as despesas serão á custa d'elle. Implora a Éginard os manuscriptos do *Orador* de Cicero e das *Noites atticas* de Aulo-Gello; ao bispo Heribold, os *Commentarios* de Cezar; a Ansbald, as *Cartas* de Cicero; a Mercuade, abbade de Prom, o manuscripto de *Suetonio*; ao papa Bento III, os *Commentarios* de *S. Jeronymo*, as *Instituições* de *Quintiliano*, os *Commentarios* de *Donato a Terencio*, *Sallustio*, os *Discursos contra Verres*, e muitos outros mais (¹).

No seculo X, o celebre Gerbert, primeiro humilde religioso de Aurillac, depois Arcebispo de Ravenna, e, emfim, Papa com o nome de Sylvestre II, não mostra menos affan em conservar e multiplicar os manuscriptos dos auctores profanos. Apella para bispos e religiosos de França, Italia, Allemanha e Belgica, e o generoso pontifice compra a peso de ouro essas obras que se podiam dar como livros classicos á mocidade, mas que nunca se lhe deram (²). Nos

(¹) Epist. Paris, 1588. Petimus etiam Tullium de Oratore, et duodecim libros Institutionum oratoriarum Quintiliani qui uno nec ingenti volumine continentur; quorum utriusque auctorum partes habemus, verum plenitudinem per vos desideramus obtinere. Pari intentione Donati Commentum in Terentium flagitamus; quæ auctorum opera si vestra liberalitas nobis largita fuerit, Deo annuente cum commemorato S. Hieronymi Codice fideliter omnino restituenda curabimus. . . Catilinarium et Jugurthinum Sallustii, librosque verrinarium, et si aliquos alios vel corruptus nos habere vel penitus non habere cognoscitis, nobis afferre dignemini, ut vestro beneficio et vitiosi corrigantur, vel non habiti. . . acquirantur. Ep. 104 et 105.

(²) Cui rei præparandæ bibliothecam assidue comparo, et sicut Romæ dudum ac in aliis Italiæ partibus, in Germania quoque ac Belgica scriptores auctorumque exemplaria multitudine nummorum redemi. Epist. 44, *Ad Ecbert., abb Turon.* Nosti quanto studio librorum exemplaria undique conquiram, nosti quot scriptores in urbibus aut in agris Italiæ passim habeantur. *Id. ad Reginald monach.* Ep. 130.

seculos seguintes, vemos o mesmo zêlo perpetuado em toda a Europa, por Lanfranc, arcebispo de Cantorbery, por Didier, abbade do monte Cassino, depois Papa com o nome de Victor III, e por muitos outros que longo fôra enumerar (1).

Visto que a sociedade illustrada da idade media conhecia, estudava, apreciava os auctores pagãos, quem sustentará que ella não os podia dar á mocidade como modelos, e imital-os ella mesma? Que lhe faltava para isso? As obras d'esses auctores? Possuia-as. O bom gosto necessario para as admirar? Que! todos esses genios de primeira ordem, que na idade media mantiveram tão firme o sceptro do saber e da eloquencia, não poderiam, se quizessem, imitar a lingua, a poesia, a esculptura, a architectura dos pagãos, tão bem, e talvez muito melhor, do que o têm feito ha tres seculos para cá, muitos personagens que se arrogam esse privilegio? Nem Santo Agostinho, nem S. Jeronymo, nem S. Chrisostomo, nem S. Bernardo, Alberto o Grande, Dante, Petrarca, S. Thomaz, e tantos outros, poderiam copiar na sua lingua a fôrma pagã, nem os architectos das nossas imperecedouras cathedraes, poderiam copiar nos seus trabalhos, as linhas rectas e os cimbres de Athenas e Roma? Podiam; e se não o fizeram foi porque não quizeram; não quizeram porque tinham muito bom gosto para commetterem semelhante contrasenso, muita razão para resuscitarem uma fôrma gasta com o pensamento que revestira, muita superioridade para se abaixarem, como depois se fez, ao papel de imitadores servis.

Nem só as *summidades* d'êpochas conheciam os auctores profanos. Como nos primeiros seculos da Egreja, o seu estudo era permittido quando deixava de ser perigoso, e

(1) Battini, t. I, c. 9, pag. 88 e seg.

até, o que talvez vos espantará, era, até certo ponto, popular. Citarei só um exemplo que dispensa outros. Lembrae-vos dos bellos versos do cantor immortal da divina Comedia, onde o veneravel Cacciaguida, bisavô do Dante, conta que as damas do seu tempo fallavam na guerra de Troia, nas antiguidades de Fiesole, e nos altos feitos dos Gregos e Romanos, fiando na roca, ou embalando seus filhos ⁽¹⁾. Se aproximardes as datas, vereis que isto se passava no seculo XI. Já vêdes, pois, que a renascença não inventou, como se diz, os Gregos e Romanos. Antes d'ella, já eram conhecidos e acolhidos honrosamente entre os nossos bons avós. A edade média, porém, teve o bom senso e o bom gosto de pôr cada cousa no seu logar: o christianismo primeiro e o paganismo depois; o christianismo como base e corpo do edificio, o paganismo como ornato accessorio; o christianismo como molde, o paganismo como lavor; o christianismo como essencial, o paganismo como secundario para a estabilidade e belleza da ordem social, e para os progressos do espirito humano.

(1) L'una vegghiava al studio della culla,
E consolando usava l'idioma
Che pria li padri e le madri trastulla.
L'altra traendo alla rocca la chioma,
Favoleggiava con la sua famiglia
Dè Trojani, di Fiesole, e di Roma.

Paradis., cant. xv.

CAPITULO VII.

TERCEIRA ÉPOCHA.

Esta ordem tão perfeitamente logica aos olhos da razão e da fé, teve a desgraça de desagradar aos homens que, sabendo-o ou não, introduziram o paganismo na Europa, inaugurando a *terceira época* da nossa educação publica.

Eis, em poucas palavras, a historia d'essa revolução inaudita, cujas desastrosas consequencias ainda hoje estamos soffrendo.

Constantinopla acabava de cahir aos golpes de Mahomet II: era em 1453. Tristes restos de uma nação dispersa por ter trahido a fé de seus paes, os Gregos fugitivos chegam ao Occidente. Na sua bagagem de proscriptos, trazem as obras dos philosophos, poetas, oradores e artistas pagãos, de que são admiradores fanaticos. Acolhidos pelos Medicis, pagam-lhes o agasalho, explicando as obras dos seus antigos compatriotas e exaltando a gloria de tudo o que foi inspirado pelo genio pagão. Ao ouvil-os, dir-se-hia

que a Europa, até alli, nada conhecera de eloquencia, philosophia, litteratura, poesia e bellas artes.

«Barbaro, instrue-te; não procures modelos nem inspirações nos teus pretendidos grandes homens, nos teus anaes, na tua religião. Só a Roma pagã, a Grecia pagã, principalmente, te podem offerecer, em todos os generos, obras primas, dignas da tua meditação. Ellas tiveram o 'monopolio do genio, do saber e da eloquencia; lá existiram os homens que tu debes imitar, mas que nunca egualarás porque puzeram as columnas de Hercules da intelligencia humana.» Assim disseram em todos os tons os novos mestres.

Surdamente minada pelo espirito de revolta, triste fructo do grande scisma do Occidente, a Europa presta attentos ouvidos a estas palavras; vê n'ellas uma censura, uma injuria para o catholicismo, e com todo o ardor d'um rancor comprimido, aproveita a occasião de lhe quebrar a auctoridade litteraria enquanto não chega o momento de romper abertamente com elle, quebrando-lhe a auctoridade religiosa. Um immenso ecco responde á voz seductora dos novos doutores. Já se não vêem senão os pagãos de Roma e Athenas; devoram-se as suas obras e exaltam-se até ás nuvens; já não se conhecem para a humanidade senão dois seculos de luzes: o seculo de Augusto e o de Pericles, — os outros todos são occultados pelos Carlos Dupin da epocha, com largas zonas de tinta negra. Nada é bello, nada é supportavel nas diversas fôrmas do pensamento humano, em litteratura e em arte, senão o que tem o sêllo do paganismo. Todos se envergonham de o não saberem ha mais tempo e d'isso fazem constricta penitencia, esforçando-se por se amoldarem o mais possivel á imagem da antiguidade.

Tanto para poupar á infancia um grande trabalho como para assegurar o successo d'esta feliz *renascença*, prepara-se logo um modelo perfeitamente pagão para n'elle se vasarem as gerações. P'ra longe os Actos dos Martyres, as Escrip-

turas, os Padres da Igreja! a historia dos deuses do Olympo, as fabulas de Phedro e Esopo, Quinto Curcio, Ovidio, Virgilio, Homero, Xenophonte, Demosthenes, Cicero: essas sim, é que serão de ora ávante, os modelos exclusivos dos jovens christãos, dos filhos de martyres e cavalleiros. «Será a admiração do futuro, diz um grave protestante de nossos dias, saber-se que uma sociedade, que se dizia christã, dedicou os sete ou oito mais bellos annos da mocidade de seus filhos ao estudo exclusivo dos pagãos (1)». E comtudo é um facto, porque é certo que na epocha de que estamos fallando houve uma quebra completa da cadeia tradicional do ensino, um desvio exorbitante na marcha do espirito humano; n'uma palavra, uma mudança radical na educação da mocidade.

Ha outro livro ainda mais classico, mais popular que as obras impressas ou manuscriptas: fallo da arte em geral. Exclusivamente consagrada á religião, ella explicava aos olhos dos sabios e dos ignorantes os Actos dos Martyres, os factos da Escriptura e as historias dos Santos: as paginas tão variadas, tão intelligiveis d'este novo livro, achavam-se em toda a parte, nas igrejas e até no lar da mais humilde cabana. Tal era o segundo livro classico, o segundo molde christão das jovens gerações.

Ora o que se tinha feito na litteratura, tratou-se logo de o fazer tambem nas artes. Ao typo christão, succede um typo perfeitamente pagão. Fóra com todas as glorias artisticas dos tempos da fé! Fóra com os magnificos monumentos d'architectura, de pintura, d'ourivesaria de que está cheia a Europa! Os templos mutilados da Grecia e da Italia, as estatuas, os vasos, os fragmentos de columnas, os arcos de triumpho, os edificios arruinados do paganismo, os frescos dos seus palacios, das suas *villas*, das suas *thermas*, eis o typo ex-

(1) De Gasparin, *Des instit. gén. du protest.*

clusivo do bello, eis os verdadeiros livros classicos, para pintores, esculptores, architectos, desenhadores e ourives. Aqui, como na litteratura, o enthusiasmo chegou a delirio: tornou-se uma epidemia que grassou em toda a Europa. Não ha dúvida de que, para o dirigir, a propria Roma, na pessoa dos Papas da casa dos Medicis, se pôz á testa do movimento: a renascença gosou de grande favor na capital do mundo christão. Além do culto ardente das lettras pagãs, e das honrarias concedidas aos artistas da nova escola, tudo o que se ligava á antiguidade pagã, attrahia a attenção: o achado d'um vaso ou d'uma estatua era um acontecimento.

Acabaes de vêr como se quebrou o molde em que a Europa se vasára durante quinze seculos, e d'onde sahira tão heroica, tão forte, tão grande em tudo; n'uma palavra, tão christã. Agora lembro-vos a vossa primeira objecção e pergunto-vos: Pareço-vos ainda muito absoluto? A mudança de molde foi menos completa do que eu affirmei? Recordae-vos e comparae.

Durante as duas primeiras épochas, os classicos, isto é, os livros e artes apresentadas como modelos á infancia, são exclusivamente christãos. Durante a terceira época, são exclusivamente pagãos.

Durante as duas primeiras épocas, os classicos propriamente ditos, são: os Actos dos Martyres, a Sagrada Escripura, os Padres da Igreja: é secundario, e só na adolescencia, o estudo das obras pagãs. Durante a terceira época, os livros classicos propriamente ditos, são: os historiadores dos deuses do paganismo, as fabulas do paganismo, os livros dos grandes homens do paganismo: são estudados principal e exclusivamente, e desde os primeiros annos.

Durante as duas primeiras épochas, a infancia permanece longo tempo no seio da familia, onde é nutrida do puro leite das verdades christãs; só passa ás escolas para um alimento

mais substancial, mas não menos christão. Durante a terceira época, a infancia deixa muito cedo o lar domestico, onde já recebe um sustento meio christão, meio pagão; entra, depois, nas escolas publicas onde o sustento é todo pagão.

Durante as duas primeiras épochas, só se estudam os pagãos com um fim religioso, e não como modelos de sentir, pensar e fallar. Durante a terceira época, só se estudam os pagãos, como modelos da perfeição na arte de pensar, sentir e fallar.

Póde ser mais completa a mudança de systema, de forma, de molde?

CAPITULO VIII.

RESPOSTA Á SEGUNDA OBJECÇÃO. — TESTEMUNHO DOS HOMENS.

Não vos confessaes vencido e accrescentaes: «Admittindo a mudança completa que mostrastes, acho que attribuis a uma simples fôrma, uma influencia exaggerada. Ora a renascença não é, em ultima analyse, senão uma nova fôrma dada ao pensamento.»

Não discutirei comvosco sobre se a renascença foi uma simples fôrma ou alguma cousa mais do que isso. O facto incontestavel, de que parto, é que a renascença foi a introdução do paganismo na educação. Ora, eu sustento que, se n'isto ha apenas uma simples fôrma, a fôrma arrasta o fundo e que não exaggero a influencia que lhe attribuo. A apoiar a minha asserção tenho duas especies de testemunhas: os homens e os factos.

Os homens. Accusando-me de exaggerar a desastrosa influencia do paganismo na educação, sabeis quem accusaes? Accusaes homens de indiscutivel auctoridade, homens collocados pela sua probidade acima de toda a suspeita, e pela sua posição, em estado de testificarem, melhor que ninguem,

os factos que observaram, que palpavam com as mãos, que viram com os olhos, e de que foram victimas muitos d'elles. Nomeei os Padres da Egreja, os guias mais illustrados das nações, os principes da virtude e do genio.

Não veria no paganismo classico senão uma nova fórma dada ao pensamento, um simples modo de instrucção indenne para a juventude christã, Origenes, que, fallando dos escriptores profanos e principalmente dos poetas, diz que as suas melhores obras são outras tantas taças de bordas douradas que contêm veneno no fundo (1)?

Feliz elle proprio se tivesse sabido guardar-se das obras, cujo perigo tão eloquentemente signalava e tivesse evitado o veneno dos philosophos pagãos como evitou o dos poetas! Mas não; o grande Origenes, enganado pela philosophia de Platão, deixou-se cair em muitos erros, que escandalisaram a egreja, e deixam ainda dúvidas a alguns sobre a sua salvação eterna.

O seu companheiro de armas na lucta pelo christianismo nascente, o immortal Tertulliano, teria olhado como innocente o estudo dos pagãos pela infancia christã, elle, que chama com tanta verdade aos philosophos pagãos, patriarchas dos hereticos, corruptores da doutrina da Egreja (2)?

Santo Ireneu, o sabio apologista da religião, pela qual derramou o seu sangue, é ainda mais formal. É bem conhecida aquella sua celebre phrase que, condemnando toda a philosophia pagã na pessoa do seu representante mais acreditado, definiu Platão como *o inventor de todas as heresias* (3).

(1) Unusquisque poetarum, qui putantur apud eos (Ethnicos) disertissimi, calicem aureum temperavit; et in calicem aureum venena iniecit. *Homil. 2, in Hier.*

(2) Philosophi patriarchæ hæreticorum, ecclesiæ puritatem perversa maculavere doctrina. *Apud. S. Hier., ad Ctesiphont.*

(3) Doleo Platonem fuisse omnium hæreseon condimentarium. *De hæres.*

Mas eis um testemunho não menos irrecusavel. Lactancio, que estudára muito tempo as bellas lettras, e, melhor que ninguem, conhecia a secreta influencia dos livros classicos, affirma que a fé em ninguem era mais fraca do que nas pessoas dadas á litteratura pagã.

Confirmando o mesmo pensamento de Lactancio, Santo Ambrosio levanta-se energico contra os que, pelo estudo dos auctores pagãos, desprezam a Santa Esriptura. «Não ha, diz elle, mediocre perigo em deixar a palavra de Deus, pela do seculo.» Se tal era o perigo para os homens de idade madura, qual não seria elle, aos olhos d'este grande doutor, para meninos, cuja alma tenra e sem defeza, recebe todas as impressões com uma facilidade igual á fidelidade com que as conserva?

E S. Chrysostomo que se exprime assim: «Não quero que se dêem aos meninos, para as suas primeiras lições, as fabulas da mythologia... Começae por imprimir-lhes na alma os principios da verdadeira sabedoria: nunca ganhareis tanto em ensinar-lhes as sciencias profanas, que os levarão á fortuna, como em lhes ensinardes a sciencia que fizer com que elles a desprezem (1).» Algumas familias que se desviaram d'estas regras, felizmente respeitadas pelo maior numero, são assim advertidas pelo santo doutor: «A primeira idade, dizeis vós, é a da ignorancia; assim é, e não vêdes que o que a faz mais profunda e perigosa, é o uso em que estaes de lhe dardes logo para admirar as historias de heroes antigos, com quanto todos elles sejam dotados das mais ruins paixões?..... Recolhemos o fructo de tal educação, que tende a dar á sociedade homens sem moralidade (2).»

(1) Homil. XXI, in epist. ad Ephes.

(2) Vis filium esse obedientem? Ab initio eum educa in disciplina et admonitione Domini: ne existimes esse supervacaneum, quod ipse divinas litteras audiat: nam illic hoc primum audient: *Honora patrem et matrem*. Itaque propter te hoc fit... multa enim in illa ætate ignorantia; ignoran-

S. Basilio é ainda mais formal que S. Chrysostomo. Quer que os mancebos tenham por ponto de partida os principios christãos, para julgarem sãmente as palavras, maximas e actos dos pagãos; o que suppõe evidentemente um grande conhecimento da religião, anteriormente adquirido. Accrescenta que a leitura dos auctores profanos é soberanamente perigosa, porque prega o sensualismo e ensina a admirar homens virtuosos só em palavras (1).

Mas o testemunho de S. Jeronymo é, de todos os que acabaes de ouvir, o mais explicito e mais grave. Com Santo Agostinho, é elle, talvez, o Padre da Igreja que mais estudou as obras pagãs e a funesta influencia que ellas podem exercer. Escrevendo ao papa S. Damaso, mui versado tambem nas letras latinas, cita-lhe o texto de S. Paulo: *Não habiteis no templo dos idolos*; depois exclama: «Não ouvís o grande Paulo que vos diz n'outros termos: Não vos firmeis no estudo dos philosophos, nem oradores, nem poetas pagãos. É crime beber ao mesmo tempo no calix de Christo e no dos demonios». N'outros termos; são incompativeis o christianismo e o paganismo: um é o sensualismo, outro o espiritalismo.

«Eu mesmo, diz elle n'outra parte, quiz fazer essa perigosa experiencia, e amarços foram os fructos que d'ella colhi. Havia annos que eu tinha deixado a casa paterna, pri-

tiæ autem fit accessio etiam ex scriptis externorum; quando per ea didicerint eos qui sunt heroes haberi in admiratione, cum sint servi animi perturbationum et vitiorum et motem timeant... Quomodo enim non est absurdum ad artes quidam mittæ et ad ludum litterarium, et pro eo omnia facere: in disciplina autem et rei admonitione pueros non educare? Propterea nos primi fructus percipimus, audaces, intemperantes, immorigeros, sordidos, et illiberales alyes filios. Ne hoc ergo faciamus... Educemus eos in disciplina et admonitione Domini: demus eis exemplum. ab incunte ætate curantes eos incumbere lectioni Scripturarum. In epist. ad Eph. Homil. XXI, n. 1 et 2, opp. t. XI, pag. 183.

(1) De legendis gentilium libris, t. I, pag. 245, n. 2 e 3.

vando-me da sociedade de meus paes, minha irmã e meus amigos; e, o que é mais difficil, tinha renunciado ao uso dos alimentos delicados; tudo com vistas de ganhar o céo. Tencionando ir a Jerusalem, para combater nos combates do Senhor, não podia passar sem a bibliotheca que em Roma compozera com extremo cuidado e trabalho infinito. Assim, desgraçado de mim! deixava tudo, jejuava para lêr Cicero. Depois de frequentes vigílias, e abundantes lagrimas por minhas culpas passadas, pegava em Plauto. Se, ás vezes, tornando a mim, tentava lêr os prophetas, horrorisava-me o seu estylo inculto; e como os meus olhos enfermos não viam a luz, julgava que a falta era do sol.

«Em tanto que eu era assim o joguete da antiga serpente, fui de repente levado em espirito ao tribunal do soberano juiz. Tal era o resplendor da luz que brilhava na sua pessoa e na dos anjos que o rodeavam, que fiquei prostrado sem ousar erguer os olhos. Interrogado sobre a minha condição, respondi que era christão. *Mentes*, replicou o Juiz; *tu és ciceroniano, e não christão; porque onde tens o teu thesouro, tens o teu coração.* A estas palavras calei-me, e o Juiz mandou-me açoutar, e os açoutes que eu recebia me eram menos crueis que os remorsos que rasgavam a minha consciencia. Lembrei-me d'esta palavra do propheta: *Quem vos poderá louvar no inferno?* Comtudo comecei a exclamar e a dizer, soluçando: *Senhor, tende piedade de mim.* Emfim, os que ladeavam o tribunal, lançaram-se aos pés do juiz e pediram-lhe compaixão para a minha mocidade e tempo para fazer penitencia, dizendo-lhe que eu me emendaria. Eu, tambem, n'esta extremidade, fazia ainda maiores promessas; jurei, invocando o nome de Deus, que queria ser tido como apostata, se me acontecesse algum dia guardar livros pagãos.

«Pronunciado este juramento, soltaram-me e eu vim a mim. Com grande espanto dos circumstantes, tinha os olhos

tão cheios de lagrimas que todos se convenceram da violencia da dôr que soffrera. Não foi somno, ou vão sonho, como os que nos illudem ás vezes. Tomo por testemunhas aquelle tribunal ante o qual estive, e a formidavel sentença que me gelou de medo. Por isso nunca mais quereirei expôr-me a tal questão, em que fiquei com as costas mortificadas pelos açoutes, que, por muito tempo, me doeram, e depois da qual estudei as Escripturas com o fervor com que estudára os livros pagãos (¹).»

O santo doutor foi fiel ao juramento. Não só deixou de lêr auctores pagãos, mas até receiava citar passagens d'elles, que lhe vinham á memoria. Aos que lhe diziam, como se diz hoje, que, sem esses livros, não se póde fallar nem escrever bem, respondia: «O que vós admiraes, desprezo-o eu, porque tenho gosado da loucura de Jesus Christo, e a loucura de Jesus Christo é mais sábia que toda a sabedoria humana».

(¹) Ad Eustoch., *De custod. virginit.*, ep. xviii, opp., t. IV, p. 43.

CAPITULO IX.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Ouçamos agora Santo Agostinho. Nenhum Padre da Igreja foi tão perseverante em combater o deploravel uso dos classicos pagãos, como este admiravel doutor, cujo coração, tão bello como o seu genio, queria preservar a infancia d'um perigo, que a elle proprio perdêra. Começa por indicar o motivo pelo qual seus paes lhe faziam estudar os auctores pagãos : é exactamente o mesmo que se apresenta hoje. Diziam-me, escreveu elle: —alli é que se aprende a bella linguagem; alli é que se estuda a eloquencia tão necessaria para expôrmos victoriosamente o nosso pensamento ⁽¹⁾». Ora elle mostra por um exemplo, não só a frivolidade, mas ainda o perigo de tal motivo. «Pois nós não conheceriamos as palavras, *chuva de ouro, regaço, disfarce*, se Terencio nos não fallasse d'um devasso, tomando Jupiter para modelo d'uma infamia? Não: não é lendo esta torpeza que nós apren-

(1) Conf., lib. V.

demos taes palavras, mas com estas palavras aprenderemos a commetter com despejo esta torpeza (1)».

Depois, indignado, exclama: «Maldita sejas, torrente do costume! Quem obstará aos teus estragos? Quando seccarás tu? Até quando arrastarás tu os filhos de Eva, por esse mar immenso, formidavel, que poucos atravessam? Não é a bella sciencia da fabula, que nos mostra um Jupiter tonante e adultero? É uma ficção! exclamam todos os mestres. Seja, mas essa ficção faz que os crimes não sejam crimes, e que quem commetter taes infamias, pareça imitar, não homens perversos, mas deuses immortaes.

«E comtudo, ó rio infernal! é pelo attractivo das recompensas que se embarcam os filhos dos homens sobre a corrente das tuas aguas, para aprenderem essas cousas! Eu não accuso as palavras, que são vasos preciosos e innocentes, mas sim o vinho do erro e do vicio que n'elles nos davam mestres embriagados; e, se nós não bebessemos, eramos açoutados sem podermos appellar para um juiz sobrio...; e, como eu aprendia essas cousas com prazer, diziam que eu dava grandes esperanças (2).»

O proprio Virgilio, o mais casto de todos os poetas latinos, fez feridas na sua alma. «Eu aprendi, ao estudal-o, diz elle, bastantes palavras uteis, que tambem teria aprendo, lendo cousas menos vãs; mas tambem aprendi as aventuras de não sei que Eneas, e esquecia os meus proprios erros. Aprendi a chorar por Dido, que se matára por ter amado demasiado; e eu não tinha uma lagrima para mim, que achava a morte n'essas leituras. Que deploravel endurecimento! Se me quieriam privar d'essa leitura, eu chorava por não ter nada que chorar; e a uma tal demencia é que se chama bellas-lettras (3)!»

(1) Id. ib. (2) Id. Lib. I. c. 16.

(3) Talis dementia honestiores et uberiores litteræ putantur. Id., ib., c. 13.

E vós, mestres profanos, regentes, que, ainda hoje, fazeis uma cousa capital do estudo d'isso que chamaes a bella latinidade; que não receaes propôr como modelo, Catullo, Horacio, Terencio bem mais perigoso que Virgilio, que alcunhaes de barbaro tudo o que não traz o sêllo da sua linguagem, escutae como Santo Agostinho julga a vossa conducta: «Faziam-me olhar como cousa capital, a que me obrigavam a applicar-me com a esperança de recompensas ou com o receio de castigos, o aprender as palavras cheias de dôr e cólera de Juno, que não podia impedir Eneas de chegar á Italia. Obrigavam-nos a dizer em prosa algumas das cousas que o poeta tinha dito em verso; e o mais applaudido era o que melhor representasse a ira da deusa imaginaria. Vêdè, Senhor Deus, vêde a importancia que ligam os filhos dos homens a syllabas e letras, esquecendo os vossos preceitos! Mais depressa culparão quem não tiver pronunciado bem uma palavra, do que quem tiver infringido a vossa lei! Será para admirar que todas estas vaidades me apartassem de vós, meu Deus, quando me apresentavam homens que eram mettidos a ridiculo se, ao contar as suas acções, usassem d'um barbarismo ou d'um solecismo; e que eram cobertos d'elogios se tinham o talento de contar as suas infamias com estylo correcto e elegante (¹)?»

Que fructos tirou o joven Agostinho d'esta educação pagã, tão semelhante á nossa? Os que devia tirar e se tirarão sempre: o predominio do sensualismo, o enfraquecimento do espiritalismo; n'outros termos, a immoralidade anticipada e o aborrecimento das cousas de Deus. «Quando tive mais idade, diz elle mesmo, quiz lêr as Escripturas. Mas não era capaz de penetrar-lhes o sentido; o meu orgulho recusava acceitar as suas lições. O estylo, a ideia, tudo me parecia indigno de comparar-se á magestade de Cicero. O so-

(¹) Id., id., c. 18.

berbo do meu espirito não podia supportar a sua linguagem; a minha vista não penetrava a profundidade de seus pensamentos. A sabedoria que se faz ouvir n'ella é a que se dá bem com as creanças, e eu não queria ser creança, porque, cheio de mim, julgava-me alguma cousa grande (1)».

A historia de Agostinho é, mais ou menos, a historia de todos os mancebos; a historia do seu coração é a historia do coração humano. Não nos devemos, pois, admirar de ouvir este grande homem clamar a todos os seculos: «Instruir a infancia com livros pagãos, é ensinar-lhes inutilidades, é roubar-os a Deus, é entregal-os ao demonio. O que é tudo isso, senão vento e fumo? Não ha outro meio de cultivar o espirito e adquirir eloquencia? Os vossos louvores, Senhor, tão eloquentemente cantados na Sagrada Escriptura, teriam elevado o meu fraco coração, e não o teriam deixado ser preza das garras de impuras aves. Ah! ha mais do que um meio para sacrificar os homens ao demonio.... É assim que convem educar a mocidade? São esses os modelos que se lhe devem apresentar? Fazendo assim, não são aves, nem animaes, nem mesmo sangue humano que vós offertaes; mas, o que é bem mais abominavel ainda, é a innocencia da juventude que vós immolaes sobre os altares de Satanaz (2)».

Depois, vendo a triste condição da infancia, roubada tão cedo a Deus, começa a chorar e exclama: «Vós vêdes isto, Senhor, e calaes-vos, vós que sois todo bondade, misericordia e verdade! Mas, calar-vos-heis sempre? Não retirareis do abysmo almas feitas para vós e sedentas do vosso amor (3)»?

Accrescentaremos que um dos maiores pezares d'este grande santo foi ter elle mesmo ensinado a rhetorica pelo methodo pagão, corrompendo e materialisando o espirito de seus discipulos.

(1) Id., lib. III, c. 5.

(2) Id.; et epist. ad Nectarium.

(3) Id., *ibid.*

Para evitar repetições não voltarei a auctoridades da idade média. Vimos que n'esta época era lei geral a proscrição dos classicos pagãos. Citarei só a carta de S. Gregorio o Grande ao bispo Didier.

Esquecendo a prohibição feita pelo immortal pontifice a todos os bispos, de ensinarem aos jovens a litteratura pagã, Didier tinha infringido essa ordem, que, justamente, se julgava importantissima. Sabendo-o, Gregorio, escreveu-lhe:

«Soubemos, e não sem còrarmos, que vossa fraternidade ensina a grammatica a alguem. Isto excitou em nossa alma tal dôr e desgosto, que as boas novas que de vós receberamos se mudaram em gemidos; porque os louvores de Jupiter não podem encontrar-se na mesma bocca com os de Jesus Christo. Considerae que monstruoso crime achar em bispos *o que nem a um leigo religioso convem*. Ora, com quanto o nosso carissimo filho, o padre Candido, viesse aqui depois que tivemos a noticia, e negasse o factó, desculpando-vos até, nós estamos ainda inquieto; e muito desejamos saber com certeza se é ou não verdade o que de vós se diz. Se nos fôr demonstrado que não perdeis o tempo em cousas tão reprehensiveis, daremos graças a Deus por não ter permitido que o vosso coração se corrompesse com os louvores blasphemos de homens indignos (1).»

N'esta carta tão severa, é o ensino dos auctores pagãos, como é indicado pelos Padres da Egreja, que é condemnado? Não, porque elle é approvedo pelo mesmo S. Gregorio n'outra parte e era praticado, como vimos, nas escólas da idade média. O que se condemna é o ensino da litteratura pagã dado por um bispo e a meninos, *o que é indesculpavel*, accrescenta o pontifice, *até n'um leigo religioso*, isto é, que comprehende a santidade do christianismo e a influencia desastrosa dos estudos pagãos em escriptos inexperientes.

(1) *Epist. lib. XI, ep. 54, opp., t. III, p. 1171, edit. noviss.*

A esta longa cadeia tradicional, juntemos um derradeiro e brilhante anel. Pelos meados do seculo XVI, quando o paganismo resuscitado na educação invadia a Europa, um d'esses homens superiores como sempre os houve na illustre companhia de Jesus, o P. Possevin, receoso do porvir, fazia ouvir estas energicas palavras: «Um antigo disse: A educação não é pouco, é tudo ⁽¹⁾; é o homem, a sociedade, a religião. E elle disse isto n'um livro em que revela ás nações o segredo da sua grandeza e sua ruina. E assim é, pois que nós vêmos que os Judeus, ainda que habitando no meio de Roma, ainda que dispersos, cumprindo as prophcias e ameaças de Nosso Senhor contra Jerusalem, ainda que tendo sempre á vista os arcos triumphaes de Tito e Vespasiano, monumentos da sua ruina, ainda que convencidos da abolição da sua lei, não se convertem. Por qué? porque receberam na infancia o leite do erro. O mesmo vêmos nós nos turcos, tartaros e hereticos, que, obstinados, permanecem todos em suas crenças insustentaveis. Por qué? porque a educação lhes infiltrou os erros dos paes.

«Qual pensaes, pois, que seja a causa formidavel que precipita hoje os homens no abysmo do sensualismo e da impiedade? É que, desde a infancia, tudo se lhes ensinou, menos a religião; é que nos collegios, viveiros dos Estados, tudo leram e estudaram, menos os auctores christãos. Se lá se falla de religião é de envolta com o ensino impuro do paganismo, verdadeira perda da alma. De que serve lançar n'um grande tonel um copo de vinho puro, delicioso, se lá se lançar tambem torrentes de vinho estragado ou vinagre? N'outros termos, que significa um pouco de catecismo por semana, com o ensino quotidiano das impurezas e impiedades pagãs? Comtudo é isto o que se faz hoje em toda a Europa!

(1) *Nom parum sed totum est, qua quisque disciplina imbuatur a puero.* Arist. *Politic.*

«Quereis salvar a vossa republica? Depressa com o machado nã raiz do mal; baní das vossas escólas os auctores pagãos, que, sob o vão pretexto de ensinarem a vossos filhos a bella lingua latina lhes ensinam a lingua do inferno. Vêde-os! apenas sahidos da infancia, seguem o estudo da medicina, do direito, ou o commercio, e, breve, esquecem o pouco latim que aprenderam, mas o que elles não esquecem são os factos, as maximas impuras que leram nos auctores profanos. Estas lembranças ficam-lhes tão gravadas na memoria, que toda a vida ficam gostando mais de lèr, ouvir ou dizer cousas vãs e deshonestas, que cousas uteis e honestas; semelhantes a estomagos enfermos, rejeitam logo os salutaes ensinamentos da palavra de Deus, e os sermões e exhortações religiosas que depois se lhes dirigem (¹).»

O eloquente escriptor, pergunta depois o que convirá substituir aos auctores pagãos, e responde que se devem adoptar de novo os classicos christãos, como se fez na edade média, como aconselham os Padres e concilios (²), e que, depois de nutrida a infancia com a leitura dos Actos dos Martyres, Vidas de Santos, e Escriptura, poderá, sem perigo, e, talvez, com proveito, estudar os auctores profanos, e julgar sãmente de suas doutrinas.

Para tornar practicos estes salutaes conselhos e oppôr um dique qualquer à torrente do mal, um confrade do P. Possevin, o veneravel Canisio, mandou imprimir as Cartas de S. Jeronymo para uso das escólas. E a verdade é que esta collecção, adoptada em muitos collegios, tanto na Allemanha como no resto da Europa, retardou sensivelmente o movimento invasor do paganismo.

(¹) *Ragionamento del modo di conservare lo stato e la libertá, ai Lucchesi.*

(²) *Il modo che con la pratica di molte università e provincie Dio a mostrato per se stesso, pe' padri antichi, pe' concili e per mille altri argomenti. Id.*

Que mais direi eu? A mesma Igreja fez ouvir a sua grande voz, e prohibiu expressamente que se puzessem livros pagãos em mãos de meninos ⁽¹⁾. A esta nuvem de testemunhas, facil seria accrescentar muitas outras. As que acabam de depôr, parecem bastar para me darem o direito de perguntar se haverá na historia um facto mais bem estabelecido do que a reprovação quinze vezes secular do paganismo na educação; se não haverá presumpção nem imprudencia em desprezar as advertencias solemnes da sabedoria, do genio, da experiencia e da virtude; se aos olhos dos Padres da Igreja e dos Pontifices, o paganismo classico, não é senão uma simples fôrma, uma fôrma innocente, uma fôrma sem influencia funesta na mocidade, e pela mocidade na litteratura, nas artes, na philosophia, nas sciencias, na religião, na familia, na sociedade e finalmente na marcha das cousas humanas?

(1) Antiqui vero libri ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur: *Nulla tamen ratione pueris praelegendi erunt.* Reg. Indic., jussu conc. Trid. edit., reg. vii.

CAPITULO X.

TESTEMUNHO DOS FACTOS. — INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NA LITTERATURA.

Do testemunho dos homens passemos ao dos factos. Com mais eloquencia ainda, se é possível, que os homens, depõem os factos em meu favor. O paganismo na educação é destruidor da litteratura, das artes, da philosophia, das sciencias, da religião, da familia e da sociedade: é o que elles dizem e o que provam. *Destruidor da litteratura*; esta proposição, principalmente, vae ser, talvez, tratada de paradoxo. Com effeito, no mundo sabio todos são concordes em repetir, que o estudo dos modelos pagãos foi a resurreição da litteratura na Europa. Entendamo-nos, examinemos e recomecemos a historia da renascença esboçada anteriormente.

Desde a quéda original, duas potencias oppostas disputam o imperio da humanidade, bem como o coração de cada individuo: o sensualismo e o espiritalismo, ou, para fallar a lingua energica da Escriptura, a carne e o espirito, o homem velho e o novo. Tres mil annos, viveu o mundo sob

o dominio da carne, e o mundo teve uma lingua, uma litteratura, uma poesia, expressão fiel do principio em que se transformára, pelo qual vivia, que seguia e amava em tudo, que adorava debaixo de todas as fórmulas. Feito carne, o mundo, fallava a lingua da carne e das suas tres grandes concupiscencias; orgulho, cubica, voluptuosidade. Essencialmente sensualista, a sua litteratura e a sua poesia tomaram forçadamente fórmulas duras, altivas, frias, hypocritas, mas, quasi sempre elegantes e voluptuosas, ou para occultarem a vergonha do fundo, ou para darem novos attractivos ao idolo, a cujos pés todos os corações secretamente desejavam ver-se presos.

Veio, porém, um tempo em que foi destruido o dominio da carne, e o homem, livre da sua tyranna, viveu feliz sob o imperio do espirito. O christianismo operou esta revolução abençoada, ou, para melhor dizer foi elle proprio esta revolução. Rei do mundo durante mil annos, teve necessariamente uma lingua, uma litteratura, uma poesia, expressão fiel de seu pensamento. Ora o pensamento pagão é o antipoda do pensamento christão. Este é essencialmente espiritualista, aquelle sensualista. Além d'isso, como divino, o pensamento christão é o mais rico, o mais simples e o mais sublime, o mais elevado e o mais profundo, o mais bello, emfim. A litteratura christã participa forçosamente de todas estas fortes e brilhantes qualidades. Assim como fazia sensivel o pensamento, rico, espiritualista, sublime, verdadeiro, casto, sério, ella era o prégador incessante do espiritualismo, como a litteratura pagã o fôra do sensualismo. Uma cousa principalmente a distingue: emquanto na litteratura pagã é o culto da fórmula que se ostenta, em toda a parte, luxuoso e abundante para disfarçar a ignominia e a pobreza do fundo, na litteratura christã, a fórmula apaga-se o mais possivel, para deixar apparecer com todo o brilho a magestosa belleza do fundo.

O mundo conheceu, pois, duas litteraturas, porque foi inspirado por dois pensamentos: a litteratura pagã, expressão do pensar pagão, e a litteratura christã, expressão do pensar christão. Negar este facto, é não comprehender mesmo o sentido dos termos empregados. Durante o longo periodo decorrido, desde a prègação do Evangelho até fins do seculo XV, a Europa adquirira um modo de julgar e sentir conforme com o conjunto de causas que sobre ella tinham actuado. «Se nos desenvolvimentos progressivos do pensamento e da imaginação, escreve um homem insuspeito, ella tivesse ficado entregue só aos seus elementos de cultura; se nenhuma influencia estranha tivesse modificado a sua acção *ter-se-hia visto nascer* em cada paiz uma litteratura verdadeiramente nacional como a dos antigos, impregnada de todas as feições da sua civilisação (1).»

Em vez de dizer que se *teria visto nascer* essa litteratura, o auctor deveria dizer que *tinha nascido*. Com effeito, os Padres da Egreja tinham dado a sua verdadeira fôrma ao pensamento christão nas suas manifestações diversas. Successor de tantos genios, S. Gregorio o Grande, tinha-a fixado. Formados na sua escôla, Santo Anselmo, Beda o veneravel, Lanfranc de Cantorbery, S. Bernardo, S. Francisco d'Assis, S. Thomaz, S. Boaventura, Santo Antonino de Padua, S. Bernardino de Sienna, Santo Antonino de Florença, e innumeraveis outros, tinham popularizado por toda a Europa a fôrma perfeita do pensamento christão, nas sciencias e nas lettras.

Para fallar da litteratura em sentido mais restricto, Dante tinha cantado, Petrarca tinha escripto. A propria França não ficou atraz de tão bellos exemplos. «As poesias de seus trovadores, os seus romances de cavallaria, compunham já uma litteratura baseada sobre tradições populares, sobre a

(1) Essai sur la littér. rom., pa. 35.

pintura dos usos nacionaes. Se, corrigindo-lhes as imperfeições, sem lhes mudar o principio, a França permanecesse fiel a esses primeiros ensaios do seu talento litterario, gozaria hoje das vantagens pouco sentidas d'uma litteratura nascida e aperfeiçoada no sólo da patria. Infelizmente não foi assim. Foram estudadas e commentadas sem descanso as obras gregas e romanas.... metteram-se a ridiculo os poucos escriptores que se tinham inspirado nas origens nacionaes (1).»

Veamos o que ganhou n'isso a litteratura, tanto na fórma como no fundo. Não contentes com terem infectado a Alemanha, e por ella a metade da Europa, com suas heresias philosophicas e theologicas, os gregos fugitivos de Constantinopla infectaram com a sua heresia litteraria a patria da litteratura e das artes, a Italia e com ella as outras nações latinas. Á sua voz viu-se a Europa christã, a Europa litteraria, abdicando-se a si mesma, tomar por modelos exclusivos os pagãos de Athenas e Roma, aprisionando nas fórmulas estudadas da linguagem d'elles, fria como a cinza dos seus tumulos, a sua palavra tão singela, tão forte, tão livre; á inspiração do sobrenaturalismo christão, preferir a falsa inspiração do naturalismo pagão; n'uma palavra, fazer-se, quanto pôde, grega e romana em sua composição, e pagã em sua linguagem. Foi pouco a pouco diminuindo o rico fundo de nobres sentimentos, producto da fé, em quanto que o culto da fórma, com o seu luxo e a sua affectação, se tornou o grande objecto da *arte litteraria*. Não se reparava em que o pensamento moderno, com fórmulas pagãs, era tão ridiculo como um Francez do seculo XVI, vestido de toga romana e com o barrete phrigio na cabeça.

Não se ficou na resurreição da fórma pagã; em breve uma voz christã, a voz do legislador do Parnaso, ousou di-

(1) Id., pag. 75.

zer ao mundo: «No Olympto é que deves buscar os teus deuses; os unicos, cujos nomes podem embellezar as tuas obras, os unicos, cujos mysterios e intervenção convem ás obras do genio. A historia nacional é um fundo esteril e prosaico; o Evangelho é muito austero: os seus mysterios formidaveis matariam o enthusiasmo ⁽¹⁾.»

Assim se cortou o fio que ligava a nossa cultura poetica á de nossos paes. Nós fomos infieis ao seu espirito, para nos entregarmos sem reserva a um espirito extranho, que entendiamos mal, que nada tinha de commum conosco. O Olympto substituiu o céo dos christãos.... A *musa* dos modernos, submettida a essa transfusão, recebeu em suas veias um sangue extranho.... O mundo da poesia tornou-se um mundo differente do vulgar onde só se fallava em Troia ou Thebas, em Roma ou em deuses extranhos.

«A nossa natureza propria e originaria combate sempre, surdamente, essa vida artificial que nos obrigaram a revestir. A unidade da nossa existencia assemelha-se ao monstro de Horacio. E quem queizesse olhar para isso de mais perto, acabaria por achar que é d'ahi que vem *este arrefecimento das almas pela religião, pela simpleza e santidade do Evangelho*, por tudo o que é verdadeiramente *grande, nobre e humano*; não porque estes defeitos pertencessem

(1) La fable offre à l'esprit mille agréments divers;
Là, tous les noms heureux semblent nés pour les vers.

De la foi d'un chrétien les mystères terribles
D'ornemens égayés ne sont pas susceptibles;
L'Évangile à nos yeux n'offre de tous côtés
Que pénitence à faire et tourments mérités.

Oh! le plaisant projet d'un poëte ignorant
Qui de tant de héros va choisir Childebrand!

(Art Poét., ch. III.)

aos antigos, mas, por nos virem do falso caminho que tomamos (1).»

«Os escriptores d'um grande povo, accrescenta o judicioso editor de Bouterweck, devem rivalisar, e não macaquear os grandes modelos estrangeiros, cujas bellezas se querem apropriar. Se os creadores das litteraturas modernas não tivessem perdido de vista este principio, ter-se-iam ligado mais aos costumes e instituições de nossos avós; e nós não teríamos litteraturas *hybridas* e *descóradas*, compostas de elementos heterogeneos ou baseados n'um typo extranho ás nossas ideias e á nossa maneira de ser; offerecendo uma litteratura grega em caracteres occidentaes, uma ruim cópia da litteratura antiga (2).»

Ao perder a nacionalidade, a nossa litteratura perdeu tambem a popularidade. «A poesia franceza, a mais classica de todas as poesias modernas, sob a influencia do paganismo, é a unica que se não encontra entre o povo (3).»

«Em lugar de pôrmos ao serviço do genio christão, accrescenta um celebre escriptor, os progressos da antiguidade no estudo do bello, puzemos o genio christão a reboque da litteratura e esthetica pagãs. D'ahi resultou uma litteratura neutra, servil, que exerceu a mais funesta influencia nos talentos e nos costumes: nos talentos, rebaixando-os ao papel de copistas; nos costumes, fazendo-se interprete e admiradora das ideias pueris e dos costumes dissolutos da antiguidade. D'ahi resultou tambem o enjoado da poesia, da musica, da pintura, da esculptura, da architectura, que só vivem das inspirações do pensamento religioso e nacional.

(1) Magasin Pittoresque 1810, t. V. Carta de M. Charles Villers sobre a antiga poesia allemã.

(2) Essai sur la littér. espagn., p 40.

(3) Mad. de Stael — De l'Allemagne. t. I, p. 278.

«As nossas tentativas de restauração pagã na ordem politica, foram ainda mais desastradas. A ideia romana de crear nações de soldados, reinando sobre as outras pelo direito da espada, não gerou senão guerras sanguinolentas. Ella morreu decididamente, com seu ultimo representante, em Santa Helena. A ideia grega, de fazer nações de legisladores e funcionarios, só produziu o desprezo das leis, e do poder, e tornou-nos ingovernaveis. A ideia economista ingleza, de nos transformar em automatos productores, consumidores, e commerciantes, reavivou as antipathias nacionaes, e não fez senão desenvolver, na Ingiaterra e nos paizes que a imitaram a lepra medonha do pauperismo.

«Em summa, as educações modernas, têm feito tudo, para nos fazerem retrogradar vinte seculos, e obrigar os povos christãos a tomarem as miseraveis maneiras d'uma miseravel antiguidade (1).»

(1) M. Martinet. *De l'education de l'homme.*

CAPITULO XI.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

O paganismo classico não roubou só á litteraria moderna os encantos e a popularidade: viciou-a profundamente no seu espirito. De espiritualista que era, tornou-a sensualista. Escutemos a historia.

É certo que já no seculo XIV, Boccacio havia levantado o estandarte manchado do paganismo. Entregando-se *de motu proprio* á leitura dos auctores antigos, principalmente Homero e Menandro, aprendeu com elles a viver como pagão, e a corrupção bebida em taes leituras, vasou-a nas suas obras. Mas era tal então a influencia geral do espirito christão, que Boccacio, arrependido, queimou elle proprio e publicamente o *Deccameronne*, e todas as suas outras obras obscenas. Os germens funestos que elle semeára só produziram fructos á chegada dos gregos a Florença.

João Argyropulus, André Lascaris, Isidoro Gaza, chefes da emigração, acolhidos e honrados pelos Medicis, obtiveram licença para ensinarem em publico, e d'ella se aprovei-

taram não só para explicarem, commentarem e exaltarem a litteratura pagã, mas tambem para apaixonarem todos os espiritos a favor d'ella. Argyropulus, preceptor dos filhos de Cosme de Medicis, fel-os fanaticos pelas lettras gregas: Gaza traduziu em grego as principaes obras dos antigos auctores latinos, e em latim os auctores gregos; Lascaris, mandado muitas vezes á Grecia, trouxe de lá os manuscriptos dos oradores, philosophos e poetas; de tal maneira que, graças aos esforços combinados d'estes tres homens, o amor pelos pagãos passou os limites da admiração e chegou a ser uma especie de culto.

Educados n'esta escóla, Marcilio Ficino restaurou a philosophia pagã, Policianno a litteratura.

Sob a direcção de Andronico de Thessalonica, este ultimo, iniciado em todos os segredos das lettras pagãs, só estimou e ensinou toda a vida o paganismo. Antes da idade de quinze annos, cantou, n'um poema latino, os jogos que, á maneira dos pagãos, os Medicis deram em Florença; traduziu em latim os historiadores gregos; celebrou em verso lyrico os louvores de Horacio, que quasi divinizou; compoz epigrammas perfeitamente pagãos no fundo e na fórma; escreveu em versos italianos canções lubricas e tragedias no gosto pagão, que foram impressas com todo o luxo em Florença.

Não contente com corromper os seus contemporaneos, Policianno transmittiu á posteridade o veneno de seu ensino. Fundou uma escóla onde affluio toda a mocidade distincta da Toscana e da Italia. D'esta escóla sahiu, entre outros, Machiavel, que, cheio de admiração, como seus discipulos, pelos pagãos, compoz, em reminiscencia de Luciano e Apuleio, o *Asno de ouro*, poema obsceno, preludio de comedias mais obscenas que as de Plauto e Terencio. Entre todas destingue-se, n'este ponto de vista, a *Mandragora*, peça infame que contribuiu poderosamente para a cor-

rupção dos costumes. Do estudo dos poetas, Macchiavel passou ao dos historiadores pagãos e principalmente de Tito Livio. Preferindo os seus principios politicos e as suas doutrinas sociaes ás do Evangelho, compôz o famoso livro do *Principe*, com razão chamado o código da hypocrisia, da fraude e da impiedade, porque abala todos os sentimentos de boa fé, da virtude, da justiça e da religião.

Policianno formou tambem Pedro Bembo e João Della Casa, ambos hellenistas e latinistas pagãos muito habéis, mas ambos fieis imitadores de seus modelos no corrupto dos costumes e dos escriptos. Ambos choraram os seus desvarios, mas é certo que bastou a elles e aos seus condiscipulos, terem bebido na fonte do paganismo, para se tornarem a vergonha da sua patria, e um flagello dos costumes publicos (¹). Eis alguns dos fructos que, desde os fins do seculo XV deu o paganismo renascente.

Emquanto o paganismo invadia assim Florença, tambem se ia estendendo, no principio do seculo XVI, por toda a Europa: a propria Roma sentiu a sua desastrosa influencia. Alli, sob a inspiração de Pomponio Leta, muitos se deixaram tomar da febre que o devorava. Era tal o seu enthusiasmo, que não queria lêr senão auctores profanos: celebrava devotamente a festa da fundação de Roma, e chegou a levantar altares a Romulo. A consequencia d'este amor apaixonado pelo paganismo foi a que devia ser e a que será sempre, o desprezo pela religião christã. Pomponio dizia que ella só servia para barbaros; as Escripturas e Obras dos Padres só obtinham d'elle sarcasmos: emfim a sua vida particular era digna dos seus modelos. A impiedade e o atheismo tornaram-se o caracter d'elle, até que foi ter a uma prisão, d'onde felizmente sahiu para morrer christãmente no hospital.

(¹) Vêde artigos seus em Tiraboschi ou no Dicc. biogr.

Porém, a febre que elle accendera tinha-se communicado á mocidade, que á meia noite começava a agglomerar-se á porta da sua escola, para assistir ás lições que só começavam ao romper d'alva. Como Pomponio rendera cultos a Romulo, viu-se homens, animados do mesmo espirito, estabelecerem festas em honra de Platão e Catullo. Um momento houve, em que Roma christã, eccoou com os sons da lyra pagã, de mais de cento e oitenta poetas! Refreado algum tempo pelos esforços de Innocencio VIII, Alexandre VI, Adriano VI, o movimento pagão retomou o seu curso com mais rapidez. Já elle havia chegado a França, onde Muret, discipulo fanatico de Anacreonte, Horacio, Catullo e Terencio que estudára sem mestre, realisára em costumes as maximas d'estes auctores: em Paris, Tolosa, e até em Veneza, espalhou o escandalo até que afinal se fixou em Roma. Alli, arrependeu-se do mal immenso que fizera; mas nem por isso diminuiu, antes augmentou o seu amor pela litteratura pagã. Prova-o a sua obra, *Juvenilia carmina*; e as suas notas a Horacio, Catullo, Tacito, Cicero, Sallustio, Aristoteles e Xenophonte — obra de sua vida inteira.

Senhora das ideias, pela educação, a reacção pagã devia penetrar necessariamente nos costumes publicos. A antiga Roma tivera poetas antes de ter theatros: mas os primeiros trouxeram os segundos. O mesmo succedeu na época da renascença. Os theatros, banidos unanimemente de todas as cidades christãs pelos Padres da Egreja, concilios, e pontifices, reapareceram primeiro em Florença e depois em toda a Europa. Por toda a parte appareceram theatros *permanentes*; e, o que se não tinha visto havia quinze seculos, os povos christãos foram em massa occupar as bancadas d'esses theatros, dos amphitheatros, e depois dos circos e dos hippodromos, applaudindo, com furor pagão, espectaculos todos pagãos. O que então fizeram, ainda hoje o fazem, e Deus sabe com que aproveitamento para os costumes publicos!

Assim, no principio, representaram-se as comedias latinas e gregas de Aristophanes, Menandro e Terencio, todas em sua crueza nativa. Depois, para que o povo e as mulheres, que pouco latim sabiam, podéssem tomar parte nos prazeres da representação, Macchiavel e Ariosto, mais tarde Metastasio, Casti e outros discipulos dos pagãos, compozeram em lingua vulgar peças em que respiram o sensualismo e a obscenidade dos modelos.

Breve, nas academias, nos palacios dos nobres e nas casas de particulares, só resoaram versos de poetas pagãos. Só houve gosto pelos livros da antiguidade; só elles se estudaram com ardor. Sobre a mesa do estudante, sobre a papeleira do erudito, sobre a cathedra do professor e sobre o movel dourado da grande dama, Virgilio tomára o logar da Escriptura; Cicero, de S. Paulo e Santo Agostinho; Horacio, de David; Plauto, Aristophanes e Catullo, dos Actos dos Martyres, e da vida dos Santos.

Movimento analogo se manifestou no resto da Europa, e principalmente em França. Corneille e Racine puzeram em scena e apresentaram á admiração da sociedade as principaes peças do theatro pagão, ou assumptos tomados do paganismo. Os Horacios e Curiacios, Cesar, Britannico, Iphigenia, tudo, todo o mundo pagão veio ostentar deante d'um publico christão galas de sentimentos, ideias e affeições oppostas aos costumes dos espectadores. Que sensualismo, que ferocidade, que sentimentos anti-sociaes e anti-christãos, mas nem por isso menos applaudidos, em muitas peças, que é inutil nomear, e que fizeram derramar lagrimas de arrependimento a seus proprios auctores!

Durante o seculo XVIII, o theatro continuou a especular com o paganismo. Quando se esgotou a mina ou faltou o talento, compozeram-se tragedias, comedias, *vaudevilles*, dramas e mellodramas que só tiveram do paganismo o fundo, que é o sensualismo. Desprezou-se até a fórma, para

melhor apparecer a nudez hedionda da paixão. De quêda em quêda, a litteratura chegou ás repugnantes producções de Parny, Pigault-Lebrun, Victor Hugo, Scribe, Soulié, Eugenio Sue, e dos folhetinistas; e assim vão indo!

D'esta união de todas as forças intellectuaes para resuscitar na Europa o paganismo litterario e para o fazer apparecer aos olhos da mocidade e da sociedade todo resplandecente de belleza, resultou naturalmente ficarem enterrados no pó das bibliothecas os Padres da Egreja, de que tanto se gloriára a idade média. Apenas se vê, durante essa época, a traducção de algum tractado d'esses grandes homens, cujas obras, espalhadas em lingua vulgar, teriam contribuido tão poderosamente para despertar a fé e proteger os costumes. Pelo contrario, Cicero teve por traductor Manucio; Tito Livio, Nardi; Virgilio, Caro; Ovidio, Anguillare; et caetera.

A mesma imprensa, nos Estados os mais catholicos, a imprensa ha pouco inventada, dá só as Cartas de S. Jeronymo e algumas outras obras christãs, que parece publicar com custo, em quanto deixa ás impressas de Amsterdam, Genova, e Bâle, dirigidas por Erasmo e pelos protestantes, o cuidado de publicarem, ou antes de corromperem as obras dos Santos Padres. Assim, o primeiro livro grego impresso em Italia é a Grammatica grega de Constantino Lascaris, e o Pindaro, in-4.º, é a primeira obra que appareceu em Roma, publicada á custa do famoso banqueiro Chigi. Vê-se Aldo Manucio, o principe dos typographos italianos, pondo de parte quasi todas as obras christãs, consagrar o seu talento e a sua vida a reproduzir os auctores pagãos, principalmente Virgilio, Luciano, Horacio, Juvenal, Lucano, Cicero, Demosthenes, Homero e Sophocles. Dir-se-ia que a imprensa só fôra dada aos homens para propagar o paganismo; ou que já mostrava o que havia de fazer em nossos dias.

Comtudo, a invasão pagã continuava. Os modelos da antiguidade já não eram só propostos á admiração, como typo

exclusivo do bello: eram titos como reguladores dos costumes, como se houvesse desaparecido o Evangelho. Não fallo do ensino classico em que o paganismo servia de formar o espirito e o coração da mocidade; vou a uma prova mais directa: fornece-a Erasmo. Este principe dos litteratos do seu seculo, diz com um serio louco e eminentemente ridiculo: «Não sei se tenho tirado proveito da edade. O que sei é que nunca Cicero me agradou tanto como agora. Não só a sua *divina* eloquencia, mas mesmo a sua *santidade* inspiram minha alma e fazem-me melhor do que sou. Por isso não duvido exhortar a mocidade a que consagre seus annos, não direi a lêr e reler, mas decorar as suas obras. Eu, por mim, no declinar da vida, estimo *ter-me reconciliado com o meu Cicero*, renovando com elle uma antiga amizade, longo tempo interrompida (¹).»

Basta esta declaração para mostrar até que ponto o fanatismo tinha avassalado os espiritos. N'outro tempo, um *sacerdote*, um *christão*, um *religioso*, (Erasmo era tudo isto) envergonhar-se-ia de dizer que voltára á leitura, não do Evangelho, mas de Cicero; que se reconciliára, não com Deus, mas com Cicero; envergonhar-se-ia de dizer semelhantes extravagancias a padres, a prelados romanos, se ellas não tivessem adeptos em todos os Estados e em todas as condições.

Para que até a mocidade, segundo o preceito de Erasmo, se fizesse virtuosa, lendo, não a Escriptura, não as Obras dos Padres, mas os mestres do paganismo, compozeram-se os chamados *classicos moraes*. Como primor do genero, citarei o *Selectæ e profanis*, onde se apresentam os pagãos como modelos acabados das quatro virtudes cardeaes: prudencia, justiça, força e temperança.

Ora, estes modelos, não se confessavam, não commun-

(¹) *Præm. in XXII Tuscul.*

gavam, não iam á missa, não eram christãos. Logo o christianismo, com as suas obrigações, que obstem ás paixões, não é necessario para se ser virtuoso: tal é aos olhos do menino a consequencia inevitavel de tal ensino. E que esta consequencia se tornou axioma, nunca mais que hoje se demonstrou. Qual é a philosophia dominante da época? Não é o eclectismo, o racionalismo? Esta philosophia não pretende que a religião é um pedestal, um tablado que deve cahir em breve? Não ensina ella que o mundo viu muitos homens celebres pela virtude, formados só pela philosophia: Pythagoras, Antisthenes, Socrates, Platão, os estoicos, Cação, Condorcet, Tracy, Cabanis? Não diz hoje toda a gente em côro: «Póde-se ser virtuoso sem religião?»

Ser-me-ha permittido dizer, de passagem, que Fenelon, sem o cuidar, conduz á mesma consequencia, dando a Telemaco todos os sentimentos e todas as virtude que só o christianismo póde inspirar (1)? O mesmo principio nos valeu uma nuvem de obras, em particular as de Berquin, que ensinam aos meninos a serem virtuosos sem religião.

Se faltassem outras provas d'esta desastrosa invasão do paganismo, eu accrescentaria que os litteratos levaram o culto da antiguidade ao ponto de nomearem as cousas religiosas só com nomes pagãos, não receando manchar a santidade do christianismo com o ridiculo da mythologia. Bembo, nas suas cartas, faz dizer a Leão X que elle foi soberano pontifice *pelos decretos dos deuses immortaes*. N'outra parte, chama a Nosso Senhor Jesus Christo um *heroe*, e á Virgem Santa, a *deusa do Loreto*, á *fê*, *persuasão*, á *communhão*, *interdicção da agua e do fogo*. Para elle e seus eguaes não era latina a palavra que se não achasse em Cicerone. É o que d'elles affirma João Lami, seu partidario.

(1) E o cavalheiro de Ramsay o louva por isso com enthusiasmo! Oeuv. de Fenelon, T. VIII, p. 17.

Outros chamam á augusta Maria, *esperança dos deuses*; ao céu, *Olympo*; ao inferno, *Erebo*; ás almas dos justos, *manes pios*; aos padres, *flamines*; ao Sacro Collegio, *senado do Lacio*; ás grandes solemnidades religiosas, *lectisternia*. Em lugar de dizerem com os christãos, *Deus queira*, dizem, *praza aos deuses*; a missa, é o *culto sagrado dos deuses*. É facillimo encontrar em obras puramente litterarias milhares de exemplos d'este pedantismo tão perigoso como ridiculo.

Accrescentarei, o que já é mais grave, que a eloquencia sagrada, desprezando a Escriptura e os Padres, manancial fecundo de seus castos ornamentos, tirou quasi todas as suas côres, exemplos e testemunhos da historia pagã, e até, ás vezes, da mythologia. Os livros asceticos soffreram a mesma influencia. Quasi todas as paginas offereciam em grego e latim, como modelos de virtude ou penhores da verdade, as coisas e homens do paganismo.

A poesia só tractou mesmo os assumptos christãos em estylo e com ornatos pagãos: alguns exemplos entre mil. Sannasaro e Vida, são os dous litteratos mais distinctos d'esta época, que emprehenderam cantar os mysterios da religião. Ora, o primeiro, no seu poema *De Partu Virginis*, faz um mixto ridiculo, se não indecente, das mais augustas verdades da fê e das ineptias da fabula. Tudo alli está cheio de deuses, deusas, dryades e nereidas. Não se acha lá nem uma só vez o nome de Nosso Senhor Jesus Christo.

Para cantar a Virgem Santa e Nosso Senhor, vencedor da idolatria, Sannasaro começa por invocar as Musas. Não bastando isto, implora a Virgem Santa a quem chama firme esperança dos homens e dos deuses, e da qual faz uma deusa e a rainha dos deuses. O anjo Gabriel, encontra a Virgem lendo, segundo o seu costume, não Isaiás, nem os Psalmos, mas as sibyllas; sauda-a chamando-lhe deusa

e diz-lhe que nada tema. A nova da encarnação chega aos infernos onde as almas dos justos, Abrahão, Isaac e Jacob, exultam de alegria. Porque? Porque vão deixar as margens tenebrosas do Acheronte, e nunca mais ouvirão os latidos de Cerbero! Para cumulo de admiração, o poeta personifica o Jordão e faz-lhe anunciar o mysterio da encarnação, o baptismo e os milagres de Nosso Senhor. Mas por quem? Por Proteu!

O segundo, não menor metrificador, só pensa e falla por Virgilio, que elle sabia de cór. Bispo instruido, irreprehensivel, Vida foi o homem mais capaz de resistir á torrente do seculo. Merece um estudo especial: a influencia do paganismo sobre elle dá-nos a medida *a minima* do que ella chegou a ser nas almas menos robustas que a sua. Ora, o sabio, o grave, o digno bispo de Cremona é para nós a melhor prova de que a renascença, repudiando a herança litteraria dos seculos da fé, não permittia tractar-se assumpto algum, em que se não empregasse a linguagem do paganismo, onde não interviesses os seus homens e os seus deuses.

A sua *Poetica* escripta em centões virgilianos só falla em Phebo, musas, Parnaso e Minerva, mais até do que qualquer auctor profano. Em seu fanatismo chega a chamar a Virgilio um deus, ao qual promette, para sempre, *coróas, incenso, altares* e um *culto sagrado*: e isto não uma, mas muitas vezes!

O mesmo prelado compõe gravemente um poema sobre o *jogo do xadrez*. Não penseis que os jogadores são simples mortaes, reis, imperadores, personagens historicos do Oriente ou do Occidente. A partida é entre Apollo e Mercurio e joga-se nas bôdas do Oceano com a Terra. Jupiter é o' juiz do combate; os espectadores são Venus, Marte e Vulcano.

Depois de se ter exercitado em assumptos litterarios,

Vida tracta assumptos christãos. A sua obra mais importante é a *Christiada*. Cópia da Eneida, com discursos interminaveis, eis o que é o poema, em geral. É S. José, e depois S. João, que contam a Pilatos, no momento da Paixão, toda a historia de Nosso Senhor. Deixo passar o anachronismo; outros verão se se pôde deixar passar a falta de naturalidade, que ha n'esses discursos interminaveis, dirigidos a um juiz, apressado e preocupado pela revolta do povo que tumultúa lá fóra, pedindo a morte da victima. Reparo na fórma pagã dada a um assumpto que tão pouco a comporta.

O Padre Eterno, revela-se em todos os nomes dados a Jupiter: é o *pae dos immortaes*, o *poderoso senhor da tempestade*, o *monarcha do Olympo*. Nosso Senhor é constantemente um *heroe*; o *heroe* reprehende Pedro que não o quer deixar morrer; o *heroe* anda cercado de companheiros; o *heroe* immovel no tumulto de Lazaro, resa a seu pae; o *heroe*, depois de grandes feitos, morre insultado pelo mau ladrão.

Não é só da sua penna episcopal que Vida, deixa cahir a todo o instante este nome de *heroe* designando o homem Deus; põe este nome profano nos labios de S. João. Narrando a Pilatos as acções do divino mestre, o discipulo amado diz-lhe: «O *heroe*, atravessando um campo, fez secar uma figueira esteril; o *heroe*, erguendo as mãos ao céu, livra um possesso; o *heroe*, atacado pelo demonio no deserto, revela a sua divindade, e frustra os artificios do inimigo.» É S. João Evangelista que diz isto tudo.

Ainda diz mais cousas. Para as saber, começa por ser transportado á *habitação dos deuses*. Voltando á terra, e contando a Pilatos o milagre da multiplicação dos pães, diz que o povo, de que era seguido seu mestre no deserto, se achava privado, havia tres dias, dos beneficios de Ceres. Emfim, accusa as Eumenides de terem aticado o odio dos

Judeus contra elle. Até ao seculo XVI, ninguem se tinha lembrado de que S. João soubesse a mythologia; tambem, não é para admirar; que sabiam os seculos barbaros?

Ainda, porém, o discipulo amado não disse tudo. O poeta passa a designar-nos pelos seus nomes todos os espiritos das trévas que arrastaram os Judeus ao deicidio: o primeiro é o *rei do Erebo*; vem depois as *Gorgonas*, depois as *Sphinges*, com *centauros*, *hydras*, *chimeras*. Na recta-guarda vão as *Scyllas* e as immundas *harpias*. São coisas que, sempre é bom saberem-se, como não o é menos, que a Magdalena deve attribuir as suas faltas a Venus e ás furias que á sua alma desceram. Uma d'estas furias tinha sete cabeças; era ella quem atormentava a desgraçada, e aquella que Nosso Senhor expulsou; é, em fim, a Erinne da mythologia.

O que se segue é um pouco mais sério. A fé ensina-nos que foi Deus que confiou a S. José a guarda da Virgem, dando-lh'a por esposa. Tal era a vontade *dos immortaes*, segundo Vida. Quereis saber o que é a mesma Virgem? é a *mais bella nympa*, até, mais do que isso: uma *deusa*. É em nome *dos deuses* que S. Joaquim manda a sua filha que case. É Santa Anna, n'um accesso de bacchante, que lhe designa o esposo.

A poesia da renascença, desprezando a simplicidade do Evangelho, não cahe em dizer que Nosso Senhor mudou a agua em vinho, nas bôdas de Caná; é preciso esmaltar a narrativa dos milagres com algumas bellezas pagãs, e a agua é transformada em *licór de Baccho*; é tambem a *taça de Baccho* que apresentam a Nosso Senhor na cruz. O pão azymo, o pão da Eucharistia, é chamado *Ceres sem mistura*.

Finalmente, ou delirio poetico, ou impossibilidade de exprimir na lingua latina pagã os mysterios do christianismo, ou desejo fanatico de em tudo mostrar a fôrma virgiliana, Vida, conta assim a instituição da Santa Eucharistia: «Já o

heroe toma nas mãos o pão sem mistura, parte-o, e reparte-o por todos; enche depois um copo de vinho e de agua fresca, abençoa a mistura divina que elle contém, e apresenta-o *espumante* a seus *companheiros*, dizendo: «Eis a verdadeira imagem de nosso corpo, a verdadeira imagem de nosso sangue, que, victima votada a meu pae, eu só espalharei por todos os homens (1).»

Não quero acusar Vida de heresia; supponho que o seu verso tem um sentido orthodoxo, mas confesso que não sei como provar que estas palavras: *vera imago corporis*, significam—este é o meu corpo. O que eu sei é que S. Thomaz falla de outro modo, e pode-se affirmar que elle nunca fallaria assim. Facil fôra achar nas expressões pagãs de Vida, bastantes outras *inexactidões theologicas*: tão certo é, o que nós veremos depois, que o uso da lingua pagã, incapaz de exprimir as verdades christãs, é muito proprio para abrir caminho á heresia.

Accrescentemos que, depois de ter dado, segundo a moda da época, um ponta-pé a toda a litteratura dos seculos da fé, o digno bispo acabou por se arrepender (2). Atormentado pelo remorso de ter empregado uma parte da sua vida em obras profanas, desdiz-se de todos os erros que lhe poderiam ter escapado e pede que se lhe perdoe o ter consagrado ás letras profanas o tempo que devia a Deus.

Taes são Sannasaro e Vida, os dous principes da poesia da renascença. Ambos elles christãos pelo assumpto, são perfeitamente pagãos pelos raciocinios, pela ordem, pelos meios, pelas maximas, pela elocução, pelo metro; e ambos fizeram uma despeza enorme de espirito e imaginação para

(1) Lib. II, v. 651.

(2) Notand. *in fin. Christiad.*

compõem umas ninharias elegantísimas. Mesmo, o mal não foi grande, porque tal é o nojo que inspiram estas obras que não se podem lêr até o fim.

Foi contudo funesto o exemplo dado por elles. Uma chusma de pretendidos poetas emprehenderam, em França e Italia, refazer os hymnos da Igreja. Aos olhos d'estes Vandalos de novo genero, os hymnos sagrados, que com poucas excepções, são primores de poesia christã, dignos dos profundos estudos e de toda a admiração dos homens de gosto, só serviam para se deitarem fóra como cousas barbaras. Viu-se, pois, os cantos sagrados, escriptos no estylo de Santo Ambrosio, S. Gregorio, Innocencio III, S. Boaventura e S. Thomaz, substituidos por novas peças elaboradas no estylo e metro de Horacio. Aqui tambem Vida, precursor de Santeuil e Coffin, levado por um zelo muito mais grammatical que episcopal, compoz, para as festas de Nosso Senhor e dos Santos, hymnos que são verdadeiras odes de Horacio, menos na inspiração poetica. Posta de parte a escolha das palavras e do metro, nada alli se encontra de grande ou de piedoso; e o coração, ao lêl-os, esfria para com as cousas celestes.

Em fim, o que é deploravel, viram-se seculares, que até então tinham empregado o seu talento em escreverem pela religião, ecclesiasticos, bispos até, esquecidos da sua dignidade e dos deveres da sua posição, consagrarem o seu tempo e saber á explicação e commentação de obras pagãs; desprenderem thesouros de erudição para fazerem valer cada uma das suas palavras, para justificarem uma variante n'um epigramma de Marcial, n'uma comedia de Terencio, para celebrarem a riqueza d'um periodo de Cicero, ou para ostentarem as bellezas do *Quadrupedante putrem* de Virgilio e do *procumbit humi bos*. O que mais deploravel é, viram-se elles traduzirem *na sua integridade* as obras mais licencio-

sas do paganismo, e empregarem mais tempo em cantar os deuses do Olympo, do que em defenderem a religião e a sociedade, as crenças e os costumes christãos, então tão violentamente atacados.

Mas o mal peor de todos, foi o descredito em que elles lançaram a lingua e a litteratura christãs. Foi então que, graças a elles, ellas foram unanimemente chamadas barbaras, e olhadas como taes. Nem um d'esses homeus havia que não proclamasse como um axioma que o genio, a eloquencia, a philosophia e a poesia nunca habitaram senão o Forum ou o Pyreu, nem um que não dissesse, com Scaligero, que preferiria ter escripto a ode de Horacio: *Quem tu, Melpomene, semel*—a ser rei de França. Alguns levaram o seu desprezo pela litteratura christã aos ultimos limites do ridiculo. Entre outros citarei esse sabio religioso, esse excellente Padre Maffei, que pediu sériamente ao soberano Pontifice a permissão de lêr no breviario em grego, para se não estragar lendo o latim da Vulgata e do Breviario Romano (1). Se um homem d'uma piedade eminente, um um religioso exemplar, chegou a este ponto, julgue-se de outros muitos que nem tinham a sua sciencia, nem a sua piedade!

D'este rapido esboço, resulta claramente, que, sob a influencia do paganismo classico, a litteratura moderna perdeu o seu verdadeiro character, o character christão e nacio-

(1) Para sermos imparcial, devemos dizer que o abbade Serassi, auctor d'uma vida do padre Maffei, nega este facto, aliaz muito provavel: «L'autore, diz Tiraboschi, descriva ancora le religiose virtù di cui fù adorno, e la somma attenzione con cui egli esaminava scrupolosamente ogni parola ed ogni sillaba; benche egli creda una favola cio che alcuni raccontano, cio è ch' egli per isfuggire il pericolo dimbeversi del poco elegante stile del Breviario romano, avesse dal pontifice (Greg. XIII) ottenuta le facultà di recitarlo in greco. Stor. della letterat. ital., t. VII, lib. III, part. 3, p. 1014.

nal; que, em lugar de ser o órgão do espiritalismo, é, muitas vezes, o apóstolo do sensualismo. Deixará ella em fim, esse papel indigno? despojará-se ella da toga antiga? sahirá das sombras e das fabulas para entrar na luz e na fé? Sabe-o Deus. O que nós sabemos é que tudo se demoronou á roda do seu throno; este throno não póde persistir em pé entre tantas ruinas. Ou o mundo ha-de perecêr, ou esse throno cahirá tambem, e sobre os seus restos se elevará o throno d'uma litteratura nova, expressão verdadeira da sociedade entregue a si propria, isto é, feita outra vez catholica.

CAPITULO XII.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NA LINGUA.

Se é incontestavel que o paganismo, introduzido na educação da mocidade, modificou profundamente a sociedade, e, de algum modo, o ser dos povos modernos, é igualmente incontestavel que a fôrma do pensamento, isto é, a palavra e a arte, deve tambem resentir-se não menos d'essa influencia. Ao que dissemos da litteratura e poesia, acrescentemos uma palavra sobre a lingua ordinaria, que recebe uma mais directa influencia da litteratura. Depois fallaremos da arte.

Todos sabem que o estylo é o homem; que a lingua d'um povo não é senão a fôrma exterior do seu pensamento, dos seus gostos, da sua maneira de pensar e sentir. Se esse povo fôr christão, christã será a sua lingua: se, pelo contrario, fôr pagão, ha-de a sua lingua ser pagã. É este um thermometro infallivel para apreciar a natureza da ideia que domina n'um povo, assim como n'um homem.

Ora, nós vimos o paganismo, isto é, o naturalismo e o

sensualismo penetrar em toda a Europa pelo grande vehiculo da educação. Que a sua lingua deve resentir-se d'elle, é proposição que não precisa ser demonstrada; estabeleça-mol-a, porém, com factos. Na idade média, a lingua das nações da Europa imita a lingua religiosa, que a perfuma. Por toda a parte se acham o espiritualismo e o sobrenaturalismo; as palavras sagradas sahem naturalmente de todos os labios: a seiva christã anima a palavra, vivifica o pensamento. Para o provarmos basta abriremos as capitulares e cartas antigas, consultar os chronicons, percorrer os discursos dos chancelleres das universidades e outras peças publicas e officiaes.

Chega o paganismo classico: muda a lingua logo de character. Começa por perder a sua abundancia e simplicidade. O proprio Fenelon não pôde deixar de o notar. «Falta, diz elle, á nossa lingua, um grande numero de palavras e phrases: parece-me que *a empobreceram, ha cousa de cem annos para cá, querendo-a purificar. É verdade que ella era ainda um pouco informe e demasiado verbosa. Mas as obras de Marot, Amyot, o cardeal de Ossat e outros, fazem-nos ter saudades da antiga: ella tinha um não sei que de breve, singella, ousada, viva, e apaixonada* (1).» Diminue depois a seiva christã; torna-se mais raro o sobrenatural; as antigas fórmulas que tão bem o exprimiam, desapparecem de todo ou são notavelmente alteradas. Se ha ainda vestigios d'ellas, na lingua do povo se devem buscar, que a lingua dos sabios já não os possue.

Assim, o nome adoravel de Nosso Senhor Jesus Christo não se acha uma só vez escripto por extenso nos discursos do paiz legal, ha mais de sessenta annos. O homem da moda faz muito gosto em citar Horacio ou Virgilio, mas o que elle nunca cita é uma maxima do antigo ou novo Tes-

(1) *Lettre sur l'éloquence.*

tamento. Vem-lhe naturalmente aos labios os nomes dos philosophos pagãos, mas nunca ou quasi nunca os dos apóstolos e prophetas. Se quer elogiar uma virtude, não diz uma virtude christã, mas sim uma *virtude antiga*; se quer apresentar o typo d'um grande character, não diz um character christão, mas sim um *character antigo*. Por toda a parte elle substitue palavras pagãs ou profanas, palavras d'uma significação puramente *natural*, ás palavras christãs, ás palavras de significação *sobrenatural*. Deus é *Divindade*, *Ente Supremo*, *Natureza*; a religião é *culto*; a fé, *convicções* ou *opiniões religiosas*; a caridade, *philantropia*. Á borda do tumulo, o *requiescat in pace* catholico dá o logar á fórmula pagã *Que a terra lhe seja leve*.

Facil fôra citar mil substituições, testemunho manifesto da alteração do pensamento christão. Não fallo de certas palavras ou fórmulas da lingua religiosa, que nunca sahem dos labios de certos homens, que nunca se acham em certos escriptos, senão acompanhadas de desprezo e blasphemia. Tão verdade é isto que vós podeis conversar muito tempo com um homem de letras, sobre qualquer assumpto, sem saberdes, pela sua linguagem, se elle é judeu, protestante, ou buddhista. O mesmo acontece com quasi todas as publicações modernas, nas quaes o cunho catholico é tão apagado que quasi sempre se pôde perguntar se o auctor tem religião e se a obra vem de Pariz, Genova, ou Constantinopla.

Ora isto é ridiculo, escandaloso e vergonhoso; mas é o fructo legitimo do paganismo classico. É ridiculo porque é um contraste desagradavel entre palavras pagãs e almas baptisadas: é escandaloso, porque não podendo as outras nações, pela nossa lingua ou pelos nossos costumes publicos, distinguir o que somos em religião, não sabem que logar nos hão de dar entre os povos; é vergonhoso porque é um symptoma da perda total da fé. Este ridiculo, este escan-

dalo, esta vergonha, ficaram sendo no calendario republicano a lingua official da nação, que nutrida de paganismo, isto é, de naturalismo e sensualismo, achava muito logico o conformar-se com os seus modelos, tanto na lingua como nas instituições e nos costumes. Prompta justiça, é certo, foi feita a este ensaio prematuro. Comtudo, se quizermos saber a que profundidade o paganismo penetrou o espirito publico, com que força elle se encarnou nas nossas ideias, e que immenso caminho nos fez andar, basta uma simples aproximação, cuja alta significação não poderia ser contestada. Além do interesse moral que apresenta, offerece um interesse de curiosidade tanto mais vivo, por isso que nunca foi feito, que eu o saiba.

Acho-a nos *nomes dos navios*, a tres seculos de distancia. Escolho este ponto de comparação, porque são certos os seus elementos; porque os dous factos comparados são uma manifestação authentica do pensar dominante nas duas épochas; em fim, porque o facto contemporaneo é de tal modo acceite, que seria impossivel tentar mudar alguma cousa n'elle, sem se produzir immenso espanto e suscitar uma explosão de reclamações e sarcasmos.

Ora pois; em 1571, os navios das grandes potencias maritimas da Europa achavam-se reunidos no golfo de Lepanto, onde haviam de ganhar a celebre victoria que anniquilou o poder invasor do islamismo. Eis os nomes das 204 galeras que tomaram parte no combate:

Vanguarda

- A Santa Magdalena de Veneza.
- O Sol de Veneza.
- A Patrona de Sicilia.
- A Capitania de Sicilia.
- A Capitania de Genova,
- O S. João da Sicilia.
- A Santa Catharina de Veneza.
- A Nossa Senhora de Veneza.

Centro

A Capitânia de Lomellini.
 A Patrona de Lomellini.
 A Capitânia de Bendinella.
 A Patrona de Genova.
 A Toscana,
 O homem marinho.
 A Nossa Senhora de Veneza.

Ala esquerda

A Capitânia de Veneza.
 A Capitânia de Veneza.
 A Fortuna de Veneza.
 O Sagittario.
 Os Dous Delfins.
 As Tres Mãos.
 O Leão e a Phenix.
 O S. Nicolau.
 A Victoria.
 A Lomellina.
 A Rainha.
 A Madonna.
 O Cavallo-Marinho.
 Os Dous Leões.
 O Leão.
 A Cruz.
 A Virgem Santa.
 O Leão de Candia.
 O Christo.
 O Anjo.
 A Pyramide.
 A Dama.
 O Christo Resuscitado.
 O Christo Resuscitado de Veneza.
 O Christo de Corfú.
 O Christo Resuscitado de Candia.
 O Christo de Veneza.
 A Galera.
 O Christo de Candia.
 O Christo Resuscitado.

O S. Jeronymo.
 O S. João.
 O Santo Alexandre.
 A Capitânia dos Martyres.
 A Cruz.
 O Mongibello
 A Donzella.
 A Temperança.
 A Aventura.
 O Roccaful.
 A Victoria.
 A Pyramide.
 O Christo.
 O S. Francisco.
 A Paz.
 A Perola.
 A Roda.
 A Pyramide.
 A Palma.
 A Capitânia de Gil d'Andrade.
 A Grenada.
 A Capitânia de Genova.
 A Capitânia de Veneza.
 A Patrona real.
 A real.
 A Capitânia do Grão commendador de Castella.
 A Capitânia do Papa.
 A Capitânia de Saboya.
 O Grypho.
 O S. Theodoro.
 A Mendoza.
 A Montanha.

Ala direita

A Capitânia de Sicilia.
 A Capitânia de Nicolau Doria.
 A Força.
 A Rainha de Candia.
 O Anão.
 O Christo Resuscitado.
 O Homem armado.
 A Aguia.
 A Palma.
 O Anjo.
 A Dama.
 A Nave.
 A Nossa Senhora de Candia.
 O Christo.
 O S. Victor.
 A Patrona de Grimaldi.
 Os Patronos dos mares.
 A Margarida de Saboya.
 A Diana de Genova.
 A Cegonha.
 A Lua.
 A Fortuna.
 A Esperança.
 A Furia.
 A Patrona de Lomellini.
 A Negrona.
 A Bastarda de Negroni.

A Roda.	O S. João Baptista.	O Fogo.
A Santa Eufemia.	A Victoria.	A Aguia.
A Marqueza.	A Pisana.	O S. Christovão.
A Fortuna.	A Figueira.	O Christo.
O Bravo.	O Christo.	A Esperança.
O Cavallo Marinho.	O S. João.	O Rei Attila.
O Christo.	A Florença.	O S. José.
O Braço.	O S. Jorge.	O Gusmão.
A Nossa Senhora.	A Patrona de Napoles.	A Determinada.
O Christo Resuscitado.	A Lua.	A Sicilia.
A Nossa Senhora de Veneza.	O Pardal.	A Patrona de Nicolau Doria.
A Trindade.	O Leão.	A Aguia.
A Chamma.	O S. Jeronymo.	O S. Tryphon.
O S. João.	A Capitania de Grimaldo.	A Torre.
A Inveja.	A Patrona de David Imperial.	A Santa Maria.
O Bravo.	O S. Christovão.	O S. João.
O S. Thiago.	A Judith.	A Patrona de Negroni.
O S. Nicolau.	O Armelino.	A Capitania de Negroni.
O Christo Resuscitado.	A Meia-Lua.	O Monarcha.
O Anjo.	A Doria.	A Donzella.
A Santa Dorothea.	A religião de S. Pedro.	A Capitani de André Doria.
A Capitania de Veneza.	A religião de S. João.	
	A Capitania de Malta.	

Rectaguarda

O S. João.	A Terrestre.	O S. Jorge.
A Bacana	O Christo.	O S. Miguel.
A Leão.	As duas mãos.	A Sybilla.
A Constancia.	A Capitania de Napoles.	O Grou.
A Marqueza.	A Columna.	A Capitania de Vasquez.
A Santa Bárbara.	A Magdalena.	A Soberana.
O Santo André.	A Dama.	A Occasião.
A Santa Catharina.	O Mundo.	A Patrona do Papa.
O S. Bartholomeu.	A Esperança.	A Sereia.
O Santo Angelo.	O S. Pedro.	

Assim, em 1571, comquanto já estivesse em seu fervor o paganismo classico, só se acham n'uma armada de 204 navios, *dous* nomes pagãos, Diana e Serêa, contra *sessenta e oito* nomes de santos ou santas.

Agora o segundo termo de comparação. O quadro ge-

ral da marinha franceza, publicado em 1846, apresenta 371 embarcações, das quaes nem *uma só* tem um nome de santo, (1) em quanto *oitenta e cinco* téem nomes pagãos, e tudo o que ha de mais pagão. Escutae:

O Annibal.	A Erigone.	A Baucis.
O Hercules.	A Medea.	A Bella-Helena.
O Heitor.	A Thetis.	O Myrmidone.
O Algesiras.	A Heliopolis.	A Egeria.
O Jupiter.	A Penelope.	A Proserpina.
O Neptuno.	A Pomona.	O Bucephalo.
O Nestor.	A Psyché.	O Cyclope.
O Scipião.	A Alcmena.	O Vulcano.
O Tridente.	A Ariadne.	A Asmodea.
O Tritão.	A Artemisa.	O Platão.
A Andromacha.	A Galatéa.	O Sócrates.
A Dido.	A Arethusa.	O Archimedes.
A Iphigenia.	A Cybele.	O Gatão.
A Semiramis.	A Danaide.	O Plutão.
A Urania.	A Naiade.	O Titan.
A Minerva.	A Cornelia.	O Acheronte.
A Andromeda.	O Acteão.	O Gerbero.
O Atalante.	O Adonis.	A Chimera.
A Calypso.	O Alcibiades.	O Cocyto.
A Nereida.	A Camilla.	O Phaetonte.
A Serêa.	O Grypho.	O Solon.
A Venus.	O Meleagro.	A Stygia.
O Alceste.	O Orestes.	O Tartaro.
A Cleopatra.	O Pylades.	O Tenaro.
A Danae.	O Mercurio.	O Anacreonte.
A Nemesis.	O Euryalo.	O Alecton.
A Pandora.	O Alcyon.	O Erebo.
A Zenobia.	O Argus.	
A Armida.	O Encelado.	

Esta approximação prova de certo alguma cousa, visto que a lingua, e principalmente a lingua official é a expressão das idéas dominantes d'um povo, como o thermometro é o fiel indicador da temperatura. Mas se se quizer saber tudo o que ella prova, bastará lembrar que estes nomes fo-

(1) Exceptua-se o *Santi Petri* que não é de origem franceza.

ram dados por pessoas illustradas, e approvados por todos; e que, de mais, em tudo a lingua seguiu o mesmo movimento; de modo que a nomenclatura pagã da marinha não é um facto isolado, mas sim um ponto de vista d'um facto universal. Posto isto, para medirmos com uma exactidão, senão mathematica ao menos aproximativa, o caminho que o paganismo andou na Europa em tres seculos, bastam, me parece, estas regras de proporção:

No seculo XVI, o paganismo estava para a sociedade como *dois para duzentos e quatro*. Trezentos annos mais tarde, hoje, o paganismo está para a sociedade como *oitenta e cinco para trezentos e sessenta e um*.

Qualquer que seja o valor absoluto d'este calculo, o que é certo é que, para nomear as mais magnificas obras do seu genio, d'um genio recebido de Deus e para gloria de Deus; para pôr os seus navios debaixo da protecção do Altissimo; para inspirar aos seus marinheiros, vagando no Oceano, pensamentos consoladores e salutaes, um reino christão não soube pronunciar uma só vez um nome de santo, nem uma só vez erguer os olhos para o céu! Em troca, soube percorrer todos os paizes pagãos, recordar todos os nomes pagãos, evocar todos os Deuses celestes, terrestres e infernaes para baptisar os seus navios e confiar-lhes os seus navegadores! É Florença, a rainha da pintura, pondo cada salão da sua galeria debaixo da invocação d'uma divindade pagã. Por toda a parte a mesma lingua; logo por toda a parte a mesma idéa.

CAPITULO XIII.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NAS ARTES.

A influencia pagã, que nós acabamos de averiguar na lingua, fez-se sentir necessariamente nas artes, nova manifestação do pensar. Ora, ha uma arte christã, assim como ha uma litteratura christã. Nascida com o Christianismo, ou no cenaculo de Jerusalem, ou nas catacumbas de Roma, por toda a parte deixou signaes da sua existencia. Desenvolvida com o tempo, tinha já adquirido antes do seculo XV um alto grau de perfeição. A idade media vira o movimento artistico mais prodigioso de que faz menção a historia de todos os povos.

No começo do seculo XI, o mundo christão quasi inteiro, mas principalmente a Italia e as Gallias, levado d'un entusiasmo divino, poz-se a renovar as suas antigas basilicas, comquanto quasi todas ellas estivessem n'um estado muito razoavel de conservação e riqueza. Uma sublime rivalidade se desenvolveu entre os povos, procurando cada um erguer os mais magnificos monumentos. As frotas Pi-

sanas, Genovezas, e Venezianas, sulcavam todos os mares, visitavam todas as ilhas para de lá trazerem o alabastro, o porphyro e os marmores mais raros. Nunca os romanos fizeram correr mais e mais abundantes rios de ouro para construirem os seus edificios immensos, as suas estradas, os seus aqueductos, os seus circos, amphitheatros e nau-machias, do que os nossos religiosos antepassados para edificarem as suas cathedraes e ornamental-as. Dir-se-hia que até o mundo, sacudindo as antigas vestiduras, anceava por cobrir-se, como d'um manto de gloria, de egrejas e basilicas brilhantes.

Este movimento continuou nos tres seculos seguintes, ao fim dos quaes, estava a Europa resplandecente de primores de architectura, esculptura, mosaico, pintura, que nós podemos muito bem admirar mas nunca egualar. Com effeito, o genio da fé, personalizado nos diversos paizes, em grande numero de *grandes homens desconhecidos*, emquanto elevava aos ares essas cathedraes de proporções gigantes-cas mas perfeitamente harmoniosas, animava com o seu sopro divino o esculptor que recortava as myriadas de agulhas que pareciam elevar as preces aos Céos, e depois fazia brotar da pedra e do marmore esse mundo de estatuas que, para instruirem o peregrino da vida, lhe punham á vista as augustas, as formidaveis realidades do mundo futuro, os combates e triumphos d'aquelles que o haviam precedido na peregrinação do tempo á eternidade.

Pela mão immortal de Cimabua, Pisano, Giotto e outros muitos, o pincel catholico escrevia nas paredes das basilicas, e até ás vezes nas das mais humildes capellas, a maravilhosa epopea do christianismo, e elevava a arte a uma perfeição inatingivel. O mosaísta esmaltava, como um jardim, o chão e a aboboda do templo de flores immortaes e de desenhos de mil côres; o abridor gravava sobre os vasos sagrados ou os mysterios do homem Deus, ou as vidas

de santos ou os emblemas das virtudes; o vidraceiro, o ourives, o bordador rivalizavam em zelo e successos, de sorte que se não encontrava egreja humilde, ou pobre mosteiro que não possuísse algum precioso objecto de arte. N'uma palavra, graças ao christianismo, que então actuava com todo o seu poder, a Europa foi um verdadeiro museu, mas um museu casto, moral, onde a arte era um sacerdocio.

N'este ponto se estava, quando o paganismo classico invadiu a Europa. Ora é da natureza das cousas que as artes recebem o impulso da litteratura e marcham no seu caminho. A litteratura que era pagã communicou ás artes uma direcção pagã. A pintura foi a primeira a prestar o seu auxilio a essa desgraçada restauração do paganismo no seio das nações christãs. N'essa época, pela primeira vez, o pincel do pintor, que a religião tinha consagrado quasi exclusivamente a escrever as cousas santas, prostituiu-se na reprodução das divindades e dos factos mythologicos sobre a t'ela, nas paredes e até nos tectos dos palacios. Das moradas dos grandes sahiram os quadros religiosos, para darem logar ás infamias da fabula.

Para se imaginar a licença e impudencia das pinturas feitas n'aquella época, basta dizer que os deuses e deusas do Olympo, que *ornam* as casas dos principes, estão representados n'um estado de nudez tão completa, em attitudes tão lubricas, que os olhos menos castos não os podem olhar sem que a face córe. É por isso sem duvida que o accesso d'estas galerias só é permittido ás pessoas de classe elevada e só em dias de recepção: provavelmente em taes dias o pudor d'aquellas pessoas, não se dá por offendido com semelhantes quadros.

Não bastou encher as cazas de Venus e Nymphas prostitutas; a licença da arte pagã chegou a manchar a santidade dos templos. A antiguidade christã tinha constantemente vestido de roupagens elegantes os anjos, representados na atti-

tude d'um pudor celeste; n'este seculo foram despidos completamente e apresentados aos fieis sob a fôrma de genios pagãos. Foi-se mais longe ainda, pintando os santos e as santas: homens e mulheres meio nús, taes foram os santos e santas, as virtudes offerecidas á veneração dos christãos.

Entre mil exemplos, só citarei um, e é o *Juizo final* de Miguel Angelo. N'este quadro, onde a carne domina bem mais que o espirito, onde a nudez dos membros apaga a ideia christã, admira-se o poder do genio, o vigor do pincel do artista, mas quasi se não encontra alli o sentimento christão e menos ainda a piedade. Como, por exemplo, imaginar que o Juiz supremo dos vivos e mortos terá o ar irritado d'um simples mortal, a attitude convulsiva de Jupiter fulminante, ou de Neptuno ralhando com as ondas? N'esta falta de verdade deixa-se vêr a influencia do mytho olympico sobre o genio do pintor christão.

O proprio Raphael foi na torrente. O admiravel talento que do céo recebera para prégár o espiritualismo christão, prostituiu-o elle muitas vezes ao sensualismo pagão. Não se envergonhou, primeiro, de reproduzir, não sei quantas vezes, a mais infame das deusas, depois, de manchar os seus quadros religiosos com figuras deshonestas. O mesmo se dá com Ticiano, Julio Romano e todos os discipulos da renascença. Para se julgar, n'um relancear d'olhos, qual foi a influencia do paganismo, basta visitar a galeria do palacio Pitti em Florença. Alli começou o sensualismo pagão; alli, para de algum modo consagrar as lembranças do berço, reuniu elle a maior parte das obras capitaes devidas á sua inspiração. Alli se vê, alli salta aos olhos esta verdade, que a renascença foi na pintura o que foi na litteratura: o culto da fôrma e o apostolado do sensualismo.

Este templo da pintura divide-se em quinze *capellas* ou salões. *Nenhum* recebeu uma demoninação christã; *tres* receberam nomes insignificantes: salões *della Stuffa*, dos *Me-*

ninos, dos *Pocetti*. Os outros doze têm o nome d'uma divindade pagã ou d'um semi-deus: salão de *Venus*, salão de *Apollo*, salão de *Marte*, salão de *Jupiter*, salão de *Saturno*, salão da *Iliada*, salão da *educação de Jupiter*, salão de *Ulysses voltando a Ithaca*, salão de *Prometheu*, salão da *Justiça*, salão de *Flora*, salão da *Musica*. Estes ultimos salões são os mais magnificos; o de *Venus* é o *primeiro*. Cada divindade tutelar está pintada na aboboda do seu salão com os *seus castos attributos*, ou operando alguns dos factos mythologicos mais proprios para inspirarem pensamentos celestiaes. Por baixo, nas quatro paredes do santuario, vêem-se brilhar os quadros dos grandes mestres da renascença. Dir-se-hiam *ex-voto* offertados pelos artistas ao deus ou á deusa a cuja inspiração crêem dever as obras do seu pincel.

Não pôde haver traducção mais litteral, testemunho mais irrecusavel da adultera alliança feita n'aquelle tempo entre a pintura e o paganismo. A galeria de Florença, diz ao joven artista que a visita: «Ergue os olhos para a abobada dos meus salões; eis os deuses, os que inspiraram tantas obras primas. Não busques inspirações e modelos no céu dos christãos: basta-te o Olympo, como podes vêr pelas obras dos grandes mestres, aqui expostas; trabalha, imita-os e espera.»

E que ha de elle imitar? O que tem á vista? E que tem elle á vista? Quadros que se dividem em duas grandes classes: assumptos profanos e religiosos.

Os primeiros são tractados pelos mestres com uma *perfeição* que recorda certas pinturas de Pompeia: vê-se que foram pintados com vêa. Ha figuras diante das quaes o cirurgião pôde fazer um curso de anatomia. A doçura, a força, o brilho, os mais delicados cambiantes da carnação; as fibras, os nervos, os musculos, os menores tendões; o jogo complexo dos orgãos, a sua dilatação ou contracção conforme a impressão *natural* do prazer ou da dôr: nada lhes

falta; juntando-se a todas estas qualidades uma regularidade de proporções, uma irreprehensivel naturalidade de posições e uma grande belleza de colorido ter-se-ha uma fôrma material e uma sensação physica reproduzidas com perfeição espantosa.

Quanto aos assumptos *religiosos*, suppõe-se o que serão: o pintor fêl-os á sua imagem, como elle mesmo se fez á imagem dos modelos pagãos. A fôrma material não deixa nada ou quasi nada a desejar. Tendes bellos homens e bellas mulheres, graças, nymphas, deusas; mas santos ou santas nenhum ou quasi nenhum. Vós descobris, mesmo involuntariamente, nos santos e santas, martyres, anjos, certo ar de familia com Apollo, Jupiter e as heroínas antigas que vos tornam palpavel a inspiração pagã. Procura-se o céu e acha-se o Olympo: os *olhos* admiram, mais o *coração* não póde orar. Toda uma ordem de sentimentos, ideias, imagens, deposta em nós pela religião e que constitue o fundo do nosso ser *sobrenatural*, fica sem traducção. O pintor não nos entende; o seu idioma é o da carne, e o nosso o do espirito.

Ser muda para o espiritualismo é a primeira desgraça da pintura discipula da renascença; assim como a primeira exprobração que se lhe deve fazer é a de se ter feito o mais perigoso apostolo do sensualismo. Ella merece ainda outra maior. Antes do seu divorcio não pintava o nú: 1.º porque a religião christã, essencialmente espiritualista e moral o prohibe. Ora, a pintura, filha docil da sua casta mãe, olhava-se como um sacerdocio destinado a traduzir uma ordem de ideias, sentimentos e bellezas superiores aos sentidos. 2.º Porque a pintura do nú não era necessaria para a perfeição da arte catholica. Procurava-se exclusivamente reproduzir a belleza espiritual, a unica cuja vista eleva acima dos sentidos. Ora esta belleza reflecte-se unicamente nos olhos e nas feições da cara. D'ahi a incomparavel pureza das figuras e

o typo verdadeiramente divino que distinguem as obras dos grandes mestres anteriores á renascença. Vê-se que esta parte lhes absorvía todos os cuidados e todo o talento. O resto, olhado como accessorio, ora tratado com certa negligencia, eterno motivo de censuras levadas até á injustiça.

Esta digna e santa missão da arte foi desprezada pelos novos artistas. Formados na escôla do paganismo só viram por habito a belleza material, e para a fazerem sobresahir pintaram o nú com uma impudencia que faz córar. Será isto progresso? Será este o uso legítimo da arte? não será a profanação d'ella? foi para corromper mais habilmente que Deus deu o genio ao homem?

Sob a influencia do paganismo, a pintura cessa, pois, salvo honrosas excepções, de ser a lingua do espiritalismo, para se tornar a lingua do sensualismo. No fundo, ella perdeu muito mais do que ganhou com a revolução do seculo XV. Pelo que respeita á fôrma, poder-se-hia provar que, permanecendo catholica, a arte não attingiria essa correccção de dezenho, essa regularidade de feições, essa perfeição de posição, vestiduras e outros accessorios que a renascença se gloria de lhe ter dado, e que a experiencia tambem lhe poderia dar? Quem póde mais, póde menos. A arte catholica havia-se elevado até á belleza ideal e sobrenatural: alguma practica dar-lhe-hia o segredo da belleza sensível, cujos modelos são palpaveis. Podem citar-se para prova as obras primas de Giotto, de Fra-Angelico, de Gaddi e outros muitos. A capella dos Hespanhoes, em Roma, possui muitas figuras antigas tão bellas no estylo e na expressão como as de Raphael, e os pensamentos são mais profundos, as concepções mais vastas. A madona de Santa Maria *in Cosmedin*; *Nosso Senhor*, na egreja dos santos Cosme e Damião sobre o Forum, são admiraveis em todo o ponto: é tal a magestade das figuras, que Miguel Angelo, Raphael e todos os pintores que os seguiram, nunca a puderam attingir.

CAPITULO XIV.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Posto que a pintura se prestasse muitas vezes, desde o principio da renascença, a ajudar o sensualismo pagão, deve reconhecer-se que não era sem custo que ella se desviava da religião. A escôla fundada por Fra-Bartholomeu e Fra-Angelico luctou muito tempo contra a invasão e obteve successos magnificos. O mesmo se não pôde dizer da esculptura.

Apenas inaugurado o culto do paganismo, deixaram-se os esculptores e seus patronos dominar por um fanatismo, ou quasi delirio pelos modelos antigos. Primeiro não se pouparam despezas, nem trabalhos para se descobrirem as estatuas das divindades do Olympo e dos grandes homens da antiguidade. Em quanto os seculos christãos reservavam o seu enthusiasmo para a descoberta de algum martyr celebre, e o seu ouro para levantar templos aos heroes da fé, viu-se, ó tempos! ó costumes! o enthusiasmo reservado só para os deuses da fabula, manifestar-se por regosijos publicos, e o ouro christão consagrado a edificar palacios sum-

ptuosos para alojar as divindades e os homens do paganismo. Achava-se uma estatua de Venus, de Jupiter, d'um satiro, que digo eu? uma estatua!? um fragmento de estatua, um braço, um pé, um nariz, uma mão: reuniam-se logo as academias ordenando sérias investigações. Por toda a parte appareciam commentarios, e as cidades inteiras, percorridas em todos os sentidos pelos amadores, passavam da agitação á alegria, como se a descoberta d'estes objectos assegurasse a salvação da republica. Depois as estatuas, as inscrições, as urnas, os sarcophagos e os monumentos de toda a especie iam povoar não só os museus (o que, até certo ponto, era natural) mas até as casas e palacios.

Pelo que se passava dentro de Roma, julgue-se o que se faria fóra. Um dia consta que alguns operarios acabavam de achar nos arredores das *Septe-Salas* um grupo de marmore d'um cinzel grego admiravel. A esta nova, sabios e artistas accodem aos jardins de Tito; reconhecem o *Laocoonte*, tal qual Plinio o descrevera e então o seu entusiasmo não conhece limites. Á bócca da noute todos os sinos das egrejas festejam a feliz descoberta. Os poetas não dormem de noute; para saudarem a apparição da obra prima preparam sonnetos, hymnos, *canzoni*: o dia seguinte é dia de festa em Roma inteira. A estatua, ornada de flores e verdura, atravessa a cidade ao som de musicas; as damas estão ás janellas, applaudindo com as mãos; os sacerdotes descobrem-se á vista do primor da arte antiga; e o Laocoonte, ao som de canticos festivos entra em triumpho no Capitolio.

Posta a estatua sobre o seu pedestal, Julio II retira-se para os seus aposentos, e então começa uma nova festa em que o cardeal Sadolet, com a cabeça coroada de hera, canta o feliz acontecimento n'uma ode, que todos os humanistas sabem de cór ⁽¹⁾ Á noute Sadolet achou no seu quarto um

(1) Ecce alto terræ e tumulo, etc.

bello manuscripto de Platão: era um presente do Papa. Quanto a Felix de Fredis, que descobrira a preciosa estatua, o soberano pontifice deu-lhe uma parte dos rendimentos do imposto da porta de S. João de Latran e nomeou-o notario apostolico (1). É escusado dizer que os partidarios fanaticos da renascença abusaram, da maneira mais insolita, d'estas liberalidades pontificias.

Para que o povo não fosse privado de vêr os castos objectos que as excavações iam trazendo á luz do dia, foram elles expostos nos jardins e praças publicas; puzeram-nos, até, nas fachadas dos palacios e das casas, onde a piedade dos antigos christãos punha o signal augusto da cruz, e as imagens dos santos. Mas, por um lado estes restos da superstição pagã não deixavam de ser muito caros, de modo que poucos os podiam possuir; por outro lado não havia homem *que se prezasse*, familia de certos haveres que não quiz esse possuil-os. Por isso, assim como se tinham traduzido em vulgar, no interesse do povo, as obras más obscenas da antiguidade, assim tambem os esculptores *christãos* reproduziram á porfia as antigas estatuas de todos os deuses e deusas do Olympto, em marmore, bronze uns, em barro, em gesso, e pedra outros. Os gravadores multiplicaram-n'as infinitamente e ás vezes augmentaram a obscenidade do modelo. Por este meio, tornaram-se tão communs todas as infamias da mythologia, que todo o christão, por pobre que fosse, podia obter, em vez dos retratos de Nosso Senhor e da Virgem, as gravuras de Jupiter, Venus ou Cupido.

Foi então que o sensualismo, correndo em golphadas do cinzel do esculptor, do buril do gravador, como do pincel do pintor, inundou com suas torrentes impuras toda a Europa christã. Dos palacios, onde tinham tomado o logar do Salvador, de Maria, dos Martyres e dos Santos, Jupiter,

(1) Audim, *Vie de Luther*. Winkelmann *Hist. de l'art*.

Juno, Apollo, Venus e os semi-deuses desceram em triumpho ás praças das cidades, ornaram as fontes, povoaram os passeios publicos, e embellezaram os parques e jardins das *villas*, dando a todos, e a toda a hora as mais eloquentes lições de lubricidade. A infancia já achava em casa, ou logo ao sair d'ella, imagens que, manchando-lhe a tenra imaginação, lhe inclinavam o coração e os sentidos para a terra: menos feliz que a infancia da idade média que, na casa paterna ou nas ruas encontrava as santas imagens de Jesus e sua Mãe ou dos antigos patronos da Europa catholica. Concede-se o quanto esta continua visão do mundo superior, prégando o espiritalismo mais elevado, ennobrecia o coração e animava a virtude.

Com tudo, não bastava ao sensualismo pagão o ter manchado os logares e edificios profanos; ousou penetrar nos templos do verdadeiro Deus. Os tumulos, que até então a piedade dos antigos artistas tinha embellezado com figuras, emblemas e ornamentos christãos, começaram a ser edificados no gosto pagão. Estatuas indecentes representavam n'elles as virtudes christãs. No principio foi levado tão longe o escandalo que, em logar de honrarem a memoria dos mortos, as figuras eram muito mais proprias para excitarem as paixões dos vivos, sendo preciso depois cobri-las com roupagens de bronze. Em seguida fizeram-se retirar dos mausoleos todos os emblemas christãos, para serem substituidos por emblemas pagãos ou profanos. A tal ponto que ninguém diria que estes monumentos eram tumulos christãos se não estivessem nos templos, que elles mais manchavam que aformoseavam.

Outras vezes, o que não é menos sacrilego, ainda que mais ridiculo, fez-se um mixto extravagante de christianismo e paganismo. A *Religião* e o *Tempo*, a *Esperança* e o *Autor*, unidos cada um com seus attributos christãos ou mythologicos, fizeram dos mausoléos um não sei que, que não tem

nome. Entre mil exemplos, citarei o tumulto do Delphim, no côro da cathedral de Sens. Mas haja ou não mistura nos tumultos e nos retabulos dos altares ou em outra qualquer parte, todas as figuras são executadas pelo typo pagão. Os Genios tornam-se anjos; Diana, a Virgem; Endymion, ou Apollo, Nosso Senhor; Cesar e Neptuno, Moysés; os philosophos, S. José e os prophetas.

Digamos, comtudo, para sermos justos, que, como a pintura, a esculptura conservou alguma cousa de christã mesmo depois da invasão geral do paganismo; a architectura é que, nada. Do começo do seculo XVI, que ella se affastou completamente do typo christãe. A partir d'esta época a opinião publica declarou que não só os palacios, os theatros e os edificios profanos, mas até as egrejas, deviam ser construidas no estylo grego ou romano. Ora isto era diametralmente opposto ao uso constante da Egreja. É certo que os primeiros christãos, sem recursos e sem tempo para construir egrejas, se serviram muitas vezes, para adorarem o verdadeiro Deus, dos templos pagãos, depois de purificados e limpos de qualquer vestigio da idolatria. Mas logo que lhes foi dado construir egrejas novas, nunca um architecto christão tomou por modelo um templo pagão. Por isso, da inspecção dos monumentos christãos, que nos restam, resulta este facto incontestavel, que *desde a origem da Egreja até o seculo XVI, nenhuma egreja foi construida no estylo pagão.*

Não se attribua isto á falta de dinheiro, ou de modelos. Por um lado, os Cesares, apenas se fizeram christãos, não pouparam despezas para darem á religião templos magnificos; por outro lado subsistiam ainda inteiros os mais celebres templos pagãos da Grecia e da Italia. Mas os architectos christãos desprezaram-n'os com razão, porque achavam o estylo pagão improprio e contrario ao genio catholico. Sob o nome de *architectura bysantina*, estabeleceu-se logo uma

nova maneira de edificar egrejas. De Constantinopla, onde nascera, passou ella ao Occidente. Modificada pelo estudo profundo das relações da arte com a fé, ajudada principalmente pelos conselhos dos bispos, que examinavam com cuidado o plano dos novos edificios, e muitas vezes o davam elles mesmos, essa architectura chegou, com o nome de *gothica*, ao mais alto grau de perfeição. A ella se devem essas immensas, magnificas e assombrosas cathedraes de França, Inglaterra e Allemanha, que, á elegancia, graça, riqueza e brilhante variedade de fórmulas reúnem a magestade do todo, e fazem resplandecer com todo o brilho da sua gloria o genio da fé que as inspirou.

Mas, quando no fim do seculo XV se começou a repetir que as obras pagãs eram o *typo* do bello em todos os generos, nas lettras e nas artes, e as unicas dignas de servirem de modelo ao artista e ao litterato, a architectura christã, consagrada pelo uso de quinze seculos, illustrada por innumerables obras primas, foi logo tractada de barbara e banida das cidades christãs. Para que não ficasse vestigio das suas obras, esforçaram-se os architectos, Vandalos d'esta época insensata, por destruir os pios e veneraveis santuarios das idades christãs, com a mesma furia insana com que os barbaros dos seculos V e VI tinham derribado os templos do paganismo.

Foi assim, para só citar um exemplo, que a antiquissima e veneravel basilica de S. Pedro no Vaticano, não só incomparavel monumento da religião da Europa inteira, da piedade dos povos, e da munificencia de papas e reis, mas ainda, na opinião do proprio Bramante, verdadeiro museu e primor unico da arte christã, foi impiamente derribada para dar lugar ao edificio greco-romano que a renascença lhe substituiu. Nem os brados, nem a cólera d'este grande artista poderam suster ao camartello demolidor.

O mesmo vandalismo espalhou por toda a parte seus es-

tragos. Quem contará as antigas egrejas, as capellas, os tumulos, destruidos de todo, enterrados nas entranhas da terra, ou desfiguradas por indignas mutilações, ou por adições ainda mais indignas, para que a Europa não tivesse edificio que não fosse no estylo grego e com o cunho do paganismo? Ainda mais, na idade média, a propria architectura civil tomára um character religioso e produzira soberbos edificios, como ainda se pôde vêr em Veneza principalmente, e em algumas cidades de França, Belgica, e Inglaterra. Ora, o seculo XVI emprehendeu renovar e até restaurar as egrejas no estylo pagão. O fanatismo chegou a tal grau, que, sem a viva opposição da auctoridade ecclesiastica, os antigos monumentos christãos, que tinham escapado ao furor dos barbaros, teriam cahido aos golpes dos proprios christãos.

Esta opposição, que não durou sempre, não pôde salvar todos os nossos edificios. «Durante o seculo XVII e XVIII, era tal o fanatismo por um estylo de architectura recentemente adoptado, que o systema de restauração, applicado aos nossos antigos edificios religiosos, foi para elles uma desgraça, não só no ponto de vista da arte, mas mesmo pelo que toca á sua solidez. Tractaram-n'os sem respeito pelo principio da sua construcção; diziam que não estavam em harmonia com o que então se olhava como o bello na architectura, e por isso os torturavam para os submetterem ao gosto da época (1).

Devem-nos admirar tantos actos de vandalismo que nos fazem hoje gemer? Deve-nos até admirar que o divorcio da architectura com a religião se tenha mantido até nossos dias com uma especie de boa fé e no meio de louvores que se-

(1) Contencin — Relatorio apresentado ao ministro dos cultos sobre o estado dos edificios religiosos. 1851.

rão o espanto do futuro? Deve-nos admirar a aberração a que chegou o espirito publico, quando ouvimos os homens mais distinctos pela sua intelligencia e gosto affirmarem, ousados, como axiomatico, que a architectura pagã é o typo do *bello*, e a christã o typo do *feio*?

Depois de ter citado um elogio pomposo, do novo templo do Vaticano, *onde a mais avida e intelligente curiosidade acha com que se saciar; onde vêm admirar, e instruir-se os artistas mais habéis*, Feller termina assim o seu artigo sobre Julio II: «Elle animou a pintura, a esculptura e a architectura; e no seu tempo as bellas artes começaram a sahir do entulho *da barbaria gothica.*»

Mas eis outra auctoridade. Fallando da architectura christã, Fenelon exprime-se n'estes termos: «Os inventores da architectura *gothica*, que se diz ser a dos Arabes, julgaram, sem duvida, ter excedido os architectos gregos. Um edificio grego não tem um ornato que não sirva senão para ornar a obra; as peças necessarias para o sustentar ou cobrir, como as columnas e a cornija, só são graciosas pelas proporções: tudo é simples, medido e limitado ao uso: não se vê lá ousadia, ou capricho que se imponha á vista; as proporções são tão justas, que nada parece grande, ainda que tudo o seja; tudo se limita a contentar a verdadeira razão. A architectura *gothica*, pelo contrario, eleva sobre delicados pilares, uma aboboda immensa que sóbe até ás nuvens; parece que tudo vae cahir, mas tudo dura seculos e seculos; tudo é cheio de janellas, rosas e agulhas; a pedra é recortada como cartão; tudo é aberto, franco e no ar. Não é natural que os primeiros architectos *gothicos* se lisongeassem de ter excedido, com sua vã affectação, a simplicidade grega?

«Mudae só os nomes, collocae os poetas e oradores no logar dos architectos: Lucano devia naturalmente crêr que era maior que Virgilio; Seneca o tragico podia imaginar, por

ventura, que tinha mais brilho que Sophocles; o Tasso esperou talvez deixar atraz de si Virgilio e Homero. Estes auctores enganar-se-hiam pensando assim (1).»

Vós o ouvis; tudo o que a arte christã produziu de mais perfeito não passa d'uma obra de mau gosto, que não pôde comparar-se com as obras do paganismo. Architectos e poetas christãos não são ao pé dos pagãos mais do que é Lucano ao pé de Virgilio, Seneca ao pé de Sophocles!

Resumindo tudo o que vae dito e applicando á architectura e esculptura as reflexões que fizemos sobre a pintura, nós dizemos que, examinada a sangue frio, a renascença não foi mais que a resurreição do paganismo nas artes assim como nas lettras, e a destruição do christianismo nas artes assim como nas lettras; as represalias do sensualismo pagão vencido outr'ora pelo espiritalismo christão; um immenso passo retrogrado e não um immenso progresso; uma fonte de erros e de vergonha para a Europa, e não um principio de luz e de gloria. Taes são as vantagens que colhemos e estamos ainda colhendo do paganismo classico. Outras ha que vamos fazer conhecer nos capitulos seguintes.

(1) *Lettre sur l'éloq.*, no fim.

CAPITULO XV.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO SOBRE A PHILOSOPHIA.

Emquanto o paganismo classico se formula na ordem artistica pelo naturalismo e o sensualismo, elle se faz sentir na ordem puramente intellectual, por uma influencia talvez mais funesta, ainda que menos palpavel. Em parte alguma fez mais estragos que na philosophia. Eu chamo philosophia a essa investigação ardente da verdade sobre Deus, sobre o homem, sobre o mundo, sobre o conjunto dos seres, sua natureza e relações que os unem. Para explorar este immenso dominio, concebe-se que a razão precisa aqui mais, que em nenhuma outra parte, d'um ponto de partida certo, d'uma bussola perfeitamente segura, e d'uma pedra de toque infallivel que a ajude a distinguir o verdadeiro do falso. Sob o imperio do christianismo, todas estas condições de successo estavam postas á sua disposição.

Filha docil da fé, a razão começava por escutar as lições de sua mãe. Depois, tomando por ponto de partida as verdades que aprendera n'essa infallivel escola, procurava-

lhes as relações occultas, mostrava a sua riqueza e variedade e fazia d'ellas applicações fecundas em uteis resultados. Se tinha dúvidas, consultava sua mãe, comparando as descobertas que fizera com os principios que d'ella colhera, e sempre, como filha bem educada, fazia reverter os seus successos para gloria da religião. N'outros termos, e para fallar a lingua do maior philosopho que o mundo conheceu: no systema scientifico creado pelo christianismo, e tão bem comprehendido pela idade média, as sciencias compunham uma familia perfeitamente ordenada. A theologia era a mãe, e todas as sciencias suas filhas; a mãe dava as ordens e a direcção; as filhas trabalhavam, cada uma na sua esphera; para o bem commum. O fim supremo de todos os esforços era a glorificação da sua rainha, que punha em acção, para o bem physico e moral do homem, os resultados obtidos por todas as suas filhas (1).

Da certeza do ponto de partida, da direcção infallivel na investigação, da convergencia de todas as sciencias para o mesmo fim tinham vindo a isempção de todo o erro grave, a lucidez nas definições, a riqueza na exposição, a fecundidade nas applicações, o character d'unidade e universalidade na sciencia, a profunda comprehensão da verdade, a solidez das doutrinas que se reuniam nas obras de Santo Agostinho, Santo Anselmo, Alberto o Grande, Alexandre de Alès, S. Boaventura, S. Thomaz, e, como n'um vasto espelho, illuminavam com immortaes esplendores todas as questões mais abstractas de ordem religiosa, politica, civil, domestica e até material.

Sim, esplendores immortaes, porque os mil systemas philosophicos nascidos, ha tres seculos para cá, longe de lhes tirarem o fulgor, teem-no augmentado; immortaes porque é ainda n'elles que se deve procurar a solução de to-

(1) D. Th. *in lib. 1 Sentent prolog. Id. S. Theol.*, p. 1, q. 1, art. V

dos os problemas que atormentam a humanidade. «Herdeira da philosophia dos Padres da Egreja, a philosophia da idade média, diz M. Moeller, apoiando-se em crenças inabalaveis, ficou sempre a mesma quanto aos principios; e ganhou assim, por trabalhar seculos, uma grandeza e extensão nunca egualadas por outra qualquer philosophia (1)».

As cousas, porém, mudaram completamente com a renascença. N'essa época, de todos os pontos da Europa se elevaram milhares de vozes para proclamarem os systemas philosophicos da Grecia, o verdadeiro typo da philosophia, o modelo da discussão livre e o vasto campo para onde devia entrar a razão se quizesse chegar a descobrir o verdadeiro. O que primeiro para isso se devia fazer era persuadir á razão, que em si mesma buscasse o seu ponto de apoio e cessar de tomar o ensino da Egreja para base de suas investigações philosophicas. Como já a tinham levado a romper com o seu passado litterario e artistico, representado como typo de barbaria, mil advogados sustentaram que a philosophia da idade média era a compressão do espirito humano e o typo do servilismo.

E por quê? pergunto eu. Porque ella tomava por ponto de partida, por sua bussola as verdades indemonstraveis da fé. Dizei, pois, que a geometria, a chimica, todas as sciencias são a compressão da intelligencia, porque todas ellas partem de axiomas ou de principios indemonstrados e indemonstraveis.

Vós pretextaes que a Egreja opprimia a liberdade do pensamento e que os dogmas que ella impunha á razão obstavam ao livre movimento dos espiritos. Para provardes que são fundadas estas queixas, deveis demonstrar a falsidade dos dogmas impostos pela Egreja. Porque se elles são verdades, como se ha de admittir que a philosophia, que in-

(1) Moeller, *État. de la phil. moder. en Allemagne*, p. 4.

vestiga a verdade, se possa constranger accitando qualquer verdade? Ora, até aqui, ninguém pôde provar que os dogmas catholicos não são verdades. Elles são ignorados e repellidos; mas é superior ás forças humanas o demonstrar que seja erro a fé da Egreja.

Podia-se ir mais longe e perguntar aos advogados do paganismo renascente, aos panegyristas da pretextada emancipação intellectual, se uma philosophia que accita por ponto de partida as verdades da fé catholica é mais restricta, menos livre que a que toma por unica base a razão humana? É evidente para todo o homem razoavel que uma idéa qualquer não pôde limitar o exercicio da razão senão em quanto ella mesma é limitada. Se os dogmas catholicos não fossem, pois, superiores ao entendimento humano, seria fundada a exprobração dos apóstolos da philosophia independente. Mas as verdades religiosas téem um sentido tão profundo, tão inexgotavel, que nenhum espirito creado é capaz de as abraçar em toda a sua extensão, e de lhes dar uma explicação completa. Assim, as revelações divinas, em vez de limitarem as faculdades da razão humana, apresentam-lhe sem cessar novos pontos de vista, e dão sempre um novo alimento ao pensamento (1).

Estas observações tão simples, que bastavam para reduzir a nada as pretensões dos recém-vindos, ou não se fizeram ou não se escutaram. De toda a parte correram á escola dos philosophos pagãos. Para n'ella entrar, era preciso subscrever a esta maxima de Epicuro, que *a verdadeira philosophia só podia nascer entre os Gregos, porque em todas as outras partes reinava a tradição*, e subscreveu-se a ella. A tradição catholica da Egreja foi regeitada como obstaculo, e a sufficiencia da razão solememente proclamada...

Este principio preparava consequencia final que em nos-

(1) Mceller, *ib.*, *id.*

sos dias se tirou: «Concluamos. O Christianismo perdeu o seu antigo imperio sobre as almas; a fé retirou-se d'ellas. Abandonado pelo espirito publico, convencido de inferioridade pela razão moderna, hostile ao principio das nossas instituições e das nossas leis, já não pôde, não deve presidir á educação nacional: não pôde porque não são executadas as suas lições; não deve porque são contrarias ao principio das nossas instituições...

«O Christianismo já não existe. Precisamos d'uma religião; quem nol-a dará? A minha resposta está prevista; a razão que venceu o Christianismo é que nos deve dar uma religião que substitua a que ella destruiu (1)».

Dentro em pouco os dous grandes systemas philosophicos de Platão e Aristoteles, o idealismo e o empyrismo reunirem debaixo de suas bandeiras oppostas todos os professores de philosophia e os seus discipulos. Sob a bandeira de Platão enfileirou-se a Italia, dirigida pelos Medicis de Florença, Marcilio Ficino, André Porta e outros personagens distinctos. Aristoteles attraheu primeiro a Inglaterra, depois a França e a Allemanha. Começadas na renascença do paganismo estas duas linhas philosophicas, parallelas e oppostas, prolongam-se até nossos dias.

Cousa notavel! As pretensões soberbas e a impotencia absoluta, os eternos ensaios, as fluctuações, as contradicções, os erros monstruosos, as applicações formidaveis d'esta philosophia pagã, na Europa moderna, são exactamente as mesmas que no seio da antiga Grecia. Hoje como out'rorra, ella pôde escrever sobre as portas das suas escolas: *É aqui a officina de todos os absurdos* (2). Embriagada, ella cahê de extremo a extremo, sem poder conservar-se no meio termo razoavel onde se acha a verdade. Do materialismo vae ao

(1) *Liberdade de pensar*, 1851.

(2) *Nihil tam absurdi quod non dicatur ab aliquo philosopho Cicero.*

espiritualismo, do pantheismo ao scepticismo, para dar hoje, como outr'ora, no abysmo sem fundo do racionalismo universal e na ruina da sociedade.

Com Thales de Mileto, seu primeiro orgão na antiguidade e fundador da escóla *jonica*, ella proclama a agua e o humido, isto é a materia, principio de todas as cousas. A escóla *italica* de Pythagoras faz dominar o espiritualismo. Cincoenta annos depois apparece a escóla *eleata*, cujos principaes orgãos, Xenofonte de Colophon, Parmenides e Melfissus, professam o pantheismo idealista, e chegam quasi ao scepticismo. Com a escóla *atomistica* de Leucippe torna a subir ao throno o materialismo. Da contradicção dos systemas e dos estragos sempre crescentes causados pela duvida, que é consequencia inevitavel, nasce a escóla *sophistica*. Alternadamente campeões do pró e contra, os seus discipulos sustentam e combatem as mais contradictorias proposições. Alguns annos mais e a sociedade grega cahirá aos seus golpes.

Chega Socrates e emprehende oppor um dique á torrente da duvida. Toma por objecto a philosophia moral; fórma alguns discipulos dos quaes é Platão o mais celebre. Pae da escóla *academica*, Platão desenvolve todos os recursos de seu genio para restituir o sceptro ao espiritualismo. Aristoteles, seu discipulo, arranca-lh'o, e faz reinar o empirismo, que, legado aos peripateticos, não tarda a approximar-se do materialismo. Epicuro tira a ultima consequencia pratica da philosophia do mestre de Stagyra. O seu systema é a immoralidade: o prazer é o soberano bem do homem. Fundador da *escóla estoica*, Zenon vem oppor-se ao epicurismo. O corpo é tudo, dizia Epicuro; o corpo é nada, respondia Zenon; o prazer é o unico bem, continuava Epicuro; a dôr mais viva não é um mal, replicava Zenon.

Depois de quédas, mais ou menos numerosas, e de resistencias mais ou menos impotentes, chega, no fim do se-

culo II, Sextus Empiricus. Relator implacavel de todas as contendias e de todos os absurdos philosophicos, elle tira a conclusão final de todos os passados debates. A primeira palavra que lhe cahe da penna, é *contradicção*, e a ultima *scepticismo*. Tal é o termo vergonhoso a que vem dar a philosophia pagã. Durante o longo periodo da sua existencia, que progresso realisou ella? que verdade descobriu? que virtude fez praticar? que sociedade fez melhor e mais duravel? Vae responder um homem suspeito: «A historia da philosophia, diz M. Ancillon, não apresenta senão um chaos. As nações, os principios, os systemas, succedem-se, combatem-se e destroem-se uns aos outros, sem que se saiba qual o fim d'essê movimento, o ponto de partida e o resultado d'essas construcções tão atrevidas, como pouco solidas».

Se ella foi impotente para o bem, quem dirá o seu poder para o mal? «Os grandes erros do espirito eram quasi desconhecidos do mundo antes da philosophia grega. Foi ella que os fez nascer, ou pelo menos os desenvolveu, enfraquecendo o respeito pelas tradições e substituindo o principio do exame particular ao principio da fé (1)». Os sophistas prepararam o caminho aos barbaros.

(1) *Essai sur l'indiff.* t. III, p. 58.

CAPITULO XVI.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Resuscitada no meio do seculo XV, a philosophia pagã dá outra vez mostras da sua impotencia para descobrir a verdade, e da sua omnipotencia para engendrar o erro. Isto não é uma accusação banal que repetimos, pola repetir mais uma vez depois de mil outras vezes; notamos uma incontestavel verdade. O paganismo philosophico mata-nos. Sem fallarmos nos erros monstruosos sobre Deus, sobre o homem, sobre o mundo, com que elle tem manchado a historia da Europa, durante seculos, o racionalismo actual, o racionalismo dissolvente que ameaça a sociedade com o entrar de novo na barberia, é a sua ultima palavra.

Com effeito, rejeitada a tradição catholica como um obstaculo, e posta em axioma a infallibilidade da razão, quem impedirá á philosophia o capricho de proclamar, como artigo de fê, o racionalismo, em todas as suas formidaveis applicações á religião, á sociedade, á familia, á propriedade! Ora, nós vimos que com a renascença vem o principio real-

mente ainda que tacitamente estabelecido da sufficiencia absoluta da razão. Foi primeiro occulta a sua influencia, mas breve, tirada a mascara, Luthero proclamou a razão soberana em materia de religião e Descartes estendeu o seu imperio, e formulou claramente a universalidade dos seus direitos (1).

Escutemos os seus admiradores e fieis orgãos: «Espírito independente, innovador ousado, genio de singular poder, Descartes não podia deixar de reconhecer a auctoridade da razão individual e o direito que ella tem de examinar e julgar *toda a especie de doutrina*. Pertence a Descartes a gloria de ter proclamado e praticado estes principios, e de ser o auctor d'essa reforma intellectual, que, *hoje, mais que nunca, se fez sentir no mundo philosophico*. Hoje, com effeito, graças a Descartes, nós somos todos protestantes em philosophia; assim como somos, graças a Luthero, todos philosophos em religião. Só acreditamos na evidencia da verdade (2)».

Vejamos agora em acção a philosophia, outra vez pagã: com Platão professa ella o espiritualismo puro, e cahe emfim com Spinosa no pantheismo idealista. Na escola de Aristoteles, apaixona-se pelo empirismo: e Bacon de Verulan ensina que a materia é a causa das causas, e ella mesma sem causa; Locke acha nas sensações o principio das idéas; Condillac inventa o homem estatua; Maillet chega ao homem carpo, e o barão de Holbach, resumindo no famoso *systema da natureza*, o principio e as consequencias d'esta escola, dá-nos, como o manual da razão e da conducta, o complexo monstruoso de todos os absurdos, e todas as torpezas do materialismo e do atheismo, tanto antigo como moderno.

(1) Roma condemnou a logica de Descartes em 1643. O proprio protestantismo o anathematisou, em 1656, no Synodo de Dordrecht, tanto a duvida ameaçava a pouca crença que restava na reforma.

(2) Globe, n.º 147.

Hobbes, Hartley, Barclay, Priestley, Helvetius, Lamétrie, todas as summidades philosophicas da Europa applaudiram a coragem de seu irmão, que dizia alto o que elles pensavam baixo. A sociedade incredula e materialisada pelos novos pagãos, respondeu em côro como a sociedade antiga nutrida com as mesmas doutrinas: A verdade é uma chimera; o prazer é a unica lei, o unico dever.

Os antigos sophistas tinham aberto o caminho aos barbaros, os seus modernos discipulos entregaram a sociedade aos demolidores de 93: *O pensamento dos sabios tinha preparado a revolução; o braço do povo executou-a.* Introduzida na Europa com tantos esforços, a philosophia pagã estava julgada. E, com tudo, apesar d'esta espantosa experimentação, não se curou a razão humana. O seu divorcio com a fê, o amor apaixonado pela sua pretendida emancipação tinham deixado persistir n'ella o germen do mal.

Sobre os restos, ainda fumantes, da ordem social, ella tem as mesmas pretenções na direcção intellectual do genero humano. Aqui, como na antiguidade, a sua ultima palavra foi ainda a duvida universal e o epicurismo. Cabanis ousou dizer a esta sociedade coberta de sangue e de nodoas: «Os nervos são o principio do pensamento, a causa da idéa: o effeito é, necessariamente, da mesma natureza que a causa; logo o pensamento, a idéa é material: logo o homem não é mais do que uma machina, só differente do cão pela grandeza do angulo facial». Systema abjecto ao qual Destutt de Tracy prestou o soccorro da sua árida ideologia. Se Cabanis foi o physiologista e Destutt de Tracy o metaphysico do materialismo no seculo XIX, Volney foi o seu moralista. «*Conservar-se* e fazer tudo para isso eis, segundo Volney, a grande lei da natureza humana. Logo, o bem é tudo o que tende a conservar, a áperfeioar o homem, isto é o organismo; o mal tudo o que tende a deterioral-o e destruil-o. O maior bem é a vida, o maior mal é a morte: nada é supe-

rior á felicidade physica, nada peor que o soffrimento do corpo: o bem supremo é a saude (1)».

Caridade, affeição, fé, esperanza, sacrificio do interesse pessoal ao bem publico são as virtudes dos tolos em proveito dos velhacos. O assassinio é um dever, quando é util. Eu, isto é, o meu corpo, e nada mais, eis toda a religião; só estupidos podem ter outra. Tal é a philosophia de Volney. Ora, reparando-se que estas doutrinas se têm espalhado com espantosa profusão, reparando-se que o livro de Volney é um livro que tem sido lido por todos, devemos-nos admirar do profundo epicurismo da época?

N'este systema, evidentemente Deus, não é nada, e a alma nada é: tudo é materia. Com tudo a nossa philosophia pagã emprehendeu uma reacção espiritualista contra o moderno Epicuro, como outr'ora o tinha feito contra o antigo. MM. Royer-Collard, Cousin, Jouffroy, o *Globe* tomaram a missão de restaurar o espiritualismo. Mas, privada de base e bússola, a sua philosophia cahiu no pantheismo e no eclecticismo, sem destronar o sensualismo de Volney. O pantheismo está em todas as obras de M. Cousin. Quanto ao eclecticismo não é mais do que o scepticismo e o racionalismo absoluto com um nome differente. Um dos seus mais fervorosos apostolos, Jouffroy morreu nas angustias d'uma incerteza atroz. Elle é o scepticismo, porque todas as gerações que se nutrem d'elle são profundamente descrentes. Que o eclecticismo é tambem o racionalismo no seu mais alto poder, eis aqui a prova.

O pensamento confessado bem alto por seus discipulos, é, que a verdade completa, a verdade, tal como ella deve ser conhecida para satisfazer em tudo á razão, ainda está para ser encontrada. D'ahi, para elles, a necessidade d'uma investigação universal em todos os systemas e em todas as

(1) *Hist. de la phil. au XIX siècle.* t. II, pag. 119.

religiões, para tomar o que fôr verdadeiro, e com todas essas verdades espalhadas formar um symbolo completo. Mas qual será a sua pedra de toque para distinguirem a verdade do erro? A razão de cada individuo, ou d'um só individuo, reconhecido por mestre infallivel? Em qualquer dos casos, vós divinisaes a razão, e creaes o mais vasto racionalismo conhecido até hoje. Elles convêm n'isso: porque, dizem, á razão individual pertence o direito de examinar e julgar toda a especie de doutrina (1).

Sabem elles, sequer, que doutrinas novas devem substituir ás antigas? Ainda não; procuram-nas. Merece ser conhecida a sua resposta: «Essas doutrinas, que devem presidir á nossa vida *moral, religiosa, politica, litteraria*, somos nós que as *devemos fazer*; porque nossos paes só nol-as deram *estereis e gastas*... Devem-se pois *forjar* novas. Todos os espiritos comprehendem, ou antes sentem, esta *necessidade* da nossa época (2).

Como se vê nunca o racionalismo teve maiores pretensões, nunca a razão emancipada da tutela da fé pela philosophia pagã, se mostrou mais orgulhosa. Mas o que mais custa, o que mostra até onde o paganismo philosophico profundou nos espiritos, é vêr os sabios do seculo subscreverem á sua altivez. Elles chamam á razão uma *revelação permanente de Deus*, cujos direitos se não devem sacrificar a *nada* (3). Elles pensam ser muito generosos, e bem merecer dos catholicos, permittindo á religião o tratar de igual para igual com a razão, partilhar com ella o imperio do homem, dando a uma a soberania do espirito, á outra a direcção do coração. «A religião e a philosophia são *duas irmãs immortaes*, que não podem morrer. Deus pôz, no

(1) Globe n.º 147.

(2) Id., n.º 56.

(3) Discurso de Lamart. nov. 1843.

mesmo dia, a *religião no coração do homem, e a philosophia no seu espirito*; convem que ellas se não separem, mas antes que se unam mais (1)».

Mas já os logicos do paganismo negam esta pretendida egualdade da religião e da razão; dizem, que a religião é só um principio de obscurantismo e de corrupção, e que a razão é a unica esperança. «Eu provarei, escrevia ha pouco um discipulo de M. Cousin (2), que o *calhecismo embrutece a infancia*; eu provarei depois que elle *a corrompe*... Convinha que a razão se estabelecesse, emfim, soberana em seu dominio. Isso acontece no seculo XVII; Descartes proclama a liberdade definitiva do pensamento, e no respeito que elle ainda exprime pela Igreja e pela Theologia, é facil vêr alguma ironia e muita prudencia. Será preciso recordar Voltaire e Rousseau, cujas doutrinas se chegaram a realisar, de algum modo, na ordem dos factos politicos, substituindo-se com violencia ao espirito do passado, pela grande revolução de 89? Assim a razão, que então só era livre, é de hoje em diante *soberana*. Chegou-lhe a sua vez de organizar a sociedade e de governar o estado. Divinisadas, até pelo povo, a razão e a liberdade substituem os deuses decahidos do christianismo sobre os altares d'onde as paixões populares os precipitaram. A Convenção decreta, *em nome da razão*, a existencia do Ente Supremo; não ha outro culto que o da liberdade, nem outra religião que a da razão. Eis a historia.»

Sim, eis a historia da philosophia moderna sob a influencia do paganismo classico, não só em França, mas em toda a Europa.

Eu poderia mostrar essa philosophia, gerando em toda a parte, e principalmente na Allemanha, os mesmos erros,

(1) M. Thiers. *Disc. sobre a inst. pub.*, 18 de jan. de 1850.

(2) M. Jacques. *Liberté de penser*.

crimes e calamidades que na França (1). Bastará dizer que ella foi muito além do paganismo, até essas regiões visinhas do inferno, onde a razão pervertida só sabe blasphemar de Deus e invocar o nada. Permitta-se-nos citar as opiniões actuaes dos seus representantes mais acreditados.

«Ha quatro coisas, dizia Goethe, que eu detesto egualmente: o tabaco e os sinos, os persevejos e o christianismo.» Esta espantosa blasphemia é, segundo a *Liberdade de pensar*, de M. Jacques, a expressão mais singela da invencivel repugnancia que o *Jupiter olympico* dos tempos modernos tinha pela esthetica christã. Goethe aborrecia, por instincto, a revolução moral, que substituiu a Virgem pallida e doentia á Venus antiga, e á perfeição ideal do corpo humano, representado pelos deuses da Grecia, a magra imagem d'um crucificado. Não é, pois de admirar que elle pozesse *diante do seu leito*, exposto ao sol nascente, *a cabeça colossal de Jupiter, para que pudesse, ao acordar, dirigir-lhe a sua oração da manhã*. Inaccessivel ao receio e ás lagrimas, Jupiter era verdadeiramente o Deus *d'este grande homem*.

«Hegel não se pronunciou menos decididamente pela superioridade do ideal religioso dos Hellenos, e contra a intrusão dos elementos syriacos ou gallileus. A lenda do Christo parece-lhe concebida no mesmo systema que a biographia alexandrina de Pythagoras; ella passa-se no *dominio da mais vulgar realidade* e não n'um mundo poetico; é um mixto de simplicidade acanhada, de pallidas chimeras como as ha nas pessoas phantasticas, que não tem uma bella e forte imaginação. O antigo e o novo Testamento, não tem a seus olhos, nenhum valor esthetico.

(1) Póde-se consultar o *État de la phil. moderne en Allemagne*, por Møller.

«Foi a mesma these que tantas vezes excitou a veia es-
pirituosa, e a phantasia humorista de Henrique Heine; mas
M. Luiz Feuerbach, chefe da nova escola allemã, é talvez a
expressão mais completa d'essa antipathia contra o chris-
tianismo, e se o seculo XIX tivesse de vêr o fim do mun-
do, *seria elle certamente o Anti-christo.*»

Pouco lhe falta para definir o christianismo uma perversão da natureza humana... «Só ignorantes e espiritos superficialaes podem accusar a antiguidade de materialismo. A antiguidade representa a natureza e o finito; a nós, enganados pelas nossas idéas sobrenaturalistas, e pela nossa sêde de infinito, essa arte tão limitada, essa moral tão simples, esse systema de vida tão bem fixado de todos os lados, parecem-nos um realismo acanhado. Castor e Pollux, Diana e Minerva, são para nós frios e sem ideal, porque elles representam a natureza sã e normal. Mas o espiritualismo christão é no fundo bem mais materialista... Todas as falsas idéas que ha no mundo *sobre a moral e a esthetica vieram do christianismo.* A Grecia, com um tacto divino, tinha tocado em tudo a perfeita medida, fugitiva e imperceptivel gradação que se entrevê por instincto, mas onde não podemos manter-nos...»

«Não é só o sobrenaturalismo que é criticado pela nova escola allemã: M. Feuerbach, e todos os philosophos d'esta escola reconhecem, sem hesitar, que o theismo, a religião natural, todo o racionalismo que admite alguma cousa de transcendente, deve-se pôr a par do sobrenaturalismo. Crêr em Deus e na immortalidade da alma é tão supersticioso como crêr na Trindade e nos milagres. A critica do céu não é mais que a critica da terra; a theologia torna-se a anthropologia. «A sciencia que um homem tem do seu Deus, não é mais que um outro nome para designar a sciencia que elle tem de si proprio; que elle tem do seu *eu.*»

Toda a consideração d'um mundo superior, todo o sentimento religioso, sob qualquer fôrma que se manifeste, não é mais que uma illusão (1).

Para coroar este temivel systema d'impiedade, M. Feuerbach termina a sua *Thanatologia*, declarando, que antes quer *profundar-se no nada*, que encontrar na esphera das sombras Socrates, Santo Agostinho e muitos outros heroes. Depois, como conclusão final de toda a sua philosophia, persuade os seus adeptos a *adorarem a morte!*

Facil fôra multiplicar as citações. As que precedem bastam para mostrarem os excessos inauditos, a influencia desastrosa e sempre actual do paganismo philosophico, assim como a indispensavel necessidade de voltarmos já á philosophia christã, se quizermos prevenir um novo, e talvez, derradeiro cataclysmo.

(1) *Liberté de penser*, 20 de Novembro de 1850.

CAPITULO XVII.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NAS SCIENCIAS.

Incertezas, trévas, materialismo, erros monstruosos, chaos intellectual, foi o que ganhou a philosophia moderna, fazendo-se discipula do paganismo, apezar da prohibição tão positiva dos padres da Egreja e da reserva tão eloquente dos seculos de fé. Ora, a philosophia por excellencia, é a cultura da idéa, e a idéa governa o mundo. A philosophia exerce, pois, uma influencia inevitavel sobre a sciencia em geral, as artes, a litteratura, e todas as manifestações do pensamento. Pagã, ella devia imprimir em todas essas cousas os seus differentes caracteres. Factos constantes e universaes tornam palpavel a verdade d'esta inducção, incontestavel *á priori*. Comecemos pela historia.

O primeiro caracter da philosophia moderna, filha da philosophia pagã, é a incerteza. Provam-no os numerosos systemas que ella tem creado e ainda hoje faz apparecer. Este caracter communicou-o ella á historia. A historia é a sciencia dos factos, das suas causas, effeitos, fim particular

e tendencia para um fim geral e supremo. Ora, os factos da historia são devidos a duas causas: á acção de Deus e á liberdade do homem, assim como são coordenados para um duplo fim: gloria de Deus e salvação do homem.

D'ahi dois elementos na historia: o elemento divino e o humano. O conhecimento d'este duplo elemento e da sua acção combinada nos factos, é a philosophia ou o olho da historia. É evidente que toda esta philosophia depende da idéa, que serve de ponto de partida. Arte monotona de registrar datas e nomes proprios, eis ahi a historia, se essa idéa não existe; mentira, illusões, se essa idéa é falsa; bello estudo, fonte dos mais preciosos ensinamentos, se essa idéa é verdadeira.

Mas esta idéa reveladora, quem a pôde communicar ao homem? Só aquelle que pôde revelar a humanidade a si mesma, a sua origem, os seus deveres, os seus destinos. Isto é dizer que só pertence a Deus e á religião dar-nos a verdadeira philosophia da historia. Ora a historia, pagã, deixou de buscar a sua bússola na religião: para ella como para a philosophia, seria uma vergonha pedir luzes á mãe da ignorancia e barbaria. A historia até tirou a si propria a possibilidade de tornar a entrar na escola da fé, declamando em todos os tons e a proposito de tudo contra a Igreja. Por isso é que, segundo a justa observação do conde de Maistre, *desde a renascença, a historia é uma conspiração permanente contra a verdade.*

Acabou a philosophia da historia: cada historiador arrogou-se o direito de escrever, segundo as suas opiniões, os seus preconceitos, as suas paixões. D'ahi, essa confusão verdadeiramente *philosophica* na apreciação dos factos mais vulgares; d'ahi essas rehabilitações escandalosas dos maiores criminosos; d'ahi, emfim, essas condemnações mais escandalosas ainda dos maiores homens e das mais bellas acções. Despojada da sua magestade, a historia não foi

muitas vezes senão um quadro para pôr em relevo um systema preconcebido ou uma these a favor d'um interesse de seita ou de partido. Na simples narração dos factos, mostra-se ella o ecco fiel do paganismo. Falla-nos sèriamente do estado natural; conta-nos, que houve tempo em que os homens viviam pelas florestas, comiam bolotas, e poucos signaes tinham para explicarem as primeiras necessidades da vida material. Que bella idéa isto nos dá da dignidade humana e da divindade de Deus! Que excellente meio de confirmar a fé na verdade do Genesis, base da propria historia!

Não bástá destruir; sobre estes dados absurdos fundam-se systemas hostis á religião, e á ordem social. Sustenta-se, por exemplo, que Deus não se revelou ao homem; que o homem e o tempo fizeram a religião e a sociedade. Não só esta philosophia da historia copia o paganismo, mas, boa filha, ainda defende seu pae. Ella pretende que os christãos calumniaram Nero, Decio, Deocleciano e os outros perseguidores; accusa as victimas dos crimes dos carascos; foi o christianismo, isto é, o fanatismo, que produziu os excessos que teve a soffrer; os pontifices, esses que salvaram a Europa da barbaria, são accusados por ella de ambição e crueza. Sobre muitos pontos, a Egreja não merece, nem a confiança, nem o respeito, nem o reconhecimento das nações: tal é a conclusão d'este ensino philosophico da historia.

Ao character de incerteza e pyrrhonismo universal junta-se o materialismo. Essas magnificas descobertas do genio catholico que se acham nos padres da Egreja e, principalmente, em Santo Agostinho, essa explicação do encadeamento dos factos, desapareceram da historia com o espirito que os creou. Só Bossuet deixou, depois da renascença, de seguir os modelos obrigados para o espirito e para a letra: Tito-Livio, Sallustio, Tacito, Xenophonte, Herodoto.

D'ahi, mudez completa sobre a acção de Deus nos successos do mundo.

Sem o elemento divino, a historia reappareceu, sob a penna dos auctores *christãos*, como fôra na penna dos auctores pagãos, uma lettra morta. Os annaes do genero humano, abertos a todos os olhos, deixaram de apresentar ao homem o conhecimento de Deus e de si mesmo, a intelligencia da sua missão e da sua condição sobre a terra. Quaes foram os resultados da resurreição do paganismo? Para a historia, a degradação; para o homem, o materialismo e o fatalismo.

As outras sciencias tiveram o mesmo successo. Hostilidade contra a religião e materialismo, eis os caracteres que revestiram com o paganismo. Fôra superfluo verificar isto circumstanciadamente: bastam-nos generalidades.

Quem de nós não ouviu os sarcasmos lançados, ha tres seculos, contra a religião e a idade media por todas as boccas *sabias* da Europa? Estes sarcasmos, confundidos com sophismas, não formam na *Encyclopedia*, e em outras obras modernas, uma immensa montanha erguida contra o céu pelos modernos Titans? Não é do cimo d'essa montanha que fallam hoje quasi todos os sabios e mestres da mocidade? Não vem de lá a opinião de que a fé só se acha nos espiritos, na razão inversa das luzes; a pretensão soberba de nunca pedir á religião a solução de nenhum problema; a affectação de nunca pronunciar o seu nome na exposição das theorias scientificas?

Que ganhou a sciencia com esta hostilidade pagã? Sem a fé, que revela os segredos do mundo moral, o espirito humano achou-se inhabil para todas as sciencias de ordem superior, para a sciencia das suas relações com Deus, para a sciencia das suas relações com os seus semelhantes, tanto na ordem civil como na domestica. Quem não ha-de envergonhar-se ao vêr a ignorancia da Europa ácerca de

todos os conhecimentos dignos do homem? Que solução sériamente acceitavel sabe ella dar aos grandes problemas d'onde depende a paz das nações, e o solido progresso do genero humano? Não faz dó vêr ha tres seculos as questões mais simples de religião, liberdade religiosa, civil, domestica, patriotismo christão, elementares nos tempos de fé, excederem a alçada das nossas *summidades intellectuales* e deixarem ficar mal as capacidades dos modernos Lycurgos.

O primeiro fructo do paganismo classico foi o descredito das sciencias mais nobres e necessarias. O segundo foi a profanação d'estas mesmas sciencias. Outr'ora era tal o poder do espirito christão, que elle espiritualisava, de algum modo, as sciencias materiaes, fazendo-as servir para adiantar a religião. Hoje é tal o poder do espirito pagão, que elle faz servir as sciencias moraes para affirmarem e propagarem o materialismo.

Que ha, por exemplo, de mais moral na sua essencia e no seu fim, que a sciencia de governar as nações? Pois bem! Vêde o que se passa na Europa ha tres seculos. A legislação não despiu o seu character religioso? A sciencia do direito não deixou inteiramente de apoiar as suas bases sobre o direito primordial, a vontade suprema de Deus, manifestada na Escriptura e nas decisões da Egreja? Que relação ha entre as cartas modernas e as constituições e capitulares dos antigos reis e imperadores christãos? A politica não está reduzida á arte de materialisar os povos? Não a ouvis proclamar, com sua nova companheira, a sciencia economica, que um povo nada tem a desejar, desde que possa dormir tranquillo, que tenha pão para comer, vinho para beber, cama para dormir, theatro para se divertir, caminhos de ferro para se transportar, machinas para se vestir commodamente, e gaz para se allumiar? E não para lhe obter todas estas vantagens que tendem todos os seus esforços?

Se ella ensina a moral ás populações, não é ainda no interesse da ordem material e da tranquillidade dos seus gosos? Póde-se applaudir dos seus esforços: sob esta influencia, toda pagã, os povos christãos chegaram a crêr que o homem só vive de pão; que toda a sciencia é chimerica, se não se traduzir em gosos materiaes; que todo o ensino é illusorio, se não grangear honra e proveito; que a felicidade está toda n'este mundo. E elles não pedem senão isto, não trabalham senão para isto, não se batem senão por isto?

CAPITULO XVIII.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Que direi eu das sciencias phisicas e naturaes? Aqui que se faz sentir mais a funesta influencia do paganismo classico. O universo é um magnifico espelho onde se reflectem as perfeições de Deus que escapam á vista humana. O firmamento com os seus innumeraveis sóes, a terra com as suas riquezas infinitas, são dois prégadores eloquentes cuja lingua, intelligivel a todos os povos, annuncia, sem cessar, a gloria do Creador. Na vastidão dos céos, como na superficie do grão de areia, gravou Deus, em brilhantes caracteres, a prova da sua existencia, do seu poder, da sua sabedoria e bondade. Por isso é que o supremo operario, lançando um olhar prescrutador sobre toda a criação, que acabava de tirar do nada, disse que *todas as cousas estavam boas*. Por isso é que os sabios do Oriente diziam: *O universo é uma lyra de que Deus é o musico*.

Quem ousará negar que o verdadeiro fim das sciencias phisicas é procurar na natureza o que o olhar divino viu

n'ella; que a sua gloria é achal-o, e o progresso do homem servir-se d'isso, como d'um degrau, para se elevar ao conhecimento mais perfeito de Deus e ao amor mais fiel do Creador, sua felicidade e seu fim? Ou, para fallar como a theosophia indica: quem ousará negar que a ventura do homem é ser iniciado nos segredos divinos d'esta mysteriosa harmonia? Porque o homem não é tambem, n'um sentido, o Deus, e por isso, o musico do universo? Não devem, pois, as cordas harmoniosas d'essa lyra ser vibradas pela sua sabia mão?

Buscar o mundo espiritual no mundo material, é o fim principal que convém proseguir ao lêr o grande livro da natureza; descobrir n'elle os meios de conforto e bem-estar material, é o segundo. A ordem providencial consiste em harmonisar este duplo fim; a desordem consiste em esquecer o primeiro para se olhar só para o segundo: é o materialismo, é a profanação da sciencia; porque é escravisar a natureza á iniquidade e degradação da intelligencia.

Assim se comprehendeu o estado da natureza nos seculos de fé. São incomparaveis as lições de Job e Isaias, os tractados immortaes de S. Basilio, Santo Ambrosio, S. Gregorio de Nyssa, S. Chrysostomo e Santo Agostinho sobre a obra dos seis dias. Além do fim superior da sciencia, que elles attingiram, deram aos mais difficeis problemas soluções, que a sciencia moderna não pôde deixar de admittir, sob pena de doudejar perpetuamente. Assim o comprehenderam ainda ultimamente alguns genios superiores.

«A maior utilidade, dizem elles, que se pôde tirar do estado da natureza, é o excitar a piedade. Nós vêmos o universo como um templo onde estamos em permanente adoração. Referindo os phenomenos da natureza a um auctor intelligente, pensamos mais vezes em Deus. Não existe um unico corpo organizado que, nos meios que tem de conservar-se e reproduzir-se, não mostre o cuidado parti-

cular do Creador. É, pois, uma mesma intelligencia que tudo ordenou; é a mesma que se interessa por todos os séres creados. É sob as leis d'este sêr que nós vivemos; a nossa existencia e felicidade, devemos esperal-as d'elle. No immenso quadro que nos offerece a natureza, nós vêmos que nada se desprezou, que se teve a mesma attenção e cuidado com os mais pequenos objectos. Como nos poderemos nós lembrar que seremos um dia desprezados ou esquecidos?» (1).

Pelo seu lado, tractando d'uma sciencia particular de que o paganismo moderno abusou longo tempo, e cruelmente, Cuvier soube indicar o fim a que ella devia tender. Elle estabeleceu que a geologia demonstra, que os annaes da terra concordam com os annaes dos povos, e confirmam maravilhosamente a narrativa de Moysés. «É um dos resultados, diz elle, mais bem provados e *menos esperados* d'esta sciencia; é *precioso* porque liga a historia natural e a historia civil. Eu penso, pois, com MM. Deluc e Dolomieu que, se ha alguma cousa certa na geologia é, que a superficie do nosso globo foi victima d'uma grande revolução, cuja data não pôde ir além de cinco a seis mil annos; que esta revolução soterrou e fez desaparecer o paiz habitado primitivamente pelos homens e pelas especies de animaes mais conhecidas hoje; que ella, pelo contrario, seccou o fundo do ultimo mar, e com elle formou os paizes hoje habitados; que depois d'esta revolução é que o pequeno número de individuos, poupados por ella, se espalharam e propagaram sobre os novos torrões, e por consequencia é desde essa época que as nossas sociedades recuperaram a sua marcha progressiva, formaram estabelecimentos, recolheram factos, e combinaram systemas scientificos (2)».

(1) Linneu, Ensaio, etc.

(2) *Disc. sur les révol.*, etc.

Fazer servir a natureza para gloria do seu auctor, e para o bem espirital do homem, sem excluir nenhum dos resultados materiaes da investigação, tal é a magnifica missão da sciencia, sob a inspiração do christianismo. Quem dirá o vergonhoso papel a que a condemnou o paganismo moderno? O que os Philisteus fizeram a Samsão, prendendo-o, tirando-lhe os olhos, maltratando-o de todas as maneiras, fel-o o paganismo ás sciencias phisicas. Apoderou-se d'ellas; tirou-lhes a força e a luz para renderem graças ao Creador; torturou-as de todos os modos para lhes arrancar blasphemias; prohibiu-lhes pronunciarem o nome de Deus e poz-lhes nos labios a palavra *natureza: a natureza fez tudo o que nós vemos; a natureza poz o instincto nas suas creaturas; a natureza impõe a immobilidade em algumas das suas creaturas; a natureza, sempre e em toda a parte, mas em nenhuma parte se diz quem seja essa mulher.* Depois de ter degradado as creaturas, elle as obrigou, com longos esforços, a revelar-lhe os seus segredos, a abrir-lhe as entranhas; serviu-se d'aquelles, e explorou estas para obter grosseiros gozos; embriagou-se a si e á sociedade, que vacilla na base á espera do tumulo que achará n'essa orgia sem nome, onde o atheismo forçado da criação se une á incredulidade dos espiritos, e ao sensualismo dos corações.

Degradar a natureza, condemnal-a ao mutismo religioso e restituir o mundo moderno ao sybaritismo do seculo de Tibério, foi o que o paganismo classico obrigou a fazer ás sciencias phisicas. Não bastou isso. Em vez de lhes deixar, para se exprimirem, palavras christãs e intelligiveis, compoz-lhes uma giria inintelligivel que não é de nenhum paiz, mas que tem a vantagem de ter o duplo sêllo do paganismo grego e do paganismo romano. Como, não protestar em nome do bom senso e bom gosto, e até da propria sciencia contra a terminologia barbara, introduzida pela renascença na nossa lingua scientifica! Fal-o-hemos nós pelo

orgão d'um homem insuspeito. «Sem duvida uma sciencia não se pôde limitar aos termos vulgares; ella é obrigada a tel-os particulares. Mas os termos scientificos devem ser creados pela necessidade e não para sobrecarregar uma sciencia. Seria, pois, de desejar que se abolissem esses termos barbaros, que são apenas uma impostura; que em geometria, por exemplo, se dissesse simplesmente proposição em lugar de *theorema*, consequencia em lugar de *corollario*, observação em vez de *escholio*. A maior parte dos termos das nossas sciencias são tirados das linguas sabias, onde eram entendidos vulgarmente. As palavras novas, inuteis, tiradas de muito longe, são quasi tão ridiculas em materia de gosto como de sciencia. Nunca se perde em simplificar e popularisar a lingua das sciencias, não só para se facilitar o seu estudo, mas ainda para que o povo não diga, que a lingua particular d'uma sciencia constitue todo o seu merito, que é uma especie de fortaleza inventada para impedir os *accommettimentos* (1)».

Nem sempre o povo se enganou, talvez. Emquanto as sciencias fallarem só grego e latim, ou antes um idioma barbaro, mixto extravagante de duas linguas mortas, nunca se tornarão populares. A mais graciosa de todas, a botânica, ficará abafada sob o pezo da sua inintelligivel nomenclatura. É um novo beneficio devido á nossa admiração fanatica pelos pagãos.

Ha outro. A sciencia pagã tornou-se material ou positiva. A sua gloria consistiu em estudar a materia; ella multiplicou observações e accumulou factos. Mas os factos são a sciencia? Não: assim como o corpo sem a alma não é o homem, assim como os materiaes amontoados não são o edificio, assim como as côres lançadas á tóa sobre a tela não são o quadro. O que falta á sciencia actual é a vida; é

(1) D'Alembert, *Encyclop.*, art. *Éléments*.

um pensamento fecundo que harmonise todas as suas partes; e isso falta á sciencia, porque a fé falta á razão. N'uma palavra, emquanto a sciencia não fôr christã será um cego que percorre sem guia regiões incognitas, um operario que prepara a pedra para um edificio que nunca construirá: o genio que cria é filho da fé!

D'esta ausencia da fé resulta a *estreiteza*, o individualismo, que mostram todos os trabalhos actuaes da intelligencia, que não se eleva a vistas complexas. As divisões, as subdivisões, verdadeira epidemia da sciencia, invadiram todas as partes dos conhecimentos humanos. D'ahi vem que os homens mais distinctos confessam que as sciencias mais cultivadas hoje não deram um passo desde Aristoteles. «A physiologia comparada, diz M. Bourdon, está quasi no estado em que se acha nas immortaes obras de Aristoteles, sem accrescento, sem novas luzes. Á força de distinguir todas as cousas, até graus quasi infinitos, *as generalidades que fazem as sciencias foram desprezadas quasi geralmente*. Exceptuando tres ou quatro naturalistas, honra da sciencia moderna, a maior parte dos que se occuparam da historia natural, fizeram d'ella uma sciencia cheia de puerilidades (1)».

Buffon usa da mesma linguagem: «a historia dos animaes d'Aristoteles, diz elle, é talvez ainda hoje o que temos de melhor no genero. Parece, pela sua obra, que elle os conhecia talvez melhor e sob pontos de vista mais geraes, do que elles são conhecidos hoje (2)». A estes seria facil juntar mais testemunhos.

O progresso nas sciencias physicas é comtudo o bello lado da historia da razão que se tornou descrente ao fazer-se pagã. Não lhes contestamos alguns successos reaes; mas

(1) *Principes de Physiol. comp.*, pag. 45.

(2) *Manière d'étudier*.

estes mesmos foram funestos ao verdadeiro progresso do espirito humano para a verdade. A verdade é Deus, e elles affastaram-o de Deus.

Os continuadores da renascença decoraram com o titulo de *sciencias exactas* as mathematicas, introduccão ás sciencias phisicas, dizendo: «Factos simples, bem vistos e bem explicados, eis o ponto de partida necessario de toda a sciencia. Semeae geometras, e d'essa semente fecunda por toda a parte nascerão philosophos.» Com effeito, foi um bom achado. Quando conseguirdes persuadir que não é exacto, isto é, verdadeiro, senão o que se pôde tocar com a mão, vêr com os olhos, provar com A mais B, é evidente que só tereis impios e scepticos. Todas as verdades, que não se puderem provar assim, deixarão de ser para o homem *illustrado* ponto de crença e regras obrigatorias de conducta. Crear o materialismo em moral, o pyrrhonismo em religião, historia e philosophia, foi o que fizeram as sciencias naturaes tornando-se pagãs. Se isso é progresso, homenagem á renascença.

CAPITULO XIX.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NA RELIGIÃO.

Quando o inimigo quer tomar uma praça forte, começa por occupar uma posição favoravel e por destruir as obras, que protegem o coração da fortaleza. Tal é a tactica do paganismo desejoso de fazer represalias ao christianismo. Estabelecido no terreno favoravel da educação, nós vimol-o accommetter a litteratura, as artes, a philosophia, as sciencias; depois, sob pretexto de regeneração, animal-as do seu espirito, e marchar com ellas mesmas sobre o christianismo, alvo dos seus ataques. Mostrar os progressos do inimigo, que tende á ruina inteira do christianismo, tal é o grave assumpto que nos vae occupar. Ora o paganismo classico arruina o christianismo, porque lhe dá o esquecimento, o desprezo, a alteração.

O esquecimento. Tomemos as cousas como ellas estão. Sabido d'uma familia, onde, geralmente fallando, hoje recebe só uma instrucção christã muito superficial, o menino chega a um estabelecimento de instrucção publica, e ahí

fica sete ou oito annos. Quando não é o primeiro, ao menos o segundo livro latino ou grego, que lhe põem nas mãos, é um livro pagão; o terceiro é um livro pagão; o quarto é um livro pagão; sempre livros pagãos até o fim dos estudos.

A sua occupação de todos os dias, de todas as horas é lêl-os, traduzil-os, aprendel-os de cór, e aprender ao mesmo tempo tudo o que ha sobre os Deuses e heroes de Roma e Grecia. Para o identificar com os seus modelos divide-se ás vezes a aula em duas classes, Grega e Troiana. Elle vive no meio do paganismo; o seu horisonte raramente se estende além dos limites da Grecia e da Italia. O Capitolio, o Areopago, o Forum são os unicos logares onde habitam o seu pensar, a sua imaginação, a sua memoria.

Mas nos collegios e seminarios, nas casas seculares ou ecclesiasticas, não ha capellões e mestres que ensinem a religião?

Eu bem sei que a religião figura como qualquer outra sciencia nos programmas de estudo. Bem sei que todos os collegios téem o seu capellão encarregado de dizer a missa e lêr o cathecismo; bem sei que este capellão diz missa duas vezes por semana, e outras tantas ou mais vezes, lê o cathecismo com explicações mais ou menos philosophicas. Bastará isto para se ensinar a religião, para ella se salvar da indifferença? Não. Antes de dizer porque, eu direi que não é por culpa dos homens, mas pelo vicioso do systema.

Saturado de deismo, para nada mais dizer, o actual systema de ensino não vê na religião senão uma sciencia á parte, circumscripta n'uma esphera determinada, e não o que ella deve ser, mas nunca será com os classicos pagãos, uma sciencia universal, a sciencia das sciencias que, achando-se todos os dias, a todas as horas, em todos os livros que o menino estuda, deve sahir d'elles naturalmente, como o aroma se exhala da flôr. Com effeito; a religião deve sahir não da bocca d'um mestre, mas de todos os mestres;

não se deve achar n'um só livro, mas em todos os livros; tudo deve mostrar que ella é a fonte unica do bom, do bello, da verdade, a alma, o olho, a regra, o perfume de todas as sciencias que ella vivifica, ennobrece e conduz ao fim de todas as cousas: a gloria de Deus e a salvação do homem.

É isto o que deve ser, mas o que não é. Poder-se-ha, pois, desconhecer o vicio radical que condemna e sempre condemnará a religião ao esquecimento no nosso systema pagão de educação? O cathecismo do capellão nada fará. As suas instrucções serão lições, como quaesquer outras, escutadas talvez com menos alguma attenção e mais alguma repugnancia. Aos olhos da infancia, a religião continuará a ser uma sciencia abstracta, isolada dos seus outros estudos, que se pôde aprender ou esquecer, sem outra consequencia mais, que o merito de ser, ou não, instruido. Isto quer dizer que elle saberá a religião quasi como o inglez e o allemão, de que tem uma ou duas lições por semana, sem poder, no fim de cinco annos de estudo, lêr uma obra, e menos ainda sustentar uma conversação em inglez ou allemão. A prova do que eu affirmo, é que as gerações universitarias, e as classes da sociedade que ellas alimentam, conhecem muito menos a religião, e raciocinam muito peor do que as mulheres e as classes populares.

Em todo o caso, nunca o ensino religioso de algumas horas por semana, em concorrência com um ensino pagão de todas as horas, será capaz de formar gerações solidamente religiosas. De que servem algumas gótas de vinho puro, exclama o padre Possevin, para adoçar um tonel de vinagre? (1) Além da experiencia da Europa, eu appello, sobre o valor de tal ensino, para o juizo d'um homem de opinião insuspeita. «Não nos illudamos, diz M. Kératry, a presença d'um ecclesiástico, por muito respeitavel que seja,

(1) *Ragion*, p. 2.

nas escólas, em dia fixo, não basta para dar á infancia um espirito religioso de alguma duração. *Este só se adquire pela continuidade d'um ensino onde se ache a lei divina. Até os estudos litterarios se devem resentir d'ella...* Para a mocidade, toda a fé controversa é logo uma fé morta.»

Estas observações sobre o ensino da religião nos estabelecimentos seculares, applicam-se, digo-o com pezar, ainda que com restricções ás casas religiosas, onde reina o paganismo classico. Aqui tambem a religião não sae naturalmente dos livros, dos deveres, dos estudos habituaes da infancia, das explicações do professor. Um mestre pio e habil só a póde fazer vêr indirectamente e com custo. D'ahi resulta um conhecimento adiantado do paganismo e uma ignorancia muito maior do que se crê, do christianismo.

Ainda que fazendo justiça ao zêlo e virtude dos nossos mestres, não podemos deixar de protestar com energia contra o systema de ensino pagão que formou a nossa infancia, e de deplorarmos a ignorancia da religião, que lhe foi consequencia. Ao sairmos do collegio, sabiamos de cór a historia dos deuses e heroes gregos e romanos; mas se nos perguntassem a vida dos Santos Padres e dos martyres, a humilhadora immobilidade de nossos labios mostraria o contra-senso monstruoso dos nossos estudos classicos. Tal é a nossa historia, e talvez a de muitos outros.

Dirão que esta ignorancia da religião se dissipará mais tarde? Será assim, será. Mas quantos mancebos ha, que depois de sahirem do collegio, nas differentes condições da vida, tenham consagrado sériamente *vinte e quatro horas* ao estudo da religião? Quantos, pelo contrario, se poderão contar que, longe de desenvolverem os seus conhecimentos religiosos, perderam, ha muito, as noções mais elementares do cathecismo! O paganismo classico condemna, pois, fatalmente a immensa maioria dos homens *instruidos* a uma ignorancia eterna em materia de religião.

CAPITULO XX.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

O desprezo. Condemnar a religião ao esquecimento, deixando-a ignorar á mocidade, tal é o primeiro effeito do paganismo na educação. Elle produz outro mais grave: vota a religião ao desprezo.

Não esqueçamos o que dissemos, que a religião é a sciencia universal, o alpha e o omega de todas as cousas. A ella se applicam litteralmente as palavras de S. Thomaz, fallando da theologia: «A sciencia da religião, diz elle, impera em todas as outras sciencias como principal: ella as faz trabalhar todas á sua ordem, todas a servem.»

Segue-se que a religião não póde ter no pensamento, no estudo, na estima, na admiração de nenhum homem, nem superior nem rival; que as suas inspirações, regras, factos, combates, triumphos, homens, glorias, são superiores a toda a comparação. Só um papel de principe lhe convem; qualquer outro degrada-a. Ella é rainha ou não é nada: *aut nihil, aut Cæsar*. Ora, collocar o paganismo e o chris-

tianismo litterario, artistico, historico, scientifico, philosophico na mesma linha, é fazer que elles partilhem o imperio das idéas e pôl-os no mesmo grau na estima da mocidade. Collocar o paganismo litterario, artistico, historico, scientifico, philosophico acima do christianismo, é dar-lhe o sceptro das idéas e pôl-o no primeiro logar da estima da mocidade, é degradar o christianismo, é aniquilal-o, quanto é possivel, para as gerações nascentes, cujas primeiras impressões constituem o seu ser moral até á morte.

Postos estes principios entrae commigo na primeira aula do primeiro collegio da Europa. Qualquer que seja o seu traje, o professor, do alto da cadeira, falla assim aos seus ouvintes: «Meus amigos, houve na antiguidade dous paizes privilegiados, onde o genio da eloquencia, da poesia, da historia, da philosophia, da architectura, da esculptura, de todas as artes e sciencias, fixou longo tempo, e exclusivamente, a sua habitação. N'estes paizes nasceram os maiores homens que o mundo conheceu. Roma e Athenas foram patria dos heroes mais celebres; a Grecia e a Italia, o duplo theatro dos factos mais memoraveis e mais dignos do vosso estudo: tudo aqui é maravilhoso: homens e cousas. Devo só prevenir-vos de que esses homens admiraveis não foram christãos; mas isso nada tira ao merecimento das suas obras-primas, ou das suas bellas acções.»

E os meninos, admirados, crêem na palavra do mestre e começam logo a desprezar tudo o que nas artes e sciencias não fôr de origem pagã. Tal é, menos um grande numero de louvores hyperbolicos, o modo como o paganismo na educação é applicado á alma impressionavel da infancia. E esta applicação enthusiastica repete-se todos os dias, durante sete annos! E estes sete annos são aquelles em que se fôrma o homem para a vida! Qual pôde ser, em relação á religião, o resultado d'um tal systema? Escutemos a resposta d'um sabio bispo:

«Nós não julgamos e sobretudo não condemnamos ninguém; lamentamos os desvarios do espirito humano, e crêmos que, se tivéssemos vivido um seculo mais cêdo, teriamos partilhado o mesmo que deploramos aqui. Mas nós queremos, senhores, fazer-vos observar o que se tem passado e passa ainda em quasi toda a parte.

«Ha trezentos annos que se diz a toda a mocidade estudiosa, isto é áquella que devia governar a sociedade: «Imitae os bons modelòs gregos e latinos, porque os doutores da Egreja são de mau gosto.» Eis o que se diz e se faz praticar aos estudantes, n'uma idade em que os habitos se tornam uma segunda natureza.

«D'ahi resultou necessariamente, que a mocidade se apaixonou pelo estudo das producções do paganismo, e da admiração das pa'avras chegou á dos pensamentos e acções.

«Com effeito, não foi então que se começaram a venerar os sete sabios da Grecia como os quatro evangelistas; que se extasiaram com os pensamentos d'um Seneca e Marco-Aurelio; que se elevaram as virtudes de Sparta e Roma a ponto de se empallidecerem as virtudes christãs?

«Julgaes, senhores, que estas regras unanimes e continuas não deviam pouco e pouco fazer baixar o sentimento da fé e sobreexcitar desmesuradamente o orgulho da razão? Seria temerario dizer que, pondo assim por toda a parte em relevo as obras do homem, com grande prejuizo da revelação, que é obra de Deus por excellencia, se preparava o caminho ao reino d'esse racionalismo desavergonhado, que chegou em publico a adorar-se só a si mesmo? (1)».

Se esta resposta vos parece insufficiente, eu appello para vós mesmos. Supponhamos que nos dias da primitiva Egreja, os pagãos, escutando só um pretendido zêlo pela

(1) Carta do Bispo de Langres ao superior e directores do seu seminario.

litteratura, sciencias e artes, tomavam os nossos livros christãos para base da instrucção de seus filhos; que elles pagavam a milhares de mestres habéis para excitarem todos os dias o seu enthusiasmo pelos nossos apóstolos, martyres e santos Padres, dizendo-lhes que elles são os reis da eloquencia e do genio, que nada no paganismo lhes pôde ser comparado: o homem do bom senso mais vulgar não diria, e com razão, que os pagãos tinham perdido o juizo; que elles demoliam por suas proprias mãos os seus templos e altares; que o christianismo se iria pôr no logar do paganismo, cujas mediocridades seriam abandonadas pelo genio das nossas obras?

Se depois os pagãos gemessem, se se admirassem do desprezo de seus filhos pelo culto paterno e da sua inclinação pelo christianismo, que nome darieis vós ás suas queixas e ao seu espanto? Ah! está a nossa historia. Ha tres seculos que o paganismo está na educação, e vós admiraveis-vos de que elle esteja nas idéas e nos costumes? Lamentaes hoje mais que nunca vêrdes a religião abandonada, desprezada. Se as vossas queixas são sinceras, ajudae-nos a mudar de systema: quem repelle o effeito deve fazer desaparecer a causa..

O desprezo da religião, consequencia inevitavel do paganismo classico, não espera os annos da idade madura para se produzir. Elle se manifesta mesmo no collegio pela ausencia total de piedade, pelo profundo desgosto dos deveres do christianismo, pela incredulidade e pela corrupção, dobrada lepra que devora intimamente as gerações, sustentadas de leite pagão. Elle se manifesta principalmente nas disposições dos mestres e discipulos a respeito do homem em quem se personalisa a religião. A seus olhos, o padre capellão não é o homem necessario, cujas lições devem excitar o maior ardor, cuja palavra deve impôr respeito e obter amor. É um não sei que que não tem nome na lingua da admiraçã-

ção, e menos na do coração, porque a idéa que elle representa tem um logar só muito secundario na estima, e nenhum na affeição do mundo que o cerca. Para uns o cappellão é um mercenario que instrue a tanto por dia; para outros é um *professor de religião*, um *official de moral* que dá lições a certas horas e que tenta produzir nas almas, não a fé de santas verdades, mas não sei que convicção secca e esteril como a que produz um professor de algebra demonstrando problemas.

A alteração. O paganismo classico não tem por effeito só condemnar a religião ao esquecimento e ao desprezo: a sua influencia é ainda mais desastrosa, altera-a profundamente.

Que é o christianismo? É a religião do espirito, a religião da eternidade. Receio, desprezo das riquezas, honrarias e prazeres da terra; abnegação de si mesmo, mortificação da carne, no intuito de restituir á alma o seu legitimo imperio: eis ahi o que préga o christianismo desde o berço até ao tumulo. Bemaventurados os humildes, bemaventurados os pobres, bemaventurados os que soffrem; desgraçados os ricos, os poderosos, os felizes d'este mundo: taes são as suas maximas.

Que mais é o christianismo? É uma religião sobrenatural que regeita como insufficientes todos os motivos humanos, todas as intenções puramente naturaes e por consequencia todas as virtudes que não são inspiradas por vistas bebidas na ordem da graça. Não façaes as vossas boas obras, as vossas bellas acções deante dos homens, senão não recebereis por ellas recompensa de nosso Pae que está no céo. Permanecei unidos pela caridade ao vosso divino medeador, como o ramo da vinha está unido á cêpa que o sustenta, de outro modo nada serão os vossos merecimentos.

Que é emfim o christianismo? É a religião da caridade, por consequencia da liberdade e egualdade verdadeira entre

todos os homens; é o respeito religioso do homem para com o homem, e principalmente para com o sêr fraco, a creança, a mulher, o pobre, o doente, o prisioneiro, o servo. Amae ao proximo como a vós mesmos. Vós sereis reconhecidos por meus discipulos se vos amardes uns aos outros, não só de bôca e por palavras, mas por obras reaes. Tal é o espirito do christianismo.

E agora que é o paganismo? O paganismo é o antípoda do christianismo. É a religião dos sentidos, a religião do tempo; é a adoração da materia. Amor das riquezas, amor das honras, amor dos prazeres. Bemaventurados os ricos, os poderosos, os que nadam no seio dos gosos: eis ahí o que elle canta, o que elle ama, o que elle preconisa pelo exemplo dos seus homens e dos seus deuses, pela voz dos seus historiadores, dos seus poetas, dos seus artistas, de todos os modelos da nossa infancia.

Que é ainda o paganismo? É o naturalismo quanto a virtude. Virtudes inspiradas por vistas humanas, pelo desejo de adquirir um nome, pelo character, pelo temperamento; virtudes sem a graça santificante que as pôde fazer uteis ao fim eterno do homem; virtudes que em segredo se não deseja ter. D'ahi historiadores, moralistas, oradores que fallam eloquentemente da temperança, que declamam contra a ambição e a immoralidade, e que no segredo da sua conducta não cessam de ultrajar o pudor, a temperança e todas as virtudes.

Que é emfim o paganismo? É a religião do odio universal, a religião da escravidão e do desprezo profundo pela humanidade: desprezo do homem para o homem, e principalmente para o ente fraco, que ella espesinha, ou do qual faz instrumento dos gosos mais brutaes; para as creanças, que ella deixa matar, vender, expôr; para a mulher de quem consagra a vergonhosa escravidão; para o pobre a quem persegue, e chama animal immundo; para o doente que ella

abandona no leito da dôr; para o prisioneiro que ella mata; para o escravo de quem ella faz menos caso que d'um cão. Eis o paganismo nas suas maximas, no seu espirito, nos seus actos.

Em duas palavras o christianismo é a glorificação do espirito; o paganismo a glorificação da carne; espiritualismo d'um lado, sensualismo do outro: eis o fundo opposto das duas religiões.

Ora, é o paganismo que instrue a nossa infancia. O seu ensino é tanto mais efficaz, porque falla em todos os tons, reveste todas as fôrmas, e insinua-se por si mesmo; porque elle se exhala naturalmente como o perfume da flôr, de cada livro, de cada pagina, de cada phrase, que a infancia é obrigada a admirar, a lêr, a estudar a todos os momentos.

Debaixo de *! influencia que pôde ser o espirito christão? Ah! elle aliera-se, enfraquece-se, apaga-se. A ordem sobrenatural desapareceu, só fica o naturalismo. O homem torna-se o que a educação o fez; elle torna-se carne, torna-se pagão. Olhae: não vêdes o sensualismo e o egoismo trasbordarem pela Europa? Não penetram elles mais ou menos todas as almas, todas as artes, todas as sciencias, todas as vidas? Escutemos um homem que não será suspeito.

«É um mester ingrato a educação da mocidade burgueza. Terreno gasto, arido, esteril, onde só germinam os conselhos do interesse. Eu conheço-os, estes filhos da burguezia; a mocidade pinta-se-lhes no rosto; mas não a téem no coração. Já especulam no collegio. O que elles menos procuram é o bello e a verdade, elles são pouco sensiveis ao encanto das lettras e á luz das sciencias. A sua ambição proxima concentra-se toda na obtenção d'um grau universitario que lhes abrirá uma *carreira*; a sua ambição mais longinqua não passa d'um estudo de tabellião ou advogado, d'um diploma de medico, ou d'uma dragona; e sob estas fôrmas diversas o que todos vêem, é o bem estar material.

boa mesa, boa roupa, boa cama, e mais nada. A sua virtude dominante é a virtude dos velhos, a prudencia. A gloria é para elles um fumo vão, que só os visionarios seguem; o merito é um luxo que não vale os esforços que custa; louco o que lhe sacrifica um prazer.

«Se por acaso se occupam dos negocios politicos, são conservadores com a monarchia, e reaccionarios com a republica. Pertencem ao grande partido da ordem; julgam que a religião é necessaria para o povo, ainda que já não creiam em nada; defendem a familia em geral, salvo affligirem a sua pela preguiça, e arruinarem-na depois pela prodigalidade; elles defendem, e principalmente amam a propriedade; mas sem trabalho. Sei que ha excepções, mas são escarnecidas (1)».

A pintura é flagrante de semelhança.

Sahi do collegio, entrae na sociedade. Não é só o prazer que se ambiciona? Não ha oradores, escriptores que fallam na virtude sem crêrem n'ella, como o mostram por sua conducta? Não se diz emfim que se pôde ser feliz sem o christianismo?

Buscae agora desde que época começou na Europa essa decadencia medonha do espirito christão? Lembrae-vos de que tudo vem da educação; e estou certo de que, com os olhos fechados, indicareis a época da renascença do paganismo classico.

Não se diga, para attenuar o poder accusador d'este facto que os classicos pagãos foram correctos e expurgados; nem se diga que se pôdem corrigir e expurgar mais: vãs pretensões. As *suppressões* tiraram ou tirarão quando muito as immoralidades grosseiras, os erros palpaveis (2); mas

(1) M. Jacques, professor de philosophia em Paris.

(2) Parece que ainda os ha, que que mettam medo aos homens da nossa época. Ainda não ha um mez que lêmos n'um jornal o seguinte: «O

nada mudarão ao espirito pagão que transpira inevitavelmente nas obras pagãs.

Quando os Jeronymos, os Agostinhos, os Gregorios, proscreviam tão energicamente o paganismo classico, quando mostravam com tanta eloquencia o seu perigo, julgaes seriamente que elles fossem inspirados pelo receio de vêr o mundo christão voltar ao culto dos deuses? Não. O paganismo na sua fôrma material estava morto, para não mais resuscitar; mas vivia no seu espirito, e este espirito conservava-se nos livros pagãos; e estes livros pagãos, postos nas mãos da infancia têm o poder de o introduzir no coração das gerações christãs, e por ellas na sociedade. Ahi estava o perigo, como ainda está, e estará sempre. Tenha-se isto em conta; um momento virá, se já não veio, em que será impossivel conjural-o. Da questão do paganismo ou do christianismo na educação depende a salvação do mundo. Ha quinze annos que um dos homens mais notaveis pelo elevado da sua intelligencia, nos escrevia: «Trinta annos mais de paganismo na educação, e acabará a Religião na Europa.»

Messageur de l'Assemblée cita um trecho de Euripides que nos abstemos de reproduzir e acrescenta:

«É isto o que se explica em rhetorica, palavra por palavra, fazendo sobresahir o sentido de cada uma. Talvez isto fosse bom para os Gregos, que adoravam Euripides, mas a nós convir-nos-ha isso?

«Ha nas edições classicas exemplos de todo o genero de immoralidade, isto é, o ensino sério do adulterio, do roubo, do suicidio, da impiedade, etc.

«D'antes dizia-se: É grego, não se lê. Hoje parece dizer-se: É absurdo, é infame; mas é grego.

«Diz-se que ha uma commissão para revêr os livros dos lyceus. Não é inutil esta commissão.» 24 de Março de 1851.

CAPITULO XXI.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NA FAMILIA.

O respeito da auctoridade paterna, a indissolubilidade do casamento, o direito do pae sobre os filhos; taes são as bases da familia christã. Ora, como a sociedade politica, a sociedade domestica, vive pelo respeito das leis que a constituem. D'ahi, durante quinze seculos, a veneração profunda dos povos christãos pelas instituições de seus paes; d'ahi a sollicitude de legar aos filhos como parte mais preciosa da herança, o culto dos avós. Assim fizeram todas as familias historicas e os grandes povos que brilham nos annaes do mundo.

Esta lei de conservação é tão natural que os pagãos a conheceram perfeitamente, e a cumpriram com fidelidade espantosa. Roma que todos gostam de citar, appellava sempre para os usos e costumes primitivos. As maximas de seus paes formavam outras tantas maximas sagradas e a veneração que ella tinha pelos dos seus fundadores chegou á apothese. Este respeito profundo e universal conservou o

laço de familia e este por seu turno manteve Roma sempre a mesma; foi o principio da sua força, o segredo da sua duração e a base do seu poder soberano.

Que é, porém, agora o paganismo classico? É a maior escola de desprezo pela auctoridade paterna. Ao expôr o modo como o paganismo é applicado á infancia eu usei, de proposito, de grande reserva. Para não ser taxado de exagerado, antes quiz ficar á quem da verdade: chegou a occasião de fallar sem reticencia. Os elogios, dados ao paganismo, são a face da medalha; as injurias, as calumnias, as irrisões prodigalisadas a nossos avós formam-lhe o reverso. Eis aqui como as coisas, de feito, se passam.

Depois de terem elevado ás nuvens os homens, as instituições, as sociedades pagãs cahiram sobre nossos pobres avós, sobre seus usos, sobre tudo o que elles disseram e fizeram a ponto de envergonharem seus filhos de tal descendencia. Nada se poupou: os primeiros christãos são fanaticos e idiotas; os seculos que elles prepararam são seculos barbaros; a idade média é a idade ferrea da humanidade, a época da lethargia universal. A fé de nossos antepassados chama-se embrutecimento; as suas praticas religiosas, superstição; as suas virtudes, fanatismo; os seus papas, ambiciosos; os seus reis, tyrannos; os seus senhores, bandidos; as suas leis, código de dureza e loucura; a sua historia, lenda; o seu ensino, puerilidade; a sua litteratura, barbaria; a sua sciencia, ignorancia; a sua arte, gothismo; o seu estado social, escravidão e miseria. Assim se crêem os nossos avós, cuja *fé simples e ingenua* era capaz de admitir que os burros voavam como andorinhas.

Depois, cantam-se pela tuba épica os beneficios da renascença; convidam-se as novas gerações a abençoarem o céu que as fez nascer no seio das luzes e da liberdade. E emfim submergem-nas, felizes e gratas, n'essa antiguidade pagã *que é*, diz ainda hoje M. Thiers, *o que ha de mais bello no*

mundo; asylo sereno e são, destinado a conservar-as frescas e puras; mundo maravilhoso ao qual o mundo moderno deve o seu despertar.

No meio de todas essas diatribes sempre renovadas, se alguma vez a força da verdade arranca uma palavra lisonjeira para um homem, ou para uma cousa da idade media, o elogio torna-se ultrage pelo modo por que é dito. Entre mil, só citarei um exemplo. «Tem-se feito, escreve d'Arnaud, uma observação bastante singular: foi de algum modo do *meio das trévas* que se elevaram esses grandes espectaculos dignos de fixar a curiosidade e a reflexão. Os tempos mais *submersos na barbaria* produziram, por assim dizer, centelhas que nos não tem offerecido estes ultimos seculos, ditos épochas brilhantes das felizes revoluções do espirito humano. Que sublimes exemplos de valor, de generosidade apresentam as diversas edades da cavalleria!

«Seguramente podem-se chamar de trévas os seculos XI, XII, XIII e XIV; e foi n'esses tempos barbaros que houve acções que ainda fazem a gloria das nações modernas (1).»

Assim se faz a educação da mocidade. E sois vós, paes de familia, que animaes tal systema; sois vós que applaudis os mestres que ultrajam a vossa auctoridade na de vossos antepassados; sois vós que lhes pagaes para ensinarem a vossos filhos o desprezo do que mais respeitavel é! Quando fosse verdade o que se diz de nossos avós, é de filhos bem creados o descobrir os vicios dos paes? Onde vêdes vós ser útil o peccado de Cham? Mas que dizer e pensar quando é calumnia tudo o que se diz de nossos paes, menos culpados que nós?

Eu não emprehendo aqui a apologia da idade media. Mas quando a vejo todos os dias entregue ao desprezo;

(1) *Anecdotes diverses*, t. 1, parte II, p. 249.

quando a primeira lição dada á mocidade europêa é o ensinar-lhe a envergonhar-se de seus avós, para exaltar, por um contraste mentiroso os seculos pagãos, a verdade não pôde permanecer captiva. Nossos paes valiam mais que nós, e tudo o que ainda temos de bom, a elles o devemos. Homens como nós, tiveram defeitos; somos isemptos d'elles? Accusamos a sua credulidade: é uma virtude o scepticismo que nos devora? Stygmatisamos a rudeza de seus costumes e a crueza de suas leis; as impiedades e horrores que mancham a historia moderna são dignas dos anthropophagos ou dos povos civilizados?

Nós chamamos fanatismo, exaggeração ás suas virtudes cavalheirescas, aos seus affectos sublimes: que nome merece o nosso egoismo? Elles fundavam egrejas e conventos: nós theatros e prisões. Se commettiam algum crime, pediam em publico perdão a Deus e aos homens: nós vangloriamos-nos do crime. Ameaçados pelo céo, elles humilhavam-se; nós blasphemamos. No seu tempo, quando se sentia grande angustia, resava-se, hoje suicida-se. Fallamos da sua ignorancia? Onde estão as nossas luzes? É nos seculos tenebrosas ou nos allumiados que se encontram as melhores idéas do direito, da auctoridade, da propriedade, do bem e do mal?

Nós gabamos a belleza das linguas modernas: foram elles que as crearam. Nós descobrimos o vapor e a electricidade: elles descobriram a bussola, a imprensa e a polvora. Nós produzimos um montão de livros: elles produziram a *Imitação*. Elles tiveram Carlos Magno e Godofredo de Bouillon, na guerra; Alcuino, S. Gregorio VII, S. Luiz e Suger, nas sciencias politicas; S. Thomaz e S. Boaventura, na theologia; S. Bernardo, Santo Antonio de Padua, S. Vicente Ferrer, na eloquencia; Santo Anselmo, na philosophia; Dante e Petrarca, na poesia; Rogero Bacon, nas sciencias physicas. Seriam selvagens esses homens que elevaram ás nuvens as

agulhas das nossas cathedraes, que recortaram todas as suas partes com tanta delicadeza, e que lhes gravaram nas paredes a historia do tempo e da eternidade em caracteres de ouro, de purpura e de azul?

Diz-se, porém, que elles não gosavam da liberdade do pensamento. Nós temos a licença. Elles viviam na oppressão; nós somos ingovernaveis. Elles sustentavam-se de pão negro; nós comemos batatas. Elles viviam nas suas familias como raposas nos esconderijos; nós vivemos nas officinas e não temos familia.

Facil fôra o prolongar este parallelo; basta isto para mostrar a nossa immodestia e a injustiça do desprezo que temos por nossos avós. Com tudo este desprezo, estes insultos são contra uma auctoridade maior. Inimigo do christianismo, o paganismo classico só antipathisa com a edade-media por *ter sido a edade da fé*. Ella foi a obra da Igreja, cujo espirito penetrou profundamente as instituições, as sciencias e artes, a lingua da época. Não é, pois, propriamente á edade-media, mas sim á Igreja que se fazem todas essas accusações de superstição e ignorancia. Tal é a razão da guerra estúpida e encarniçada que estes tres ultimos seculos fazem á edade-media. Isto é o que deveriam ter comprehendido tantos homens, aliás bem intencionados que se fizeram admiradores fanaticos do paganismo litterario.

Não se illudiram n'este ponto os innovadores do seculo XVI. Ninguem como elles repetiu mais vezes e mais alto que os seculos em que a Igreja catholica predominara eram os seculos da ignorancia mais crassa, da degradação mais profunda: foi facil de tirar a consequencia. Se a noite tinha reinado sobre o mundo, é que o sol tinha sido eclypsado; é que a Igreja tinha perdido uma parte da verdade primitiva; era necessario regeitar a liga das tradições que tirára a pureza á palavra de Deus.

Viu-se então Luthero, Calvino, e Theodoro de Beze atraz dos apostolos do paganismo classico; atraz dos innovadores e heresiarchas veiu então Bayle com Argens, Bolingbroke, Diderot, Rousseau e Voltaire. Dogmas, mysterios, preceitos, auctoridade, practicas, todo o edificio do christianismo foi accommettido. Só ficou então em pé uma unica cousa, o paganismo. Com effeito, nós veremos em breve os francezes de 93 emprehenderem a regeneração do mundo com as idéas de Sparta, Athenas e Roma.

CAPITULO XXII.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Exaltar os pagãos e desprezar nossos paes na fé, tal é ha tres seculos o fundo da educação publica na Europa. Não será isto, dizei-me, a violação mais sacrilega da lei conservadora da familia: *Honrarás teu pae e tua mãe?* Mas ainda não é tudo. O christianismo dera por base á familia a indissolubilidade do laço conjugal e os direitos sagrados do pae sobre seu filho. Durante quinze seculos a Europa viveu n'este principio sagrado ao qual as nações christãs devem a sua moralidade e a sua força. Mas porque é que do seculo XVI em diante, a polygamia e o divorcio reapparecem auctorisados pelos chefes da reforma? Por que é que elles têm tido até aos nossos dias tantos apologistas, entre os homens illustrados d'estes tres seculos, na Allemanha, Inglaterra e França? Porque é que depois de alguns protestos, o divorcio tem passado hoje ao estado de lei na metade da Europa? Por que é que são calcados aos pés os direitos dos paes sobre os filhos? D'onde vieram ás socieda-

des modernas, estas ideias tão diferentes de todas as ideias christãs? Como explicar a deploravel facilidade com que estas ideias passaram para as leis e costumes publicos?

Oh! este triste mysterio explica-se bem. Proposto á admiração das gerações nascentes o paganismo antigo, familiarizou-se a Europa com as idéas e instituições dos seus modelos e mestres. Ora todos os mestres da mocidade, apresentados como os philosophos mais divinos, os legisladores mais sabios, são campeões da polygamia e do divorcio: elles justificam-nos por *boas* razões, os poetas cantam os seus beneficios, e as paixões applaudem.

O legislador da republica de Sparta, cuja austera virtude tanto nos fizeram admirar, Lycurgo, faz o casamento obrigatorio para todos, obriga o esposo a roubar aquella que quer desposar, e por uma consequencia do seu principio supremo, que a familia só é estabelecida para dar cidadãos robustos ao Estado, elle auctorisa a promiscuidade. Sempre consequente comsigo mesmo, elle inflige penas severas aos celibatarios, e dá como uma deshonra publica a mais santa cousa, a virgindade (¹).

Mais ainda. Pondo em principio o communismo mais absoluto, Lycurgo declara que os meninos pertencem ao Estado antes de pertencerem aos paes. O poder paternal é confiscado em prol do Estado, porque não é para a familia que têm logar os casamentos. Por consequencia o menino, esse bem sagrado da familia, é arrancado sem dó aos braços maternos pelo proprietario da familia, o Estado, instruido nas escolas do Estado, educado ao capricho do Estado ou condemnado á morte se logo ao entrar na vida não offerece na sua constituição uma promessa de utilidade physica, unica requerida pelo Estado. «Nascido o menino, diz Plutarco, o pae não era senhor d'elle para o poder fazer sustentar á sua

(¹) *Vie de Lycurgue*, trad. de Amyot, pag. 30 e 31.

vontade; mas levava-o a um logar destinado para isso, chamado Lesché. Ahi os mais antigos da sua linhagem revisitavam o menino. Se o achavam bello, bem formado de todos os membros e robusto, mandavam que o sustentassem; mas se elle lhes parecesse feio, defeituoso, mandavam-o lançar a uma cisterna... Aos sete annos os meninos, que não succumbiam á prova da lei, eram definitivamente tirados a sua familia: o mesmo Estado encarregava-se de os educar.»

«Ora, accrescenta Plutarco, o oraculo tinha declarado Lycurgo o *querido dos deuses, e mais um deus que um homem*. Elle fez vêr que um homem perfeito não é um ente imaginario, como alguns pensaram, pois que elle mostrou ao mundo uma *nação de philosophos*. *As leis de Lycurgo são mui proprias para formarem os homens na practica da virtude, e mantêrem uma affeição mutua entre os cidadãos.*» O grave historiador prefere-as ás de todos os outros Estados da Grecia, e faz observar que todos os sabios que escreveram com algum successo sobre leis e politica tomaram por modelo a Lycurgo, que achavam digno dos sacrificios que os Lacedemonios lhe offereciam como a um deus.

Com effeito os principios de Lycurgo formam, com algumas modificações, a constituição da familia pagã entre os Gregos e Romanos. Assim em Lycurgo fallando da familia ouvimos nós todo o paganismo. Ora ha tres seculos a mocidade passa sete annos na escôla a admirar os oraculos do mestre. Que tem d'ahi resultado? Duas cousas inevitaveis: a primeira é que os philosophos, os legisladores, os homens de lettras modernos, fieis ás suas impressões de collegio, gabaram nas suas obras os principios constitutivos da familia spartana; a segunda é que nada se poupou para applicar á familia christã os principios da familia pagã.

Admirador apaixonado de Lycurgo, que não receia approvar n'um ponto da mais repugnante immoralidade, Montesquieu louva-o com uma só palavra dizendo que *este ho-*

mem immortal fez amar e praticar a virtude por meios que lhe pareciam contrarios. Bolingbroke, Potter, Helvetius, Collins, Tindal, Rousseau, todos os encyclopedistas exaltam as idéas de Lycurgo pedindo a sua applicação para felicidade do genero humano. Nada mais instructivo que ouvil-os.

Lycurgo não reconhece o character religioso do casamento, elles negam o sacramento que o ennobrece e sanctifica.

Lycurgo não admitte a indissolubilidade do laço conjugal, elles proclamaram o divorcio como lei.

Lycurgo auctorisa a mancebia, elles sustentaram que não era reprehensivel, sendo duravel.

Lycurgo justifica a promiscuidade, elles affirmam que a polygamia é um negocio de calculo.

Lycurgo deshonra o celibato e a virgindade, elles ridicularisam-nos.

Lycurgo nega a auctoridade paterna, elles negam-na mais completamente se é possivel.

E em quanto os philosophos e legistas, discipulos do paganismo, trabalhavam em o trazer á familia, os poetas e romancistas da mesma escola cantavam em todas as linguas os beneficios da nova legislação. Que são, pois, quanto ao fundo, essas innumeradas peças de theatro, poesias ligeiras, canções de mesa e outros opusculos que inundaram a Europa desde a pretendida renascença, senão uma prègação constante do sensualismo, do adulterio, do divorcio e do desprezo do casamento e da auctoridade paterna; que é tudo isso senão um ataque manifesto contra o pudor, a continencia, a virgindade e a piedade filial?

Ao vér isto quem deixará de dizer: O ensino pagão plantou a arvore do sensualismo no coração das novas gerações; as novas gerações transmittiram o que receberam, e essas bellas doutrinas são as flôres d'essa arvore tão bem cultivada. Mas peiores foram os fructos, que formam a segunda consequencia inevitavel da educação moderna.

Discipulos da antiguidade, os regeneradores da Europa, no fim do seculo passado olham como um dever applicar á familia as idéas pagãs. Chegados ao poder, tiram ao casamento todo o character religioso, decretam o divorcio, diminuem nos codigos a auctoridade paternal, e, pelo orgão de Rabaut-Saint-Etienne, renovam, palavra por palavra o principio de Lycurgo, que o filho pertence ao Estado antes de pertencer ao pae.

Por consequencia, como Lycurgo mandava examinar o recém-nascido que só era julgado digno de vida natural no caso de offerecer vantagens ao Estado, os modernos legisladores estabeleceram que o menino só seria digno da vida publica no caso de trazer a effigie do Estado. Tal é a invasão do paganismo nos nossos costumes que esta medida selvagem não achou uma opposição potente.

CAPITULO XXIII.

INFLUENCIA DO PAGANISMO CLASSICO NA SOCIEDADE.

O christianismo é a lei da caridade universal. Vencedor do mundo e senhor da educação durante mil annos, elle penetrara do seu espirito as nações da Europa, sustentando com a sua seiva as jovens gerações: e, quanto o permite a fraqueza humana, tinha feito a sociedade á sua imagem. D'ahi, durante todo o tempo da edade media, a ausencia quasi absoluta de guerra geral 'entre os povos christãos; d'ahi as guerras intestinas menos crueis que na antiguidade; d'ahi um patriotismo catholico que, fazendo da religião a patria commum, considerava todos os christãos do universo como irmãos que se deviam ajudar em toda a parte; d'ahi o espirito cavalheiresco, que punha á disposição do ente fraco o poder desinteressado do nobre e do forte.

D'ahi o poder soberano, contido em justos limites pela auctoridade superior da religião, e interessando-se pelos povos; d'ahi liberdades communaes e provinciaes incomparavelmente maiores que tudo o que se via antes e que se viu

depois; d'ahi emfim a liberdade absoluta da Egreja, mãe e guarda de todas as outras; da Egreja, que ninguem olhava como uma estranha ou rival, mas que todos amavam, respeitavam e secundavam por todos os modos na sua acção social.

Hoje temos o reverso d'este quadro.

O signal caracteristico da Europa, ha tres seculos, é o odio universal que se manifesta por uma rebellião contra Deus, contra as instituições, contra toda a auctoridade.

Na ordem puramente politica, eis aqui as principaes manifestações d'este odio, desconhecido nos tempos de fé.

A guerra exterior e intestina quasi contínua;

Um amor feroz da liberdade;

Um patriotismo selvagem;

Um despotismo brutal, já exercido pela multidão, já por um só;

Um servilismo abjecto;

Uma tendencia notavel para o communismo e para a ruina.

Quem produziu e mantem este estado anomalo? A educação nos responderá: «Sou eu quem faço o homem e a sociedade. Ha tres seculos que sou pagã; em lugar de ensinar a amar ensino a odiar, e o odio tem reinado na sociedade que fiz pagã, á minha imagem»!

Com effeito a lei do odio era a lei do mundo pagão, e os grandes signaes que annunciam a sua presença na Europa moderna são os mesmos que a manifestavam no seio das sociedades grega e romana.

A guerra exterior e intestina quasi contínua: eis o fundo da historia de todas as republicas classicas. Ora, o que é que ha tres seculos se offerece á admiração da mocidade? A guerra. Salvo pequenas circumstancias, o que é que nos ensinam de Roma, Carthago, Athenas, Sparta, Persia, Germania, Gallias, e Iberia? A guerra. Que nos mostra o mesmo

Olympto com as torpezas dos seus deuses? A guerra. Expressão viva da lei de odio que regia o mundo pagão, por toda a parte a guerra, a guerra, no céu e na terra: tal foi o elemento em que nós crescemos.

Ora, o que eram nas causas e nos effeitos essas guerras? Eram o odio universal, filho do egoismo, satisfazendo-se pelo exercicio do direito brutal do mais forte: a injustiça e a pilhagem. E comtudo ensinavam-nos a admirar estas obras; mostravam-nos estes homens, cantados pelos poetas, honrados pelo Areopago ou subindo em triumpho ao Capitolio.

Estes homens e estes poetas que se propunham á nossa admiração, propuzeram-se desde a renascença á admiração não só dos filhos do povo, mas ainda dos filhos dos nobres e dos reis. Chamado a educar os successores de S. Luiz, Amyot, bispo de Auxerre e traductor de Plutarco, não conhece depois da Escriptura Sagrada, diz elle mesmo, modelos mais completos para um principe do que os grandes homens de Athenas, Sparta e Roma. Por conseguinte a historia de Constantino, de Theodosio, de Carlos Magno, de S. Luiz e outros santos, reis ou imperadores, era menos propria para formar o espirito e o coração d'um principe christão do que as vidas de Theseu, Romulo, Lycurgo, Solon, Pericles, Mario, Sylla, Cesar e Bruto! Bem depressa se deixaram de recommendar as sagradas lettras; e cem annos depois de Amyot, Fénelon compõe para uso do herdeiro da corôa de França um evangelho de que *Telemaco* é o discipulo, *Mentor* o interprete, *Minerva* o inspirador, e o *paganismo mais puro* o fundo e a fôrma.

Emfim, não deve isto espantar pois que ainda em nossos dias se proclama á face da Europa que a antiguidade é *tudo o que ha de mais bello no mundo*.

E é em tal escôla que se instrue a Europa ha tres seculos, e é com o estudo d'essas falsas glorias que se pro-

cura produzir sentimentos de justiça, brandura, modestia, subordinação, abnegação, humildade, caridade que são o espirito do Evangelho e as condições vitaes das sociedades christãs!

Mas... se se quizesse formar homens injustos, altivos, orgulhosos, insubordinados, tomar-se-hiam outras medidas? Não foi assim que se prepararam os famosissimos heroes d'essa guerra de trinta annos que cobriu tres quartos da Europa de sangue e ruinas; guerra pagã onde se commetteram mais horrores e infamias do que o mundo não vira em dez seculos; guerra selvagem que destruiu mais monumentos e obras primas do que haviam destruido as hordas barbaras? Não foi da mesma escola que sahiram os chefes dos nossos exercitos revolucionarios, os ferozes proconsules que levaram a devastação de Paris a Napoles, de Lisboa a Moscou, e que, como os heroes antigos voltaram trazendo em seus carros não só o ouro e a prata, mas ainda as riquezas artisticas de todos os povos vencidos?

E comtudo a guerra exterior é só uma parte do quadro offerecido pelo paganismo: as luctas intestinas o completam. Que vimos nós na historia interior de Sparta, Athenas, e principalmente de Roma? O constante antagonismo entre as diversas classes da sociedade; o horror pelos reis, designados como tyrannos; as tempestades do Forum, as retiradas para o monte Sagrado, as leis agrarias; sempre facções, sempre dissensões, o sangue dos cidadãos correndo nas ruas e praças, e o ostracismo banindo os vencedores d'hontem, vencidos hoje.

Bellos exemplos, sublimes preceitos, preciosas sementes para serem lançadas em almas christãs! Sob o nome de Tarquinio detestavamos a realleza; ora nos apaixonavam pelo povo, ora pela nobreza; ora queriamos os Gregos, ora Druso, Mario ou Sylla, Pompeu ou Cesar.

Ajuntae a isto um patriotismo selvagem que não res-

peita o direito natural, nem o direito das gentes, nem os laços mais sagrados da natureza. É Scevola que queima a mão por não ter assassinado Porsenna; é Bruto que mata seus filhos suspeitos de conspirarem contra a patria; é um segundo Bruto que apunhala Cesar, seu bemfeitor, e mais outros que se apontam como heroes do patriotismo e da liberdade.

«O que é esse patriotismo, o bello lado do mundo antigo? O odio pelo estrangeiro; destruir toda a civilisação, espalhar pelo mundo a assolação, agrilhoar mulheres, creanças, velhos aos carros de triumpho, esta era a gloria, esta a virtude! E os nossos professores preparavam-nos para a vida christã, fazendo palpitar os nossos corações de admiração e emulação por este spectaculo (1)!»

Emfim a arvore produziu fructos. Julgara-se que se podia entregar impunemente ao paganismo toda a nossa educação moral, litteraria e artistica. Hoje cahiu a venda fatal: a revolução franceza foi a traducção sanguinolenta d'estas ideias de collegio. Ella explica-se, sem duvida, por causas estranhas ao ensino classico. Mas duvidará alguém que este ensino lhe misturasse muitas ideias falsas, sentimentos brutaes, utopias subversivas, experimentações fataes? Leiam-se os discursos pronunciados na Assembléa legislativa e na Convenção: são só prosopopeias, invocações, apostrophes a Fabricio e Catão, aos dous Brutos, aos Graccos, a Catilina. Ao commetter-se uma atrocidade apparece logo a glorifical-a o exemplo d'um Romano.

Não só nos discursos, nas maximas e nos actos privados o paganismo respira; elle passa ás leis, aos costumes publicos e aos nomes. O direito do mais forte, hedionda lei do mundo antigo, torna-se a unica regra dos legisladores.

(1) *Baccalaur. et social.*, pag. 48 e 58.

O sangue innocente tinge o cadafalso e engrossa os rios da França espoliada.

Nas festas publicas volta a mythologia completa: o Tempo, a Velhice, as Estações, os carros puxados pelos bois de pontas douradas; nas praças, nas ruas reapparecem as bacchantes desgrenhadas. A mais infame das deusas pagãs torna a subir aos altares; tem sacerdotes e adoradores; o *Pantheon* recebe os cidadãos dignos da *apotheose*. Nós temos a *republica*, o *povo rei*, *liceus*, *atheneus*, *prytaneus*, *gymnasios*, *hyppodromos*, *cyrcos olympicos*, *comicios*, *municipalidades*, *prefeitos*, *consules*, um *dictador*, um *tribunato*, um *senado* um *imperador*, *decretos*, *senatus-consultos*; a *aguia* conduz as *legiões* á victoria, e para nada faltar a esta monstruosa e burlesca parodia, obrigam-nos a trazer o barrete phrygio na cabeça. Os costumes tornam-se ferozes, o *tu* entra outra vez na linguagem; o juramento de odio á realza é renovado dos Romanos; por toda a parte se invocam os manes; Bruto tem imitadores. Os Francezes do seculo XVIII gloriam-se de ter os nomes de Catão, de Scevola, de Manlio, de Anacharsis, de Dracon, de Simonides, de Socrates, de Gracco, de Anaxagoras.

Como se poderam produzir taes loucuras, ou antes atrocidades, com tanto successo? Charles Nodier vae responder. Depois de descrever as horriveis scenas da revolução, diz: «O que ha de notavel é que nós estavamos preparados para esta ordem de cousas excepcional, nós outros escolares, afeitos por uma educação anomala e *anormal* a todas essas aberrações d'uma politica sem base. Não havia grande esforço em passarmos dos estudos do collegio aos debates do *forum* e á guerra dos escravos. A nossa admiração estava alcançada de ante-mão pelas instituições de Lycurgo e tyrannicidios dos Panatheneus: nunca nos tinham fallado se não n'isso.

«Os mais antigos de entre nós contavam que, na véspera dos novos acontecimentos, o premio de composição de rhetorica fôra disputado por dous advogados, á maneira de Seneca o orador, em favor de Bruto o antigo e de Bruto o moço. Não sei quem o teve aos olhos dos juizes, se o que matou o pae, se o que matou os filhos; mas o laureado foi animado pelo intendente, affagado pelo primeiro presidente e coroado pelo arcebispo. No dia seguinte fallou-se com espanto n'uma revolução, como se se ignorasse que estava já feita na educação (1).»

(1) Souvenirs, t. I, pag. 88.

CAPITULO XXIV.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Acabamos de vêr o paganismo antigo reproduzido na Europa moderna pela guerra exterior e intestina quasi continua, por um amor feroz da liberdade, por um patriotismo selvagem, tão perfeitamente imitado dos Gregos e Romanos que se não acha differença entre os novos e os antigos Brutos, entre a lingua, projectos, actos e costumes de uns e outros. Completemos este quadro nunca estudado de mais.

Que outra lição dá á mocidade o paganismo classico? Ignorando a verdadeira noção do poder, mostra-lhe o despotismo que passa das mãos das turbas ás de um só. Tal é a ideia com que, ha tres seculos, se familiarisa a infancia. Elle lh'o mostra como uma cousa de origem humana e não divina; como um deposito humano, e não como um encargo que exige a toda a hora o sacrificio do superior ao inferior, mas como um beneficio que dá gloria, honras e prazeres ao que o exerce, tendo-o conquistado quasi sempre pela força.

D'ahi, em todas as republicas classicas, assembleias po-

pulares sempre renovadas para transmittirem o poder, para lhe fixarem os limites e attribuições; tribunos facciosos para contrabalançarem a sua auctoridade, um senado zeloso para vigiar o seu exercicio. Depois continuas conspirações; elogios eguaes aos assassinos e tyrannos, a Bruto e a Cesar, a Cicero e aos triumviros; depois emfim a republica sempre agitada até cahir n'um servilismo abjecto. É com isto que se familiarisa a infancia, repetindo-se sempre o estribilho de M. Thiers, repetido em todos os collegios da Europa: *A antiguidade é tudo o que ha de mais bello no mundo.*

Mas julguemos ainda aqui a arvore pelos seus fructos. Quaes são os resultados politicos de tal educação? D'um lado, alteração completa da verdadeira noção do poder; d'outro lado a glorificação e a pratica d'estas theorias subversivas.

Alteração da verdadeira noção do poder. Os seculos christãos repetiam com S. Paulo que todo o poder vem de Deus. Ora, ide dizer hoje á Europa, discipula do paganismo, que todo o poder vem de Deus, Rei dos reis, Senhor dos Senhores; ide combater o dogma pagão da soberania do povo: vereis se ha uma unica nação que vos comprehenda, vereis quantos sabios vos responderão só com um sorriso de piedade.

Glorificação e pratica das theorias subversivas do paganism. Lêde os jurisconsultos, os legistas, os philosophos da Europa moderna, todos nutridos da bella antiguidade pagã, que achareis lá? Elles vos contam que «a sociedade é um contracto; que, para ser legitimo, o governo deve fundar-se no consentimento livre dos subditos, que sem isso não é mais do que violencia, usurpação, latrocínio (1); que ensinar que os principes téem o seu poder de Deus é uma maxima imaginada pelo clero, o qual põe os reis acima do

(1) Obras de Rousseau.

povo, para mandar aos reis, em nome da Divindade; não é senão uma cadeia de ferro que tem uma nação inteira debaixo dos pés d'um só homem (1); que o magistrado supremo não é mais que o primeiro caixeiro da nação (2); que nos seculos de ignorancia se puderam pascer de palavras ambigvas os espíritos transviados por uma epidemia de fanatismo, e fixar com sons vasio de sentido rebanhos que só marchavam ao som das trombetas; mas, depois de civilisado, um Estado irá buscar ás trévas da ignorancia e do erro os fundamentos da auctoridade legitima (3)? que o povo tem o direito de julgar os reis; quando estes violam o mandato que lhes conferiu o povo, dissolveu-se o contracto; que a insurreição é o mais santo dos deveres (4).»

E o povo insurgiu-se d'uma extremidade da Europa até á outra, e julgou os tyrannos e brinca com as corôas como um travesso menino com bonecos; e nós vimos em menos de meio seculo cincoenta e dous thronos voarem em estilhaços, e houve cantos triumphaes em louvor dos assassinos dos reis, como já os houvera para Scevola, Bruto, Macro e Stephano; e a sociedade sempre dividida pelo odio, sempre agitada entre os partidos, passa alternadamente da tyrannia mais dura ao servilismo mais abjecto; os mais altaneiros Brutos de 93 tornam-se os creados mais vis do soldado feliz que lhes dourou as costuras; hoje mesmo, apesar das suas soberbas pretensões á liberdade e egualdade, ella se submeterá humilde ao Tiberio que lhe quizer pôr o pé no pescoço.

Eis ahí o que nós somos ha tres seculos e o que nós deviamos ser. Tornado ao paganismo pela educação, o mundo devia por força entrar de novo nas condições essenciaes

(1) Raynal. (2) Helvetius. *Do homem.* (3) Raynal.

(4) Declaraç., e discursos dos oradores revolucion. de 93 e 1848 inclusivê.

do paganismo; antagonismo, anarchia, despotismo, servilismo, instabilidade, revoluções. Reflecti e concluí.

Resta pôr em evidencia um ultimo fructo da arvore pagã. «O verdadeiro progresso, diz o illustre publicista hespanhol Donoso Cortez, consiste em submeter o elemento humano que corrompe a liberdade ao elemento divino que a purifica. A sociedade seguiu um caminho differente dando por morto o imperio da fê, e proclamando o imperio da razão e da vontade do homem, ella fez absoluto, universal e necessario, o mal, que era relativo, excepcional, contingente. Este periodo de rapida retrogradação começou na Europa com a restauração do paganismo litterario, que trouxe necessaria e successivamente as restaurações do paganismo philosophico, religioso e politico. Hoje o mundo está na vespera da ultima d'estas restaurações, a do paganismo socialista (1).» Sim, o socialismo que nos ameaça é fructo do paganismo classico e é ensinado pelos auctores cujas palavras são mandadas olhar como oraculos, na educação europêa.

O socialismo ataca nas suas bases a familia e a propriedade, e tende a realisar, pelo aniquilamento da liberdade individual em prol do Estado, o mais vasto, vergonhoso e medonho despotismo que tem pesado sobre o mundo.

Ora o paganismo que nos ensinam a admirar, ensina e pratica o socialismo na familia. «Legisladores de povos guerreiros, Lycurgo e Platão, comprehendem que a familia pôde enfraquecer a dedicação militar. Nós mesmos o sentimos, porque prohibimos o casamento aos nossos soldados. Comtudo convem que a população não páre. Como resolver o problema? Pela promiscuidade. E ensinam-nos a pronunciar com idolatria os nomes de Platão e Lycurgo (1).»

A propria Roma, digna discipula da Grecia, consagrou

(1) Carta a.M. de Montalembert, 4 de Junho de 1849.

a mancebia e o divorcio. Ainda mais; na familia antiga o socialismo absorve a liberdade da mulher e do filho em proveito do pae, como o proprio Estado absorve em proveito seu a liberdade do pae.

Com effeito Lycurgo estabeleceu em principio que o menino pertence não ao seu pae mas ao Estado, e nós vimos com que rigor barbaro esta lei era cumprida. Se estas theorias pagãs não são reproduzidas á lettra na Europa de hoje, devemol-o ao christianismo, cuja secreta influencia faz com que não sejamos tão maus como os nossos principios.

Quanto á propriedade, não se acha em toda a antiguidade uma definição soffrivel d'ella. A verdadeira base da propriedade, é a vontade do proprietario universal de todas as cousas: é esta palavra de Deus: *Não furtarás, Non furtum facies*. A antiguidade ou esquecera ou desprezara esta base e em logar de fundar o direito de possuir sobre a auctoridade de Deus, ella fundára-o sobre a auctoridade do homem. Mas se o homem pôde crear a propriedade, pôde destruil-a: eis ahi todo o principio do socialismo moderno.

Quanto á supremacia absoluta do Estado e á absorpção da liberdade individual na vontade d'um chefe, que tenha qualquer nome, este principio foi praticado em toda a antiguidade classica com um rigor que só pôde ser excedido pelo socialismo que nos preparam. O menino era escravo, a mulher era escrava, os tres quartos do genero humano eram escravos. Esta ordem de cousas não era senão a applicação das regras da philosophia. O seu mais celebre representante, Platão, eliminando successivamente todos os elementos do multiplo, chega á unidade absoluta, cume da sua dialectica. Circumscripτα ao dominio das idéas abstractas, esta doutrina não é mais perigosa que qualquer outra; mas applicada ao governo das cousas humanas, encerra o vicio

(1) *Baccalaur. et social.*, pag. 14.

irremediavel de aniquilar o individuo, sacrificando-o ao todo. Platão sempre logico e com os olhos fitos na sua unidade absoluta, proclamou, de feito, na sua republica a communitade dos bens, a communitade das mulheres, a direcção do cidadão pelo Estado, desde o berço até ao tumulo.

Taes são as instituições que nos ensinam a admirar. E quereis que não haja homens desejosos de serem Mimos, Lycurgo, Solon, Numa, Platão, fabricantes de constituições renovadas dos Gregos e Romanos!

«Vós exaggeraes, me dirão; não é possível que a nossa mocidade estudiosa beba na bella antiguidade opiniões e sentimentos tão deploraveis. E que quereis vós que ella beba? Fazei um esforço de memoria e lembrae-vos em que disposição de espirito entrastes no mundo.... Eu por mim, quando vejo a sociedade actual vasar os jovens no molde dos Brutos, dos Graccos, para os lançar depois, incapazes de todo o trabalho util, na imprensa e na rua, admiro-me de que ella resista a esta prova (¹).»

O ensino classico tem razão: nós nunca attingiremos o systema social do paganismo. Ou ficaremos acima ou abaixo. «A revolução christã é um facto reusado de que se devem soffrer as consequencias. Fazei reviver embora todos os genios politicos, artisticos e scientificos da antiguidade, nunca reconstruireis as sociedades de que elles foram gloria. Sabi um pouco do circulo pueril das vossas idéas de collegio para verdes a realidade. Não vêdes que o banquete social no qual a Europa de outr'ora só admittia dez milhões de senhores, servidos por duzentos milhões de escravos, é muito estreito de mais para os duzentos e cincoenta milhões de senhores, que não hesitariam em tirar da espada contra quem lhes dissesse: Sé meu escravo (²)»?

(¹) *Baccalaur. et social.*

(²) M. Martinet, *De l'Education de l'homme.*

CAPITULO XXV.

CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE.

Continuemos a explicar o facto particular que nos occupa n'este momento: o communismo e o socialismo. Como que-reis vós que a mocidade estudiosa não colha os seus principios na nossa educação pagã, se elle está lá todo e os homens mais distinctos não lhe fugiram? Eu o digo apezar meu e desculpando as intenções: «A longa frequentação dos antigos não fez communista a Fenelon, esse homem que a Europa moderna olha com razão como o mais bello typo da perfeição moral! Lêde o seu Telemaco, esse livro que põem tão depressa nas mãos dos meninos; ahí vereis Fenelon instruindo os legisladores. E sobre que plano organisa elle a sua sociedade-modelo? D'um lado, o legislador pensa, inventa, opéra; do outro, a sociedade, impassivel, inerte, deixa-se ir. O movel moral, o principio de acção é assim arrancado a todos os homens para ser o attributo d'um só. Precursor dos nossos modernos organisadores, decide da alimentação,

do alojamento, do vestuário, dos jogos, das occupações de todos os Salentinos.

«Mentor, diz elle, estabeleceu magistrados a quem os commerciantes davam conta de seus lucros, especulações e despezas... Por outra parte, era livre o commercio. Regulae as condições pelo nascimento, dizia elle ao rei. Dae á cada classe a sua côr diversa. Elle regula tambem o sustento dos cidadãos e dos escravos, dá os modelos d'uma architectura simples e graciosa.

«Não mostra isto uma imaginação inflammada pela leitura de Platão e pelo exemplo de Lycurgo, divertindo-se em fazer experiencias sobre homens como sobre vil materia? Onde se achará descripta em termos mais seductores a omnipotencia do Estado, a sua unica personalidade, sonhada pelos socialistas actuaes? Não se pôde perguntar se se acaba de lêr uma pagina de Telemaco ou um capitulo da Icaria de M. Cabet?

«Outro homem ha, quasi igual a Fenelon pela intelligencia e pelo coração, e que, mais que Fenelon, se occupou de educação, é Rollin. E que enfermidade intellectual e moral deu a este excellente homem a frequência da antiguidade! Não se podem lêr os seus livros sem tristeza e piedade. Não se sabe se elle é pagão ou christão, tão imparcial se mostra entre Deus e os deoses. Os milagres da Biblia e as lendas dos tempos heroicos acham n'elle a mesma credulidade. Sobre a sua physionomia placida, vê-se sempre vagar a sombra das paixões guerreiras; só falla em lanças, e catapultas; para elle é um dos mais importantes problemas sociaes o saber se a phalange macedonia valia mais que a legião romana. Elle exalta os Romanos por se terem só applicado ás sciencias que tem por objecto a dominação, a eloquencia, a politica, a guerra. Todo o seu incenso é para Marte e Bellona: apenas gasta alguns grãos com Jesus Christo. A intervenção do legislador para todas as cousas pare-

ce-lhe tão indispensavel, que felicita mui sériamente os gregos por um homem chamado Peslago lhes ter ensinado a comer bolotas. Em antes, diz elle, comiam herva como animaes (1).»

Depois de algumas reservas ácerca das leis de Lycurgo, Rollin admite sem difficuldade o principio communista d'este legislador, a saber: *que a lei cria a propriedade*.

Depois de Rollin vem Montesquieu, que tanto tempo foi auctoridade. Ora, Montesquieu, digno discipulo do paganismo, não cessa de admirar e de propôr á admiração dos seus leitores as instituições da antiguidadé mais communistas e mais barbaras.

«Os antigos Gregos, diz elle, penetrados da necessidade de que as republicas populares fossem *educados na virtude*, fizeram para a inspirarem instituições singulares.... As leis de Creta eram o original das da Lacedemonia, e as de Platão eram a sua correcção. Attente-se um pouco na *extensão do genio* que era necessario a estes legisladores, para verem que, chocando todos os usos recebidos, confundindo todas as virtudes, elles mostrariam ao mundo a sua *sabedoria*. Lycurgo misturando o latrocínio com o *espirito de justiça*, a mais dura escravidão com a *liberdade*, os sentimentos mais atrozes coma *maior moderação*, deu estabilidade á sua cidade. Elle parecia tirar-lhe todos os recursos, as artes, o commercio, o dinheiro, as muralhas; tem-se ahi *ambição sem esperanza* de melhoras; *téem-se os sentimentos naturaes e não se é nem filho, nem marido, nem pae*. Foi por estes caminhos que Sparta foi levada á *grandeza e á gloria*; mas com uma tal infallibilidade de instituições, que nada se obtinha contra ella ganhando batalhas, se lhe não fosse tirada a sua policia (2).»

Mais longe, exaltando o espirito de ambição, que ao

(1) *Baccalaur. et social.*

(2) *Espirito das leis, liv. IV, c. 8.*

exemplo dos Gregos e Romanos, impelle hoje a mocidade da Europa inteira ao desprezo das profissões humildes, mas uteis, e produz a desclassificação universal, formidável auxiliar do socialismo, elle exprime-se assim. «Convem saber que, nas cidades gregas, principalmente nas que tinham por principal objecto a guerra, todos os trabalhos e profissões que podiam levar a ganhar dinheiro eram olhadas como *indignas d'um homem livre*. «A maior parte das artes, diz Xenophonte, corrompem o corpo d'aquelles que as exercem; ellas obrigam a descançar á sombra ou perto do fogo: *não se tem tempo nem para os amigos nem para a republica.*» Foi só na *corrupção* de algumas democracias que os artistas chegaram a *ser cidadãos*. É o que Aristoteles nos ensina, e sustenta que uma boa republica nunca lhes dará o direito de cidade (¹).» Espantae-vos se todo o mundo hoje quer ser *cidadão*: se os livros dos philosophos, e os discursos dos revolucionarios estão cheios de declamações contra as artes! se o povo rei quebrou tão estupidamente as suas obras primas!

«A agricultura, continúa Montesquieu, era ainda uma profissão *servil*, e ordinariamente era *algum povo vencido* que a exercia. Emfim todo o commercio era *infame* entre os Gregos. *Seria preciso que um cidadão prestasse serviços a um escravo, a um locatario, a um estrangeiro: esta idéa chocava o espirito da liberdade grega*. Por isso Platão quer, nas suas leis, que se puna um cidadão que use do commercio. Havia pois *muitos embaraços* nas republicas gregas: não se queria que os cidadãos trabalhassem no commercio nem nas artes; e não se queria que elles fossem ociosos. Elles achavam uma occupação nos exercicios que dependem da gymnastica e nos que diziam respeito á guerra: a instituição não lhes dava outros (²).»

(¹) Id. liv. V.

(²) Id. ib.

Eis aqui o que é mais directamente communista: «Não basta que em uma boa democracia as *porções de terra sejam eguaes*; convem *que ellas sejam pequenas*, como entre os Romanos... Como a egualdade das fortunas conserva a frugalidade, a frugalidade conserva a egualdade das fortunas. Estas cousas, ainda que differentes, não podem subsistir uma sem outra (¹)».

Mais longe, elle acha admiravel uma instituição que fará sorrir MM. Cabet e Considérant. «Os Samnitas. diz elle, tinham um costume que, n'uma pequena republica e na situação em que estava a d'elles, devia produzir *effeitos admiraveis*. Juntavam-se todos os mancebos, e eram julgados. O que era reputado *o melhor* de todos tomava por sua mulher aquella que elle quizesse; o que tinha os suffragios logo depois, escolhia ainda, e assim por diante (²)». Montesquieu esqueceu-se de nos dizer os *effeitos admiraveis* d'estes casamentos em que não se tinha em nada a liberdade d'uma das partes. Quando estarão concordes comsigo mesmos os apostolos da liberdade?

Á medida que o tempo decorre, amadurecem os fructos da arvore pagã. Depois de Montesquieu vem Rousseau. Elle inspirou mais que ninguem a revolução franceza. «As suas obras, diz Luiz Blanc, estavam sobre a mesa da commissão de salvação publica. Os seus paradoxos, que o seculo tomou por arrojos litterarios, deviam em breve retinir nas assembleias da nação sob a fôrma de verdades dogmaticas e cortadoras como espadas. O seu estylo recordava a linguagem vehemente e pathetica d'um *filho de Cornelia*».

Tendo enchido de idéas spartanas o espirito publico, e preparado o atroz vandalismo da revolução franceza, elle continua a inspirar-se da bella antiguidade para minar todas as bases da sociedade: «Eu me supporei, diz elle, no lyceu

(¹) Espirito das leis liv. V, c. 6.

(²) Id., liv. VIII, c. 16.

de Athenas, repetindo as lições de meus mestres, tendo os Platões e os Xenocrates por juizes e o genero humano por ouvinte. Em quanto os homens se contentaram com as suas rusticas cabanas, em quanto se contentaram com vestidos de pelles, pintando o corpo de diversas côres... em quanto se occuparam de obras que *um só* podia fazer, elles viveram livres, sãos e felizes. Apenas um homem teve necessidade *do soccorro de outro*; apenas se viu que era util para um só o ter provisões para dous, *a liberdade desappareceu*, introduziu-se a *propriedade*, fez-se preciso o trabalho. A metallurgia e a agricultura foram as duas artes cuja invenção produziu esta grande revolução. Para o poeta foi o ouro e a prata, para o philosopho *foi o ferro e o trigo* que civilisaram os homens e perderam o genero humano (1).»

Em logar de amontoar citações para mostrar a grande influencia social da bella antiguidade, seja-me só permitido o narrar uma anecdota. Quando se tractou de dar á França a Constituição do anno III, um dos membros da commissão encarregada de preparár o trabalho, Hérault de Sechelless, nada achou melhor do que tomar por modelo as *Leis de Minos*. Por consequencia apressou-se a escrever a um dos seus amigos, o auctor de *Anacharsis*, conservador da bibliotheca nacional, para lhe pedir que lhe mandasse sem demora o codigo do legislador cretense! Negue-se ainda o poder das reminiscencias de collegio e a influencia social da bella antiguidade.

De proposito me demorei mais na filiação do socialismo. D'um lado, elle constitue o mais formidavel inimigo da Europa actual, d'outro lado, atacando directamente o interesse material, faz comprehender melhor o perigo do paganismo classico. «Tal é, pois, em duas palavras, a marcha dada á revolução pelo convencionalismo greco-latino. Platão desi-

(1) *Discours sur l'inégal. des conditions.*

gnou o ideal. Os seculos XVI, XVII e XVIII põem-se a celebrar esta maravilha. Chega a hora da acção: Mirabeau desceu o primeiro degrau, em seguida Robespierre, Saint-Just, Antonelli, e emfim Babeuf, o mais logico de todos, o communista puro que assignava os seus escriptos *Caio Gracco* (¹)».

Para attenuar a influencia do paganismo classico diz-se: As classes inferiores não conhecem Lycurgo nem Platão e são hoje socialistas. Que responda o grande admirador dos pagãos M. Thiers: «O ensino secundario, ensina aos filhos das classes illustradas nas linguas cultas, não simples palavras, *mas nobres e sublimes cousas* (²). A instrucção secundaria fórma as classes illustradas da nação, que é por ellas caracterisada. *Ellas fazem o povo pelo contagio das suas idéas e dos seus sentimentos.* (Muito bem). A antiguidade, atrevemo-nos a dizel-o a um seculo orgulhoso de si proprio, a antiguidade é o que ha de mais bello no mundo. Deixemos, senhores, deixemos a infancia na antiguidade como n'um asylo sereno, pacifico e são, destinado a conservar-a fresca e pura (³)».

Sim, senhores, continuae a mandar a infancia á *bella* antiguidade, onde a *escravidão* é a base do systema social; onde o *odio* reciproco das castas é o sentimento universal; onde o *divorcio* é consagrado pela lei; onde o *socialismo* é ensinado pela philosophia, louvado pela eloquencia, cantado pela poesia; continuae a dar-lhe por modelo a *serenidade* da antiga Roma, a *paz* da antiga Roma, a *santidade* da antiga Roma, e contae com ella voltar *fresca e pura*.

(¹) *Baccalaur et social.*, pag. 55.

(²) A espoliação, a guerra, a escravidão, o divorcio, o materialismo, o communismo!

(³) Rapport, etc., 1844.

CAPITULO XXVI.

NECESSIDADE DOS CLASSICOS CHRISTÃOS. — RESPOSTA ÁS OBJECÇÕES.

Se no seu encadeamento logico as deducções precedentes são inatacaveis, bem longe estão de serem completas no seu desenvolvimento. Mas, ainda que imperfeito o quadro que esboçamos, basta para mostrar a todo o homem que quer vêr os effeitos desastrosos do paganismo na educação. Elle levou a sociedade ás bordas d'um abysmo ameaçador e insondavel. Aqui muitas cousas vos admiram. Ao verdes o verme roedor que as sociedades modernas ha tanto tempo acalentam no seio, perguntaes d'onde pôde vir tão estranha cegueira? É preciso, como nós fizemos, buscar a sua causa nos terriveis mysterios da natureza humana.

A introducção do paganismo na educação foi uma reacção da carne contra o espirito, uma desforra, de ha muito meditada, do homem antigo encadeado pelo christianismo dominador da Europa, contra o homem novo cujo imperio tinha sido cruelmente abalado durante a longa duração do

grande scisma do Occidente. Tal foi a causa fundamental da entrada triumphante do paganismo no seio da Europa moderna. A fôrma litteraria e artistica foi apenas um pretexto. Um factó palpavel o prova. É que a renascença propagada primeiro com enthusiasmo pelos inimigos da Igreja, consiste essencialmente em duas cousas: no descredito das cousas do christianismo, e na admiração das do paganismo.

Á admiração succede a inquietação. Nós mostramos o mal tão profundo e inveterado, que talvez já não tenha remedio. E, a havel-o, querel-o-ha a sociedade? A resposta é infelizmente duvidosa. O remedio é evidentemente o emprego dos classicos christãos. Ora a este nome, eu ouço uma porção da sociedade instruida chamar isto absurdo, fanatico, barbaro.

Não nos espanta esta explosão. Ella anima-nos provando-nos que puzemos o dedo na ferida: o paganismo é sempre semelhante a si mesmo. Quando, no tempo dos Cesares, viu o christianismo disputar-lhe o imperio do mundo, exclamou: *Os christãos aos leões!* Senhor hoje das sociedades modernas, elle faz ouvir em termos differentes o mesmo grito de morte contra o christianismo que vem revindicar o dominio da educação: porque a educação é a sociedade, é o homem.

Não se refutam injurias nem sarcasmos: lastimam-se os que d'elles usam. Mas depois dos ultrages vem as impossibilidades que são numerosas. Formuladas não só pelos inimigos declarados do christianismo, mas ainda por homens affeiçãoados, ellas demandam um exame serio e imparcial. Ora, estas impossibilidades, reduzidas pela analyse á sua mais simples expressão, limitam-se a tres.

Dizem em primeiro logar que o *remedio seria peor que o mal, porque banir da educação os grandes modelos da antiguidade pagã, seria restituir o mundo á barbaria litteraria d'onde o tirou a renascença.*

Diz-se em segundo logar que o *remedio é impossivel porque o bacharelado exige o conhecimento dos auctores profanos*, e a maior parte dos paes quererão que seus filhos sejam bachareis para serem alguma cousa na sociedade, mesmo com o risco de não serem christãos.

Diz-se em terceiro logar que o *remedio, ainda que fosse applicavel, seria inefficaz, visto que com classicos christãos o professor póde sempre quando quizer, fazer discipulos pagãos*.

Examinemos por miudo cada uma das objecções.

Substituir classicos christãos aos pagãos, fôra, dizeis vós, um remedio peor que o mal. E comtudo o mal é grande: pouco menor que a morte. Ao redor de nós tudo é ruina: a sociedade é toda uma chaga. Os medicos chamados para cural-a declaram-se impotentes: muitos a crêem na agonia, e esperam de dia para dia que ella succumba nas convulsões d'uma luta suprema. Este é o mal. Por que dizeis que o remedio proposto é peor? Porque, respondeis vós, é sempre melhor para uma sociedade o morrer no meio das luzes d'uma gloriosa civilisação que o recahir na barbaria, que é tambem uma morte e a mais vergonhosa das mortes. Ora, banir da educação os grandes modelos da antiguidade seria infallivelmente restituir o mundo á barbaria, d'onde o tirou a renascença. Eis a primeira razão que oppõem á volta dos classicos christãos.

Nós temos a desgraça de crêmos o contrario: sustentamos que os classicos christãos não reconduzirão o mundo á barbaria, nem litteraria nem moral; sustentamos que é uma chimera a barbaria de que se diz ter a renascença tirado a Europa, e que a restauração das lettras e artes é anterior á introducção do paganismo na educação.

É certo que ainda hoje ha pessoas bem intencionadas que repetem como um axioma terem sido barbaros os seculos anteriores á renascença: barbaros nos costumes, nas

leis, nas instituições, e ainda mais barbaros na litteratura e nas artes. Estas pessoas comprehendem sem duvida o que dizem. Eu por mim não o comprehendo; peço que me deixem explicar palavra por palavra a sua terrivel proposição.

As trévas da barbaria seguem sempre as trévas do erro de que são producto, e as primeiras estão sempre na razão directa das segundas. As luzes da civilisação reinam, pelo contrario, com as luzes da verdade. A verdade é o christianismo. Para saber se a edade media foi barbara, basta saber se lhe foi desconhecido o christianismo; se elle era menos applicado á sociedade do que hoje. Espero que respondeaes...

E como é que os classicos christãos restituiriam a Europa á barbaria? Far-nos-hiam perder, dizeis vós, o conhecimento da nossa lingua materna, porque se não pôde saber bem nenhuma lingua da Europa sem saber o latim, d'onde são tiradas as nossas linguas. Muitos homens, e principalmente mulheres, acharão pouco lisongeira a vossa proposição; é demasiado absoluta para ser verdadeira. Tomemol-a comtudo em toda a sua extensão; mas entendamo-nos. Ha duas linguas latinas como bem sabeis. Ora é da lingua latina christã, e não da pagã; que sahiram as nossas linguas. Tende paciencia, e em breve vos convencereis d'isto.

Vós accrescentaes que os classicos christãos nos restituiriam á barbaria porque desconhecida a lingua latina do seculo de Augusto, a lingua grega do seculo de Pericles, fica fechado o accesso a toda a erudição solida. Vós vereis que os classicos christãos não farão esquecer as linguas pagãs, antes pelo contrario. Primeiro devo fazer-vos convir em que essas linguas não são meios de erudição tão necessarios como vós pareceis julgar. Quaes são os thesouros das sciencias moraes, sociaes, mathematicas, naturaes e medicas, senão as obras escriptas na lingua latina christã ou

nas linguas modernas? Que sabereis vós de tudo isso depois de lêrdes os auctores do seculo de Augusto e Pericles?

Vós insistis dizendo que os classicos christãos nos faziam perder o gosto do bello que devemos á renascença. Respondo-vos que o gosto do bello nasce do conhecimento do verdadeiro. É preciso pois provar-me que o conhecimento do verdadeiro era menos perfeito antes da renascença do que depois. Dizei pois as verdades que a renascença nos fez conhecer melhor. Mostrae em que genero ella desenvolveu o sentimento do bello. Crêde-me, não retrogrademos sessenta annos. A exprobração de barbaria pronunciada tantas vezes contra os seculos christãos não é acceite de todos. Reconhece-se hoje, e prova-se que ha *bello*, e *muito*, na ordem moral, scientifica, social e artistica antes da invasão do paganismo classico. Muitas prevenções seculares têm cabido e vão cahindo todos os dias.

Só me parece haver hoje um ponto sobre que ha ainda os mesmos preconceitos: é a litteratura anterior á renascença. Como este ponto é o principal motivo, ou para melhor dizer, o pretexto mais usual que se aponta para manter o paganismo na educação, demanda um exame particular.

O que se disse da architectura catholica, que ella era o typo do mau gosto e da barbaria; tão digna de comparar-se á architectura grega e romana, como Lucano a Virgilio, ou Seneca o tragico a Sophocles: é o que ainda hoje se diz da litteratura dos seculos christãos. Fénelon, o P. Maffei, Scalligero e outros muitos deixaram numerosos herdeiros da sua admiração exclusiva pela litteratura pagã, e da sua profunda piedade pelo christianismo litterario.

Entre milhares de exemplos, escolherei um só que resume bem as disposições dos espiritos. Eis aqui o que publica, em 1850, um homem de intelligencia elevada, de so-

lida instrucção, de veneravel character: «Os Hymnos do Breviario parisiense são uma obra nunca admirada de mais: é o idioma latino em toda a pureza do seculo de Augusto; é o genero lyrico em toda a sua belleza, em toda a sua pompa, em todo o seu esplendor. É a cousa mais digna da verdade descida do céo. A decencia do culto publico pedia essa reforma, tal como se fez, principalmente no seculo em que vivemos; em que tanto importa que o litterato indifferente ou impio, que o estudante nada ache que desprezar na lingua liturgica, que se lhe põe nos labios.»

Apesar da severidade d'este juizo, ou antes por causa d'ella, permitta-nos o respeitavel auctor d'estas linhas que discutamos a questão e appellemos para elle mesmo da sua propria sentença.

Guarda fiel d'uma das nossas mais magnificas cathedraes, elle é, sabemol-o, admirador illustrado da arte catholica. Justamente por este motivo elle olharia como ignorante ou vandalo o homem que viesse dizer-lhe: A substituição da architectura grega e romana á architectura catholica é *uma reforma que pedia a decencia do culto publico*; o estylo artistico do seculo de Augusto e Pericles é *a cousa mais digna da verdade descida do céo*. Ora, elle permittirá que estabeleçamos: 1.º Que a qualificação de barbara é tão applicavel á litteratura como á arte christã, isto é, que o *litterato indifferente ou impio, que o estudante nada tem a desprezar na lingua liturgica, que se lhe põe nos labios*; 2.º Que o idioma latino não achou toda a sua pureza na renascença do paganismo classico, mas que a perdeu e acabou por se perder todo n'ella.

Antes de todo o exame, nós podemos *à priori* repellir a qualificação de barbara applicada á litteratura christã; porque, como já observou o illustre bispo de Langres, é absurdo, para não dizer mais, o admittir que as graças da lingua-gem sejam privilegio exclusivo do erro.

Vamos porém mais longe e estabeleçamos uma distincção fundamental, sempre esquecida pelos partidarios do paganismo litterario: esta distincção destroe todos os seus sophismas. O latim foi fallado por duas sociedades inteiramente oppostas no seu modo de fallar e sentir: a sociedade pagã e a sociedade christã. Ha pois uma lingua pagã e uma lingua christã.

Estas duas linguas tem cada uma a sua perfeição relativa, e os seus caracteres distinctivos. A arte pagã exprime muito bem a idéa pagã, o sentimento pagão; assim como a bôca de Cicero e Tito-Livio, ou a penna de Virgilio e Horacio, a lingua latina pagã exprime muito bem a idéa pagã e o sentimento pagão. Como a sociedade de que é a expressão fiel, esta lingua é, principalmente no seculo de Augusto, muito polida, elegante e fria; algumas vezes magestosa, as mais d'ellas imperiosa e activa. Falta-lhe a unção, porque á sociedade falta a caridade: orgão exclusivo de paixões e interesses puramente naturaes, ella é profundamente sensualista.

Expressão d'uma sociedade differente, a lingua latina christã offerece caracteres oppostos. Espiritualismo puro, riqueza inexgotavel no fundo; simplicidade, doçura, unção, flexibilidade, clareza na fôrma, ordem logica na contextura: eis algumas das suas qualidades (¹).

D'isto se vê que não é menos impossivel, nem menos absurdo o querer fazer da lingua latina pagã o interprete do christianismo, do que o querer fazer da lingua latina christã o orgão do paganismo. No ponto de vista da arte, é construir uma cathedral gothica para honrar Jupiter, ou usar dos templos de Pestum para fazer procissões.

Eis ahi porque os Padres da Egreja, homens de bom

(¹) *De oper. SS. Eccl. PP. in litterar. instit. adhib.*, pag. 49.

senso e de genio, apoderando-se das palavras do idioma latino, com ellas compuzeram uma lingua latina nova propria para exprimir perfeitamente as idéas, os sentimentos, os usos christãos: do mesmo modo os architectos, os esculptores, os pintores, os ourives christãos, reconhecendo na arte certos principios, os adoptaram modificando-os sob a inspiração da fé, de sorte que formaram os elementos d'uma arte exclusivamente catholica. Não foi pois por ignorancia da lingua latina pagã que foi creada a lingua latina christã.

Quem ousaria dizer que ignorava a lingua e litteratura pagãs S. Cypriano, por exemplo, que antes da sua conversão ensinou muito tempo em Carthago e d'um modo tão brilhante a eloquencia pagã; ou S. Jeronymo, tão apaixonado por Cicero e Plauto que só uma punição divina o pôde curar da sua paixão; ou Santo Agostinho, que antes de ser discipulo do Evangelho, tanto tempo o foi de Cicero, de Virgilio e de Terencio, e que professou por muitos annos a rhetorica mundana em Roma e Milão? Se elles o quizessem, ninguem melhor que estes homens immortaes teria fallado e escripto a lingua latina do seculo de Augusto. Se o elles não fizeram é porque comprehenderam que uma sociedade nova precisava d'uma lingua nova.

° Não se creia, porém, que desbravando o idioma latino da superfetação das fórmãs, medida e sonoridade pagãs, os fundadores da lingua latina christã desprezaram a propriedade e escolha dos termos, a mesma elegancia e o numero. Pelo contrario elles tinham por tudo isso um cuidado particular, como ainda Santo Agostinho o mostra (¹). Mas tudo isso que elles buscavam era appropriado á lingua latina christã, cujo fim principal não é lisongear os ouvidos, mas exprimir

(¹) S. Aug. opp., t. III, part. I, p. 129, *De doctr. christ.. lib. IV, c. XX, n. 41. Edição de Paris.*

com nobreza e força a verdade. Como o antecedente, nós devemos este novo segredo do seu trabalho ao grande bispo de Hippona (¹).

Assim as expressões e os termos são communs a uma e outra lingua, mas o genio, a ordem e a significação de muitas palavras são totalmente differentes. Esta differença entre os dous idiomas é tão real que os mais habéis na latinidade pagã não o são na latinidade christã. Debalde um homem se terá por assim dizer appropriado á maneira dos auctores profanos, e conhecerá perfeitamente a latinidade do seculo de Augusto, se não fizer um estudo profundo dos principes da latinidade christã, achar-se-ha embaraçado e até incapaz de escrever convenientemente do dogma christão. A sua composição poder-se-ha distinguir pela elegancia e escolha de palavras; mas será vasia de cousas, miseravel e muitas vezes ridicula.

Desde o seculo XVI tinha-se entrevisto este grave inconveniente. Tinha-se até receado e não sem fundamento que a lingua pagã introduzisse idéas pagãs e erros no christianismo. «É nos auctores christãos, dizia o celebre P. Possevin, que os meninos devem buscar não só a sã doutrina, mas ainda o modo de a exprimir com decencia e clareza. Quem quizer escrever ou raciocinar de cousas christãs unicamente com a lingua do seculo de Augusto commetterá perniciosos erros, dará á religião uma physionomia pagã, cahirá a cada passo em incongruidades, e até em inexactidões de crença que abrem a porta á heresia. É o de que nós temos muitos exemplos em Lourenço Valla e Erasmo, os quaes com razão foram chamados por pessoas sensatas e eruditas precursores de Luthero (²)».

Em prova do que affirmo, posso ainda citar o testemu-

(¹) *Ib.*, c. xxviii, n. 61.

(²) *Ragion.*, p. 10.

nho d'um homem conhecido da Europa inteira pela sua erudição profunda e pela sua espantosa habilidade nas letras latinas. Laureani, guardião da bibliotheca Vaticana, cujas obras em prosa e versos latinos são tudo o que ha de mais elegante, mais suave e mais rico, fazia ingenuamente esta confissão: «O estudo de Cicero de nada ou quasi nada me serviu para tractar convenientemente os assumptos christãos. Ao principio, sentia-me muito embaraçado para escrever sobre as cousas religiosas. Então appliquei-me ao estudo de S. Leão: n'esta leitura assidua achei a verdadeira lingua da Egreja, com a sua elegancia, a sua fôrma, a sua clareza. Desde esse momento pude dissertar sem custo sobre as materias ecclesiasticas (1).»

De tudo isto se deve concluir não só que ha duas linguas latinas perfeitamente distinctas; mas ainda que, se se pôde estabelecer uma comparação entre um escriptor pagão e outro escriptor pagão, entre Cicero, por exemplo, e Quintiliano, é absurdo o querer comparar um auctor christão com um auctor pagão, Cicero, por exemplo, com Santo Ambrosio ou Quintiliano com Santo Agostinho. Com effeito, uns fallam a lingua latina pagã, outros a lingua latina christã. Ora estas duas linguas differem essencialmente pela fôrma, pelo numero dos periodos, pela ordem da syntaxe, e até pelo sentido de muitas palavras.

Repellimos pois como uma odiosa mentira a denominação de *baixa latinidade*, empregada para designar o idioma da Egreja; com mais forte razão repellimos de novo e com todas as nossas forças a qualificação de *barbara* applicada à lingua latina christã. Elaborada pelos maiores genios do Occidente, essa lingua falla egualmente bem em prosa e em verso. A poesia latina christã tem por fundadores e modelos, além de Santo Ambrosio e Santo Agostinho, S. Grego-

(1) *De oper SS. Eccl. Patr. in litterar., etc., p, 52.*

rio, S. Fulgencio, Innocencio III, S. Boaventura e S. Thomaz. Quanto á prosa, ella recebeu toda a sua perfeição de S. Leão, e principalmente de S. Gregorio. Foi admiravelmente fallada pelos concilios e pelos maiores homens da idade media, taes como Santo Eucher, S. Maximo, Vicente de Lerins, S. Pedro Chrysologo, S. Prospero, S. Fulgencio, Boecio, Cassiodoro, Santo Isidoro, Santo Ildofonso, Beda, Raban, Haymon, S. Bernardino de Sienna, Santo Antonio de Padua, Santo Anselmo, S. Bruno, Alberto o Grande, S. Boaventura e muitos outros aos quaes a antiguidade, nem os tempos modernos nada têm que se possa comparar.

Tal é a lingua que se ousa chamar *barbara*, como se todos esses homens immortaes, como se todos esses seculos christãos que souberam revestir o pensamento de fórmas artisticas tão admiraveis, fossem subitamente tocados de idiotismo quando tractassem de o exprimir pela palavra! Não basta affirmar, mostrae-nos a existencia de tal contradicção. Mostrae-nos os titulos litterarios e scientificos que vos auctorisam a insultar a Egreja catholica. Sem isso, quando qualificaes de barbaro o latim do Evangelho, de S. Thomaz e S. Bernardo, que talvez nunca lesseis, de Kempis e tantos outros, vós provaes que sois barbaros, ignorantes como aquelles que ha pouco qualificavam de barbara a nossa architectura, cuja inimitavel perfeição nenhum homem de gosto contesta.

Examinando a questão intrinsicamente e abstrahindo dos testemunhos exteriores, temos ainda melhores fundamentos para repellirmos as qualificações ultrajantes de que é objecto a lingua latina da Egreja. Tracta-se de saber, não se esta lingua é do tempo de Augusto, mas se ella é menos perfeita; n'outros termos, se a lingua latina christã exprime as idéas, os sentimentos, as cousas do christianismo com menos perfeição do que a lingua latina pagã tinha para exprimir as cousas do paganismo? se na bocca de S. Leão, de

S. Gregorio, de S. Bernardo, de S. Thomaz, o sobrenaturalismo é menos eloquente, menos nobre, menos abundante, menos sublime, menos claro, do que é o naturalismo na bocca de Tito Livio, Quinto Curcio ou Cicero? Quem pôde vir, com as provas na mão, responder affirmativamente? Isto quanto á perfeição de um e outro idioma.

Quanto á sua perfeição absoluta, lembrae-vos de que o bello é o resplendor da verdade; que o esplendor da verdade manifesta-se na arte e na palavra. Quanto mais um povo e uma sociedade têm de verdadeiro, mais têm de bello. Agora dizei-me: O christianismo não possui mais verdade que o paganismo?

CAPITULO XXVII.

CONTINUAÇÃO DA RESPOSTA ÁS OBJECÇÕES.

A lingua latina christã não é mais barbara que a philosophia, que a architectura, que a arte christãs: não o esqueçaes. Dando-lhe por modelos classicos os auctores que a fallaram não é restituir o mundo á barbaria litteraria. Julgaes que a nossa mocidade seria barbara em latim se fallasse em toda a sua pureza o idioma de S. Leão, de S. Gregorio, de S. Bernardo, de S. Thomaz! Sim, tendes razão, ella seria tão barbara como os nossos pintores que fizessem quadros como Fra-Angelico de Fiesole, como os nossos architectos que edificassem monumentos como as cathedraes de Reims e de Colonia. Todo este receio da barbaria não é pois senão uma chimera. Assim, no ponto de vista puramente litterario, as nações modernas não têm nenhum interesse em manterem o reino exclusivo do paganismo na educação.

Eu vou mais longe, e digo que o seu amor pelo latim e pelo grego as obriga a atar outra vez sem demora a cadeia quebrada no meio do seculo XV, e a restabelecer o

reino do christianismo litterario na instrucção da mocidade. Esta asserção colloca-nos nos antipodas dos que pretendem que a restauração das lettras latinas na Europa data do seculo XVI. Nós affirmamos, pelo contrario que *esta restauração é anterior ao que se chama renascença*; bem mais que *esta é a época e a causa principal da decadencia e corrupção da lingua latina*, como o é da decadencia da arte. Tal é a dupla proposição que agora convem estabelecer, para fazer justiça completa á primeira objecção.

Durante a edade media, os classicos foram exclusivamente *christãos*; mas é falso, completamente falso, que a esta causa sejam devidas a corrupção e decadencia das lettras latinas. Se as lettras e as artes declinaram no proprio seio do paganismo, apezar dos esforços de mestres habeis, como Quintiliano, não é ao uso dos livros christãos, nós o repetimos, nem á influencia do christianismo que isto se deve attribuir. É ás vicissitudes do imperio, e principalmente ás divisões intestinas; é ao contacto das nações barbaras, ás suas incursões; e principalmente á corrupção geral dos costumes, que, mais tarde ou mais cedo, mas inevitavelmente, arrasta a corrupção da litteratura e das artes.

Depois, quando os barbaros, senhores do mundo antigo, cobriram de ruinas o sólo, saquearam as cidades, destruíram as escólas, queimaram as bibliothecas, as lettras e as artes desapareceram quasi inteiramente. Não é tambem aqui ao christianismo que se deve imputar a barbaria em que cahiram as lettras, as artes, e as sciencias. Longe d'isso; se se conservou algum germen precioso, deve-se isso ao christianismo. Voltando a paz, a Egreja entendeu que não tinha mais a missão de refazer a lingua pagã que de resuscitar a sociedade pagã. O seu primeiro cuidado foi crear um mundo novo com os fragmentos do mundo pagão. Ella metten mãos á obra, certa de que esse mundo novo saberia bem, com o tempo, crear para si uma lingua nova. Assim succe-

deu, com effeito; e julgamos ter estabelecido que esta lingua nova, orgão da sociedade christã, foi pelo menos tão perfeita como a lingua antiga, orgão da sociedade pagã.

É pois falso que a lingua latina, as sciencias e as artes foram restauradas na Europa pela influencia dos classicos pagãos. Como todos sabem, o paganismo na educação não data senão do fim do seculo XV. Ora, mais de trezentos annos antes d'esta época, as lettras, as sciencias e as artes tinham sido restauradas; que digo eu! tinham-se elevado ao mais alto grau de perfeição.

Partamos d'um principio incontestavel: a civilização das sociedades não começa nem pela cultura das lettras e das artes, nem pela elegancia dos vestidos, nem pelas commodidades da vida material. Ella tem a sua origem e fundamento nos bons costumes; os bons costumes têm por base o conhecimento exacto e a pratica fiel dos deveres da religião, segundo a palavra da Escriptura: *Initium sapientie timor Domini*. Com effeito, o *verdadeiro* e o *justo* são o duplo fundamento das sociedades; o *bello* é só o seu esplendor. Por isso, só depois de se ter nutrida de alimentos substanciaes é que a sociedade se pôde entregar á investigação do bello, isto é, ao estudo das lettras e das artes.

Tal foi a marcha intellectual das sociedades na idade media. Depois das priméiras cruzadas, que tanto contribuíram para os progressos do espirito humano, logo se tirou proveito da paz que gosava a Europa. Livres de se entregarem, segundo a ordem dos santos canones, ao estudo de todas as sciencias e artes, as grandes intelligencias que havia no clero e nos mosteiros concentraram-se todas sobre as sciencias religiosas e moraes que, graças a estes esforços, tomaram um grande desenvolvimento. Em quanto hoje toda a actividade humana se concentra sobre o mundo phisico, o movimento intellectual d'esta grande época voltouse todo para as especulações da religião e da metaphysica.

D'ahi vem que as numerosas academias, nascidas então em todas as partes da Europa ao sopro da Egreja, não foram primitivamente mais que escólas de theologia.

A estes magnificos estudos deu Santo Anselmo a *fórma*, que foi a dialectica; Pedro Lombardo mais conhecido sob o nome de mestre das sentenças, juntou o *fundo*, extrahido admiravelmente das obras dos Santos Padres. O *acrescentamento* veio-lhes de Alberto o Grande; e S. Thomaz com S. Boaventura deu-lhes a *perfeição*.

Estabelecida a sciencia divina sobre um fundamento inabalavel, foi constituida a philosophia d'um modo não menos sólido. Aristotelica na fórma, mas christã no objecto, nos principios, nas doutrinas, ella produziu-se com toda a magnificencia na *Summa* de S. Thomaz, obra a mais bella que tem sahido da intelligencia creada; obra angelica e quasi divina, ultimo limite do genio, thesouro de todas as verdades, o mais forte baluarto da Egreja, o unico livro julgado digno pelo concilio de Trento de apparecer ao lado do Evangelho, no meio da sala das suas augustas assembleias.

A par da restauração universal das sciencias, marchava a restauração das lettras e artes. O mesmo seculo que produziu S. Thomaz, o doutor angelico, o principe dos theologos, produziu o Dante, o poeta divino, o rei de todos os poetas. A sua Divina Comedia deixa atraz de si todas as obras dos pagãos. O mundo sentia ainda o encanto d'essa maravilhosa poesia, quando se fez ouvir a voz de Francisco Petrarca. Os seus cantos harmoniosos não excitaram menor admiração que a forte composição do Dante. Nada é mais vigoroso que o Dante, nem mais suave que Petrarca; n'um e n'outro eleva-se a poesia ao grau mais sublime.

Quanto á eloquencia, a unica que então se usava, a *sacra*, floresceu maravilhosamente. Os seculos posteriores nunca viram oradores exercerem sobre as nações esse imperio prodigioso que foi o privilegio de S. Bernardo, Santo

Antonio de Padua, S. Boaventura, S. Vicente Ferrer e outros muitos, cuja palavra dominadora regulava, soberana, os negocios dos povos e as dissensões dos reis.

Mas como a marcha racional do progresso, vae do estudo das sciencias para o das letras; assim passa do estudo das letras para a cultura das artes. A pintura, restaurada no mesmo seculo de S. Thomaz e do Dante, por Cimabue, fez magnificos progressos sob a influencia de Giotto, digno discipulo de Cimabue. N'este mesmo seculo XIV, o Pisano lhe deu nova gloria, e no principio do seculo seguinte, Fra-Angelico a elevou á perfeição. Foi no céo, segundo o proprio Miguel Angelo, que elle achou o typo das suas inimitaveis figuras. Com a pintura, a esculptura e a architectura subiam rapidamente ao ápice da gloria. Com effeito, Giotto e o Pisano foram juntamente pintores e architectos eminentes.

Sim, e não o dizemos sem um prazer maligno, foi n'esses seculos *barbaros* que foram construidas essas egrejas e cathedraes, esses zimbórios, onde o marmore, lavrado com delicadeza infinita, mistura os reflexos variados das suas incrustações ás magnificencias da pintura; onde a pedra e o granito tomam sob o cinzel do esculptor as fôrmas mais graciosas; onde a chimica patenteando segredos desconhecidos antes e depois, suspendeu esses maravilhosos tapetes de purpura e azul nos vidros das janellas das nossas veneraveis basilicas: seculos barbaros; mas com monumentos sem rivaes. Examinando a sangue frio a marcha geral do espirito humano, vê-se que n'esta gloriosa época os escriptores e artistas tiveram o mesmo pensamento e o mesmo fim, a saber: exprimirem, uns por *palavras*, outros por *signaes*, as idéas, as crenças, as verdades, os costumes christãos, que receberam da theologia e da philosophia um maravilhoso desenvolvimento. É tal a vivacidade e pureza da fé que preside ás suas obras que uns e outros se mostram interpretes e traductores fieis das mesmas verdades.

O que os escriptores expressam pela palavra, os artistas o figuram, n'uma lingua differente, é certo, mas com o mesmo estylo simples, correcto, elegante e grave. Ora, segundo a phrase já citada, o bello é o esplendor do verdadeiro: *Pulchrum splendor veri*. Logo as lettras e artes d'esta época brilham com todo o esplendor da belleza, porque, penetradas da verdade christã, inspirando os poetas e artistas, dá aos primeiros *os magna sonaturum*, e aos segundos, *manum magna et pulchra conficturum*.

Será agora para admirar que os grandes homens dos seculos de fé só saboreassem na idade madura a sciencia, a litteratura, a arte christãs? Desde a infancia, sustentados exclusivamente dos classicos christãos, elles quasi nada mais conheciam do que o christianismo e fielmente conservavam o que primeiro haviam recebido: *Quo semel imbuta fuerit recens testa diu, christianum servabit odorem*.

Eramos nós injustos, perguntaremos acabando, quando affirmavamos que a restauração geral das sciencias, lettras e artes, na Europa, é anterior ao que se chama renascença? Será ainda permittido o sustentar que, se os livros classicos se tornassem christãos, restituir-se-hia o mundo á barbaria? Não é evidente como o sol que, sob a influencia dos classicos christãos, duas cousas tiveram logar: a primeira, que as sciencias, artes e lettras christãs fizeram com que o mundo elevasse o mais magnifico edificio da sabedoria e civilisação que a vista humana pôde abraçar; a segunda que a theologia, a philosophia, a litteratura, as artes, chegadas a um cumulo da perfeição, produziram em todos os generos homens tão grandes que nem o passado nem o presente tem nada a comparar-lhes: Alberto o Grande e S. Thomaz, o Dante e Petrarcha, Giotto e Fra Angelico, e ainda Raphael e Miguel Angelo?

Curvae a cabeça: eu nomeei os reis immortaes da sciencia, da litteratura e das artes.

CAPITULO XXVIII.

FIM DA RESPOSTA ÀS OBJECÇÕES.

Não contente com termos destruído a primeira objecção que se oppõe á volta dos classicos christãos, demonstrando que a restauração geral das sciencias é anterior á renascença, nós tomamos a offensiva affirmando que esta é a época e a causa principal da decadencia e corrupção da lingua latina na Europa. É o que nos falta provar.

Nós já não sabemos latim! É o que dizem a quem o quer ouvir os homens mais interessados em sustentarem o contrario. É o que o senso intimo diz a cada um de nós. Ao sahir do collegio, apenas os mais fortes seriam capazes de lêr sem dictionario uma pagina de Cicero ou de Tacito; mas de certo que nenhum d'elles estava habilitado para sustentar uma conversação ou uma discussão latina ainda que pouco extensa. Hoje é ainda peor; a nossa memoria não conserva da lingua senão reminiscencias tão fracas que, á excepção d'aquelles que, por estado, fizeram da leitura das obras latinas a occupação habitual da sua vida, não ou-

sariamos arriscar-nos a explicarmos uma passagem ainda que pouco difficil, e menos ainda a escrevermos os nossos pensamentos em latim.

Nós já não sabemos latim! É o que provam os factos. Seria verdade, por exemplo, que o discurso latino pronunciado de tempos immemoriaes no grande concurso dos collegios de Paris, por uma das summidades universitarias, se fizesse agora em francez, para poupar á sabia corporação os apupos com que foi acolhido o latim dos seus professores ha muitos annos? Seria verdade que uma das razões porque já se não ensina em latim, nem a philosophia nem o direito romano, é a difficuldade que téem, não ousar já dizer os professores, mas os discipulos em exprimir clara e facilmente os seus pensamentos n'esta lingua? Não só nós já não sabemos fallar nem escrever o latim, mas nem o sabemos julgar. O facto seguinte correu toda a França.

Em 1825, o sapientissimo cardeal Mai, bibliothecario da Propaganda, descobriu uma parte da *Republica* de Cicero e mandou-a imprimir. Chegaram alguns exemplares a Paris. Entre outras pessoas a cujas mãos elles vieram logo, havia um substituto d'um dos grandes collegios da capital e um pae de familia cujo filho seguia o curso d'este collegio. Ora, o mestre tinha julgado conveniente traduzir uma pagina achada de Cicero e dal-a como thema a seus discipulos: estava perfectamente certo de que ninguem poderia roubar. O pae, examinando por acaso o thema do filho, reconhece o sitio d'onde é tirado e dicta ao filho a pagina latina de Cicero. A copia é entregue com as outras. Como o substituto não podesse vir n'esse dia á aula é o professor effectivo que corrige o thema, sem saber d'onde é tirado. Depois d'um maduro e consciencioso exame, reconheceu que cinco discipulos tinham composto melhor latim do que o copiado; de sorte que n'aquelle dia Cicero foi só o quinto da sua classe!

Nós já não sabemos latim! E comtudo consagram-se seis ou sete annos a aprendel-o; despendem-se sommas immensas em livros e professores; ao vêr-se os grandes preparativos que se fazem para este estudo parece que nós deveríamos ser os maiores latinistas do mundo. D'onde nasce esta baixa no conhecimento d'uma lingua em que se funda o systema da nossa instrucção publica? Além de muitas, a principal causa é porque a mocidade estuda a lingua pagã.

Outra cousa era antes do reino do paganismo classico. Estudava-se então a lingua latina christã. Só esta palavra deixa entrever quantas difficuldades de menos se oppunham aos progressos da infancia. Mãe das nossas linguas modernas, a lingua latina christã offerece immensas analogias com o idioma materno. Ao abrir o seu livro latino, o joven discipulo eucontraria a mesma marcha simples e natural; poucas ou nenhuma inversões; o mesmo fundo de idéas que elle havia adquirido na primeira educação. A sua intelligencia christã adivinhava sem custo uma parte dos pensamentos occultos sob uma fórmula estranha. Elle orientava-se facilmente n'esse mundo que não era novo para elle. A cada passo encontrava nomes, factos, cousas com que de antemão tinha sido familiarisado.

É verdade isso, dirá alguém, mas não se sabia então a lingua do seculo de Augusto, a bella latinidade. Eu respondo primeiro que ao menos sabia-se um dos dous idiomas latinos; e hoje não sabemos nenhum d'elles. E depois lembro que já mostrei não ser a bella latiniadade só a do seculo de Augusto, mas tambem e principalmente a latinidade dos grandes seculos christãos.

A primeira objecção que nós acabamos de examinar é pois falsa em todo o ponto, porque se funda n'uma confusão de idéias e palavras condemnadas pelos factos, mas conservada pertinazmente na discussão pelos partidarios do paganismo classico.

A segunda objecção consiste em dizer que o remedio, isto é a substituição dos classicos christãos pelos pagãos, é impossivel, porque o bacharelado exige imperiosamente o estudo dos auctores profanos. E eu pergunto primeiro se é, ou não, verdade que o uso exclusivo dos livros pagãos na educação é uma das causas que mais contribuíram para corromper os costumes, perverter as idéas ha tres seculos e conduzir a sociedade á borda do abysmo que a ameaça? Depois pergunto se se pôde continuar ou não com tal systema, por uma consideração qualquer? Supposto que o bacharelado seja um obstaculo invencivel á adopção de uma marcha contraria, segue-se que ha collisão entre a sociedade e o bacharelado, e como é uma questão de vida ou morte concludo simplesmente que se deve supprimir o bacharelado para deixar viver a sociedade. Se a sociedade tem ainda cura, e se é necessario o remedio proposto temos pois o direito de affirmar que é possivel o remedio.

Eu respondo de mais que os classicos christãos não são necessarios só á França, mas a toda a Europa. Ora, graças a Deus, a Europa não está toda condemnada ao bacharelado. Ella pôde pois quando quizer operar a reforma necessaria.

Eu respondo a final que o conselho superior estabelecido pela nova lei sobre a instrucção publica pôde tambem, quando quizer, modificar o programma dos exames que hão de ter os futuros bachareis. Elle pôde, sem inconvenientes para a litteratura, para a sociedade, para a religião, diminuir o numero dos auctores pagãos e exigir que os jovens christãos conheçam ao menos os principaes auctores christãos.

E de mais nós não excluimos os auctores pagãos. Se o fizessemos, seriamos eccos dos maiores homens e dos maiores seculos modernos. Mas serenae-vos, nós só queremos que o accessorio deixe de ser o principal. Ora vós não po-

deis negar que o paganismo é apenas um accessorio na educação christã e como tal deve de occupar um logar secundario.

Diz-se por ultima objecção: o remedio ainda que fosse applicavel, seria inefficaz porque o professor sempre pôde com auctores christãos fazer discipulos pagãos. Eu respondo em primeiro logar, que isso seria mais difficil do que é hoje. Em segundo logar, respondo que com classicos christãos serão mais raros os maus professores; pôde applicar-se aqui o proverbio: Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens. Respondo emfim que, se um mau professor pôde com classicos christãos fazer discipulos pagãos, um bom professor nunca pôde geralmente fazer discipulos christãos com classicos pagãos. Eis a enorme differença que ha entre um e outro systema.

Reduzida á expressão mais simples, esta differença significa que, se os classicos christãos não podem salvar na Europa a religião e a sociedade, os classicos pagãos, apezar de todos os esforços dos homens, perderão infallivelmente a religião e a sociedade na Europa. Ora, entre dous remedios, dos quaes um matará de certo o doente, e outro pôde ter alguma efficacia; não é um dever da consciencia rejeitar o primeiro e empregar o segundo?

CAPITULO XXIX.

PLANO D'UMA BIBLIOTHECA CLASSICA CHRISTÁ (*).

Para todos povos a religião é tudo. O livro que a ensina deve ser o primeiro nas mãos do menino, o derradeiro nas mãos do velho. Excepto nos tempos modernos, que só cahiram no chãos por a terem despresado, sempre e em toda a parte esta verdade foi comprehendida e practicada.

Entre os Judeus a Biblia era tudo. Com a tradição que a explica, ella compõe a sciencia nacional. Defendida até á effusão do sangue, ella é respeitada como a arca santa, amada como a patria.

Entre os mahometanos, a lei do propheta acompanhada de alguns commentarios é o livro unico. Livro sagrado! Quando as creanças chegam a saber um capitulo d'elle é um successo, que é celebrado por uma funcção publica.

(*) N'este capitulo e no seguinte o auctor, quando falla na — *nossa bibliotheca* — no — *nosso plano* — e nos — *nosso classicos* — refere-se a uma excellente e util collecção de Classicos Christãos annotados, publicada em França, debaixo da sua direcção. (N. E.)

Para os povos christãos o Evangelho é tudo. Tudo deve sahir d'elle, tudo deve levar-nos a elle. Á roda d'este divino eixo é que deve girar todo o systema da educação.

Ora o Evangelho é um centro posto no meio do mundo, ao qual vão dar por duas correntes oppostas os seculos que o precedem e os que o seguem. Para iniciar a infancia no conhecimento do Evangelho, nós lhe fazemos estudar no mais bello dos livros a preparação quatro vezes secular d'este grande facto. As bellas narrativas da Biblia, não n'um latim do seculo XVIII, mas no latim primitivo e consagrado da Vulgata, tornam-se o primeiro livro da sua vida de collegio, assim como o foram da sua vida de familia.

De mais, o Evangelho é um codigo, e a infancia estuda-o. Todo o codigo ha mister de ser explicado. As obras dos Padres são o seu melhor commentario verbal; os Actos dos martyres e dos santos formam a sua explicação practica. Tal é o principio que nos serviu de bussola. Quanto ao nosso plano, eil-o em poucas palavras:

1.º Suppondo que se mantenha a divisão por classes, *todos os classicos, até á quarta exclusivamente, devem ser christãos.* Com o methodo actual de ensinar as linguas, é preciso este tempo, para ensinar convenientemente a lingua latina christã e iniciar o estudo da lingua grega christã.

2.º *A partir da terceira até á rhetorica, os classicos podem ser christãos e pagãos.* N'este momento o estudo do paganismo offerece menos perigo, porque, segundo a phrase de Tertuliano, o espirito e o coração da infancia já está embebido das fontes christãs.

3.º Quanto á escolha particular dos classicos christãos, nós diremos só aqui que já foi fixada, depois d'um maduro exame e muitos conselhos, que a execução litteraria d'este trabalho está confiada a homens cujas luzes e experiencia offerecem ao clero e aos seculares todos os penhores de confiança que se podem exigir. Nós podemos além d'isto

afirmar que no seu todo esta escolha é boa, muito boa e podemos-o afirmar sem nos accusarem de vã pretensão.

D'um lado nós a achamos indicada de antemão por toda a tradição christã; d'outro lado é formalmente recommendada pela Igreja. Basta-nos ouvir o santo concilio de Trento exprimir-se nos termos os mais formaes sobre a necessidade do estudo classico da Escriptura, não só nos seminarios, mas ainda nos collegios ou gymnasios publicos. As razões sobre que se apoia a augusta assembleia são as mesmas que expuzemos por toda esta obra: o estudo do codigo sagrado é necessario á defeza e augmentação da fè, á conservação e propagação da santa doutrina; n'uma palavra, se se não sustenta a mocidade do christianismo, a sociedade deixará de ser christã (1). Tal é o juizo do immortal concilio.

Quando se conhecer a escolha dos classicos, todos concordarão, é a nossa confiança, em que a bibliotheca indicada é capaz de attingir este fim necessario.

Mas não faltará quem nos pergunte para que a publicamos nós, se já se publicam classicos christãos. Não é querer fazer um livro ao lado d'um livro igualmente bom? Eis aqui a resposta em duas palavras. Nós publicamos esta bibliotheca, porque é indispensavel dar ao ensino uma ordem logica, que assegure o successo do estudo, graduando o trabalho, e um desenvolvimento sufficiente para nutrir de christianismo todas as faculdades da mocidade, desde a sua entrada no collegio até á sabida. Ora, os ensaios apparecidos até hoje, ainda que uteis em si mesmos, ainda que concebidos nas intenções mais louvaveis, parecem-nos longe de satisfazerem a esta dupla intenção.

D'um lado elles limitam-se a alguns tractados isolados que, affogados no meio dos livros pagãos, não podem dar nenhum resultado serio, nem no ponto de vista litterario,

(1) Sess. V, de Refor., c. I.

nem moral. Os estimaveis auctores d'estes opusculos parece que não repararam na existencia, perfeitamente distincta, das duas linguas latinas. Se elles a tivessem reconhecido como deixariam de vêr que fazendo marchar de frente o estudo da lingua latina christã e o da lingua latina pagã, a infancia não aprenderia senão uma algaravia, barbaro composto do idioma christão e do pagão. Não é querer fazer estudar ao mesmo tempo o italiano e o hespanhol, por exemplo? Esta mistura, infeliz no resultado, augmenta singularmente a difficuldade na practica. Que confusão mais deploravel não deve produzir no espirito da infancia, o estudo simultaneo das idéas pagãs e das christãs? Onde estará para ella a pedra de toque que lhe fará discernir a gloria, a virtude, a sabedoria verdadeiras, das que só o são na apparencia? Antes de lhe deixar frequentar os pagãos, esperae, como o quer S. Basilio, que ella seja fortemente christão

Considerado por outro lado, este mixto de christianismo e paganismo, é um systema completamente retrógrado. Hoje não ha na educação, na religião, na philosophia, na politica senão dous systemas em pé: o systema christão e o systema pagão: catholicismo ou socialismo, tudo ou nada. Homens e cousas tudo o que não é, tudo o que não fôr francamente uma ou outra cousa, ou não tem importancia, ou morre antes de ter nascido.

De outro lado aos tractados ou trechos de que se tracta falta-lhes uma graduação logica. Com effeito, elles offerecem para o estudo S. Jeronymo antes de S. Gregorio. Deve ter logar o contrario. O immortal pontifice é o typo da latinidade christã. Só depois de elle bem estudado se pôde, sem perigo para o gosto litterario, passar a S. Jeronymo, cujo estylo recorda ainda muitas vezes a fôrma pagã. O doutor de Belem deve ser a transição entre a lingua christã e a lingua pagã. Tal é o logar que elle occupa na nossa bibliotheca.

CAPITULO XXX.

VANTAGENS PARTICULARES D'ESTA BIBLIOTHECA.

Introduzindo-se outra vez logica, gradual e completamente o christianismo na educação, introduz-se nos espiritos o gosto do bello, porque o bello é o esplendor do verdadeiro. Este fim, tão desejavel hoje, é attingido d'um modo certo; porque todos os nossos classicos são, no ponto de vista litterario, superiores a toda a comparação. Permitta-se-nos insistir n'este ponto. Tal tem sido a influencia do paganismo que muitas pessoas perderam o gosto do bello mais ainda na litteratura christã, que na pintura e architectura. Por isso os modelos que propomos á mocidade são a sagrada Escriptura, os Actos dos martyres, e as obras dos Padres.

A Escriptura. Se a superioridade do estylo dos livros santos sobre tudo o que temos de mais perfeito entre os melhores escriptores de todos os tempos, poder ainda ser duvidosa para algumas pessoas prevenidas, superficiaes ou indifferentes, nós pedimos-lhes que meditem a passagem seguinte d'um auctor insuspeito. Eis-aqui a differença que Sterne estabelece entre a eloquencia profana e a sagrada:

«Ha, diz o celebre auctor inglez, dous generos de eloquencia; uma merece apenas esse nome. Consiste uma n'um numero fixo de periodos arrançados e compassados, e de figuras artificiaes, abrilhantadas com palavras pretenciosas. Esta eloquencia fascina, mas allumia pouco o entendimento. Ella é inteiramente estranha aos escriptores sagrados.

«A outra eloquencia é inteiramente opposta, e caracteriza verdadeiramente as santas Escripturas. A sua excellencia não deriva d'uma elocução forçada, mas d'um mixto admiravel de simplicidade e magestade, duplo character tão difficilmente reunido, que raramente se acha nas composições puramente humanas. As paginas santas não estão carregadas de ornatos superfluos e affectados. O Ente infinito, tendo tido a indulgencia de fallar a nossa lingua para nos trazer a luz da revelação, quiz dar-lhe esses modos naturaes e graciosos que deviam penetrar as nossas almas.

«Observae que os maiores escriptores da antiguidade, ou gregos ou latinos, perdem as graças do estylo que nos encantaram nos originaes, quando traduzidos litteralmente nas nossas linguas modernas. Concluamos que a pompa da expressão, a suavidade dos numeros e a phrase musical constituem a maior parte das bellezas dos nossos auctores classicos; em quanto que as das nossas Escripturas consistem mais na grandeza das cousas que na das palavras.» Qual a eloquencia mais digna dos povos christãos?

Os Actos dos martyres. Depois da Escriptura nada é mais digno de admiração e respeito do que os Actos dos martyres. No ponto de vista puramente litterario, apresentam o mesmo genero de bellezas que a Biblia. A simplicidade das palavras e a eloquencia das cousas formam o seu constante e sublime character.

As bellas narrativas d'essas luctas sem exemplo nos fastos do mundo, gozam do privilegio de apaixonarem a infancia e fazerem as delicias dos maiores homens e dos maiores

seculos. Entre mil testemunhas, eu citarei só o do celebre José Scaligero. «A leitura dos Actos dos martyres, diz este sabio critico, é tão tocante que nunca o espirito se pôde saciar d'ella. Cada um o pôde ter experimentado segundo o grau de sensibilidade e intelligencia de que é dotado; eu por mim confesso que nunca lí nada na historia ecclesiastica e ainda menos na profana que excitasse em meu coração movimentos ao mesmo tempo tão extraordinarios e violentos que deixando este livro não me conheci (1).»

Os santos Padres. Quasi sobre a mesma linha que a Escripura inspirada por Deus, que as respostas dos martyres dictadas pelo Espirito Santo, apparecem os padres da Egreja. As suas obras são os mais veneraveis monumentos do christianismo e os mais bellos titulos do genio do homem. As regras, as palavras d'estes homens, que parecem elevar-se até o céu para lá contemplarem a verdade, são menos as regras e palavras de simples particulares que as regras e palavras da Egreja universal. É ahí que os christãos de todos os seculos e todas as condições podem aprender o que convém regeitar e o que é mister conservar, o que aborrecer e o que amar, e até o que se deve admirar no ponto de vista puramente humano da poesia e da eloquencia.

Deve-se tambem notar que as obras dos Padres não são só fontes de sabedoria divina, mas tambem thesouros de eloquencia e erudição em todo o genero. Não ha ninguem dos mais apaixonados pelos Gregos e Romanos, que não tenha pago o tributo da sua admiração aos talentos litterarios dos Padres da Egreja.

«Um Padre da Egreja, um doutor da Egreja, exclama La Bruyère, que nomes! que tristezas em seus escriptos! que secura, que fria devoção! e talvez que escolastica! dizem aquelles que nunca os lêram. Mas antes que espanto

(1) Annot. ad Euseb., *Hist. Eccles.*

para todos aquelles que fizeram dos Padres uma idéa tão affastada da verdade, se vissem nas suas obras mais elegancia e delicadeza, mais polidez e espirito, mais riqueza de expressão e mais força de raciocinio, do que se vê na maior parte dos livros que hoje se lêrem com gosto, que dão nome e vaidade a seus auctores! Que prazer o amar a religião e vê-la acreditada, sustentada, explicada por tão bellos genios e por tão sólidos espiritos, principalmente quando se chega a conhecer que, pela extensão dos conhecimentos, pelos principios da mais pura philosophia, por sua applicação e desenvolvimento, pela justeza das conclusões, pela dignidade do discurso, pela belleza da moral e dos sentimentos nada ha por exemplo que se possa comparar a Santo Agostinho senão Platão e Cicero!»

Eu não quero zombar do meu auctor; comtudo dão-me tentações de perguntar a La Bruyère onde viu elle que Platão e Cicero são comparaveis a Santo Agostinho? Deus perdoe á renascença cuja influencia funesta se vê penetrar nos mais sólidos espiritos.

D'estas considerações geraes sobre o merito litterario dos nossos classicos christãos, passemos a algumas observações miudas.

Primeiro notaremos que o numero dos auctores é mui restricto. A experiencia mostra-nos que o meio de aprender uma lingua não é estudar muitos livros; é estudar um bom, mas estudal-o a fundo. Como em toda a parte, verifica-se aqui o adagio: *Timeo doctorem unius libri*. Depois, os nossos classicos, já tão pouco numerosos, reduzem-se quasi á unidade, porque, depois de terem servido para a lingua latina, elles servem ainda para o estudo da lingua grega. Parece-nos que ninguem duvidará da vantagem que d'aqui resulta. D'um lado, o menino acha grande facilidade em estudar o grego, porque tem relações anteriores com os auctores de que sabe os pensamentos; de outro lado deve

conservar as regras que lhe são dadas sob fórmulas diferentes, mas sempre as mesmas.

Emfim os livros indicados para leitura latina e grega trarão, se se julgar útil, toda a variedade desejavel ao trabalho da infancia; ao mesmo tempo que lhe farão conhecer a maneira dos diversos auctores, obrigarão-na a adquirir um conhecimento sério das lettras gregas e latinas.

Eis aqui o nosso pensamento: nós desejamos que ao discipulo se aplanem o mais possivel as difficuldades, que se lhe tire o trabalho tão longo, tão fastidioso, quasi sempre tão ingrato e ás vezes tão perigoso, de folhear os dictionarios. Basta para isto dar-lhe de viva voz ou o sentido exacto de cada palavra, ou a explicação d'uma cousa que elle procuraria muito tempo sem a certeza de a achar. Nada parece mais conforme á marcha da Providencia no estudo das linguas, nem mais efficaz para fazer n'ella rapidos progressos, preservando-a do duplo flagello do desgosto e do enjôo.

Comtudo, pôde haver receio de que tal methodo faça a intelligencia preguiçosa; evita-se isso, exercitando a infancia em leituras gregas e latinas, e obrigando-a a explicar-as.

Accrescentaremos ainda, tão necessario nos parece hoje o christianisar a educação, que é preciso explicar *christãmente* os auctores pagãos. Eis aqui o meio. Em lugar de se darem, como se faz desde a renascença, como modelos de virtudes, convem ter o cuidado de fazer notar a imperfeição da sua sabedoria, força, prudencia, temperança, intenções e sentimentos, comparando tudo isto com os preceitos da fé. Supponhamos, por exemplo, que se explica o tractado *de Amicitia* de Cicero. Para fazer sobresahir a inferioridade da amizade natural, lêr-se-hão os preceitos de caridade expostos no cathecismo do concilio de Trento, ou mostrar-se-hão os verdadeiros caracteres d'esta virtude, explicando o 3.º capitulo de S. Paulo, na primeira aos Corinthios.

E que vantagens para o discipulo se á leitura dos commentarios de Cesar se explicassem as santas guerras de Josué, de David e dos Machabeus! Que santificantes parallelos a estabelecer entre os heroes da Grecia e Roma, e os grandes imperadores, os grandes capitães christãos: Theodosio, Carlos Magno, S. Luiz, Santo Estevão de Hungria, Vasco da Gama, Albuquerque e outros muitos.

Emfim a superioridade do christianismo tornar-se-ha sensivel se o professor tiver o cuidado de experimentar um principio erroneo pagão na pedra de toque do Evangelho. Assim, quando Cicero dá louvores a si mesmo, ou quando os prodigalisa aos outros, convem mostrar que estes louvores são falsos, indignos de uma alma christã, que deve buscar para recompensa não a lisonja, mas a vida eterna, e depôr todas as suas corôas aos pés d'Aquelle de quem vem toda a dádiva perfeita.

Eis quanto ao fundo. Que direi eu da fórma? Fazendo admirar a phrase numerosa de Cicero, o mestre terá o cuidado de dizer que toda esta abundancia de palavras, toda esta pompa asiatica, além de não convir a todos os assumptos, é muitas vezes indigna de um christão, o qual sabe que a verdadeira eloquencia consiste mais nas cousas que nas palavras, e que a palavra foi dada ao homem, não para lhe grangear vãos louvores, mas para servir para gloria de Deus e proveito do proximo.

Isto basta para fazer comprehender o que nós entendemos pelo ensino christão dos auctores profanos.

Seja-nos ainda permittida uma observação de alta importancia. Não é só nos discipulos que os classicos christãos hão-de exercer a mais salutar influencia, é tambem nos mestres. Quasi sempre, eccos dos dous mundos, os auctores christãos e em particular os Actos dos martyres, abrem aos professores um immenso horisonte e fornecem-lhes assim o meio natural de desenvolverem todos os seus thesou-

ros de erudição christã e pagã, ou obrigam-nos a fazer ampla provisão d'ella para poder satisfazer ás explicações necessarias, ao texto da obra, e ás perguntas dos discipulos. Ainda que grande, esta vantagem é comtudo secundaria. Emquanto o estudo continuo dos auctores pagãos disseca o coração e algumas vezes o corrompe, faz o juizo falso, altera o gosto e faz o homem incompleto; o estudo dos auctores christãos nutre e santifica o coração, fórma o juizo, purifica o gosto, faz o homem pratico e torna-o util á sociedade.

Digamos, para terminarmos, que o estudo das linguas vivas, que se torna geral e nos parece entrar nos conselhos da Providencia sobre os tempos actuaes, que julgamos fazer um verdadeiro serviço, ousando dizer á Europa inteira, que faça dos classicos latinos e gregos, classicos francezes, inglezes, allemães, italianos, hespanhoes ou portuguezes. Traduzidos em todas estas linguas, não só facilitam o seu estudo, mas ainda alimentam a mocidade da Europa com o mesmo pensamento. Ora este pensamento é eminentemente bello, eminentemente social, porque é eminentemente christão. Ou não existe meio algum de restituir a Europa a essa forte unidade de fé que durante dez seculos lhe grangeou o poder, a paz, a gloria; a esses principios tutelares de obediencia e abnegação sem os quaes é impossivel toda a sociedade; ou deve-se convir em que o meio proposto é o unico verdadeiramente efficaz. Ponha-se elle em practica franca e universalmente, e em breve acabará o communismo, o socialismo e todos os formidaveis erros que ameaçam tornar-nos a levar ao chaos. Fareis a educação christã; e a educação, não o esqueçaes, é a sociedade, é o porvir: porque é o homem todo áquem e além do tumulo.

INDICE.

	PAG.
Ao leitor	5
Carta do Cardeal Gousset ao auctor.	9
Prefacio.	11
CAPITULO I. Posição do problema.	17
— II. Estudo do problema.	21
— III. Solução do problema	29
— IV. Resposta á primeira objecção. — Historia dos livros classicos: Primeira época	37
— V. Continuação do precedente.	53
— VI. Segunda época	59
— VII. Terceira época	79
— VIII. Resposta á segunda objecção. — Testemu- nho dos homens	85
— IX. Continuação do precedente.	91
— X. Testemunho dos factos.—Influencia do paganismo classico na litteratura	99
— XI. Continuação do precedente.	107
— XII. Influencia do paganismo classico na lin- gua	123
— XIII. Influencia do paganismo classico nas artes.	131
— XIV. Continuação do precedente.	139
— XV. Influencia do paganismo classico sobre a philosophia.	149
— XVI. Continuação do precedente.	157
— XVII. Influencia do paganismo classico nas scien- cias	167
— XVIII. Continuação do precedente.	173
— XIX. Influencia do paganismo classico na reli- gião.	181
— XX. Continuação do precedente.	185
— XXI. Influencia do paganismo classico na fa- milia	195
— XXII. Continuação do precedente.	201
— XXIII. Influencia do paganismo classico na socie- dade.	207
— XXIV. Continuação do precedente.	215
— XXV. Continuação do precedente.	221
— XXVI. Necessidades dos classicos christãos. — Resposta ás objecções.	229
— XXVII. Continuação da resposta ás objecções	241
— XXVIII. Fim da resposta ás objecções	247
— XXIX. Plano d'uma bibliotheca classica christã	253
— XXX. Vantagens particulares d'esta bibliotheca.	257

As tres Romas. Diario de uma viagem á Italia, com a planta da cidade de Roma, e uma lista chronologica dos papas desde S. Pedro até Pio IX. 2.^a edição. 3 vol. in-8.º..... 1,800

Manual dos Confessores. Traduzido em portuguez por J. A. V. Sequeira. 3.^a edição. 1 grosso vol. in-8.º..... 1,800

A Profanação do domingo, considerada debaixo do ponto de vista da Religião, da Sociedade, da Familia, da Liberdade, do Bem-estar, da Dignidade humana e da Saude. Traduzida da decima-segunda edição, por * * *. 2.^a edição. 1 vol.. 200

Resumo do Catecismo de Perseverança. Traduzido por J. S. da Silva Ferraz. Approvado em 1868 por Sua Exc.^a Rev.^{ma} o Snr. Bispo da Diocese, com uma analyse por Camillo Castello Branco, ornado de 4 gravuras em aço. 3.^a edição, correctá. 1 vol. in-8.º br..... 600

Catecismo pequeno de Perseverança. Ordenado por perguntas e respostas. Traduzido do francez, abreviado para as aulas de instrucção primaria de Portugal. 2.^a edição, correctá. 1 vol. in-16.º br. 140 réis, ens..... 220